1955

MARÇO - N.454

EU SEI TUDO





... defender a Europa? ★ A lua foi ...

Atenção ao RH! ★ Insônia... flagelo da ...

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

★

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Aguas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

DESCONTO ESPECIAL DURANTE OS MESES DE MAIO A DEZEMBRO



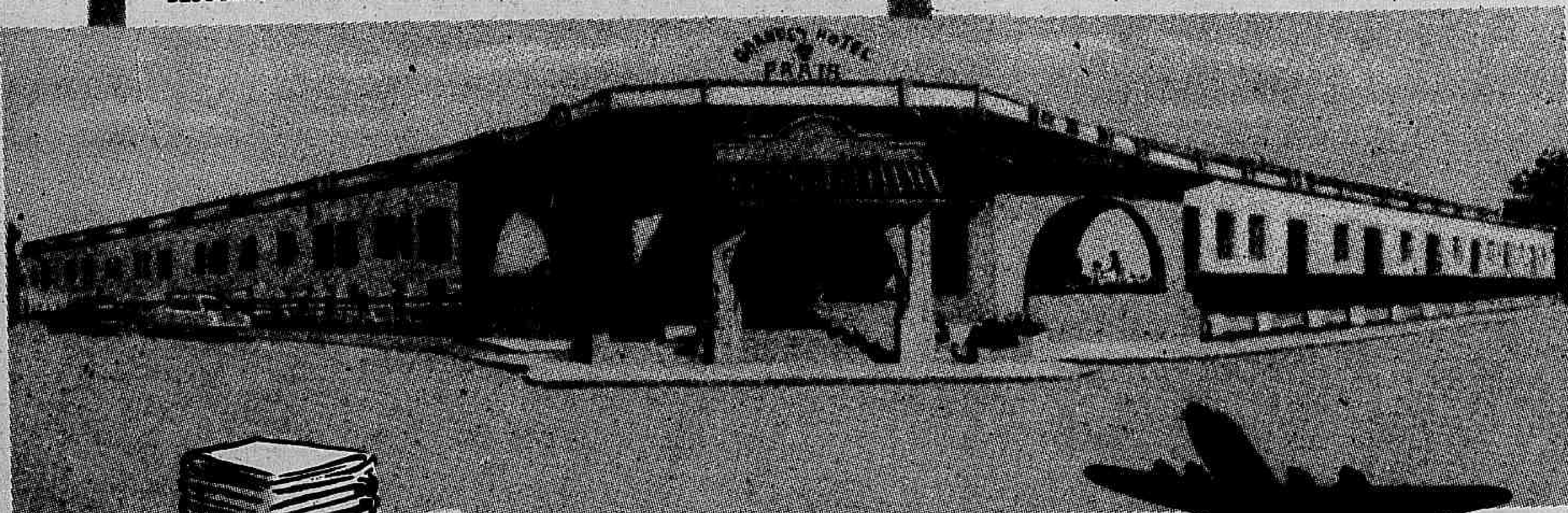
EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES





ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"

AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

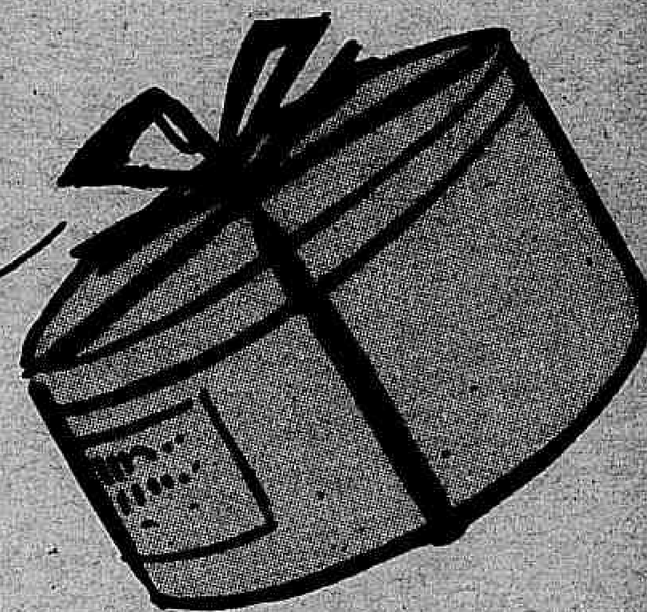
(do aeroporto a Águas da Prata em 30 minutos de automóvel)



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO, ARTISTICO, HISTÓRICO E LITERARIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Publicidade: — J. M. Costa Júnior, L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 50,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

Fonte da Juventude



MYRA Newcomb se espreguiçou na cama e bocejou sem grande delicadeza, mas com honesto prazer. Era uma deliciosa loura angulosa, do tipo longínquo, bastante graciosa, com bôca bem feita e olhar franco em seus grandes olhos violetas. O sol varria violentamente o quarto, e sua primeira emoção do dia foi um sentimento de culpa; Jim, o seu querido, deixara-a dormir outra vez, cuidando êle mesmo do seu **breakfast** e logo saindo, a fim de cuidar do futuro arquitetônico de um figurão de New York, sem ao menos receber dela um beijo de encorajamento.

Tudo isso ficou vagamente perturbando seu cérebro ainda atordoado de sono e ela sentou na cama procurando coordenar suas apreensões. O mêdo começou a subir por suas pernas e depressa alcançou o seu peito, ali se instalando como um pequeno monstro nervoso, como se quisesse permanecer o dia todo. Tudo fôra de repente, há duas semanas atrás, quando descobriu que estava envelhecendo.

Tinha sido na festa de aniversário na casa dos Treft. Ela sorrira para um rapaz moço e desconhecido, desejando apenas ser amável com êle, que parecia acanhado, desejando apenas deixá-lo mais à vontade. Olhara-o com o seu olhar franco e carinhoso, mas que podia também ser tomado como um convite ao flêrte. Porém, os olhos dêle tinham correspondido ao seu olhar com um **"Mas... na sua idade, senhora!"** E, desde então, ela passara a não olhar muito para o espelho, que podia revelar

"NÃO FÔSSE VOCÊ UM AMOR!" — DISSE MYRA PARA SEU MARIDO, JIM NEWCOMB, E, REALMENTE, ÊLE REALIZARA UM MILAGRE!

verdades desagradáveis a respeito do seu rosto.

SALTOU da cama, observando, de passagem, a própria silhueta, envôlta na camisola verde-pálido, ao passar diante do estreito espelho da porta do armário. **"Graças a Deus, o corpo ainda não está nada mal"** — pensou ela, bocejando novamente e tentando pentear os cabelos com as pontas das unhas. — **"Mas estou ficando velha. Quase com quarenta e dois! É pena mas não tem remédio!"**

Voltando do banheiro, parou diante do espelho, para observar o próprio rosto. Ao fim de alguns segundos deitou a língua para o reflexo de sua figura e, rodando nos calcanhares, começou a trocar de roupa.

Depois de abotoar e ajeitar um vestido escuro e colante, foi examinar-se diante de outro espelho, de corpo inteiro, no centro do quarto de vestir. **"Você está ótima... à distância, garôta!"** — murmurou entre dentes.

Iniciou seu dia como se tivesse um mundo por terminar, como se, atirando-se ao trabalho, pudesse minorar a secreta ansiedade que a invadira. Havia uma carta para Jack, seu filho mais velho, agora com dezessete anos, que ainda tinha que escrever antes do almôço. Êle estava em companhia do tio, passeando de barco e deliciando-se com seu primeiro caso de amor. Havia também um embrulho de roupas a enviar para a França — para uma família que Jim conhecera durante a guerra. Hazel Treft, uma das mais velhas e queridas amigas de Myra, telefonou, querendo que esta se encontrasse com ela à uma hora, para almoçar.

CÊRCA de onze horas, a "balzaquiana" sra. Newcomb estava confortàvelmente instalada numa poltrona giratória, num "salão" próximo, recebendo cuidados faciais. Também isto era coisa nova para ela e detestou imediatamente essa — mais essa — dependência. Mas aquilo era Ciência, aquilo a ajudaria a salvar-se. Mágica num pote de creme e rejuvenescimento na agilidade dos dedos sábios em suas faces, sua garganta e sua fronte.

O ritual pareceu-lhe um tanto ridículo, mas ali ficou, submissa, rindo para si mesma e, ao mesmo tempo, sentindo-se deprimida, com a sensação trágica de declínio.

Durante o almôço, Hazel apontou, através da mesa, para o pequeno embrulho que Myra não abandonara.

— Que tem você aí? — perguntou, sorrindo.

— Apenas uma loção facial. Por quê?

— Nada. Perguntei, apenas, porque você parece ter tanto cuidado. Ninguém vai roubar, meu bem, se você o colocar na cadeira, ao lado da bôlsa.

Myra corou ligeiramente. "Perder aquilo, seria quase perder tudo. O oficial, do salão, afirmara que aquilo faria maravilhas.

— Olhe para meu rosto, Hazel — disse ela, avançando o corpo sôbre a mesa. — Estou ficando velha.

— Tôdas nós estamos... — respondeu Hazel que, naquela manhã, não parecia inclinada a ligar um tiquinho às coisas sérias. — Você tem um rosto lindo... e ainda pode "fechar o comércio", quando passa por uma rua.

— Não brinque, por favor! Confesso que tenho mêdo. E quer saber? Recentemente, estive com uma velha fotografia, em que estou em companhia de Jim... E a mudança, em mim, é terrível, Hazel! Jim, ao contrário, parece o mesmo. É de acabrunhar qualquer mulher!

— Acha mesmo que Jim não mudou? — disse Hazel, com ar malicioso. — Por mim, acho que a linha dos seus cabelos subiu um pouco, na fronte, e rareou bastante, em cima...

— Oh! Jim não mudou nem um pouco, desde que casamos! — afirmou Myra, com convicção.

Hazel apenas sorriu, numa gentil tolerância.

— O amor esconde aquilo que não queremos ver, querida. Mas, não deve ficar assim, tristonha, meu bem. Você há de parecer sempre como uma noiva, a vida tôda. Que tem se você apresenta algumas ruguinhas? Você já fêz as suas conquistas e acabou pegando o homem amado, não foi?

— Mas poderei continuar a tê-lo só para mim... e apaixonado?

— Myra, por favor! Deixe êsse romantismo de lado, pois do contrário, acabará sofrendo da cabeça. Olhe para mim, vamos! Não me preocupo com essas coisas... e não sou, nem de longe, tão sedutora como você. Porém Brent acha



Isto é muito alegre para mim — disse Myra.

que sou "passável"... E isso chega para mim!

— Você tem a pele macia como a de uma criança — declarou Myra. — Você é dessas que nunca têm rugas...

Hazel respirou, aparentando profunda mágoa, antes de dizer:

— Bem. Vejo que você está mesmo preocupada. Nem parece a mesma criatura!

— Não me sinto a mesma, realmente. Sempre a olhar para o espelho e comprando cremes faciais... Não sei como me defender dêsse terror de ficar velha...

Sorriu pela primeira vez, antes de concluir:

— Talvez seja isto uma fase difícil, como outras pessoas têm suportado, neste após-guerra.

Sorriu novamente, apanhou o embrulho e, batendo nêle, concluiu:

— Mas, isto vai salvar-me! Plasma da juventude!

— Ao menos, graças a Deus, você não perdeu o bom-humor.

— Oh! Isto, nunca! — afirmou Myra.

Porém, após o almôço, outro incidente desagradável ocorreu. Um homem esbarrou contra ela, justamente quando se voltava diante de uma vitrina de modas. Era um senhor distinto, de meia idade e ótima aparência. O frasco com a loção voou de suas mãos e foi espatifar-se na calçada, enquanto ela própria, por pouco, deixou de levar um tombo ridículo. O homem fitou-a, tocou de leve no chapéu e seguiu adiante, abruptamente, sem ao menos corresponder ao sorriso acanhado com que ela enfeitara os lábios esperando suas desculpas. E nem sequer tornou a olhar para ela! **Como se apenas tivesse esbarrado em outro homem!**

— **Não valho mais nada!** — murmurou ela, pouco depois, quando, sòzinha, caminhava para casa. O pêso da humilhação vergava um pouco mais os seus ombros.

QUANDO trocava de roupa, para jantar, Jim chegou ao apartamento. Com ar apressado e gestos silenciosos penetrou no quarto, sobraçando uma caixa quadrada e parecendo imensamente satisfeito consigo mesmo.

— Comprei uma coisa para você — disse êle.

— Não fôsse você um amor — disse ela, voltando-se para beijá-lo.

— Vi isto numa vitrina — explicou êle, sem entregar a caixa ainda, num gesto cerimonioso — e pensei: "Macacos me mordam se isto não ficar bem em Myra... E por isso comprei".

Êle próprio abriu o embrulho e retirou a surprêsa.

Um chapéu.

O mais alegre, mais jovem, mais frívolo dos chapéus. Palavras como "frou-frou" e coisinha dançavam no interior da cabeça de Myra. Abriu a bôca duas vêzes, antes de poder dizer:

— Por que comprou... **isso**, Jim? — num tom que desejou fôsse o de reverente surprêsa.

— Eu sabia que você ia gostar! Êsse é o mais bonito chapéu do mundo! — dizia a êsse tempo Jim, rodando o chapéu, orgulhosamente, na ponta de um dedo. — Vamos experimentar.

Ela estremeceu só de pensar em experimentar. Nada poderia mais acentuar a sua idade do que aquêle chapéu. Mas, que fazer? Pigarreou duas ou três vêzes e pediu:

— Espere um minutinho, até que eu mude o vestido.

Correu até ao armário e apanhou o seu mais alegre vestido estampado. Depois de vesti-lo foi apanhar o chapéu e caminhou para o espelho.

Levou algum tempo colocando-o na melhor posição, sentindo-se como uma avó que colocasse nos próprios cabelos, um laço de fita da netinha. Finalmente, achou que estava bem e voltou-se para o marido.

— Pronto! Aqui estou.. — disse, com voz calma e lenta.

— Hmmm! Você está maravilhosa!

ELA pensou na velha fotografia e sentiu-se abatida. Certamente, êle notara, também, só agora, a sua verdadeira idade e procurava apenas ser gentil.

— É... um pouquinho alegre, de mais, para mim, não acha?

Ao falar, olhou-o atentamente.

— Alegre? Por quê? Sei que está maravilhoso em você. Perfeito! Mostrei à vendedora êste retrato de você — procurou apressadamente na carteira — e ela afirmou que o chapéu parecia ter sido feito de encomenda para você!

— Jim... — disse ela, sentindo um nó na garganta e prestes a chorar — êsse retrato tem mais de dez anos!

E, no mesmo instante, perdendo as últimas fôrças, desatou a chorar. Depois, tirou o chapéu e exibindo-o bem alto, perguntou, desolada:

— Como quer você que eu use isto? Um chapéu "chic" e alegre e jovem... E eu não sou nada disso!

— Ora essa... Por que, Myra?

Êle estava impressionado, pálido e quase sem voz.

— Que quer você dizer com isso? Que idéia! Ponha o chapéu, por favor!

— Não... Não posso... — sua voz era um grito de revolta e de dor. — Jim... Já estou uma velha! Será que você não vê isso? Olhe para mim!

— Velha? — sua voz traduzia tôda a sua surprêsa. — Pelo amor de Deus, Myra... Isto é coisa que se diga?

Logo a seguir desatou a rir, como se a brincadeira da mulher tivesse passado todos os limites. Chegou a sentar na cama, para rir mais descansadamente. Depois, mais calmo, falou:

— Os recursos de que se vale uma mulher, para estragar a alegria de um homem! Você talvez não tenha pensado nisso. Está bem... Guarde o chapéu na caixa e não se fala mais nisso.

— Jim... Estou velha — insistiu ela.

— Deixa de fingir, Myra.

— Não estou fingindo nada, Jim... Você, sim, como todos os homens galantes, está apenas tentando proteger a minha vaidade.



Desta vez foi êle quem mostrou estar magoado.

— Fica bem a você dizer isto, quando sou eu o velho, de nós dois! Estou ficando gordo e com a cabeça grisalha... Você não mudou nada, desde o dia em que casamos, e, para ser franco, não fica bem estar falando em idade quando a minha mocidade já se foi...

Então, era assim que êle pensava!

MYRA sentou ao seu lado, na cama, e apoderou-se de uma de suas mãos.

— Você quer dizer que eu... eu não mudei nada **para você**? — perguntou, com a mesma voz de alguém que se vê, repentinamente, diante de um milagre.

— Você sabe isso muito bem...

— Jim... — disse ela, honestamente. — Você está enganado. Você, sim, está o mesmo. Não mudou um tiquinho!

— Será mesmo? — perguntou êle, meio amuado. Depois sorriu e perguntou: — Você fala... **por você**, hein?

Ela olhou para o teto, extasiada. A idade, afinal, dependia dos olhos de quem a visse. Olhava-se para a pessoa amada com o mesmo entusiasmo e o mesmo carinho dos primeiros dias, desde que o amor permanecesse inalterado. Com êles, por exemplo, era o mesmo que haver conquistado a eterna juventude. Apertou, de mansinho a mão de Jim, sorriu e murmurou:

— É um chapéu lindo... O mais maravilhoso que já possuí!

— Também acho. Com êle, você é a mais bela criatura da terra...

Voltou-se para ela, carinhoso, e pediu:

— Experimente outra vez.

Ela se sentiu como uma noiva, quando se dirigiu novamente para o espelho.

— O amor — segundo costumava Hazel dizer — dependia, antes de tudo, do olhar de cada um...

A LUA FAZ ASSASSINOS!

DURANTE muitas centúrias os homens se preocuparam com a lua e e seus efeitos sôbre os destinos da Humanidade em geral e de cada indivíduo em particular, a partir do nascimento de cada um de nós, da mesma forma que age, positivamente, na boa ou má qualidade do vinho ou da manteiga, no maior ou menor rendimento dos ovos, postos nas chocadeiras, etc.

Houve tempo em que eram impiedosamente criticados e ridicularizados os românticos que atribuíam à lua poderosa influência em seus planos de amor, em que eram perseguidos e castigados, além de temidos, os que faziam incantações à lua, aos que mergulhavam nos velhos textos mitológicos, em busca de "chaves" secretas para a revelação dos mistérios de Selene; houve tempo em que ríamos, quando não fugíamos dos narradores de lendas baseadas em velhíssimos folclores, de fôrça dominadora sôbre os espíritos supersticiosos. Hoje, ao contrário, tudo isso ganhou uma aura de autenticidade e mesmo um grande respeito.

De fato, a estranha influência da lua sôbre a matéria viva é, atualmente, assunto de investigações científicas muito sérias.

O dr. Leonardo J. Ravitz, da Escola de Medicina da Universidade de Duke, e neuro-psiquiatra dos mais respeitados, tem ocupado grande parte de sua brilhante carreira no estudo das influências sofridas pela mente humana e, recentemente, num sensacional relatório aos seus pares da Universidade, declarou que "sendo o homem um sistema elétrico, como tôdas as demais coisas viventes, era muito difícil imaginar que não fôsse afetado e **muito**" pelas diferentes fases da lua, que influi nas propriedades elétricas da atmosfera.

Sabem os cientistas, atualmente, que tôdas as coisas vivas — até mesmo árvores ou minúsculas bactérias — despedem corrente direta. Esta teoria elétrica das coisas é, atualmente, aceita sem objeções, pôsto



O tribunal aceitou a tese de que Fritz Hararmam (esquerda) e Peter Griffith (direita) mataram por influência da lua.



que está provado que a natureza, ao criar a vida, planta ou animal, usa métodos elétricos e que, em suma, tôdas as coisas têm uma origem elétrica.

As experiências realizadas pelo prof. Ravitz, auxiliado por seus estudantes nas Universidades de Duke e de Yale são muito interessantes. Foram baseadas nas experiências largamente divulgadas e levadas a têrmo pelo professor Harold S. Burr, da Escola de Medicina de Yale, o qual afirmou que tôdas as coisas vivas têm ritmos elétricos que obedecem estreitamente ao ciclo mensal lunar, segundo as diferentes fases da lua, desde a Nova até à Cheia.

O professor Burr insertou uma série de contactos elétricos no interior dos troncos de diferentes árvores, distanciados de cêrca de metro e meio, juntando-os a seguir ligados a delicados aparelhos registradores e, ao fim de um mês, surgiram acentuadas alterações no potencial — isto é: na voltagem elétrica — ou pressão — entre os dois elétrodos.

Foram também registrados os recordes de temperatura, umidade, barômetro e outros fatôres. Verificou-se, então, que mudanças de voltagem eram bem acentuadas por ocasião da lua nova e da lua cheia!

Que a luz tem efeitos consideráveis sôbre o estado físico do nosso mundo é coisa que hoje não mais se discute. Por exemplo, temos as marés: A massa e movimento da lua viajando pelo céu, como a esteira deixada pela cauda de um vestido de mulher, tem um efeito de atração que provoca a ação das marés.

Sabemos também, atualmente, que, da mesma forma que age sôbre as águas oceânicas, a luz produz "marés" na atmosfera, o que provoca alterações notáveis nas irradiações das emissoras. Por causa da lua, por exemplo, as irradiações são mais fracas em certos lugares que em outros.

O dr. Gauthier, da National Bureau of Standards, em Washington, opina que tais variações são devidas aos campos electromagnéticos que se alteram, nas altas camadas atmosféricas segundo as variações lunares.

Embora possa parecer impossível a muita gente, a atração gravitacional da lua, em sua passagem pelo céu, é bastante forte para distorcer o solo sólido, criando proeminências em sua superfície. Essas elevações no terreno não são, porém, estacionárias, viajando através da crosta terrestre, seguindo sempre um trajeto que é o da própria lua.



Embora seja um tanto difícil explicar essa "elasticidade" da terra, a verdade é que isso ocorre e mesmo podemos citar vários exemplos, o mais notável dos quais vem a ser o que se registrara com as alterações de longitude entre Washington e Greenwich, que chegam a se afastar ou aproximar, em certas épocas, cêrca de 21 metros!

Pesquisas minuciosas levadas a efeito no Dominium Observatory, de Ottawa, controlados pelos sinais de rádio de Arlington, na América do Norte e de Rugby, na Inglaterra, provaram que tais variações eram causadas pela passagem da lua. Em adição, o professor Harlan T. Stetson, do Cosmic Terrestrial Research Laboratories, do Massachussetts Insitute of Techonology, demonstrou que certos tremores de terra podem ser causados pela atração lunar sôbre a crosta terrestre.

O professor Stetson, em suas pesquisas cósmicas, também aventurou que a lua pode muito bem refletir raios especiais do sol (dado que a lua **não tem atmosfera**) e que não poderiam penetrar na atmosfera terrestre diretamente do sol.

Isso, ao certo, o que sabem os homens de ciência. No folclore, porém, centenas de teorias e superstições fantásticas existem quanto aos efeitos da lua sôbre colheitas e plantas. Há, realmente, pelo menos, uma flor que desabrocha só e só segundo uma fase lunar. Trata-se de um membro sul-africano da família do íris, conhecido por More Iridoides. O professor Knight Dunlap, da Universidade da Califórnia, que adora jardinagem, notou que o desabrochar das Moreas ocorre normalmente em dois períodos de cada mês lunar. Um dêles começa com o primeiro quarto e termina um dia antes da lua cheia. O outro período vai do início do último quarto e prolonga-se até à lua nova. Durante as luas cheia e nova não há floração.

Na vida animal temos, para exemplo, a lagarta marinha Eunice Viridis, encontrada no sul do Pacífico e que desova só durante a cheia. Como a luz lunar penetra nas águas, essas lagartas emergem de seu "habitat" e deitam seus ovos, assim como se seus corpos fôssem células foto-elétricas e a lua alguma deusa sobrenatural que os chamasse à superfície, para o mistério da reprodução.

E se tais fôrças externas podem influir sôbre a física da terra, sôbre os vegetais e os animais, podem, igualmente, ter influência notável, dentro do campo elétrico, sôbre o próprio homem. Segundo o sr. Ravitz, a ação elétrica lunar sôbre nós pode significar profundas alterações na organização biológica.

Apesar disso e principalmente do sensacionalismo causado por suas mais recentes experiências nesse campo, o dr. Ravitz é o primeiro a salientar que a natureza da influência elétrica da lua ainda está para ser provada.

"— De fato — diz êle, com muita cautela — a intensidade do luar (apenas 1.300.000 da intensidade solar) não chega a ser um fator decisivo nesses estudos". Apesar disso, tem que admitir que "os protoplásmicos ritmos inerentes podem ter uma periodicidade lunar". Em outras palavras, o protoplasma — a verdadeira substância da vida — tem ritmos elétricos que revelam profundas alterações segundo as fases da lua. Em suas experiências em Yale e, mais tarde, na Duke University, o dr. Ravitz usou um microvoltímetro capaz de medir as delicadas propriedades elétricas dos sistemas vivos. Seus estudos originais, entretanto, ligaram-se apenas com as mudanças em corrente direta semelhantes às usadas para registrar as mudanças nas emoções humanas. Foi repentinamente que decidiu ligá-las com o ciclo lunar e sua aparente harmonia com o ritmo elétrico do homem.



Ruth Snyder. Seu advogado procurou salvá-la da fôrca, afirmando que ela matara o marido sob a influência da lua.

Dezessete pacientes (11 homens e 6 mulheres) foram medidos elètricamente, dia após dia, de 1 a 8 meses. Anotações cuidadosas foram feitas relativamente às alterações de gênios e distúrbios emocionais. Eram então encetadas palestras com um cunho franco e muito íntimo sôbre a vida de cada um, sem excluir os incidentes mais emocionais. Os pacientes eram estreitamente observados sendo anotadas suas reações e estado de ânimo.

Os primeiros resultados foram vagos. As ligeiras alterações não podiam ser relacionadas com as alterações de corrente direta. Entretanto, a despeito das complexas variações individuais, puderam ser verificadas consideráveis oscilações no potencial elétrico cada 14 ou 17 dias, o que se verificava, surpreendente, por ocasião das luas cheia e nova. Algumas vêzes, ao contrário, surgiam fortes depressões dêsse potencial, em algum dêsses períodos. Segundo parece, a lua não influi a todos de um mesmo modo, mas de acôrdo com a constituição de cada indivíduo, do seu fator emocional — ou elétrico.

Êsse ciclo de alteração do modo de ser surge não apenas nas fases mensais, mas, também, nas estações dos ritmos. Durante suas experiências, o dr. Ravitz pôde observar que êsse ciclo de variações parece mais notável quando observado durante um período de quatro meses, embora emocionais negativos tenham sido observados muito mais freqüentemente em todos os pacientes durante o inverno. Durante os períodos de lua cheia, por exemplo, os

estudantes moderadamente mal-ajustados revelaram maior irritabilidade, hiper-sensibilidade, preocupação, sendo que muitos se alheiavam espontâneamente da companhia dos demais e de tôdas as atividades sociais. Sentiam-se, porém, muito melhor com a lua nova.

Os que se mostravam severamente mal-ajustados revelavam um ritmo cíclico similar, com voltagem mais elevada.

"Isso talvez permita revelar — segundo o dr. Ravitz — com antecipação, que estado de ânimo será o nosso com a ajuda dos registradores microvoltímetros, quando os estudantes estarão mais capazes, etc."

E que tais estados de ânimo não incidem com as condições físicas ficou provado com a leitura dos relatórios feitos em outras ocasiões, quando não houve qualquer mudança do potencial elétrico.

Em seus mais recentes estudos o dr. Ravitz pôde encontrar uma base definitiva para os efeitos da lua sôbre a mentalidade humana. Para tanto fêz seguidos testes com os desajustados, veteranos da última guerra, em tratamento no Hospital de Veteranos, na Virgínia. Mais uma vez verificou que os mal-ajustados se mostravam mais sensíveis às fases da lua. Temos assim que não foi apenas superstição, quando Paracelso, no século XVI, declarou que os loucos pioravam com a lua cheia, cuja atração sôbre o cérebro tinha que ser poderosa."

— Suas palavras — afirma o dr. Ravitz — foram comprovadas, na Inglaterra, no século XVIII, quando foi feita nítida distinção entre "insano" que significa louco sem remédio, e "lunático", têrmo aplicado às pessoas que se apresentam irritadas e agressivas apenas durante o período da lua cheia.

Porque a lua age de tal forma que, encontrando cérebros enfermos, principalmente em indivíduos desajustados, chega a fazer assassinos!

Os casos são inúmeros e tristes, colocando o médico e o juiz em campos diferentes para a solução de dramas pungentes. Entre os casos de **lunáticos** de maior repercussão podemos citar o de Allan Witcomb, assassino confesso da sra. Ivy Ashton, em março de 1950. Aqui transcrevemos suas palavras à polícia de Birmingham, Inglaterra.

O alemão Peter Zurten, condenado a prisão perpétua pelo assassinato de nove mulheres e duas crianças... fatos acontecidos por ocasião da lua cheia...



"Despi-me e preparei-me para dormir. Algumas vêzes custo muito a dormir; fico, então, até tarde, caminhando pelo quarto. Na última noite, senti-me sem sono. Levantei-me e caminhei um pouco pelo quarto. A seguir, desci para a rua. A lua brilhava muito. Devo ter caminhado, descendo Hingston Street. Conheço a sra. Ashton, a viúva. Sei onde fica sua casa... Não sei, isto sim, o que aconteceu comigo.

Só posso recordar que a lua brilhava, brilhava muito. Sei que era lua cheia. Repentinamente, senti-me cansado, como se tivesse corrido muito. Não sei bem explicar como me senti. Era uma sensação estranha, muito estranha mesmo... Quando cheguei diante da casa da sra. Ashton... entrei sem hesitar. Lembro-me de ter subido a escada. Alguém veio ao meu encontro afirmando que eu devia falar com a sra. Ashton, de qualquer maneira e



Clarence Hill (entre seus defensores) foi condenado a prisão perpétua porque matava tôdas as suas namoradas, acontecimentos passados sempre nas noites de lua cheia.

depressa. Ela estava deitada na cama. Agarrei-a pela garganta com a mão direita, enquanto, com a esquerda, colocava o travesseiro sôbre seu rosto... e senti-me desmaiar. Quando voltei a mim verifiquei que estava caído sôbre o soalho, junto do leito. O dia clareava. A lua desaparecera... Witcomb, um empregado de açougue, foi prêso na manhã seguinte, entre vários suspeitos. Seu rosto apresentava arranhões profundos. Logo no início do seu interrogatório confessou não apenas êsse crime como outro mais, segundo vamos verificar:

"Os senhores se lembram da sra. Mills, que residia em Hingston Street? Também a matei. Quebrei-lhe o pescoço. Quero confessar tudo. Só me sentirei tranqüilo quando tiver falado.

"Conheci a sra. Mills e sabia que era viúva também. Tive, então, um delírio irrefreável. A lua estava brilhante, como ante-ontem, quando sai para matar a senhora Ashton. Aquela, porém, não lutou muito. Depois de matá-la, deitei na cama, ao seu lado e dormi."

Essas duas espantosas confissões, que temporàriamente impressionaram profundamente os habitantes de Birmingham, fazendo-os esquecer suas dificuldades para obter alimento e roupa, então racionados, pareciam ser apenas mais dois crimes revoltantes. Um criminoso que havia entrado na residência de uma viúva. Nada mais.

Mas — ao contrário de um caso de rotina — o matador, aparentemente, não tinha motivos para praticar seus crimes. Não sabia explicar, mesmo agora, porque entrara em suas residências. Simplesmente não pudera dormir e sentira-se invadido por estranha fadiga. Isso, naturalmente, nos leva a pensar a respeito das velhas histórias contadas por nossos avós, há muitos anos. Histórias que falavam de como o brilho intenso da lua podia enlouquecer certas pessoas. Histórias estranhas, contando como coisas surpreendentes ocorriam nas noites em que a lua cheia passeava

pelo céu. Todo técnico-policial, desde os mais graduados até os que efetuam as prisões, sabem que a lua cheia provoca perturbações maiores. Porque há, positivamente, maior número de criminosos passionais quando o redondo disco de Diana fica suspenso como um espelho fulgurante em pleno céu. Nessas noites são ouvidos mais vêzes os gritos assustados nas ruas mais sombrias. Nessas noites, as moças não acompanhadas estão mais arriscadas a assaltos nas vias públicas.

É também nessas noites que os ladrões, não podendo conciliar o sono, animam-se a sair para "trabalhar". É ainda nessas noites que os homens que trabalham nos bares assistem ao nervosismo dos seus freqüentadores, que se deixam ficar até mais tarde, confabulando em voz sumida.

Nas noites de lua cheia as encarregadas da "recepção" nos hospitais anotam um maior número de entradas de indivíduos de ambos os sexos, vítimas de um sem-número de casos, tais como tumultos de rua, crimes passionais, tentativas de suicídio, assaltos, etc. E nos hospitais, como nas delegacias distritais, todos murmuram:

— Já esperava por isso... numa noite assim!

Nas prisões, os guardas se mostram mais atentos e a vigilância, além de dobrada, torna-se mais armada, com os guardas de arma em punho, prontos para qualquer eventualidade. **Porque a noite é de lua cheia!**

Recentemente, o chefe dos guardas da famosa prisão de Alcatraz, Clinton T. Duffy, apresentou curioso relatório aos seus superiores, apontando o aumento de distúrbios entre os presos, que cuidou de anotar em seu registro. Invariàvelmente, êsses casos de briga, discussões e mesmo agressões e mortes entre os presos de Alcatraz, ocorrem nas noites de lua cheia.

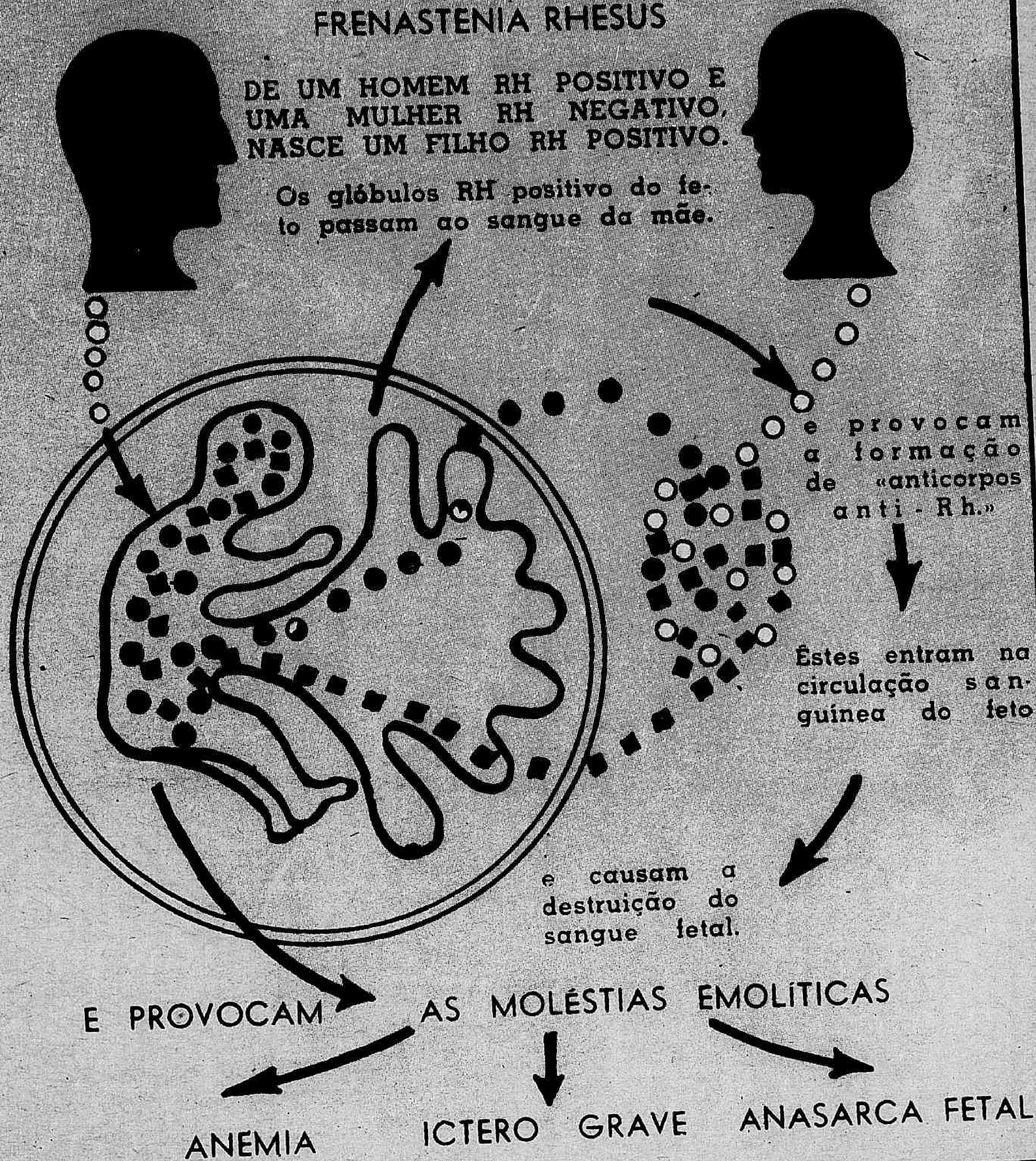
Quem pode, pois, duvidar ainda dos efeitos da lua **sôbre as coisas vivas da terra, quando o nosso satélite tem poder suficiente para levantar não apenas os mares e oceanos como também a própria crosta sólida terrestre?**

OS REIS DA "CORDA-BAMBA"



TEMOS visto façanhas diversas, nos circos, nada porém que se comparasse com a proeza dêsses dois artistas de um circo londrino. À esquerda, temos Dieter Tasso, que dá à corda um lento movimento de balanço, usando apenas um pé, porque, com o outro, vai atirando, um após outro, pires e xícaras, assim, sucessivamente, até o total de oito pires e oito xícaras, tudo certinho, sem usar as mãos, colocando os objetos, arrumadinhos, em pilha, no alto da própria cabeça. E, para coroar o seu feito, lança (também com o pé livre) uma colher para a xícara de cima! À direita vemos Hubert Castle, que realiza proeza diferente, mas não menos sensacional. Percorre tôda a extensão da corda-bamba, em intermináveis cambalhotas, usando ora os pés, ora as mãos!



Pelo esquema que vemos acima os profanos podem fazer uma idéia do processo "patológico".

ATENÇÃO AO "ERREAGÁ"!

UM CIENTISTA DE FERRARA, O PROF. GIUSEPPE CAMPAILLA, SALIENTOU PARA SEUS PARES, NO RECENTE CONGRESSO NACIONAL DE PSIQUIATRIA, REALIZADO NA CIDADE DE VARESE, A IMPORTÂNCIA DA PROFILAXIA SOCIAL CONTRA A DEFICIÊNCIA MENTAL CAUSADA PELA INCOMPATIBILIDADE DOS "FATÔRES SANGUÍNEOS RH" DOS GENITORES

EM geral, a ciência tem um curioso destino: o de permanecer quase ignorada, não obstante a sua imediata utilidade prática, pela grande massa do público, enquanto outros fatos de gênero mais inferiores e mais incertos logo entram para o

domínio do leigo, que o debate o põe em moda.

Razões de pudor e de dignidade impedem, muitas vêzes, os cientistas de realizar maior publicidade em tôrno de certas conquistas do saber, que aos seus colegas em seu ambiente são elas bastante divulgadas, a fim de que possam, de imediato, conhecer os resultados alcançados e melhorá-los tanto quanto possível. Então é o caso de se apelar para uma divulgação jornalística, a fim de que em utros ambientes igualmente científicos se conheça até que ponto chegaram os pioneiros, a menos que a nova aplicação não justifique discussão imediata, esperando que chegue, antes, a um ponto de segurança absoluta.

Êsse é o caso da descoberta de Landsteiner e de Wiener, em relação à profilaxia ou prevenção de um particular tipo de deficiência mental: a "frenastenia rhesus".

Sôbre êsse tema se referiu, recentemente, em Varese, por ocasião do XXVI Congresso Nacional de Psiquiatria, o professor Giuseppe Campailla, diretor do Hospital Psiquiátrico de Ferrara, tratando das "novas aquisições com relação à encefalopatia infantil".

Abandonando os horizontes bem mais vastos da relação e estudando apenas um aspecto da mesma, desejamos chamar a atenção dos leitores para a profilaxia contra a deficiência mental causada pela incompatibilidade dos "fatôres sanguíneos RH" dos genitores.

A julgar pelos casos controlados pelos Institutos psiquiátricos e pelos simples especialistas, o conhecimento do grande público, nesse campo, é escassíssimo e, embora não existam estatísticas a respeito, sabe-se que o mêdo de ter filhos, que infelizmente se generaliza, é devido ao fato dêsse mal causar vítimas em tôdas as classes sociais.

Geralmente, ocorre que as famílias de plano social elevado, quando são perseguidas pela desventura de ter filhos sofrendo dêsse mal, procuram manter o fato em segrêdo, procurando, quando muito — e muito fora de tempo — a assistência indispensável, mas em clínicas, institutos e psiquiatras de outras cidades. Assim, à dor se junta um sentimento de quase vergonha, que, na realidade, não tem justificação.

Os pais de uma criança atacada de "deficiência rhesus", quando o neonato sobrevive — como é freqüente, ficando o pequenino enfêrmo atacado de espasmos contínuos a contrações involuntárias — são, geralmente, perfeitamente sãos. Não lhes cabe a culpa da pouca divulgação feita sôbre a descoberta realizada em 1940 por Landsteiner (prêmio Nobel de Medicina, em 1930) e Wiener e a profilaxia específica então adotada e recomendada. Além do mais, fatôres psicológicos imponderáveis, que prejudicam e evitam mesmo a aceitação por parte do grande público da visita pré-matrimonial, tem mantido essa descoberta quase isolada na tôrre da ciência, muito contribuindo para isso, talvez, o longo período da guerra.

Mandsteiner e Wiener, há cêrca de quatorze anos, notaram que inoculando em coelhos glóbulos vermelhos de um símio (macacus rheses, do qual derivou o têrmo RH) se obtinha um sôro dotado da propriedade de aglutinar o sangue do símio 85% como o do gênero humano: o dado estatístico foi conseguido após uma série de testes realizados com numeroso grupo de cidadãos brancos, na América do Norte.

L. K. Diamong, em Boston, e sir Leonard Parson, em Birmingham, Inglaterra, e confirmado, mais tarde, numa pesquisa feita na Itália.

O gênero humano foi, assim, dividido em dois grandes grupos: "RH positivo" e "RH negativo", segundo o sangue aglutinasse ou não com "Anti RH".

A aglutinine se produz por duas causas: ou por transfusão de sangue de signo oposto ou pela gravidez em condições de incompatibilidade RH, isto é: como resultante do casamento de um homem RH positivo com uma mulher RH negativo. Nessa gravidez — geralmente não na primeira, mas em tôdas as sucessivas — surge a moléstia "emolítica" do neonato (liquefação dos glóbulos vermelhos), seguida de encefalopatia mortal. Quando a criança "sobrevive", permanece a deficiência.

Para evitar essa ameaça é suficiente um exame preventivo do sangue dos cônjuges

embora até mesmo no caso de gravidez iniciada haja um remédio, denominado "heróico" e que consiste na exanguinotransfusão do neonato, isto é, a substituição dos 85-90% do sangue do neonato. Embora a exanguinotransfusão tenha sido aplicada pela primeira vez em 1944, por Wiener, já três anos mais tarde, em 1947, foi feita por Diamong, com duas importantíssimas inovações: atravessou a veia umbelical e com o emprêgo de um catetere de substância plástica para impedir a coagulação durante a transfusão.

O exame de sangue pela determinação do fator RH dura cêrca de três minutos e meio. Pode realizá-lo qualquer médico, mesmo os de aldeia, que não possuem laboratório de análise bem aparelhado. As ampolas "Anti RH" estão no comércio, já preparadas, contendo pipeta para medir a quantidade de sangue estabelecida (algumas gôtas), que se mistura ao conteúdo da ampola, deixando, a seguir, esta última, em banho-maria, em temperatura de 30 graus. Basta, a seguir, agitar suavemente a ampola e até o ôlho de um profano pode distinguir se o sangue está aglutinado (RH positivo) ou não: o sangue aglutinado é formado de grãos minúsculos, enquanto o outro é líquido.

Embora o médico possa explicar melhor como se produz o fenômeno da iso-imunização materna ao fator RH na gravidez, a ilustração que oferecemos aos nossos leitores pode dar até mesmo ao ignaro da medicina uma idéia suficientemente clara do processo patológico.

A descoberta é velha e o nosso resumo genérico não está, por certo, endereçado aos médicos, que têm tudo bem anotado em seus múltiplos aspectos, mas, sim, ao grande público e, principalmente, aos que se interessam pelo problema e se animem a visitar algum instituto psiquiátrico, a fim de saber como precaver-se contra essa ameaça de deficiência rhesus. Porque as vítimas dêsse mal são, indiferentemente, filhos de operários, de intelectuais, de ricos e de pobres.

Essa esmagadora e triste ignorância de assunto tão importante não surpreende, aliás, ao psiquiatra, que sabe muito bem como essas coisas passam despercebidas, enquanto outras, de fundo técnico esportivo, apaixonam imediatamente a grande



O professor Campailla dirige o Hospital Psiquiátrico de Ferrara. No recente Congresso, que teve realização na cidade de Varese, tratou do tema: "Novas conquistas no campo da encefalopatia infantil".

massa. Todos conhecem ou desejam conhecer, por exemplo, os métodos ou sistemas no futebol, desprezando o que ocorre no campo puramente científico. No entanto, podemos afirmar, é muito mais simples penetrar o senso prático de um exame preventivo RH, que a vasta gama de aplicação da estratégia futebolística.

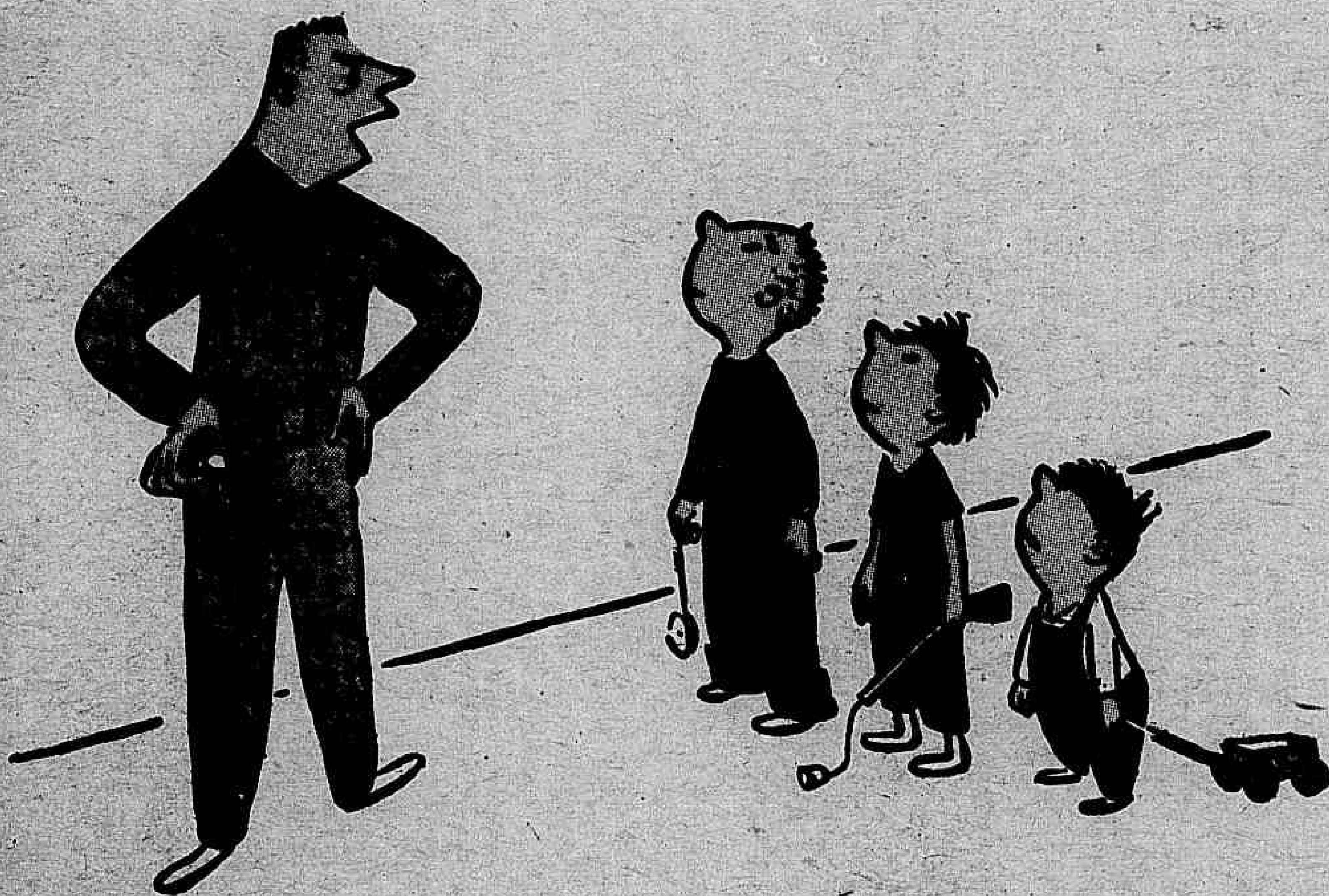
Sem acreditar que tenhamos, com êste artigo, suscitado um real interêsse pela matéria, desejamos sinceramente que no Brasil, como nos demais países adiantados do Globo, o problema venha a ter entre o grande público a consideração que bem merece.

As probabilidades de que nasçam filhos emolíticos não é realmente muito grande, mas, dado que a ciência já encontrou o modo de prevenir essa desgraça, é absurdo não observá-lo.

Os estudiosos opinam, baseados na prática, não fazer transfusões de sangue em crianças, sem que, primeiro, seja feita a verificação, a fim de saber se são RH positivo ou negativo e, quanto às senhoras prestes a tornar-se mães, o exame do plasma sanguíneo, para verificação se nas pacientes RH negativo existem substâncias anti RH.

★ ★

A "BOA RESPOSTA" DO MÊS



UM sargento dos mais exigentes e autoritários, após meses de permanência no quartel, obteve licença para passar um fim-de-semana com a família e, ao chegar ao lar, deu pulos de surprêsa e indignação. Em sua longa ausência, seus três filhos se haviam tornado indisciplinados até ao último extremo.

O sargento assumiu uma pose terrível e mostrou-se resolvido a sanar o mal pela raiz. Depois de alinhar os três garotos, como se fôssem os seus soldados, no quartel, declarou:

— Vocês sabem como é lá no quartel. Pois bem, aqui vai ser como lá. Vocês terão que obedecer às minhas ordens. Quando eu soprar êste apito, pela manhã, vocês terão que saltar da cama. Quando eu tornar a apitar, irão diretamente para o banheiro. Um terceiro apito mandará vocês para a mesa do café. Mais tarde, apitarei para que vocês estudem. A seguir, com outro apito, vocês irão para a mesa do almôço. O mesmo será feito, para que vocês comecem a jantar. Finalmente, quando eu apitar mais uma vez, terão que ir para a cama. Entenderam. Têm alguma coisa a dizer?

— Temos sim — respondeu o guri de quatro anos. — Que fêz o senhor para ser transferido para cá?

BRINQUEDO

UM casal muito ocupado e que trabalha todo o dia fora de casa, dirige-se, na véspera do aniversário de sua filhinha, a uma loja de brinquedos, a fim de escolher o presente.

— A senhora compreende — diz a mãe à vendedora. — Estamos o dia todo fora de casa. Por isso queríamos qualquer coisa que causasse realmente alegria à nossa filhinha... e que a mantivesse ocupada.

— Compreendo — disse a vendedora. — Mas, sinto muito... Não vendemos pais...

★

HISTÓRIA NATURAL

UM jornalista novato achou que podia interrogar livremente Alexandre Dumas sôbre sua árvore genealógica.

— O senhor é mestiço, não é verdade? — começou.

— Realmente — confirmou Dumas, muito calmo.

— E seu pai?

— Era mulato.

— E seu avô?

— Um negro — respondeu o romancista irritado.

— E posso saber quem foi seu bisavô?

— Um macaco, senhor! — exclamou Dumas. — Um macaco! Meu "pedigree" começa onde termina o do senhor!



AS jornadas de Yalta, de Teerã e de Potsdam foram, sem dúvida, um péssimo epílogo das hostilidades. Quando a guerra terminou, de fato, a paz não voltou ao mundo. Entramos, simplesmente, numa nova fase bélica, que convimos em chamar "guerra-fria". Uma guerra não retórica de todo, porque desde então se batalhou de verdade na Indonésia, na Malásia, na Coréia e na Indochina. O canhão não interrompeu assim, em absoluto, seu lúgubre concêrto.

Neste barulho da política mundial do após-guerra as coisas se enredam e envenenam mais, cada dia. Dir-se-ia que não parecem ter fácil nem difícil remédio. E

"Quando na Europa não houver fôrça militar poderosa e permanente, quando não existir nela o patriotismo, quando se haja concretizado a Confederação dos Estados Estados, quando no Ocidente não haja mais que despojados e despojadores, então soará no relógio do tempo a hora da Rússia..." — DONOSO CORTÉS

•

a guerra é, como já disse um observador espanhol, justamente, "o remédio das coisas sem remédio". O augúrio não pode ser mais catastrófico. Mas, sinceramente, cabe algum outro melhor? As potências não se entendem. Suas diferenças não são de detalhe nem de circunstâncias. São de fundo e



Ante as 247 divisões soviéticas, que se estendem ameaçadoramente — 30 na Alemanha oriental organização tetrafrontal européia compreende atualmente 2 setores, cujos quartéis-generais são tângulos horizontais revelam o nº de comunistas em cada país. Os verticais o das divisões pre

de essência. Tôdas as transigências, todo o "apaziguamento" derrochado até aqui, conduziram direta e simplesmente sempre para via morta.

É possível que os ocidentais, por condescendência mútua ou por não rechaçar os sentimentos pacifistas de amplos setores nacionais próprios, aceitem, teimosamente, comparecer ainda a novas conferências. Nenhuma delas conduziu, nem cabe pensar que possa conduzir no futuro, a resultados positivos. Os dois blocos são assim fatalmente irreconciliáveis. Apenas porque a Rússia utiliza a paz, tal como recomendara Lenine, como instrumento e meio de enfraquecer a inteligência e a resistência dos países capitalistas e preparar dêsse modo a guerra, que imporá o triunfo da revolução mundial. Porque o dilema, para a União Soviética, é muito claro: ou a revolução vermelha impera no mundo inteiro, ou a revolução russa, com o tempo, fracassará,

EXÉRCITO DE TERRA VERMELHO

67	divisões	encouraçadas
8	"	de pára-quedistas
61	"	de artilharia
55	"	de infantaria
41	"	motorizadas
5	"	de cavalaria
10	"	árcticas
247	divisões, em total.	

.R.S.

MAR NEGRO

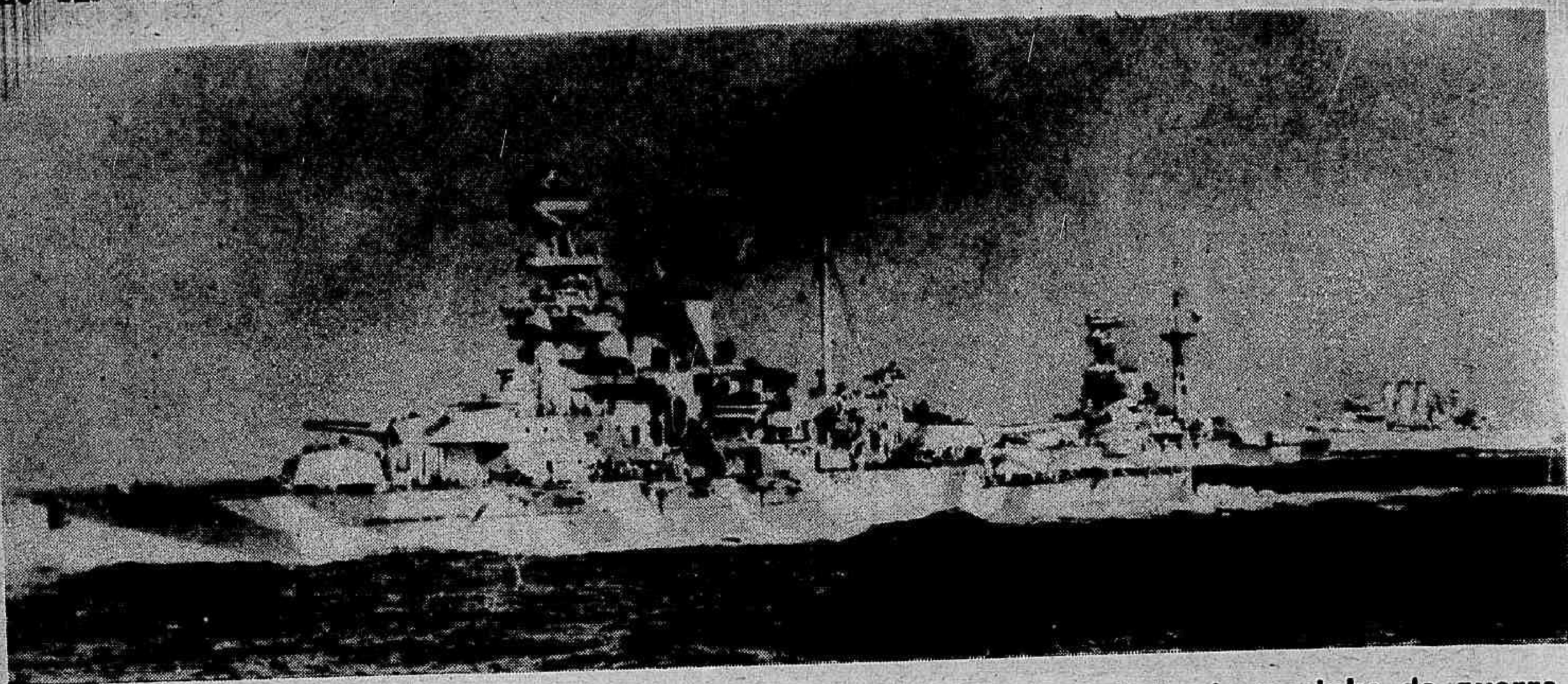
TURQUIA

30
16

e 70 nos países restantes, sòmente na Europa — a Oslo, Fontainebleau, Nápoles e Malta. No gráfico, os re- vistas (ao alto) e os existentes (embaixo) em cada nação.

inclusive na Rússia. Para a U.R.S.S., de fato, a guerra não é só uma arma política; é arma, principalmente, de sua política revolucionária. É por isso que o comunismo estatal moscovita atualizou o programa político imperialista de Pedro, o Grande, e converteu êste tzar, o rei clássico de uma autocracia imperial, em perfeito guia da confederação de Repúblicas socialistas soviéticas. O externo é o acidental, e o programa de Pedro I, com suas ambições asiáticas, sua sêde de expansão, pelo sul e para o oeste, através da Europa inteira, serve magnìficamente de lema homogênico a êsse movimento pan-eslavo, societário e ateu, que é, em definitivo, o comunismo soviético. Êsse programa ultra-secreto, os diferentes "planos qüinqüenais" resultantes daquele assinalam sempre a tarefa a seguir com vistas à guerra. Assim, entre 1928 e 1953, a U.R.S.S., que produzia por habitante o 5% do carvão dos Estados Unidos, o 7% do petróleo e do ferro, o 5% do cimento e o 4% da eletricidade, passou a produzir, respectivamente, o 43, o 11, o 36 e o 26 e o 22 por cento dos referidos produtos capitais da economia bélica.

Tôda a indústria russa é indústria de guerra. Por isso carece de sentido comparar, como se faz, a produção de aparelhos de televisão da U.R.S.S. com a dos Estados Unidos. Ao govêrno da União Soviética não interessa muito a produção de artigos de consumo e menos ainda dos que beneficiem a tranqüila e odiosa burguesia capitalista, amiga da comodidade e do confôrto. A Rússia, produzindo menos ferro e menos aço, por exemplo, que os Estados Unidos, dedica, no entanto, mais aço e mais ferro para a fabricação de armamentos. Simplesmente porque a economia da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, como tudo no Estado soviético, está montada para essa guerra que finge hipòcritamente lhe quererem impor. É assombroso que ainda não se tenha compreendido isto. Pontualmente, no 1º de maio de cada ano nô-lo recordam, sem rodeios, da praça Vermelha, repleta de massas de soldados, de canhões e de carros de assalto. Todos os dias a imprensa soviética — "Pravda", o órgão do partido; "Isvestia", que é do govêrno, e "Estrêla Vermelha", que representa o sentir das fôrças armadas — clama contra o ocidente



Enquanto no Mediterrâneo, à esquadra inglêsa colabora com a VI frota da marinha de guerra dos Estados Unidos da América do Norte na defesa da Europa, África e do Próximo Oriente...

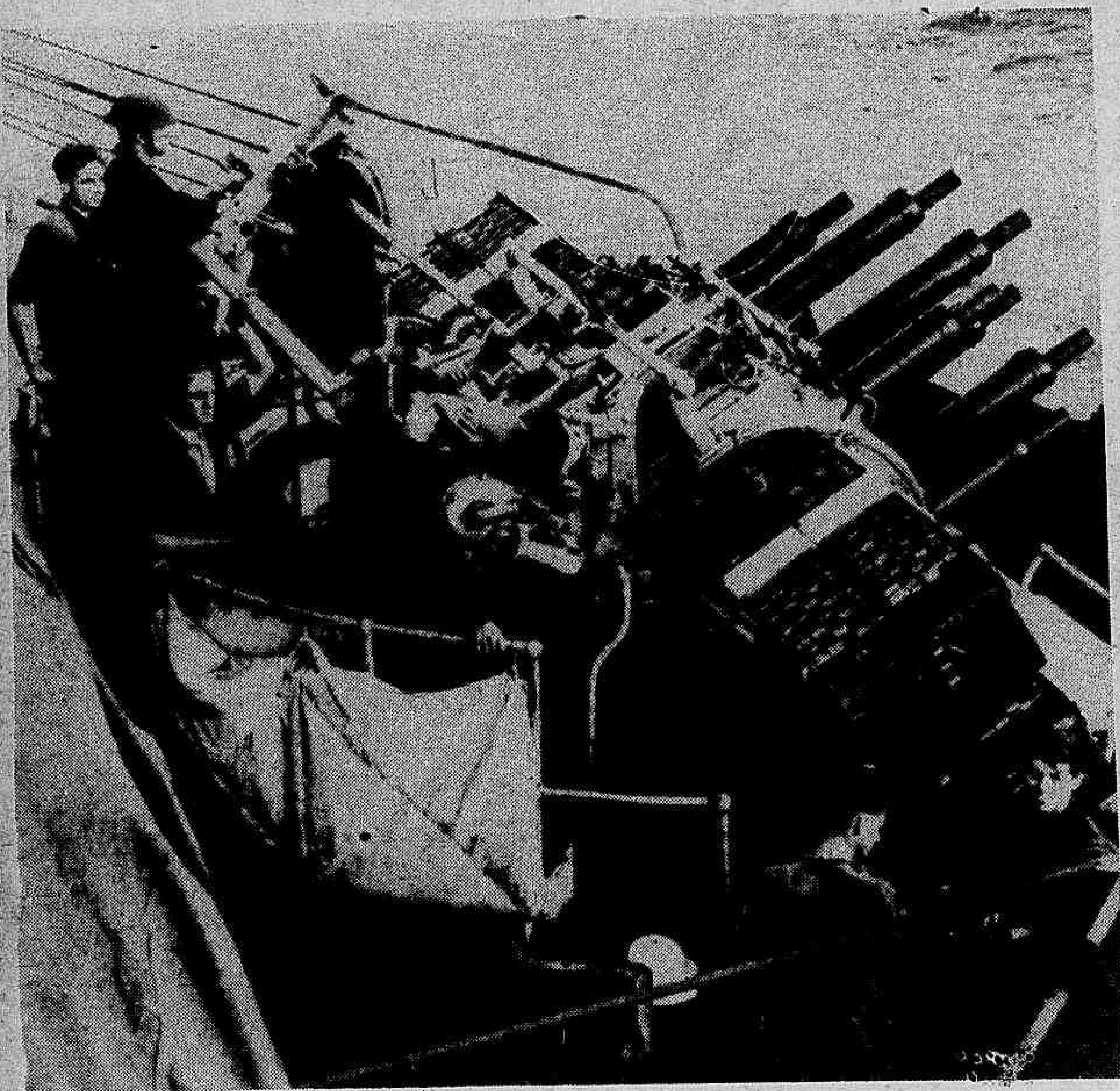
e aponta ao povo russo a agressividade crescente do capitalismo, incitando o país a preparar-se para a guerra.



UMA guerra que fatalmente — a menos que um milagre divino o evite — estalará um dia; exatamente no dia que melhor convenha aos preparativos que Moscou realiza e exatamente também quando as circunstâncias previstas no "Polstrat" sejam alcançadas. A Rússia é hoje, como foi sempre, uma potência especialmente continental.

Ocupa só ela, sem contar suas imensas anexões na Ásia e na Europa, a sexta parte das terras do globo. Seus mares são, no entanto, interiores, como o Cáspio, ou meros mediterrâneos, como o Negro e o Báltico, inclusive o Amarelo, quando não desolados campos gelados, no inverno, como o Ártico. Sua poderosa aviação — 18.000 aviões construídos em 1953 — constitui, sobretudo, um instrumento ao serviço da idéia continental e, de certo modo, uma arma auxiliar do Exército.

É o Exército, portanto, o que dá a pauta exata da potencialidade, militar e bélica, soviética. Êste Exército pode atacar ou defender-se se estalar uma guerra. Eis o problema. Por que, de fato, que fará a Rússia? "É preciso atacar sempre" — queria Napoleão. "A defesa é, no entanto, a mais eficaz forma da guerra", comentava, ao contrário, o primeiro dos tratadistas militares de todos os tempos: Clausewitz.



A guerra terminou em 1945, mas, na verdade, ninguém abandonou seu pôsto por trás dos canhões e das metralhadoras.



... por tôda a Europa ocidental e os desertos da África, como nas vastas extensões da Jordânia e do Iraque, as fôrças motorizadas manobram em obediência a um só comando.

A Rússia atacará ou defenderá suas fronteiras? Essa a interrogação. Há razões, no entanto, para conhecer a opinião de suas autoridades militares máximas.

O marechal Sokolowski, por exemplo, general-chefe do Estado-Maior Geral, antigo oficial do Exército austro-húngaro, ama a ofensiva. O mesmo disse e escreveu. Tem confiança na fraqueza da França e desejaria poder arrastar a Alemanha e e alcançar a Inglaterra no seu próprio coração, sem que importem nada as remotas distâncias de seu vasto império. Quanto aos Estados Unidos, o marechal vermelho já o explicou na Academia Frunze: "Temos que atacá-los duramente e ràpidamente. Da distância mais favorável".

Não difere muito dêste pensamento a declaração do marechal Shukov, o conquistador de Berlim, honrado pelo Kremlin, nada menos que três vêzes, com o título de "herói da União Soviética". Shukov, ardoroso, queria também atacar, protegido pela cintura formada pelos satélites europeus. Os marechais Timoschenko e Rokosowski pensam de acôrdo com o vice-ministro da Guerra. O chefe dêsse Departamento é o marechal Bulganin, um "general do partido" e não militar profissional. Porém Bulganin não pensa coisa diversa. Entende a estratégia como uma mistura político-militar.

E compreende-se que, se a potencialidade bélica soviética em terra é, evidentemente, ameaçadora, com relação ao Ocidente, semelhante política militar não



E não está longe, segundo parece, infelizmente, a nova devastação da velha Europa, senão dos demais continentes...



A estratégia periférica, que representa a defesa das vias fluviais, baseia-se numa ordenação e de uma potentíssima e ágil massa de manobras motomecanizadas, na retaguarda. A frente Pirineus, até à Itália, Grécia e Hungria. O gráfico assinala as mais importantes bases navais, assim

pode aconselhar outra coisa senão a ofensiva, também, para arrojar-se quanto antes sôbre a vítima escolhida e aniqüilá-la se possível, em poucos dias.

No terreno do realismo mais estrito, a organização do Exército Vermelho explica muito claramente o que seus forjadores se propuseram. A política russa fêz, naturalmente, o Exército que precisa. Vejamos brevemente sua composição. Não são 175 divisões as que já organizou, como se repete, o Exército soviético, mas sim 247 na atualidade. Desta cifra, 116 são de infantaria e de artilharia, isto é, unidades ecléticas e suscetíveis de aplicação ofensiva ou defensiva, alternativamente. Outras dez estão reservadas para as frentes árticas, e seu papel é, sem dúvida, essencialmente defensivo. Porém, 67 divisões são encouraçadas, isto é, unidades de função ofensiva, como em essência ocorre também com as outras 41 divisões motorizadas, as



defensiva de amplos redutos fortificados, na vanguarda, periférica cobriria desde a Inglaterra, passando pelos como os países que têm aeródromos militares americanos.

cinco divisões de cavalaria e singularmente com as oito divisões restantes, de pára-quedistas. À vista desta organização, não há dúvida de que a doutrina ofensiva há de imperar no Estado-Maior soviético na hora da guerra. Êste Exército russo — à margem das enormes possibilidades de reservas que a União Soviética possui — pode agir desde o primeiro momento. Quarenta e oito divisões, em total, parecem, inclusive, estar espalhadas sôbre a frente oriental européia, do Báltico aos Balcãs. Incluamos, todavia, coisa mais importante: as 70 divisões que os países satélites têm organizadas, não tôdas de igual valor combativo, porém algumas de primeira qualidade.

Tal é a enorme massa militar que Moscou detém com o aleivoso ânimo de lançá-la um dia sôbre o resto do mundo, embora o oculte, para provocar uma nova e colossal matança ao serviço da causa da revolução vermelha. Para isso não a deterá nenhum sentimento de responsabiidade. Aguarda, apenas sua hora.

Uma hora propícia, para o melhor da causa, que é também a causa dêsse exército comunista espalhado pelo mundo e integrado por grandes massas filiadas à III Internacional — simplesmente simpatizantes e ainda meramente aliados ocasionais — espalhadas principalmente por certos países da Europa. Milhões de homens, que promoverão em seu momento — o momento da Rússia — a constituição de brigadas internacionais, massas de guerrilheiros e sabotadores ou constituirão, em último caso, massas neutras de meros derrotistas. Os dirigentes comunistas já o disseram bem claro: em caso de uma guerra, ninguém pense que estas massas, na França e na Itália particularmente, se oponham pelas armas ao Exército Vermelho; ao contrário, tratarão de colocar-se ao seu serviço. Os Togliatti, Duclos, Thorez e Marthy o repetiram até à saciedade. Ninguém mais ignora isso.

Na hora "H", no dia "D", quando o Kremlin o queira, esta máquina poderosa da subversão mundial entrará em movimento. O Extremo-Oriente servirá perfeitamente aos planos vermelhos graças à cooperação de chineses e vitnamistas. Talvez nem o Japão escape ao ataque soviético, graças à sua frota, à aviação e aos pára-quedistas vermelhos. O estreito

de Behring poderá ser outra rota da agressão. No coração da Ásia a guerra arderá imediatamente. O Irã, por razões de estratégia econômica — a angústia do petróleo — será, sem dúvida, o pais primeiramente assaltado pela U.R.S.S. Porém, o esfôrço militar decisivo será na Europa, verdadeiro centro de gravidade da ofensiva soviética. Por sua vez, o istmo da Finlândia conduz à Escandinávia e ao mar livre; quanto ao Bósforo surge, para a Rússia, como nos dias de Pedro I e de Catarina II, como o sonho ansiado de chegar ao sul, todo êsse confim, absolutamente plano, que conduz até à Alemanha, e os bordos do mar do Norte e do canal da Mancha, marcará, sem dúvida, os itinerários preferentes do Estado Maior vermelho. Desde a "ile de France" e os "polders" holandeses, não há até Moscou ou Leningrado, nenhum obstáculo orográfico, nem sequer topográfico. A planície é ampla e dilatada, estando profusamente coberta de estradas de rodagem e de ferro. Apenas um simples montículo, em Cassel, com 157 metros de altitude, merece nas Flandres a denominação de "monte". De tão modestíssima colina se divisam, não obstante, seis nações, 32 grandes cidades e pelo menos uma centena de aldeias. Nem um só túnel nas linhas férreas, desde a costa do canal, através da Alemanha, até ao coração da **Rússia. Tal** é o excelente terreno em que se moverão à vontade as divisões encouraçadas soviéticas, qual acerada ponta estratégica, para invadir a Europa.

Sôbre essa rota tradicional das invasões históricas de todos os tempos, os russos escolheriam, hoje, para mover-se em frente tão ampla, duas direções fundamentais: a que, pela Westfalia e a Renânia, vai ao osa belga, para penetrar no bolsão de Paris, e a que pela Turíngia e o Palatinado, passa pelo Lorena ao bolsão superior do Sena. Êstes itinerários principais serão flanqueados, ao norte, por outro que alcance a Holanda e a Bélgica, e pelo sul, pelo que, seguindo o vale do Danúbio superior e a Baviera, passa pela Basiléia e invade além pela passagem que se abre entre os Vosges e a Floresta Negra.

O sul mediterrâneo será procurado, também, com afã, pelo E.M. soviético, a "golpe de divisões", porque para isso lhe sobram efetivos e nos métodos russos não se olha o sacrifício humano. A rota da Áustria conduz ao alto Adígio e às regiões vitais, na estratégia italiana, no Trentino e do Veneto. É certo que a Iugoslávia em tal instante definirá sua estranha posição. À Grécia conduzem os caminhos históricos do Struma e do Vandar, que têm pôrto em Salônica, no Egeu. A Turquia será atacada de frente e de imediato, desde o antepaís caucásico e desde a Bulgaria. Os Estreitos seriam o objetivo afanosamente procurado em semelhante ofensiva.



QUE pode fazer a Europa ante semelhante aluvião? A Europa pode e sabe defender-se. Estamos diante de uma novíssima edição da velha história do "rôlo compressor russo". Porém, o número não é tudo na guerra. Freqüentemente, os menos numerosos têm dominado e derrotado os mais numerosos. E, sempre, a moral tem sido a determinante do êxito. O problema do Ocidente se resume, presentemente, nisto. Seu poder industrial e econômico é superior, sem dúvida alguma, ao russo. Porém, sua vontade nem sempre é convincente. Certos países hesitam, pusilânimes, e eludem, por diferentes razões, sacrifícios em seu rearmamento. Nem sempre se entendem e sofrem graves crises internas, chegando ao pior: vetam o armamento dos outros. O Exército do Luxemburgo é apenas, como já foi dito antanho, "uma banda de música escoltada". Noruega e Dinamarca apenas organizaram a quarta parte das tropas que deveriam ter, desde já, de acôrdo com os compromissos internacionais. Bélgica, Holanda e França têm apenas a metade. Itália, mais um pouco; porém, a Inglaterra muito menos. A Alemanha ocidental, que deveria ter, desde há muito, doze divisões, nada pôde organizar em razão da hostilidade alheia. Nem sequer um simples pelotão. Suécia está à margem de tôda cooperação armada com o ocidente. O mesmo ocorre com a Suíça. A Turquia e a Grécia, as duas potências do Pacto do Atlântico, paradoxalmente

(Continua no fim da revista)



UM HOMEM PENSOU QUE APENAS ÊLE CONHECIA O TERRÍVEL SEGRÊDO DO POÇO — MAS ESTAVA COMPLETAMENTE ENGANADO!

HAVIA a presença da morte na calada da noite. E êle sentiu na atmosfera como que uma respiração ritmada, em ondas que iam diretamente ao seu cérebro.

O sol já se escondera há muito, mas lá para os lados do horizonte havia uma tênue linha cinzenta se desfazendo lentamente no céu. O ar era pesado e opressivo.

Quando já estava uns cinco quarteirões distante de sua casa teve a sensação de que **alguma coisa estava errada**. Talvez, aquela noite, o destino interferisse e o poço não fôsse alimentado.

Embora, para a estação em que estavam, a noite fôsse bastante quente levantou a gola do capote e apressou o passo. As sombras, à sua direita, começaram a mover-se e a dançar, à medida que êle caminhava dentro da noite.

Estava com mêdo, porém mantinha-se calmo. E quando se aproximou da sua casa, escolhida para retiro e solidão, e onde havia o velho e grande poço, escondido no pomar abandonado, diminuiu os passos. Antigas lembranças tinham sua participação no temor que invadia o seu coração, naquele momento. Por alguma razão, que êle não descobria, o instinto lhe dizia que **alguma coisa estava errada**; porém, por mais que procurasse não conseguia atinar onde podia estar o êrro. Um relâmpago o assustou e logo ouviu ao longe o ribombar de um trovão lentamente anunciando a tempestade.

Parou hesitante por alguns segundos; depois, resolutamente, caminhou os últimos metros que levavam à esquina de onde já se avistava a casa, agora mergulhada em completa escuridão. Não havia mais aquela multidão curiosa, aglomerada em frente da porta e mal contida pelos homens da polícia. Aquilo acontecera **uma vez**, há muitos anos, quando êle era ainda muito moço e inexperiente, e morava no centro da Inglaterra.

Dois meses de terror contínuo haviam precedido o **acontecimento**. Polícia, inquéritos, pesquisas pelas alamêdas úmidas, os quartos cheirando a môfo — tudo aquilo, enfim, que viveria **para sempre** com êle.

Agora, porém, era diferente. Olhou para casa escura e completamente deserta. Parou em baixo de uma enorme e velha árvore de trinco retorcido...

Afastado aquêle pensamento horrível, outro o substituiu. Talvez fôsse **aquilo** o que o estava incomodando, talvez êle tivesse esquecido alguma coisa e "ela" tivesse desconfiado e fugido enquanto êle ultimava os preparativos.

por WILLIAM WALLRICH

A narrativa sensacional

Os preparativos eram para o caso dêle ter que fugir ràpidamente... Mas... E se ela tivesse ido embora? Aquilo estragaria todo o plano. A lua, os planêtas, as influências astrais — tudo conferia "aquela noite". Retardar o ritual da visita ao poço, mesmo que por apenas vinte e quatro horas seria fatal para os seus planos e para as exigências do poço.

Teria de ser "aquela" noite.



DURANTE vários dias havia sido grande o número das pessoas que responderam ao seu anúncio, a procura de uma governanta. Era o resultado do belo anúncio que êle fizera publicar nos "classificados" do "London Times". Porém, fôra "ela" a única que preenchera todos os requisitos necessários. Passava já da meia idade e não tinha parentes vivos, seus papéis estavam em ordem e era inteiramente desconhecida naquela região. E, para completar, parecia tão ávida de conseguir emprêgo, tão interessada em tornar-se governanta! Caminhava, preocupado, pela maltratada alamêda que lavava à entrada da velha casa. Positivamente, ia desabar um temporal àquela noite. O ar estava pesado. Como um fantasma dentro das sombras, êle olhou duas vêzes para a casa e circundou-a. Tudo parecia em ordem. A única luz que se via era a do quarto da nova governanta. Seu quarto ficava por trás da casa, no segundo andar. Então — pensou êle — **ela estava ali!** Nada suspeitava, pois. E o prazer antecipado, que sentiu ao ver tudo correndo como planejara, tranquilizou-o.

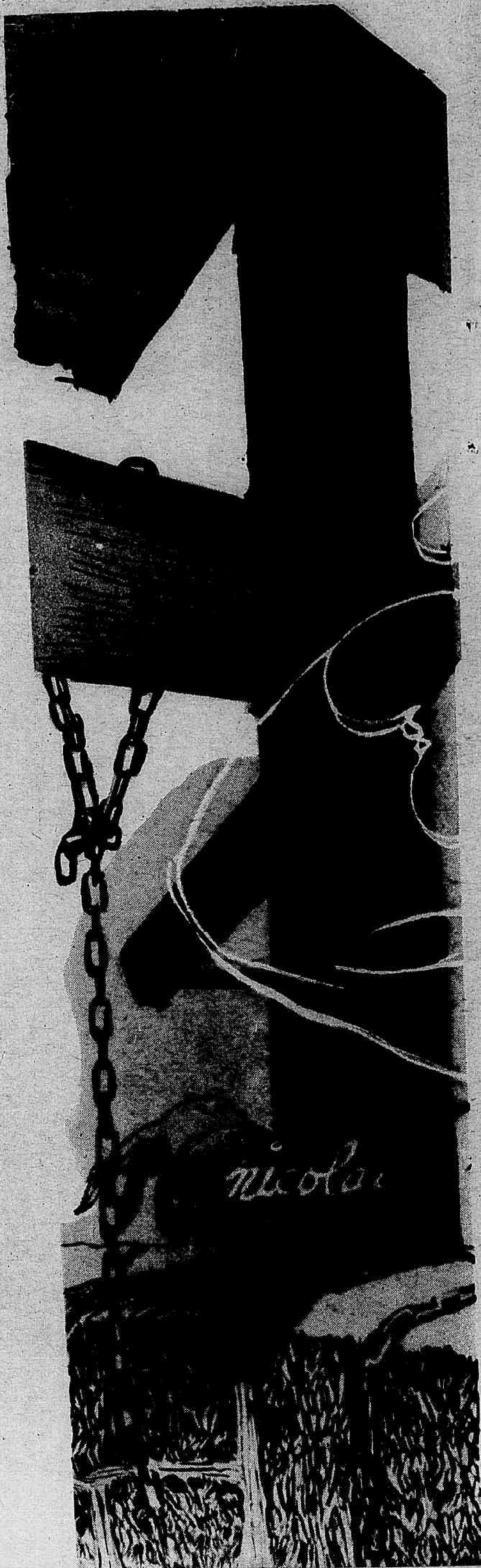
Tocou a campainha da porta quatro vêzes. Uma precaução tôla da governanta, mandar colocar aquela campainha por causa dos pedintes e importunos. Novamente tocou quatro vêzes e depois entrou, usando a própria chave, nova e reluzente.

Já dentro da casa, olhou para o grande e antigo relógio de bôlso, que se orgulhava de conservar, e então trancou a porta por dentro.

Então, andou pela casa tôda, examinando tudo minuciosamente. Estavam sòzinhos agora — **só os dois!** Sim; ela estava ali, pois que podia ouvir seus passos, movendo-se, no quarto, e via a réstia de luz, por baixo da porta. Certificando-se de tudo isso os temores que sentira, à princípio, dissiparam-se completamente. Agora sabia que suas atividades naquela noite transcorreriam como planejara, e, mais tarde, todos estariam comentando o caso intrigados — **seria o seu sucesso!**

O vento estava soprando mais forte e êle ouvia assobiar por entre as velhas árvores que circundavam a casa e às macabras macieiras, à beira do poço.

Sim, era uma noite perfeita para a sua visita bianual ao poço, com uma dádiva.



Lá estava êle — o poço — dentro da noite tempestuosa, a bôca escancarada, esperando a vítima imolada em seu louvor.

Na noite anterior, êle lá estivera, removera a velha e limosa tampa e atirara nas profundezas as ervas que eram a prepa-



ração habitual para a cerimônia da noite seguinte. Já pressentia o apêlo do poço esfaimado, dentro da noite escura, e do ar carregado de eletricidade pela tempestade iminente.

— "Por que ninguém compreendia, como êle, a necessidade urgente de todos os poços serem alimentados, de vez em quando? Afinal, êle compreendia aquela **fome**, como **uma urgência física!**

Dirigiu-se à biblioteca de paredes cobertas de velhos livros e acendeu o lampião a querosene.

Uma luz amarelada se espalhou pela sala. A velha arca com tampo de couro pareceu-lhe ainda mais pesada do que usualmente, quando êle a arrastou para fora do armário. Os três ferrolhos de cobre pareciam mais duros de destrancar. Parecia um protesto mudo, uma tentativa para dissuadi-lo ou... talvez **avisá-lo**...

Mas, afinal, a tampa se abriu, sem ruído, **como sempre**. Primeiro, colocou a longa tira de veludo negro sôbre a escrivaninha, ao lado; o veludo estava um pouco poído, em alguns pontos. Teria que providenciar outro, o que era sempre um aborrecimento porque certas pessoa têm a mania de fazer perguntas.

A corrente, porém, estava brilhante, **como sempre**. Primeiro, colocou a longa tira de veludo negro sôbre a escrivaninha, ao lado; o veludo estava um pouco poído, em alguns pontos. Teria que providenciar outro, o que era sempre um aborrecimento porque certas pessoas têm a mania de fazer fazer perguntas.

A corrente, porém, estava brilhante, **como sempre**; uma das extremidades se apresentava um pouco enferrujada, mas isto era inevitável. Os elos tiniram, macabros, quando êle colocou ao lado da tira de veludo.

Então, com extremo cuidado, retirou do invólucro de sêda roxa o livro que lhe custara tanto esfôrço físico e mental para conseguir. Colocou ao lado dos outros apetrechos. Mais as três pequenas facas de cabo de chumbo e ali estava todo o equipamento de que ia precisar para o ritual daquela noite. Tiritou de gôzo ao fitá-los em ordem tão perfeita.

Enquanto trabalhava ia pensando que seria bom se "ela" já estivesse dormindo quando êle entrasse no quarto com a tira de veludo negro pronta.

Agora, com mais prática, sabia que era mais fácil assim. De fato, era muito desagradável quando o escolhido resolvia debater-se, espernear. Já depois de bem amarrada e pendurada acima do poço pouco lhe importava que se debatesse ou não, ou o que tentasse dizer com os olhos arregalados de pavor.

Na verdade, êle chegara à conclusão de que quanto mais se debatesse e lutasse por cima da bôca do poço mais valiosa se tornava a dádiva para as negras águas que esperavam, lá em baixo.

Neste momento exato, em que pensava assim em frente da mesa onde o equipamento preparado esperava para entrar em ação, ouviu um ruído leve atrás de si, voltou-se, ràpido, a tempo de levar um golpe que cobriu nariz e olhos com tôda violência. O golpe fôra dado com uma arma preparada com uma de suas grossas meias de lã, cheia de seixos da beira do poço. A pancada foi dada com tal precisão que êle perdeu o contrôle dos movimentos e não conseguia mover-se nem falar, embora continuasse a perceber o que se passava à sua volta.

O rosto dela tinha expressão dura, firme, determinada e êle viu bem quando ela se moveu sob o círculo amarelo da luz do lampião. Já nem parecia aquela tímida senhora, fraca e idosa que êle escolhera entre tantas outras candidatas ao emprêgo e que, na verdade, estava condenada a ser sacrificada em homenagem ao poço.

Certamente notou que êle acompanhava seus movimentos com os olhos, pois aproximou-se bastante e sorriu. Era o mais terrível e indescritível sorriso!

Em poucos minutos ela já havia amarrado os pulsos dêle com o veludo. Então, cuidadosamente, ela prendeu o pequeno gancho da extremidade da corrente na argola prêsa à outra corda, especialmente destinada a êste fim. Gôtas enormes de suor frio escorriam da fronte dêle, enquanto com os olhos horrorizados acompanhava todos os gestos dela.

Lutando inùtilmente pensou em comunicar-se com ela pela fôrça do pensamento, para fazê-la mudar de idéia. Se, ao menos, ela era da mesma crença dêle **por que não o avisara?** Sim, porque então poderiam trabalhar, os dois, juntos, no culto da adoração ao poço, procurando outra pessoa qualquer para ser sacrificada. Ainda não era tarde demais...

Os que compreendiam como ela a fome do poço não se deviam sacrificar mùtuamente!

Mas, quem era ela? Que pretendia aquela criatura?

Quando ela se aproximou com uma das facas na mão êle pareceu despertar do torpor em que estava e gritou apavorado.

Mas sabia que era inútil, pois se fôra êle próprio quem escolhera aquela casa isolada **para que nada interferisse na hora do ritual...**

Não obstante, continuou a gritar, pois sabia, melhor que ninguém, que quando ela desferisse com a terceira faca o terceiro golpe êle não poderia mais gritar; apenas gemer dolorosamente, penosamente.

Quando o primeiro talho fêz jorrar o sangue da sua torturada garganta, êle arregalou os olhos. Sim, porque ao dar o golpe com uma das facas de cabo de chumbo ela se aproximara e o fitara. E, ao fitá-lo, êle a reconhecera... certificou-se de que estava perdido! Ao reconhecê-la ficou completamente louco. Porque já vira aquêle rosto, antes! Era o mesmo rosto que tinha visto muitas vêzes e há muitos anos... Vira aquêle rosto, muitas vêzes, nos inquéritos, nas pesquisas policiais...

Era o mesmo que êle vira, muitas vêzes, vermelho e inchado, molhado de pranto, fitando-o, magoados, doloridos, **aquêles mesmos olhos!**

Mesmo nas fotografias dos jornais êles o fitavam sempre!

Sim, ela era a mãe magoada, triste, inconsolada, de uma bela moça que êle uma vez sacrificara no Condado de Suffolk, há muitos anos, numa noite de tempestade, à meia noite, na bôca daquele mesmo poço...

O "BEBÊ" NÃO FICA MAIS SÓ



SINGULAR invenção de utilidade doméstica devemos ao radiotécnico londrino Desmond Duffy. Ligou ao normal aparelho receptor de rádio, situado no "living", o berço do próprio filhinho, situado em quarto afastado. Do microfone prêso à cabeceira do berço, o chôro eventual da criança é transmitido ao aparelho, interrompendo a transmissão normal As mamães, dedicadas ao trabalho caseiro, devem adotar o mesmo recurso, de evidente utilidade.



VIVOS, NO GÊLO, POR

UM DOS MAIS DIFÍCEIS E SEMPRE ATUAIS DOS PEIXES, FOI RESOLVIDO POR UM DINA

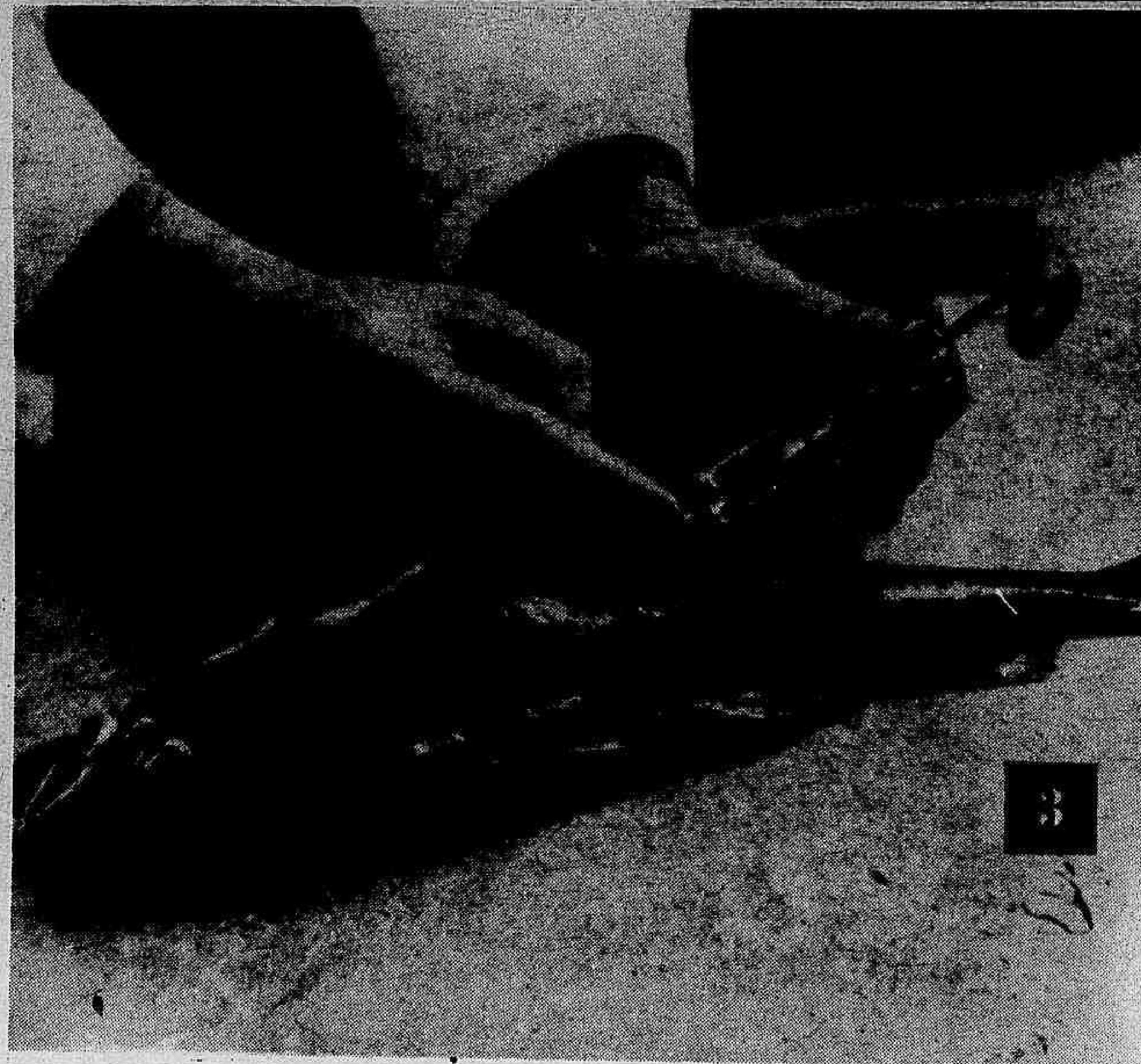
AS descobertas da ciência nos são legadas como uma longuíssima corrente da qual podemos apontar apenas o primeiro anel, jamais conhecendo-se qual possa ser o último. Sempre e sempre novas conquistas científicas estão sendo aplicadas nos ramos diversos da vida humana.

Há dois anos, por exemplo, muito se falou, por exemplo, de uma moderníssima técnica cirúrgica: a da hibernação artificial. Atualmente, essa mesma técnica está sendo aplicada na Dinamarca para resolver não mais um problema médico, porém econômico.

Como todos sabem, os países nórdicos são os principais exportadores de pescado para o mundo. E, naturalmente, um dos maiores problemas para os técnicos da pesca era o de poder enviar para os diferentes mercados os peixes... vivos. Isto, como é fácil imaginar, não era assim tão fácil, se considerarmos as grandes distâncias desde os locais da pesca até aos mercados e o tempo que intercorre entre a captura e a chegada do barco pesqueiro ao pôrto de desembarque.

Tal problema acaba de ser resolvido pelo jovem dinamarquês Arne Jäker, de Søbjerg, que há três anos se interessava pela conservação do peixe. Lendo os jornais, havia êle pensado em aplicar os princípios da hibernação artificial aos peixes capturados. Foi, entretanto, uma observação de sua mãe, o que lhe deu a achaves do problema.

O tanque em que se achavam os peixes vermelhos e dourados da sra. Jäker gelou no curso do inverno. Quando voltou a primavera, a mesma senhora, que contava encontrar seus queridos peixes todos mortos, teve a grande surprêsa de ver todos êles movendo-se, desenvoltos, na água, vivos e sadios. O filho entrou imediatamente em contato com os diretores de uma grande fábrica de refrigeradores de Copenhague, que colocou à sua disposição aparelhamento e pessoal especializado. Ao fim de suas experiências, Arne Jäker conseguiu manter os peixes vivos pelo espaço de 23 dias, fazendo-os cair em letargo mediante a hibernação. Com tal sistema, pràticamente, os peixes apenas retirados das rêdes, são submetidos a congelamento repentino e, a seguir, vivos, porém em estado de letargo, colocados em caixões frigoríficos. À chegada do navio ao pôrto, os peixes são levados para os mercados nas mesmas condições em que se encontravam no momento da pesca, com uma perda nitidamente inferior os normais processos de con-
os nomais processos de con-
servação.



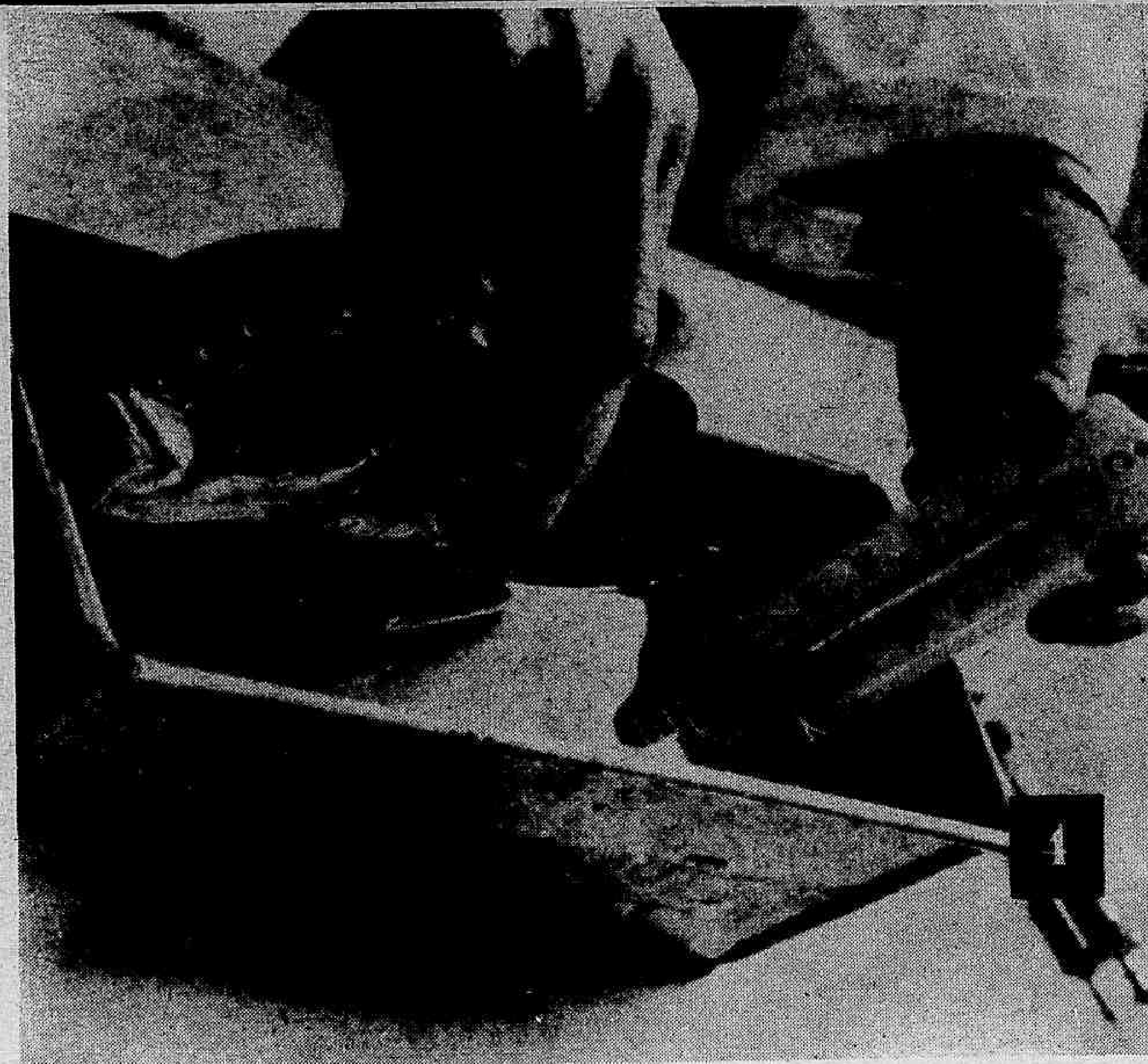






VINTE E NOVE DIAS !

PROBLEMAS ITIOLÓGICOS, A CONSERVAÇÃO MARQUÊS COM A HIBERNAÇÃO ARTIFICIAL.



1 Os peixes, mal pescados, são colhidos por funcionários, sob a orientação do dr. Jök, a fim de sofrer imediata congelação.

2 O dr. Arne Jöker, com um técnico de refrigeração de Copenhague (à esquerda), examinando um peixe recém-pescado.

3 Instantes antes da operação de congelamento, o peixe é submetido a um tratamento que garante a liquificação do seu sangue.

4 A temperatura ideal para a congelação dos peixes tem que ser observada memeticulosamente.

5 O peixe já congelado, é conservado em temperatura adequada, até ao pôrto de desembarque, onde ressuscitará.

6 Pôsto novamente em água temperada, o peixe recobra quase imediatamente o antigo vigor.



UMA ROSA DE HOUDINI

Por JAMES HILTON (Autor de "Goodbye Mr. Chips", "Nothing So Strange", etc., etc.)

"Como soube o senhor que eu desejava uma rosa? Estou doente e vivo só. Se fui ao seu espetáculo foi apenas para saber se havia mais alguém sôbre a terra. E o senhor enviou uma rosa para uma mulher idosa e que vive só!"

DEPOIS da morte de Harry Houdini, o mágico famoso, esta carta, enviada por uma senhora de idade avançada, foi encontrada entre os seus papéis íntimos. De tôdas as incontáveis cartas de fãs, que recebera, esta fôra uma das que mais prezara e que maiores cuidados tivera em guardar. Penso que êle fêz muito bem, porque, até hoje, não foi dado a muitos escritores expressar de maneira tão delicada e emocionante, as mágoas do coração humano; nem a muitos artistas foi concedido tributo igual. Hoje, o nosso mundo é um mundo de rude urgência, em que se sucedem tremendamente os fatos de nossa vida, todos de ousadia em larga escala e de desastres, também em larga escala. Porém sempre há tempo e lugar para as coisas pequeninas, ligeiras e agradáveis, e não precisamos de fazer esforços de memória para recordá-las — como certamente ocorreu com Houdini e sua correspondente anônima, até ao fim. **"Como soube o senhor que eu desejava uma rosa?"** Talvez o mágico não soubesse. Porém a verdade é que dêsse simples gesto de um homem do palco, tão casual e mesmo, talvez, tão acidental e impessoal, foi criado um contacto que jamais seria esquecido: um toque no nervo da própria vida.



JAMES HILTON

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

— Meu senhor — prosseguiu Gonzaga — trata-me de tal forma que tenho a impressão de ser esta a nossa última entrevista. As pessoas da casa a que pertenço não estão habituadas a ouvir falar, nem mesmo os príncipes de sangue falarem-lhes da forma como Meu senhor o está fazendo! Quero desfazer as acusações que há contra mim. Depois, direi adeus para sempre ao amigo da infância que me repeliu quando eu era infeliz.

— Filipe — murmurou o Regente, cuja voz traía verdadeira emoção — justifica-te e palavra de honra que verás como sou teu amigo!

— Então acusam-me?...

Como o duque de Orléans se conservasse silencioso, Gonzaga prosseguiu com aquela calma que tão bem sabia fingir:

— Que Meu senhor se digne interrogar-me e eu responderei.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale de Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde de outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém, que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha» mandando-o esperar junto à janela da muralha.

Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo, antes, ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Esopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar a Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na França, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua do Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endereço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada de seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali. Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe as revelações que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de d. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos, e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta, com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pajens que a esperavam embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para d. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois personagens, Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas, dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um rosto os fitasse, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à liteira, que parte para o palácio do príncipe onde todos se espantam porque horas a fio o regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de

O Regente recolheu-se por alguns momentos, por fim, disse:

— Assististe ao drama sangrento que teve lugar nos fossos do castelo de Caylus?

— Sim, Meu senhor, e defendi o nosso amigo com risco da própria vida. Era o meu dever!

— Sim... era o teu dever e, recebeste o último suspiro de Filipe?

— Com as suas últimas palavras, Meu senhor.

— E que pediu êle?... Desejo saber!

— Não era minha intenção escondê-lo a Vossa Alteza. Vou repetir textualmente as suas palavras: "Sê o espôso de minha mulher, para poderes ser o pai da minha filha!"

A voz de Gonzaga não tremeu enquanto proferia esta ímpia mentira. O Regente estava absorvido nas suas reflexões. No seu rosto inteligente e pensativo, ainda se viam traços de fadiga, mas os últimos vestígios da embriaguez haviam desaparecido.

— Fizeste bem em cumprir os desejos do moribundo. Era o teu dever. No entanto, não compreendo a razão por que calaste essa circunstância durante vinte anos!

— Amo minha mulher — respondeu o

---

fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. Peyrolles corre a prevenir Gonzaga do que discursava o corcunda, porém o príncipe fica ou finge ficar satisfeito, declarando que o aleijado apenas o ajudava, proporcionando-lhe o ensejo de apanhar Lagardère e apresentá-lo ao regente e à viúva de Nevers como o assassino do duque. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado por Oriol, Nocé, Girone, Choysi, Navailles e Chaverny descobrira o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepoil e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiam o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbaratou os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga estando entre seus comparsas, tendo ao lado a princesa de Gonzaga, que fôra a viúva de Nevers, ouve junto de si uma voz anunciar: Aqui estou. Era Lagardère, apontando para a cicatriz na palma da mão de seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem, porém, e Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora, no correr da festa do regente. De fato, a viúva Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha e, para isso, tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepoil ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo. Mas o próprio Lagardère surge das sombras e entrega Aurora aos dois espadachins, ordenando-lhes que a levem a determinada sala do palácio e a entreguem ao regente «em nome do Cavalheiro Lagardère». Pouco depois, sessenta homens cercam e prendem Lagardère. Infelizmente, os guardas de Gonzaga se apoderam de Aurora, antes desta ser entregue onde devia. Lagardère é levado a presença do Regente e da princesa de Gonzaga. A princesa, não tendo recebido a filha, ataca o cavalheiro e êste é obrigado a entregar a espada ao regente. Ao retirar-se, porque tinha o salvo-conduto, é interceptado por Gonzaga, que aponta-o ao regente como o matador de Nevers. Êste se defende e pouco depois espera-o fora da sala e diz que Aurora já está em seu poder... e também os documentos provando sua identidade. Lagardère consegue escapulir ao cêrco dos homens de Gonzaga e desaparece no jardim do palácio. Ouvem-se gritos e a guarda sob sôldo de Gonzaga vem anunciar que matou Lagardère. Quando o vão mostrar, porém, o corpo desapareceu e surge o corcunda vangloriando-se de haver atraído o cavalheiro... Êste fôra levado para ser atirado ao rio. Horas depois, o corcunda ferido, pois era o próprio Lagardère, cuida de suas chagas. No dia seguinte recebendo seus homens no seu escritório, Gonzaga é surpreendido por uma pedra atirada do jardim e que vem cair a seus pés. Era uma lista dos antigos cúmplices matadores de Nevers, e agora acrescida com o seu próprio nome. Então, Lagardère estava vivo... ou seria algum cúmplice, para amedrontar o príncipe? Cocardasse e Passepoil, porém, ganham títulos, promovido pelo regente, e o corcunda ganha bom dinheiro, emprestando as costas como mesa para assinatura dos cheques. Ali, houve Gonzaga afirmar aos cortesãos que se Lagardère não estivesse morto, todos, êle e seus amigos, correriam perigo e a seguir dá a entender que se livrará de Aurora de Nevers, casando-a com o único do seu grupo do qual no fundo também temia: Chaverny. Logo o corcunda faz um pedido ao príncipe de Gonzaga. Quer ser convidado para a ceia que o príncipe oferecerá na mesma noite, ceia que tem por fim concretizar um plano diabólico, que o poria, de uma vez, livre de Aurora e de Chaverny, em quem não confiava muito, casando um com o outro. Pouco depois, Passepoil e Cocardasse, interrogados, confirmam a morte de Lagardère. Mal acabam a «narrativa» uma pedra, atirada do jardim, entra pela janela, contendo um aviso... de Lagardère, de que, aquela noite, estaria presente à ceia! Na noite da festa surge o corcunda e aproveitando o entusiasmo de Chaverny força-o a beber, até embriagá-lo. Depois convence Gonzaga de que êle, sim, deve casar com Aurora. Como a idéia de Gonzaga era eliminar a herdeira de Nevers e como o corcunda lhe parece homem cruel, aceita a idéia. Breve Aurora, naquela companhia, estaria morta! Preparam a cerimônia e trazem a noiva. Porém Gonzaga prepara o ramo da noiva. Flores envenenadas, que em breve a matariam. Aurora desconfia, mas certa de que Lagardère estava morto, declara que aceitará as flores. Peyrolles avança com o ramo para entregar-lhe. O corcunda arranca os ramos de sua mão dizendo que só o noivo tem o direito de ofertar flores à noiva. Depois é o trabalho de convencer a noiva a aceitá-lo. Pede que todos se afastem e fala em voz baixa com Aurora. Esta parece adormecer e acaba consentindo, com assombro de todos que acusam o corcunda de possuir artes mágicas. Então, Gonzaga manda entrar o notário, para realizar o casamento. Depois das saudações, o notário pede que os noivos assinem o documento nupcial...

O corcunda leva algum tempo a assinar e finalmente todos lêem: Lagardère! Segue-se luta, sendo os acólitos de Gonzaga batidos pelo herói, secundado por Passepoil e Cocardasse, até que são interrompidos por uma voz, que se anuncia «Em nome do rei». Lagardère é conduzido prêso e Gonzaga, cínico apresenta Aurora à viuva de Nevers e mais o envelope contendo o documento que atestava ser sua filha. Ela, agora que tudo compreendia, tenta inutilmente defender o cavalheiro de Lagardère e o regente, embora desconfiando de Gonzaga nada pode fazer.

príncipe sem hesitar — já o disse a Meu senhor.

— E em que podia êsse amor tapar-te a bôca?

— Era necessário acusar o pai de minha mulher! — murmurou.

— Ah! — disse o Regente — O assassino era o marquês de Caylus?

Gonzaga curvou a cabeça e soltou um profundo suspiro. Filipe de Orléans fitou nêle o seu olhar ávido e penetrante.

— Se o assassino foi o marquês, que tens a censurar ao cavaleiro de Lagardère?

— O mesmo que se censura, em Itália, ao valente cujo estilete se vendeu para cometer um crime.

— O marquês de Caylus comprou a espada de Lagardère?

— Sim, Meu senhor. Mas êsse papel de subalterno durou apenas um dia. Lagardère trocou-o por outro que desempenha obstinadamente há dezoito anos. Lagardère raptou de conta própria a filha de Aurora e os documentos que provam o seu nascimento.

— Que pretendias então, ontem, diante do tribunal de família? — interrogou o Regente.

— Meu senhor — retorquiu Gonzaga conseguindo dar um traço de amargura ao seu sorriso — Agradeço a Deus ter permitido êste interrogatório. Julgava-me muito acima destas coisas mas era um êrro. Só se pode derrotar o inimigo que se mostra; só se pode reduzir a nada uma acusação que se formule nìtidamente. O inimigo mostrou-se; produziu-se a acusação; melhor! Forçou-me a acender o facho da verdade nas trevas que a minha piedade conjugal se recusava a iluminar; vai forçar-me agora a mostrar-lhe o lado bom da minha vida, o lado nobre, cristão, modestamente dedicado. Paguei o mal com o bem, Meu senhor, pacientemente, resolutamente, e isso durante vinte anos... Arrisquei muita vez a minha existência; gastei pròdigamente a minha fortuna; fiz calar a voz da minha ambição; dei o que me restava de fôrça e juventude, dei parte do meu sangue...

O Regente fêz um gesto de impaciência. Gonzaga prosseguiu:

— Julga que me estou a gabar, não é verdade? Ah! Meu senhor, escute a minha história, já que foi meu amigo, meu irmão, tal como o era do duque de Nevers!... Escute-me atentamente, imparcialmente... Escolho-o para árbitro... não entre mim e a princesa, pois contra ela não queria ganhar nenhum processo!... mas entre mim e êsse aventureiro de Lagardère!

"Julgo-me muito alto para me colocar na mesma balança, mas entre nós, Meu senhor, entre os dois sobreviventes dos três Filipes, entre o duque de Orléans, Regente de França, e eu, Filipe de Gonzaga, simples fidalgo, tomo-o por árbitro e quando terminar perguntarei, se é a Meu senhor Filipe de Orléans ou a Filipe de Gonzaga que o nosso amigo Filipe de Nevers, lá nos altos céus, aplaude e aprova!

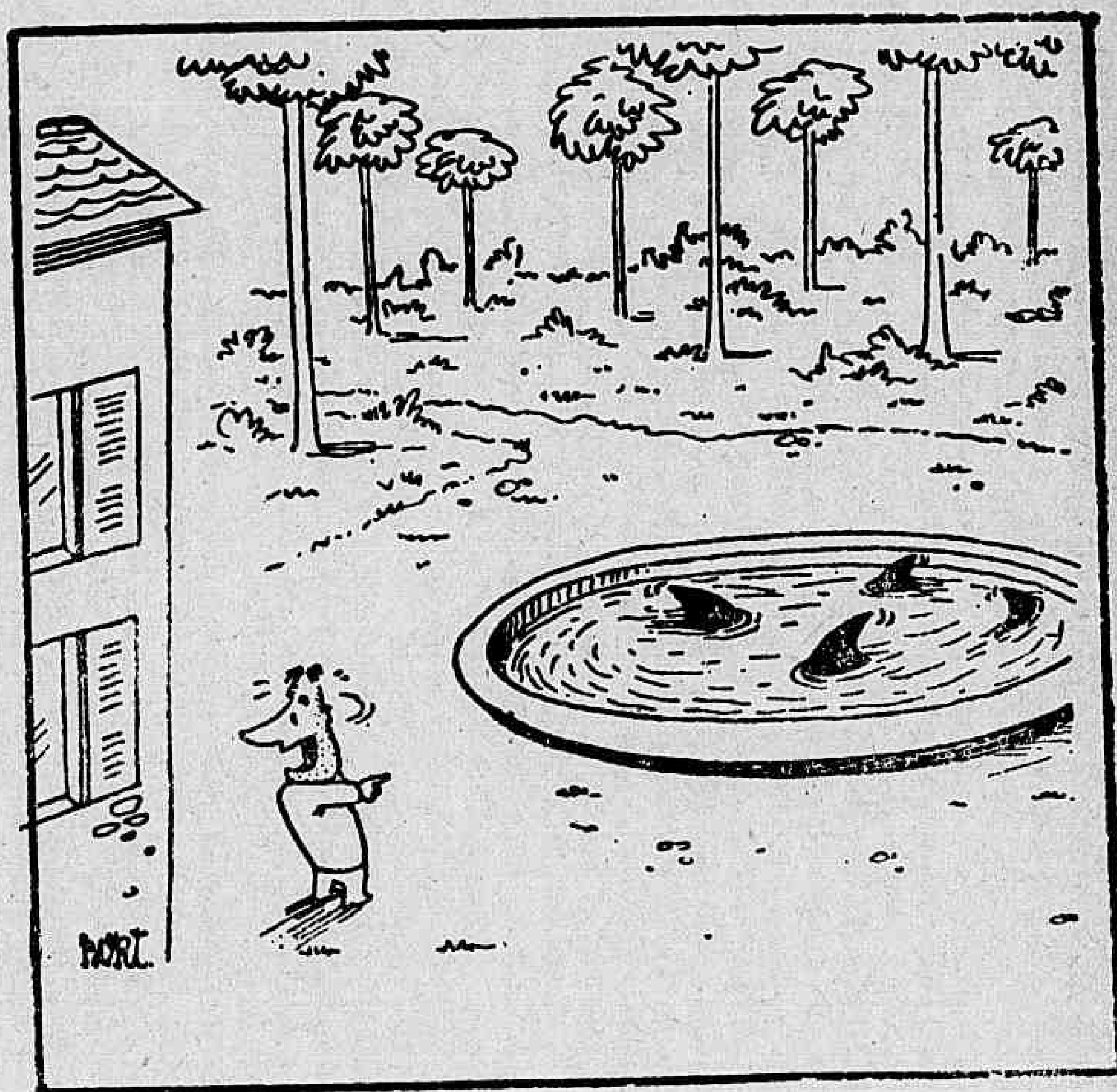
XIV

A DEFESA

A estocada fôra bem dada: acertara em cheio! O Regente de França baixou os olhos sob o olhar severo de Gonzaga.

— Quererás insinuar que faltei aos meus deveres de amizade? — murmurou o Regente.

— Não, Meu senhor — retorquiu o prín-



— Marieta! Vem ver como cresceram aquêles peixinhos que apanhamos na lagoinha da praia!

cipe — Como sou forçado a defender-me, vou apenas pôr em comparação as nossas maneiras de proceder. Estamos sós... Vossa Alteza não terá necessidade de corar...

Filipe de Orléans retomara a sua calma e disse apenas:

— Conhecemo-nos há muito tempo, Gonzaga... cuidado, não vás demasiadamente longe... No entanto, podes estar certo de que se procederam mal para contigo, farei justiça! Fala!...

Gonzaga esperava mais cólera e a calma do duque de Orléans fê-lo perder uma tirada oratória com que contara. No entanto, resolveu principiar a narrativa que antecipadamente preparara.

— Ao meu querido amigo Filipe de Orléans eu contaria esta história de modo diferente; a Sua Alteza, porém, vou dar-lhe um resumo claro e preciso.

"A primeira coisa que devo dizer é que Lagardère é não só um espadachim dos mais perigosos, como também um homem inteligente e astuto, capaz de prosseguir na sua ambição durante anos e não recuando diante seja do que fôr para atingir os seus fins. Não é natural que desde o primeiro momento tenha concebido o projeto de casar com a herdeira de Nevers, pois para isso teria que aguardar quinze ou desesseis anos...

"O seu primeiro plano, com certeza, sabendo a fortuna imensa que possuiam os Caylus e os Nevers, deve ter sido exigir um resgate pela criança. Ora eu, que o persegui desde a noite do crime, conheço-lhe tôdas as ambições e atos. A herdeira de Nevers era para êle o penhor de uma grande fortuna. As minhas tentativas para me apoderar de Aurora foram talvez a causa de ter mudado de projetos, pois isto deu-lhe a entender que qualquer transação desleal seria inútil.

"Passei a fronteira pouco depois dêle e consegui alcançá-lo numa pequena aldeia de Navarra. Apesar da superioridade numérica e a despeito de tôdas as nossas precauções, conseguiu escapar-se e internar-se em Espanha.

"Não é preciso referir detalhadamente... porque isso tornaria a narração muito longe... o número de encontros que tivemos. A sua fôrça, a sua coragem e a sua destreza, são realmente prodigiosas. Além do ferimento que me fêz nos fossos de Caylus quando defendia o nosso desditoso amigo...

Aqui, Gonzaga tirou a luva e mostrou a marca da espada de Lagardère.

—... além dêste ferimento — prosseguiu — tenho ainda noutros pontos do meu corpo vestígios da sua mão terrível. Não há mestre-de-armas que lhe seja superior. Eu tinha a saldo um verdadeiro exército, porque o meu desejo era apanhá-lo vivo para êle poder reconhecer a identidade da minha querida pupila. Ora êste exército era composto dos mais famosos mestres-de-armas da Europa: o capitão Lorrain, Joel de Jugan, Staupitz, Pinto, El Matador, Saldanha e Faenza... e todos morreram.

O Regente esboçou um movimento.

— Todos morreram — repetiu Gonzaga — à mão de Lagardère!

— Sabes que êle também pretende ter recebido a missão de proteger a filha de Nevers e de vingar o nosso infeliz amigo? — murmurou Felipe de Orléans.

— Sei e já disse que é um impostor audacioso e hábil. Espero que o duque de Orléans, a sangue-frio, vendo-se obrigado a escolher entre as nossas duas afirmações terá em consideração os títulos de cada um...

— Assim farei — pronunciou o Regente — Continua...

— Passaram-se anos — continuou Gonzaga — e repare, Meu senhor, que Lagardère nunca fêz o menor esfôrço por enviar à viúva de Nevers uma carta ou uma simples mensagem...

"Faenza, que era um homem muito hábil e a quem enviei a Madrid para vigiar o raptor, no seu regresso, fez-me um relatório bastante estranho e para o qual chamo especialmente a atenção de Vossa Alteza...

"Lagardère, que em Madrid se chamava D. Luís, trocara com uns ciganos a filha de Nevers por outra criança. A ciganinha foi educada por êle enquanto a verdadeira filha de Nevers vivia errante com os ciganos. Duvidei e isso foi a causa da minha primeira viagem a Madrid. Avistei-

me com os ciganos perto do Escurial e adquiri a certeza de que Faenza não se enganara. Consegui ver a pequena, cujas recordações ainda recentes acabaram por me convencer. Então, tomei as medidas necessárias para me apoderar dela e trazê-la para França. À idéia de ver a mãe, ficou radiante. Na noite que fixáramos para a levar, raptando-a, os meus homens e eu ceamos na tenda do chefe, a fim de não lhes inspirarmos desconfiança. Traíram-nos, porém, porque êles possuem estranhos segredos e no meio da ceia, a nossa vista principiou a turvar-se e um sono pesadíssimo apoderou-se de nós. Quando despertamos na manhã seguinte, encontrava-mo-nos deitados no meio do campo, as fogueiras meio consumidas iam extinguindo-se a pouco e pouco e os ciganos tinham desaparecido!

Nesta narrativa, Gonzaga mentia de forma que as declarações de Aurora e de Lagardère — se os interrogassem — pudessem parecer versões da verdade, desfiguradas.

O Regente ouvia-o com atenção, mas friamente.

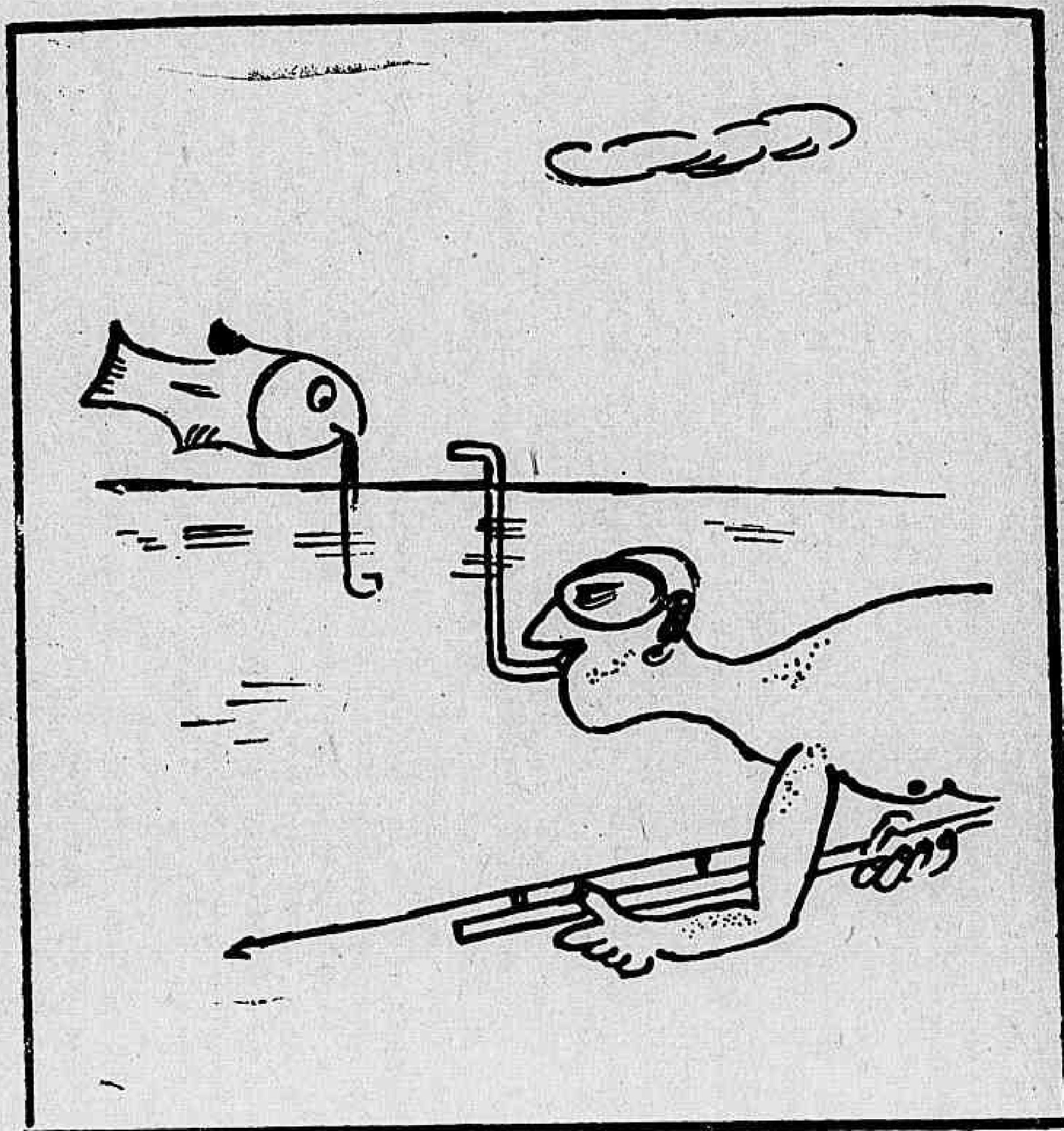
— Aquela noite foi uma admirável oportunidade que se perdeu — prosseguiu o príncipe com aquêle puro acento de sinceridade que o tornava tão eloqüente — Se tivéssemos sido bem sucedidos, quanta lágrima se teria evitado no passado e quantas desgraças haveríamos impedido no presente!

"Já não falo no futuro, porque êsse a Deus pertence!... Mas, continuando: voltei a Madrid. Vestígios dos ciganos, nenhum. Lagardère partira para uma viagem, e a cigana que êle trocara pela herdeira de Nevers, estava como educanda no convento da Encarnação.

"Meu senhor não quer deixar transparecer as impressões que lhe causam a minha narrativa... Desconfia desta facilidade, dêste dom de palavra que antigamente tanto apreciava... No entanto, procuro ser simples e breve... Antes, porém, de prosseguir a série dos fatos, devo fazer uma pequena observação que tem sua importância: ao princípio, Lagardère fizera a substituição para enganar a minha perseguição, é evidente, e tinha tenções de ir buscar a herdeira de Nevers, em determinada altura, para se servir dela, segundo o interêsse da sua ambição, mas as suas vistas mudaram... Meu senhor compreenderá esta reviravolta com uma só palavra: apaixonou-se pela cigana! Já não lhe interessava o resgate; o horizonte se tornava mais amplo e o aventureiro ousado idealizou fazer sentar a sua amada na cadeira ducal e tornar-se dessa forma o espôso da herdeira de Nevers!

O Regente agitou-se e o rosto exprimiu uma espécie de mal-estar. A plausibilidade de um fato varia segundo os costumes e o caráter do auditor. Filipe de Orléans não dava talvez muito crédito àquela romanesca dedicação de Gonzaga, mas a intenção que êle atribuia a Lagardère pareceu-lhe muito verossímil. Tôda aquela história tomava de repente a seus olhos visos de realidade. Aquêle sonho do aventureiro Lagardère era tão lògicamente indicado para a situação, que fêz estender a sua possibilidade sôbre o resto. Gonzaga notou perfeitamente o efeito produzido... Havia uma meia-hora que estava convencido de que o Regente sabia, passo a passo, tudo quanto se passava há dois dias, por isso apressou-se a assestar as suas baterias nessa direção.

— Meu senhor — prosseguiu — é possível que êste detalhe não tenha grande



importância, mas dada a inteligência e a audácia de Lagardère, deve ter sido assim! E assim foi de fato, pois tive provas disso antes da chegada do aventureiro a Paris, e agora a abundância de novas provas torna as antigas absolutamente supérfluas, e a senhora princesa de Gonzaga — que não é pessoa suspeita, de me auxiliar — informará Vossa Alteza a êsse respeito.

"Mas... voltando aos fatos. A viagem de Lagardère durou dois anos. Ao cabo dêsse espaço de tempo a cigana educada pelas freiras da Encarnação parecia outra. Lagardère, ao vê-la, deve ter concebido o desejo de que acabo de falar. As coisas mudaram. A pretensa Aurora de Nevers teve uma casa, governanta e um pajem, para salvar as aparências. O mais curioso é que a verdadeira Nevers e a substituta se conheciam e estimavam! Não posso, porém, acreditar que a amante de Lagardère esteja de boa-fé; no entanto, não é coisa impossível e êle é bastante esperto para lhe ter deixado tôda a sua candura... O que é verdade, é que punha certos entraves, em Madrid, para receber em sua casa a verdadeira Nevers e proibiu a outra de lhe falar, alegando que o seu procedimento não era dos mais recomendáveis!...

Aqui, Gonzaga esboçou um amargo sorriso.

— A senhora princesa — prosseguiu — disse perante o tribunal de família: "se minha filha tivesse esquecido, por um momento que fôsse, o que deve à nobreza da sua raça, cobriria o meu rosto e diria: o nome de Nevers morreu totalmente para mim!"

"Ah! Meu senhor, infelizmente a pobre criança julgou que eu brincava quando lhe falei, pela primeira vez, na raça... mas eu sei que Vossa Alteza é da minha opinião e se não fôr, a lei dar-lhe-á razão: não compete a uma mãe quebrar os direitos de sua filha apenas por vãs susceptibilidades... Aurora de Nevers não é culpada de ter nascido naquelas circunstâncias. A primeira culpa é da mãe, que pode lastimar o passado e nada mais. A criança tem os seus direitos, e Nevers, morto, tem aqui um representante... Dois... perdão, eu queria dois! — observou Gonzaga — Meu senhor, o seu rosto modificou-se, a expressão já é outra. Permita-me que lhe diga que a bondade triunfa das suas prevenções. Quem seria que lhe murmurou ao ouvido tôdas essas calúnias que estiveram a ponto de lhe fazer esquecer num só dia, trinta anos de leal amizade...

— Gonzaga — replicou o Regente com voz que pretendia tornar severa mas que denunciava a sua íntima emoção — não posso fazer mais do que repetir as minhas primeiras palavras: "Justifica-te e verás se sou ou não teu amigo"!

— Mas de que me acusam?... De um crime de ontem... de há vinte anos? Filipe de Orleans pôde acreditar durante uma hora, um minuto, um segundo, que esta espada?...

— Se o tivesse acreditado... — murmurou o duque de Orléans franzindo as sobrancelhas e enquanto o sangue lhe subia ao rosto.

Gonzaga pegou na mão e colocou-a sôbre o seu peito, dizendo com as lágrimas nos olhos:

— Obrigado!... Obrigado, Filipe! Agradeço-lhe, visto a sua voz não se ter juntado às outras para me acusar de qualquer infâmia!

E de súbito, como se estivesse envergonhado da sua franqueza:

— Perdoe, Meu senhor, se me esqueci, por instantes de que estava na vossa presença! Sei as acusações que me fazem ou pelo menos, adivinho-as. A minha luta contra Lagardère obrigou-me a praticar atos que a lei condena, no entanto, defender-me-ei se a lei exigir...

"Há também a presença de mademoiselle Aurora de Nevers numa casa consagrada ao prazer... Não me quero antecipar, Meu senhor, e o que resta para dizer não fatigará durante muito tempo a atenção de Vossa Alteza...

Aqui, Gonzaga fêz uma breve pausa. Em seguida, continuou:

— Vossa Alteza recorda-se que acolheu com bastante surprêsa o pedido que lhe fiz da embaixada a Madrid. Até ali conservara-me sempre afastado dos negócios políticos. Ora já disse o suficiente para que essa surprêsa não tenha agora razão de existir. Queria ir a Espanha com um

título oficial que pusesse à minha disposição a polícia de Madrid. Dali a poucos dias descobria o retiro da querida criança que é doravante tôda a esperança de uma grande casa. Decididamente, Lagardère abandonara-a. Aurora de Nevers ganhava a vida a dançar nas ruas... O meu desejo era apanhar ao mesmo tempo as duas pequenas e o aventureiro. Êle e a amante escaparam-se e eu trouxe apenas *mademoiselle* de Nevers!

— Aquela que segundo a tua opinião é *mademoiselle* de Nevers! — retificou o Regente.

— Sim, Meu senhor, a que segundo a minha opinião é Aurora de Nevers!

— Mas isso não basta!

— Permita-me julgar o contrário... Eu não procedi ao acaso e com risco de repetir o já exposto, lembro que trabalhei durante vinte anos! Que mais era necessário?... A presença das duas jovens e do impostor, todos reunidos em Paris...

— Mas isso não foi obra tua...

— Foi obra minha, Meu senhor! Obra minha e de mais ninguém. Em que data recebeu Vossa Alteza a primeira carta de Lagardère?...

— Mas eu disse-te?...

— Se Vossa Alteza não quer responder, vou eu dizer: a primeira carta de Lagardère, onde êle pedia o salvo-conduto e a qual era datada de Bruxelas, chegou a Paris nos últimos dias de agôsto e havia cêrca de um mês que *mademoiselle* de Nevers se encontrava em meu poder.

"Ah! Meu senhor, não me trate pior do que a um acusado vulgar e permita-me, ao menos, a natural justificação...

"Durante perto de vinte anos, Lagardère estêve sem dar sinal de vida. Pensa então Vossa Alteza que não havia um motivo especial para êle voltar a França precisamente nessa ocasião?... Ora Lagardère deve ter pensado o seguinte: "Se eu permitir que o príncipe instale no palácio de Lorena a herdeira do falecido duque, que vai ser das minhas esperanças? Que farei desta linda rapariga que ontem valia milhões e amanhã não passará de uma cigana ainda mais pobre do que eu?"...

— Mas êsse argumento também pode ser apresentado ao contrário... — objetou o Regente.

— Sim, podia dizer-se que Lagardère vendo que eu ia apresentar uma falsa herdeira, queria fazer comparecer a verdadeira... Pois, Meu senhor: dessa forma ficaria provadíssimo que o regresso de Lagardère era obra minha, e eu não desejo mesmo outra coisa! Aqui tem, com efeito, o que eu dizia para comigo: Lagardère há-de querer seguir-me a todo o preço; cairá então nas mãos da justiça e far-se-á luz! Não fui eu que dei a Lagardère os meios de entrar em França e de enfrentar a ação da justiça...

— Já sabias que Lagardère estava em Paris quando me solicitaste autorização para convocar um tribunal de família?

— Sim, Meu senhor — respondeu Gonzaga sem hesitar.

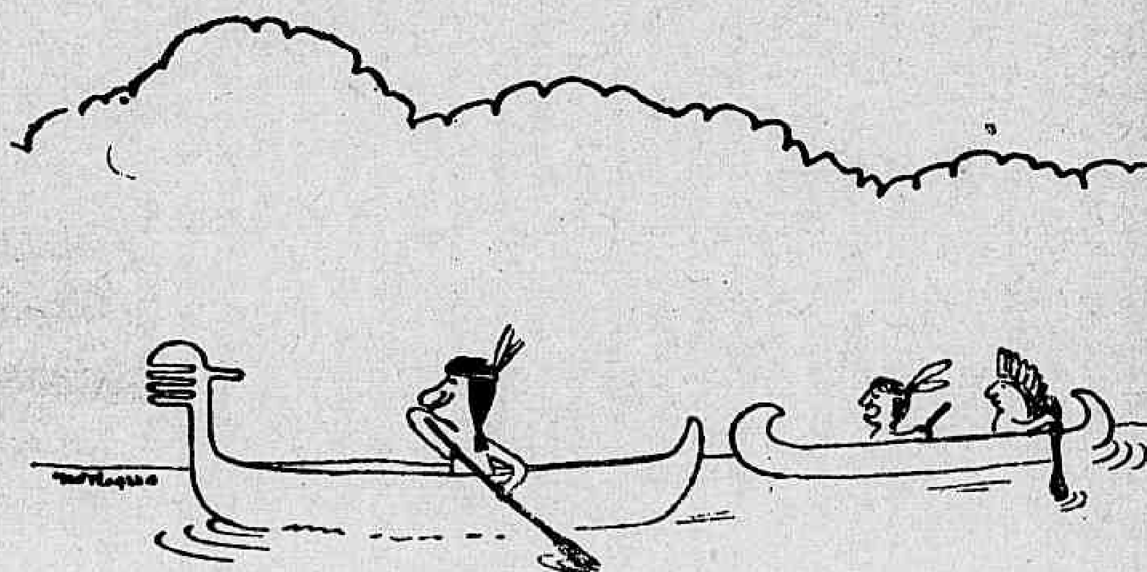
— Porque não me preveniste?

— Nem perante a moral, nem perante Deus tenho de que me acusar, Meu senhor. Não me envergonho de confessar que a astúcia não é o meu forte. Lagardère, neste ponto, venceu-me. É muito mais hábil e mais astucioso. Não creio que Vossa Alteza ignore que êle ocultou a sua presença entre nós, por meio de um hábil disfarce... talvez mesmo a isso se deva o êxito obtido... Além disso, é necessário ter em conta também que a sua antiga profissão lhe dá facilidades de que não dispõem as outras pessoas...

E as últimas palavras foram pronunciadas por Gonzaga com acento desdenhoso.

— A que profissão te referes?...

— A de saltimbanco, que êle tinha antes de ser assassino! Não se recorda Vossa Al-



— Depois que estêve na Itália, ficou prosa como êle só!

teza de um garôto que ganhava a vida aqui, há muitos anos!... a fazer contorsões, a desarticular-se, e principalmente a fingir de corcunda, na Praça das Fontes, mesmo sob estas janelas...

— Lagardère... — murmurou o príncipe, sentindo a recordação despertar. — Lembro-me... costumávamos vê-lo fazer as suas habilidades por aquela janela! O pequeno Lagardère!

— Prouvera a Deus que essa recordação tivesse vindo à memória de Vossa Alteza há cêrca de dois dias! Mas... continuando... Logo que suspeitei da sua chegada a Paris, procurei apoderar-me dos dois impostores e dos documentos que Lagardère conseguira subtrair do castelo de Caylus. Apesar de tôda a sua esperteza, Lagardère — ou corcunda — não puderam impedir que eu conseguisse os meus fins. Êle escapou e eu apenas apanhei a rapariga e a documentação.

— Onde está ela? — perguntou o Regente.

— Junto da pobre mãe enganada, junto da princesa de Gonzaga...

— E os documentos... Previno-te, Gonzaga, que é aí que está um grande perigo para ti!...

— Perigo, porquê, Meu senhor? — perguntou Gonzaga sorrindo orgulhosamente — Supõe que falsifiquei os documentos? Não... o sobrescrito selado com três selos — e todos os três intactos — responderá pela minha duvidosa probidade! Os documentos estão na minha mão e estou pronto a depositá-los na de Vossa Alteza, contra um recibo detalhado.

— Esta noite pediremos para sermos apresentados — disse o duque de Orléans.

— Esta noite, tal como neste momento, estarei pronto para responder a tudo...

"Permite-me, Vossa Alteza, que continue?...

"Depois da captura que fiz, Lagardère ficou vencido. Êsse disfarce maldito modificou completamente a face das coisas. Fui eu próprio quem introduziu o inimigo em minha casa. Gosto de tudo quanto é excêntrico... Ora o corcunda alugou-me o casinhoto do cão por uma quantia fabulosa... pareceu-me um ser fantástico... em resumo: fui logrado. Por que negá-lo?... Mas o lôbo, logo que se encontrou no redil, mostrou os dentes. Eu não queria ver nada; foi um dos meus fiéis servidores, Peyrolles, quem preveniu secretamente a princesa.

— Podes provar isso? — perguntou o Regente.

— Fàcilmente, Meu senhor, com o testemunho de Peyrolles. Os guardas franceses, porém, chegaram demasiadamente tarde para os meus dois pobres companheiros Albert e Gironne... O lôbo já mordera...

— Então êsse Lagardère combatia sòzinho contra todos vós?

— Éramos quatro, Meu senhor, contando com meu primo o marquês de Chaverny.

— Chaverny! — exclamou o Regente muito surpreendido.

Gonzaga respondeu hipòcritamente:

— Êle conhecera em Madrid, por ocasião da minha embaixada, a amante dêsse Lagardère. Devo dizer, Meu senhor, que solicitei e obtive esta manhã, do senhor d'Argenson, uma ordem de prisão contra êle...

— E os outros dois?

— Os outros dois também foram presos. São nada mais, nada menos, do que dois mestres de armas, conhecidos por terem outrora compartilhado das façanhas de Lagardère.

— Resta saber — disse o Regente — qual a tua atitude nessa noite, diante dos teus amigos.

Gonzaga ergueu para o duque de Orléans um olhar de surprêsa admiràvelmente representado. Houve um instante de silêncio e depois disse com um sorriso irônico:

— Então o que me foram contar tem fundamento?

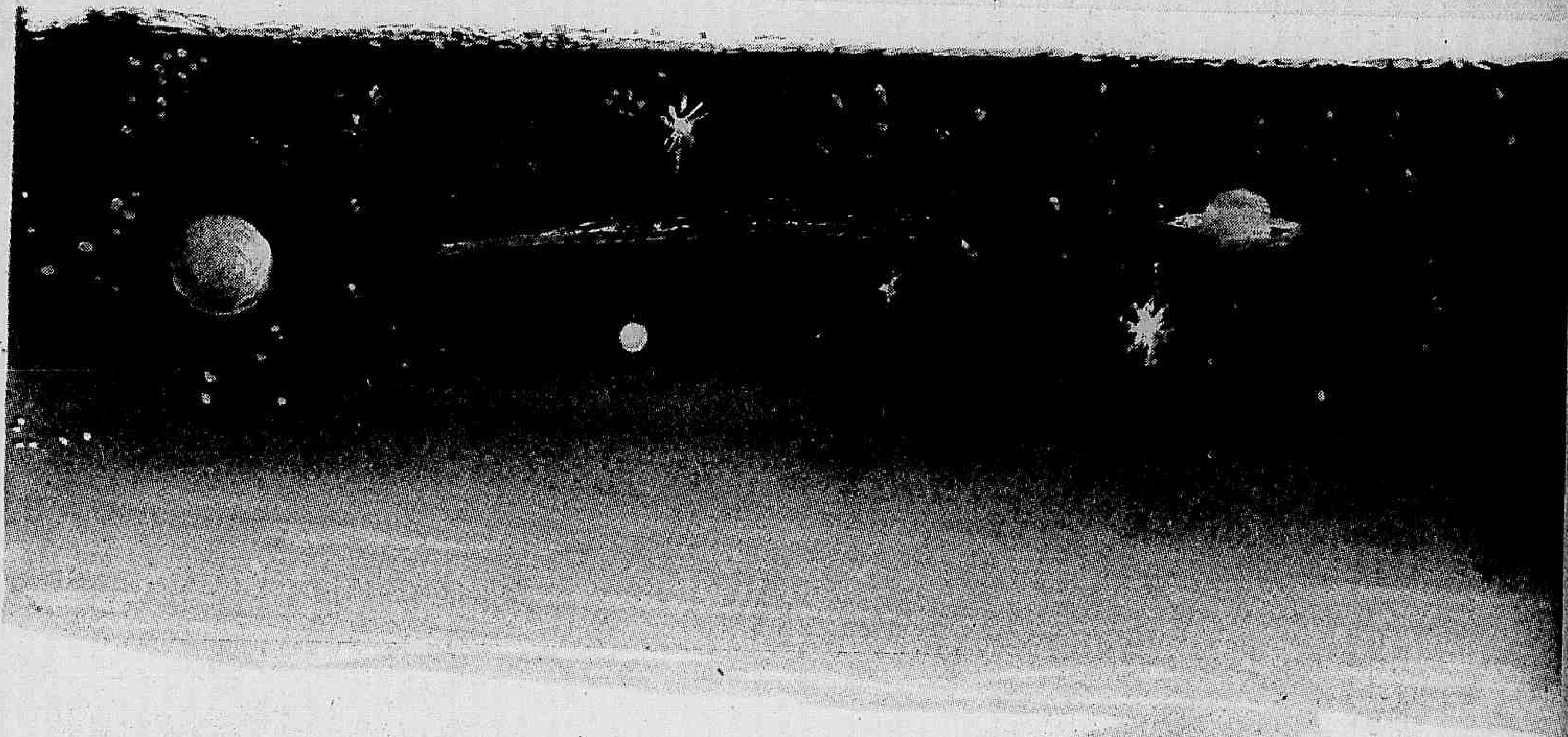
— Ignoro o que te disseram...

— Contos, Meu senhor, histórias inverossímeis, cheias de loucas acusações... Mas condiz o alto espírito de justiça de Vossa Alteza e com a minha própria dignidade!...

— Ponhamos de parte o meu alto espírito de justiça e a tua dignidade... explica-te...

(Cont. no próximo número)

QUE PRESSÁGIO NOS TRAZ O NOVO COMETA P.1953H?



SEGUINDO UMA ÓRBITA PARABÓLICA, JAMAIS VIRÁ À NOSSA ATMOSFERA.

ACABA de ser descoberto úm novo cometa, pela astrônoma polonesa, sra. Pajdusakova, do Observatório de Skalnata Pleso. O fenômeno, visível em França a partir de 13 de janeiro, foi objeto de estudos especiais nos principais observatórios da Europa; mas foi o observatório australiano do monte Stremio, possuidor do mais poderoso telescópio do hemisfério sul, que pôde observá-lo nas melhores condições, porquanto o mês de janeiro é, em nossos antípodas, o mais luminoso do verão, o mais livre de nuvens. Vai ser necessário esperar várias semanas para conhecermos os resultados das observações diretas e das análises espectrais. Vejamos, porém, enquanto aguardamos as informações dos sábios, o seguinte estudo de René Hybre, jovem cientista francês, sôbre a vida e a origem dos cometas.

NOVENTA E OITO COMETAS REGULARES

Há, nos anais gastronômicos, anos célebres pela qualidade do vinho obtido, sendo que alguns coincidem com a passagem de cometas: são os anos "fastes" da viticultura, isto é, **os anos de colheitas opulentas**. Mas também se conhecem cometas nefastos, cuja aparição no céu provocou catástrofes muito sérias e dentre elas aquela de 1910, conhecida como a "do cometa das inundações". Foi êle um dos mais brilhantes do comêço do século XX.

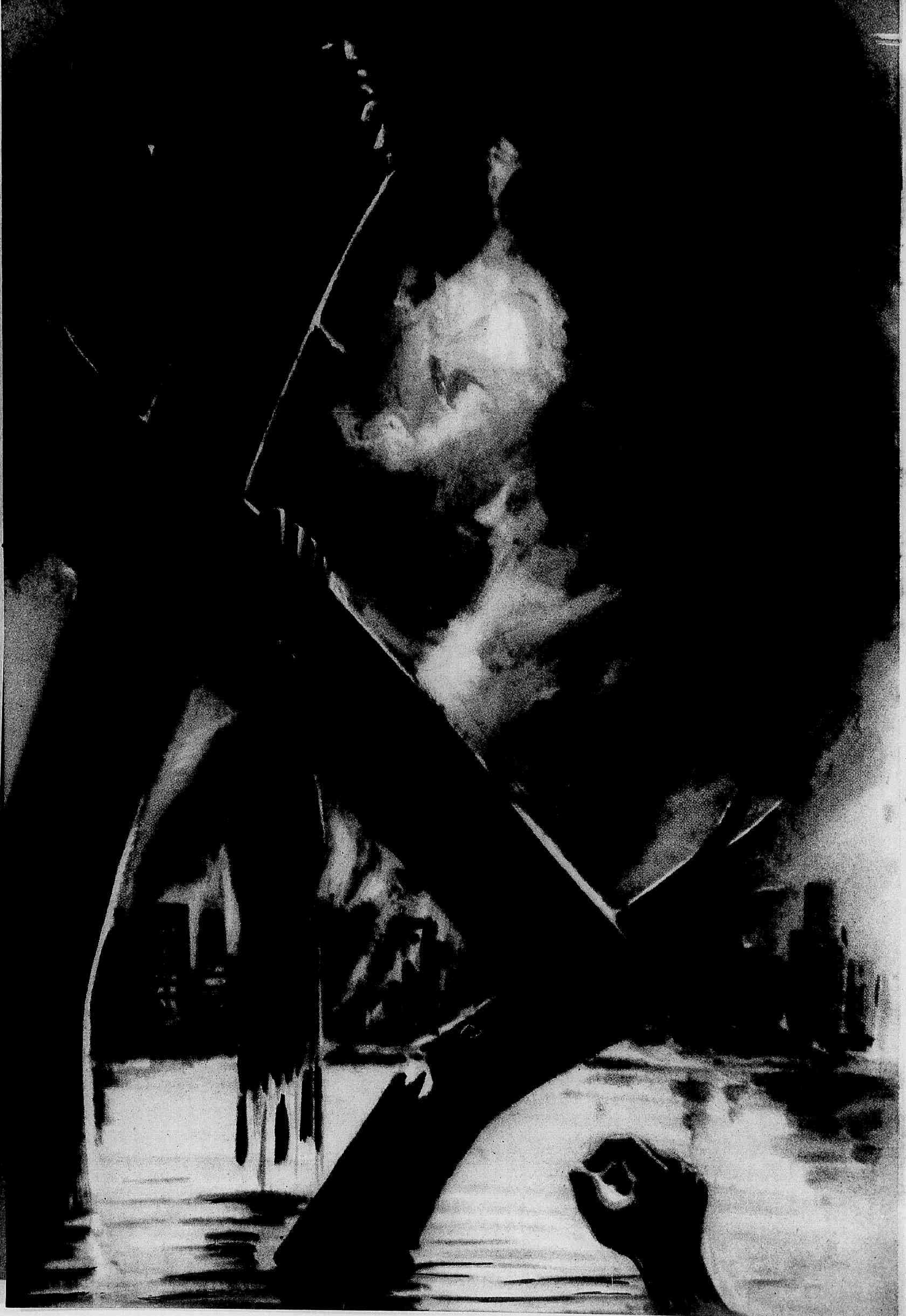
Agora, o cometa da sra. Pajdusakova (P.1953H) será o anunciador de um ano feliz? Veremos a paz instalar-se definitivamente sôbre nosso mundo e um acôrdo harmonioso reinar entre os átomos de uma humanidade perdida no espaço? A abundância das colheitas e a qualidade do vinho serão melhoradas?

Isto é bastante provável, pois existe no céu um outro signo favorável: as manchas solares traduzem um mínimo de atividade, como incidindo com um período de prosperidade mundial.

Que se poderá desejar de melhor?

EXÀMINEMOS A HISTÓRIA DOS COMETAS

Desde suas origens — não a origem dos mundos, mas a dos conhecimentos humanos sôbre astronomia — podemos deter-



minar a órbita de 480 cometas distintos, da maneira seguinte:

177 cometas de órbitas elípticas (curva fechada, permitindo prever sua volta);

256 cometas de órbitas parabólicas (curva aberta, sôbre a qual não mais regressará o cometa que a percorreu a primeira vez);

47 cometas de órbita hiperbólica (com as mesmas resultantes da órbita parabólica).

Dos 177 cometas elípticos, 79 têm períodos de revolução que ultrapassam mil anos. Podemos, pois, reuni-los aos 256 parabólicos e aos 47 hiperbólicos, pois é possível que desapareçam no decurso de seu longo périplo.

Restam, portanto, apenas 98 cometas **viajores** periódicos de nosso sistema solar.

A MÁ CONDUTA DE CERTOS COMETAS

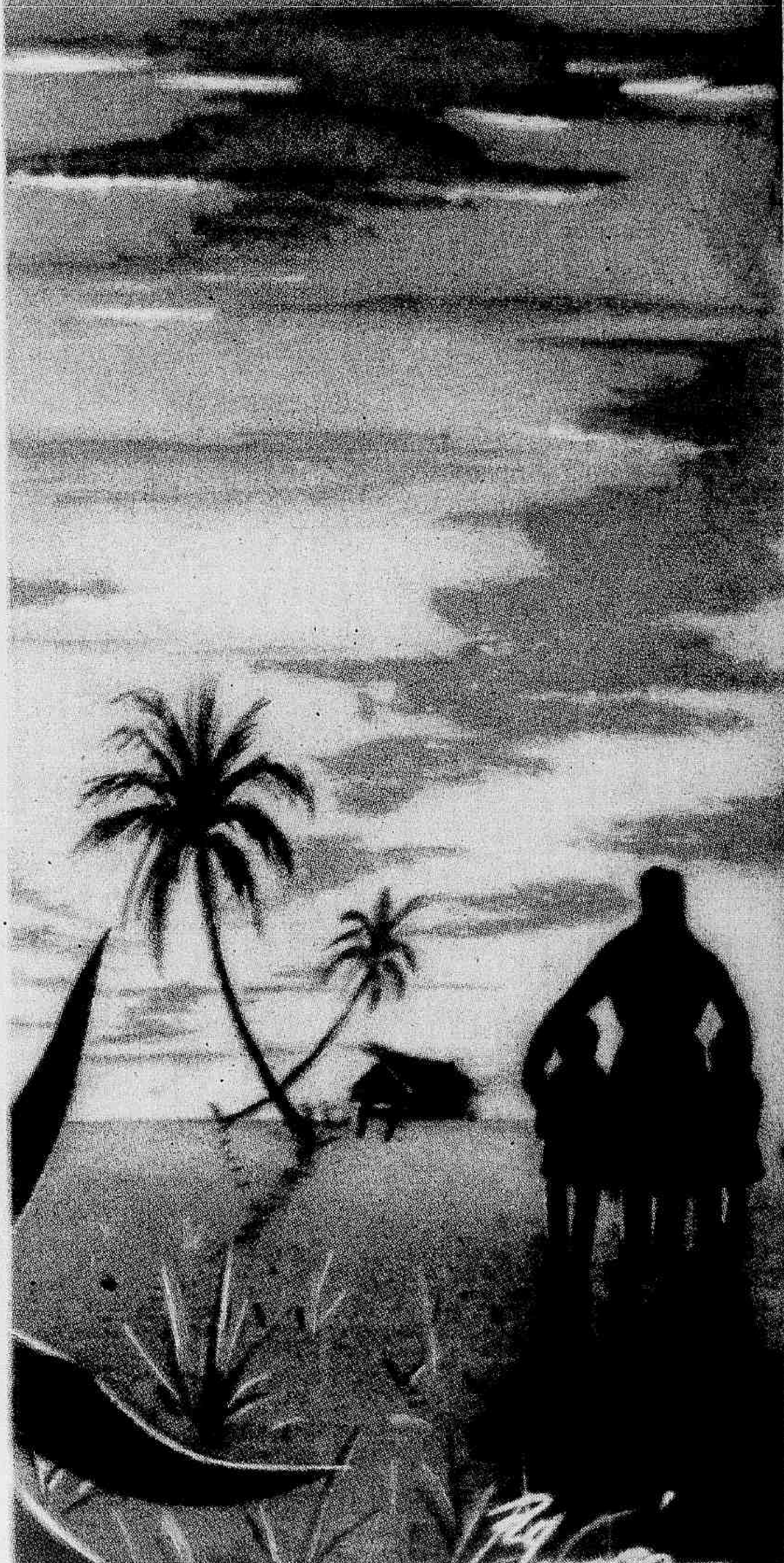
Certos cometas, pela constituição vaporosa e frágil, são atraídos pelos nossos belos e grandes vizinhos do espaço, como Júpiter, Saturno e Netuno, deixando-se dominar por êles e desviando-se de seus caminhos originais.

Muitos cometas já foram capturados por Júpiter, cuja massa os atrai e em seguida os retém.

O senhor do Olimpo, desta maneira, já formou grande harém de 48 belas odaliscas de lindas cabeleiras luminosas, das quais 26 já foram observadas em suas sucessivas visitas ao sultão do firmamento.

Saturno, que já exibe um anel tríplice em volta de seu globo, é mais modesto nesse privilégio de atrair cometas, só havendo capturado uns oito.

Urano, o taciturno, possui três; Netuno, porém, não faz por menos: tem nove escravos para aquecer seu leito nupcial muito próximo do zero absoluto.



— oito centímetros.

O novo cometa é, relativamente, pouco brilhante e só pode ser observado através de uma boa luneta e deve mover-se ao longo de uma órbita quase parabólica.

Era, assim, impossível prever seu aparecimento. Só mesmo a observação atenta, ou melhor, a fotografia poderia permitir seu descobrimento.

Êsse cometa veio de muito longe e jamais "viu" o nosso mundo planetário. Seguirá êle, normalmente, seu movimento de circunvolução em tôrno do sol, ou mudará de rota à passagem por um Júpiter sedutor, ou um Netuno valetudinário?

Terá vindo de um outro sistema solar e terá aparecido por aqui como uma bola de tênis lançada muito além de sua trajetória alongada?

Para admitir esta última hipótese é preciso supor **a priori** que êste astro vagabundo está animado de uma velocidade própria **desde a sua origem,** o que não é o caso.

Outra suposição: ter-se-ia estilhaçado acidentalmente algum pequeno astro obscuro de nosso sistema solar?

— Não — respondem os astrônomos — pois seriam observados vários cometas resultantes de seus fragmentos.

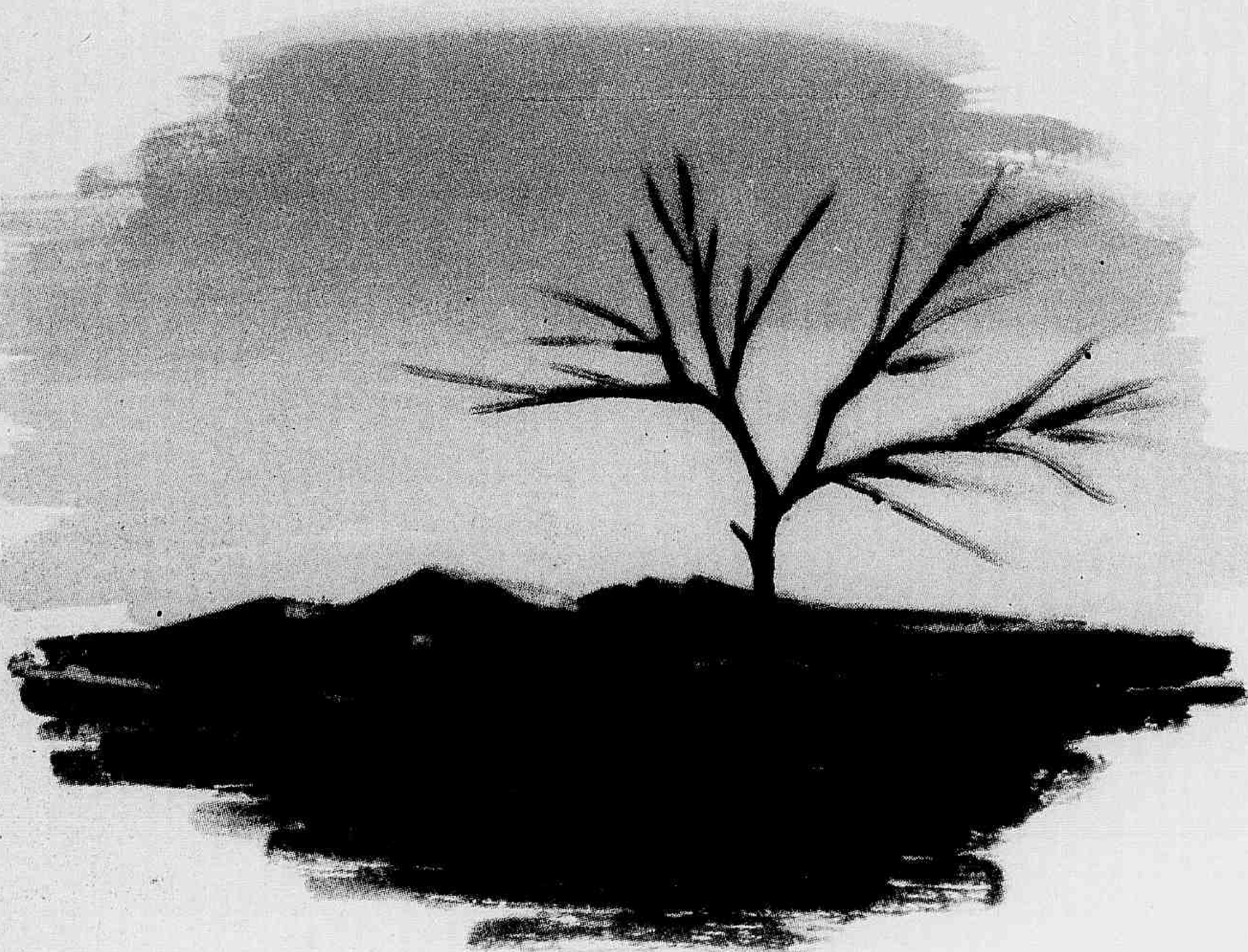
Então, viaja êle, desde há muito, nos espaços interplanetários, tendo entrado, **por acaso**, na esfera de atração do nosso Mundo? Há tão pouca probabilidade numa tal suposição, que os astrônomos e sábios preferem deixá-la de lado.

O problema fica sem solução, e a misteriosa origem de nosso visitante de uma noite jamais será revelada.

Mas, se não sabemos de **onde** procedeu, poderemos prever o que resultará após essa aparição em nosso céu?

Se dermos atenção ao que se sabe em tal domínio, pode-se dizer que o visitante irá enfraquecendo pouco a pouco. A mancha minúscula e redonda, extremamente evanescente, que constitui sua "cabeça", e a pequena "aigrette" luminosa, que forma sua cauda, se volatilizarão ràpidamente no espaço infinito.

Muito feliz será a humanidade, se puder chamar ao cometa "P. 1953 H", de o "Cometa da Paz".



O JÔGO E AS DAMAS

SEGUNDO um recente estudo científico, as mulheres que dedicam parte de seu tempo aos jogos de cartas são mais bem adaptadas à vida que as mulheres que não jogam.

Os jogadores não devem ser considerados neuróticos, segundo o sr. William McGlothlim, da Universidade da Califórnia, que dirigiu o estudo. As 21 mulheres, escolhidas ao acaso entre freqüentadoras de um clube de jogos, estavam mais adaptadas à vida do lar, do ponto de vista social e emocional, que a média da mulher norte-americana.

As referidas mulheres, cuja idade média era de 37 anos, jogavam em média 2,7 vêzes por semana, em geral cinco horas de cada vez. Entre elas, porém havia uma que já jogara 4? horas seguidas e 13 que já haviam jogado 18 horas seguidas.

A maioria dessas jogadoras sabe que perdem seu tempo · continua a perdê-lo, conscientemente, há anos. Não jogam, portanto, com a intenção de ganhar dinheiro, mas para matar o tédio. E o sr. McGlothlim é de opinião que o simples desejo de querer matar o tédio já é bom sinal, pois evita conflitos de outra natureza.

★

NOBREZA

O sapateiro Simon, que fôra encarregado pelo Tribunal Revolucionário de inculcar os princípios da Revolução no jovem Luís XVII, quando êste estava na prisão do Templo onde afinal morreu tuberculoso, perguntou, um dia, ao seu desgraçado «aluno".

— Capeto. Se os realistas te libertassem, que farias comigo?

— Eu te perdoaria — respondeu o infeliz Delfim.

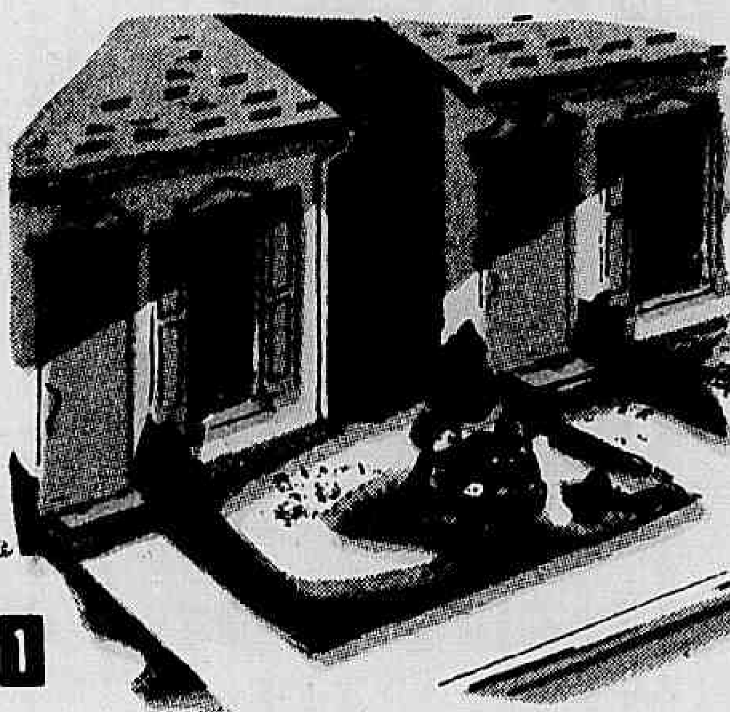
★

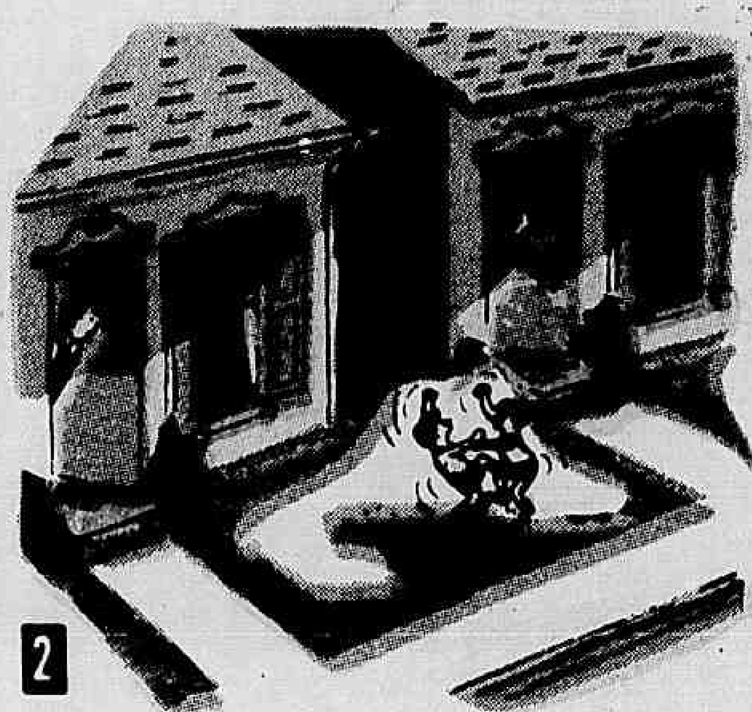
CURIOSIDADE

PODEM ser utilizadas como isca para os ratos, as sementes de girassol, que êsses roedores consideram um manjar dos deuses.

O FILHO DO VIZINHO

Por "KEY"

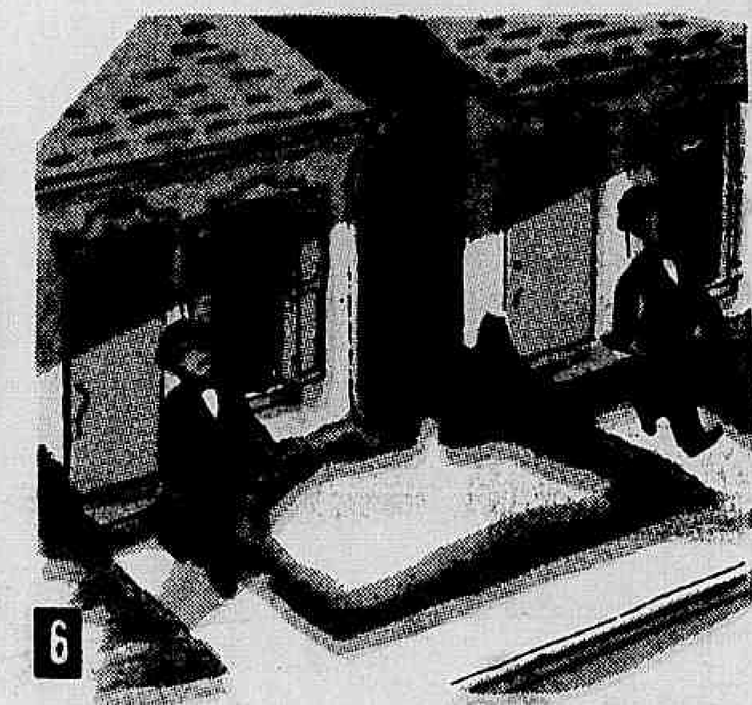


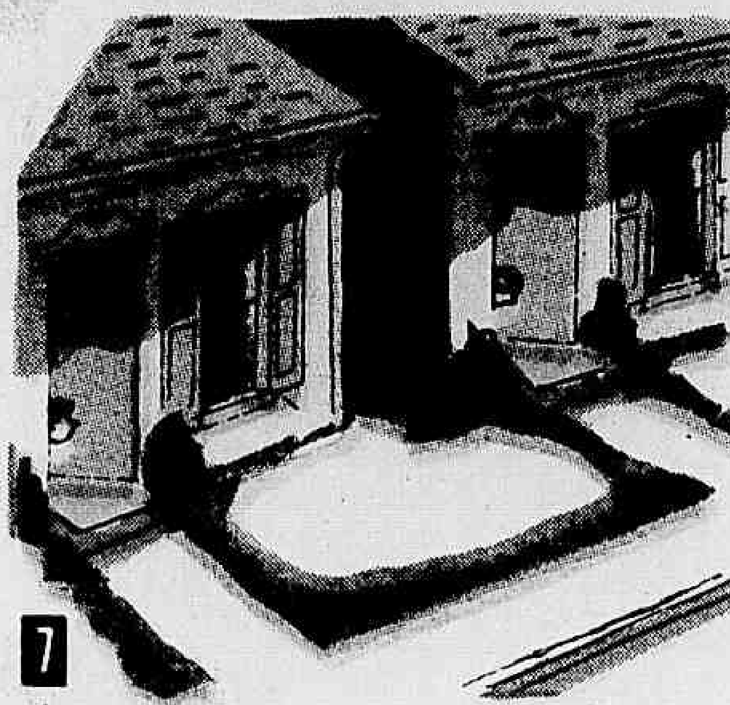


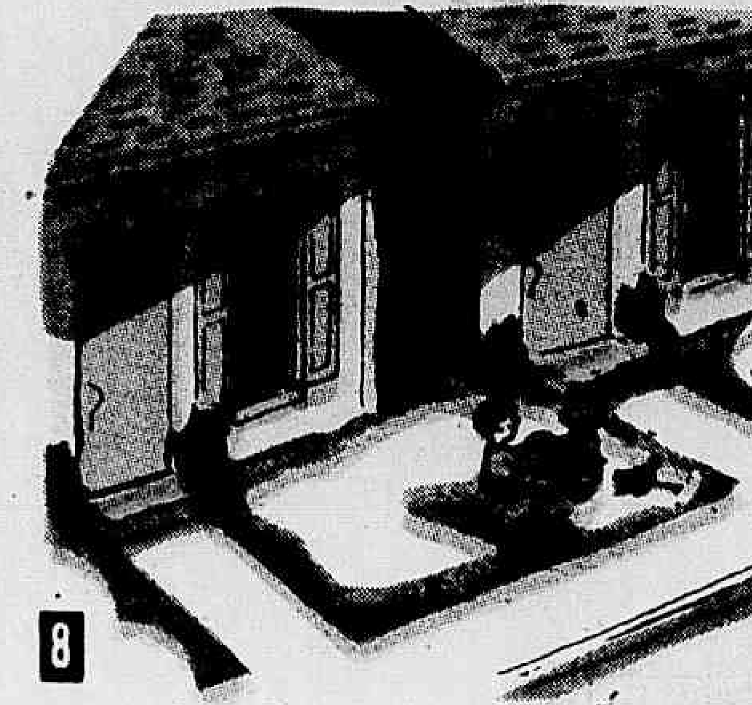






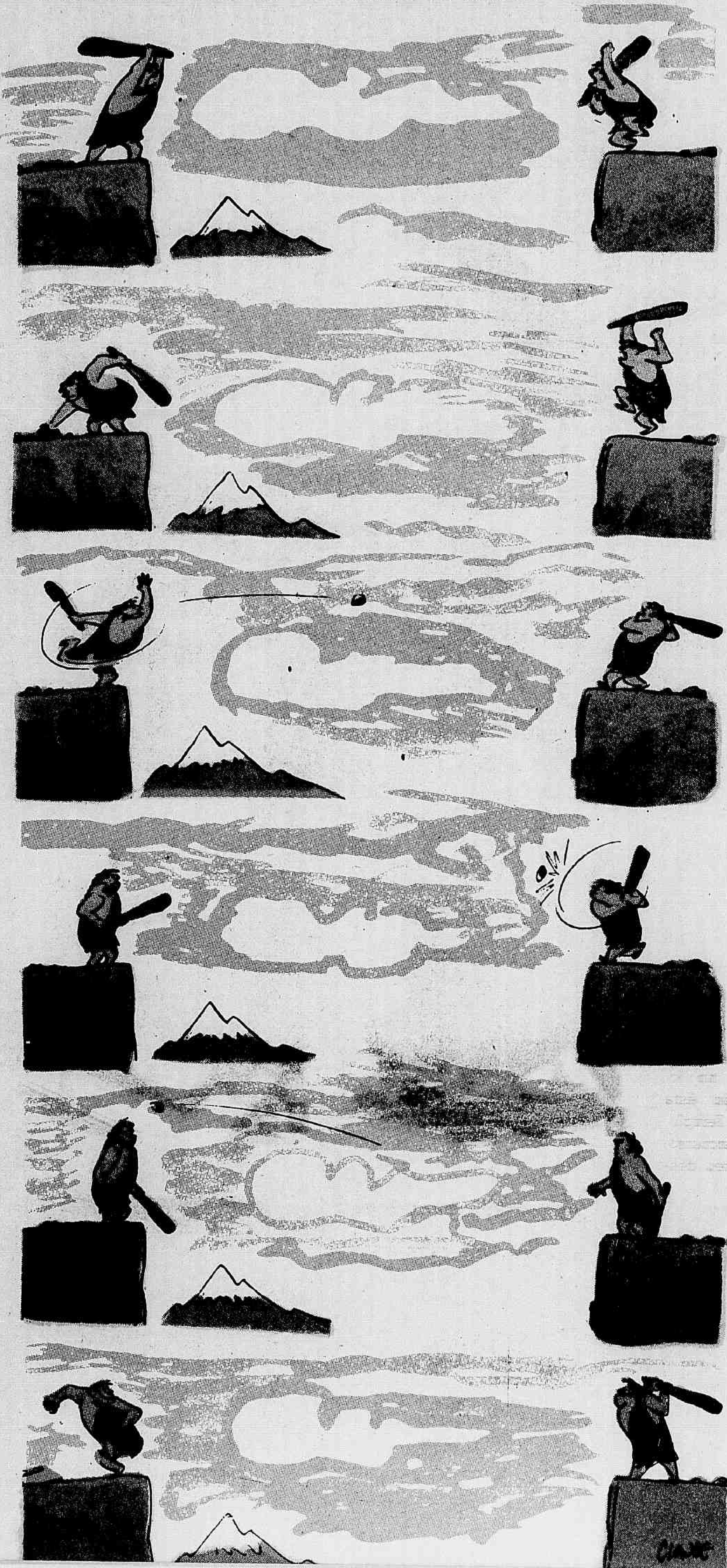






ASSIM NASCEU O "BASE-BALL"

Por CLAUDE



MÁQUINA FOTOGRAFICA ATÔMICA

UMA nova máquina fotográfica que registra a explosão da bomba atômica, na velocidade de 15.000.000 de imagens por segundo, foi anunciada pelo Laboratório Atômico dos Los Alamos, nos Estados Unidos.

Essa máquina fotográfica «Atômica», criada pelo sr. Berlyn Brixner, de Los Alamos, é 80 vêzes mais rápida que a velocidade da luz.

O instrumento foi descrito como um sistema de lentes e espelhos que faz correr um raio de luz à maneira de um projetor, ao longo de uma película. Contudo, como a exposição durante um segundo completo ao intenso clarão da bomba-atômica destruiria completamente a película, toma-se a fotografia em uma 150.000 a. parte de um segundo. Como medida de segurança contra o excesso de exposição, um pequeno bloco de cristal, que admite a entrada do raio de luz na máquina fotográfica, pode ser arremessado por uma carga explosiva. Isso impede a passagem da luz, sem prejudicar a película.



LADRÕES FORA DO COMUM

A sra. Edith Clark, de Oak Ridge, Estado de Tennessee, Estados Unidos, apresentou queixa à polícia de que sua bôlsa fôra roubada quando visitava o Parque Nacional de Smoky Mountain. O criminoso, ou melhor, criminosa, foi identificada imediatamente, mas não será processada.

— Eu parara para ver uma ursa, com seus três filhotes — explicou a sra. Clark — quando, de repente, a ladra se apoderou de minha bôlsa e fugiu para o bosque.

A **ladra**... foi a própria ursa!

Na Califórnia, outro ladrão original furtara uma camioneta pertencente ao sr. Vernom Iver, mas a abandonou logo que viu que dentro dela havia... um homem, recentemente falecido.

O sr. Iver é dono de uma agência funerária.

A BIOLOGIA DOS ESCORPIÕES



FIGURA 3 — Dois escorpiões característicos do norte da África. (2) Androctonus (L.) hecter C. L. Koch, espécie mortífera dos bordos setentrionais do Saara. (Comprimento do corpo: 9,5 centímetros). — (3) Arthochi-us imeri E. Simon, espécie dos oásis do Saara. (Comprimento do corpo: — três centímetros.)

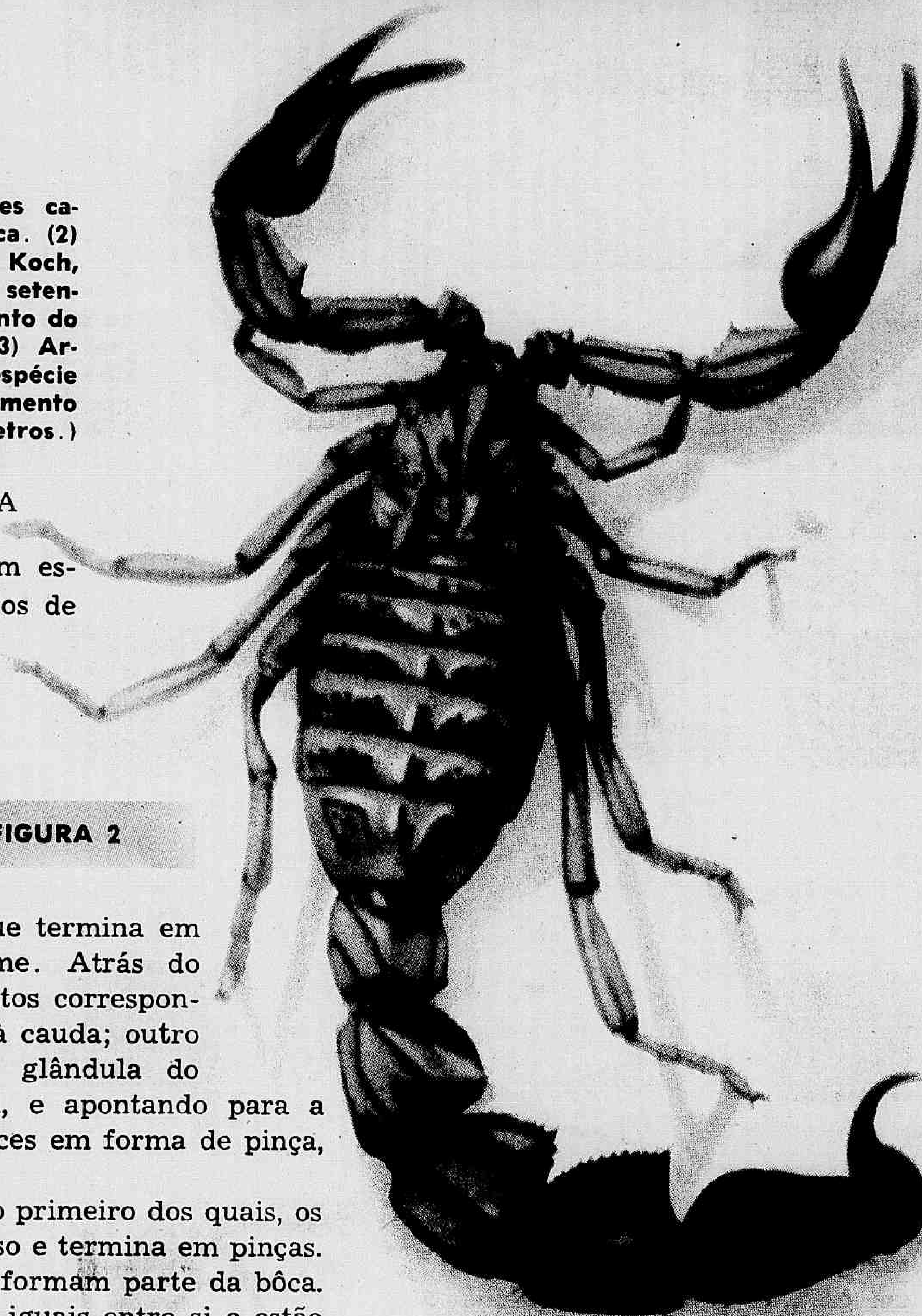


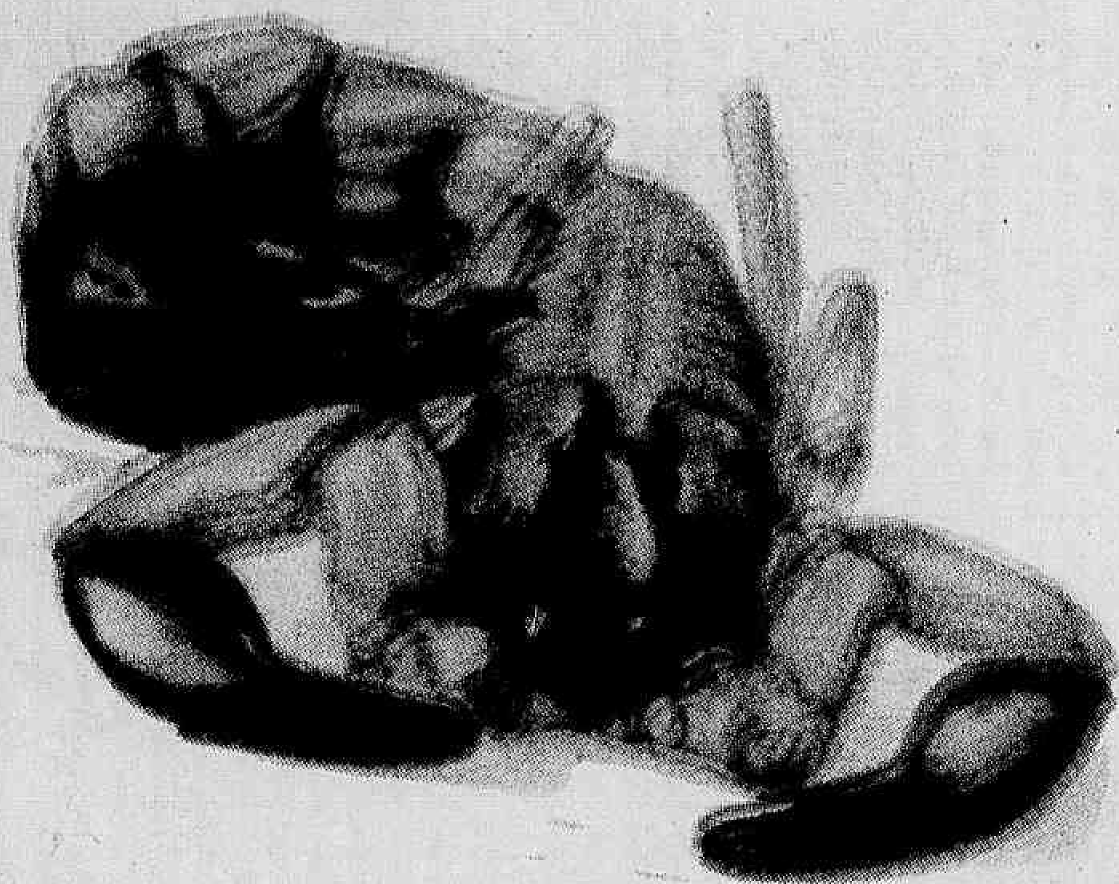
FIGURA 2

MORFOLOGIA

A cabeça e o tórax de um escorpião, ao contrário dos de um inseto, formam uma só unidade, chamada cefalotórax, que está coberta com uma couraça. Os escorpiões se diferenciam das aranhas por esta unidade que está unida ao abdome e que termina em uma cauda ou post-abdome. Atrás do cefalotórax há sete segmentos correspondentes ao abdome e cinco à cauda; outro segmento desta contém a glândula do veneno. Diante da cabeça, e apontando para a frente, existem dois apêndices em forma de pinça, chamados queliceros.

Há cinco pares de patas, o primeiro dos quais, os pedepalpos, é muito poderoso e termina em pinças. As bases destas duas patas formam parte da bôca. Os outros quatro pares são iguais entre si e estão

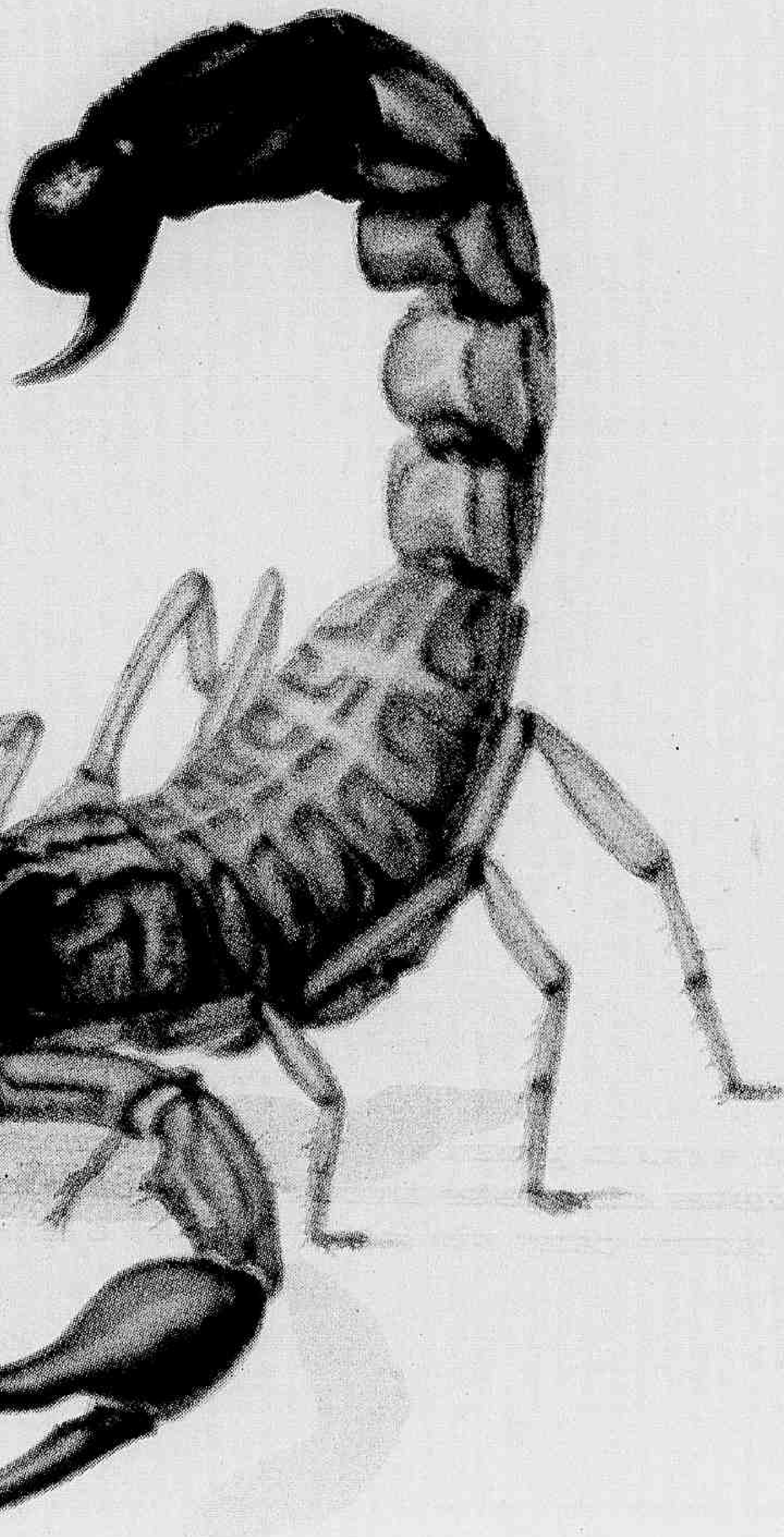
As atuais características morfológicas do escorpião e suas semelhanças com os fósseis conhecidos, indicam que êste animal é uma das formas vivas mais antigas. Descrição das condições ambientais, que determinaram a evolução das espécies norte-africanas. Características ecológicas e fisiológicas, que explicam sua estabilidade evolutiva. Descrição dos hábitos de detecção e captura da prêsa. Processos digestivos. A reprodução e os diferentes tipos de nutrição embrionária.



FIGURAS 5 E 6 — Duas atitudes do Androctonus australis (L.) (C. L. Koch). Em repouso, com os quelíceros claramente visíveis. (5 à esquerda.) — Em posição defensiva ou em busca de alguma prêsa. (Seis, em baixo.)

destinados à locomoção. Atrás das patas e cobrindo a parte ventral do cefalotórax, isto é, no princípio do abdome e atrás da região genital, há um par de interessantes apêndices, chamados "pentes". Êstes são característicos dos escorpiões e são encontrados nos dois sexos, tanto em jovens como em adultos. Juntamente com a glândula do veneno, servem para distinguir os escorpiões dos outros artrópodos.

Uma rara anomalia, que muito chama a atenção dos naturalistas, é a duplicação da cauda. Uma de nossas figuras mostra uma fêmea adulta com duas caudas idênticas, ambas perfeitamente formadas. Esta divisão da parte posterior do corpo afeta, às vêzes, uma porção de abdome; tem sua origem no desenvolvimento embrionário, tratando-se, na realidade, de um caso de gêmeos incompletos.



OS ESCORPIÕES, FÓSSEIS VIVENTES: — Os escorpiões são uma forma de vida das mais antigas das que hoje existem sôbre a terra. São conhecidos pouco mais de cem fósseis, porém devemos ter em conta que se trata de um animal terrestre, cujas probabilidades de fossilização são escassas. Os fósseis conhecidos em tôdas as partes do mundo, provam que os escorpiões permaneceram virtualmente inalterados durante centenas de milhões de anos.

Os escorpiões fósseis se parecem com os atuais Pandinus, tendo um par de quelíceros, um par de pedipalpos, quatro pares de patas locomotoras, uma glândula vene-

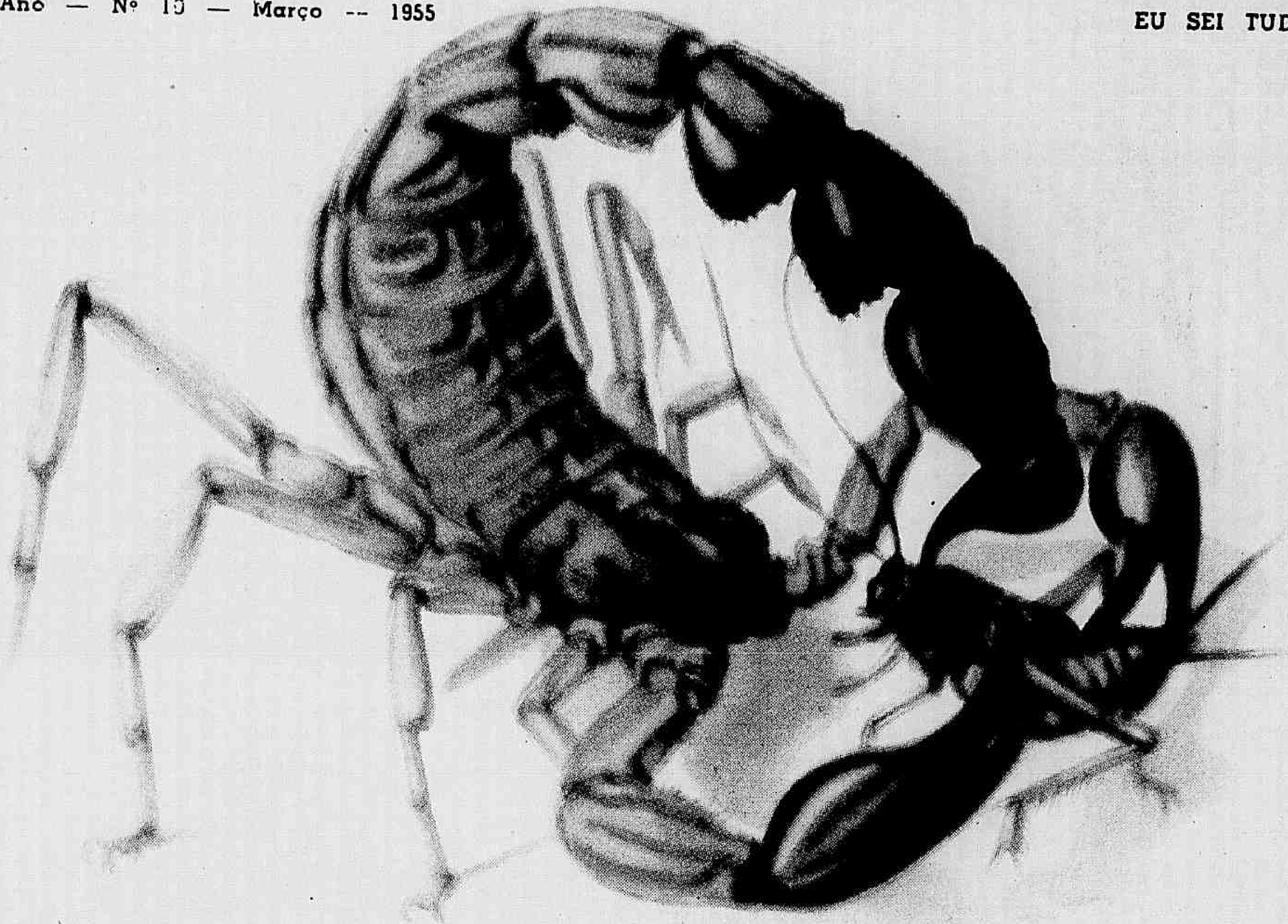


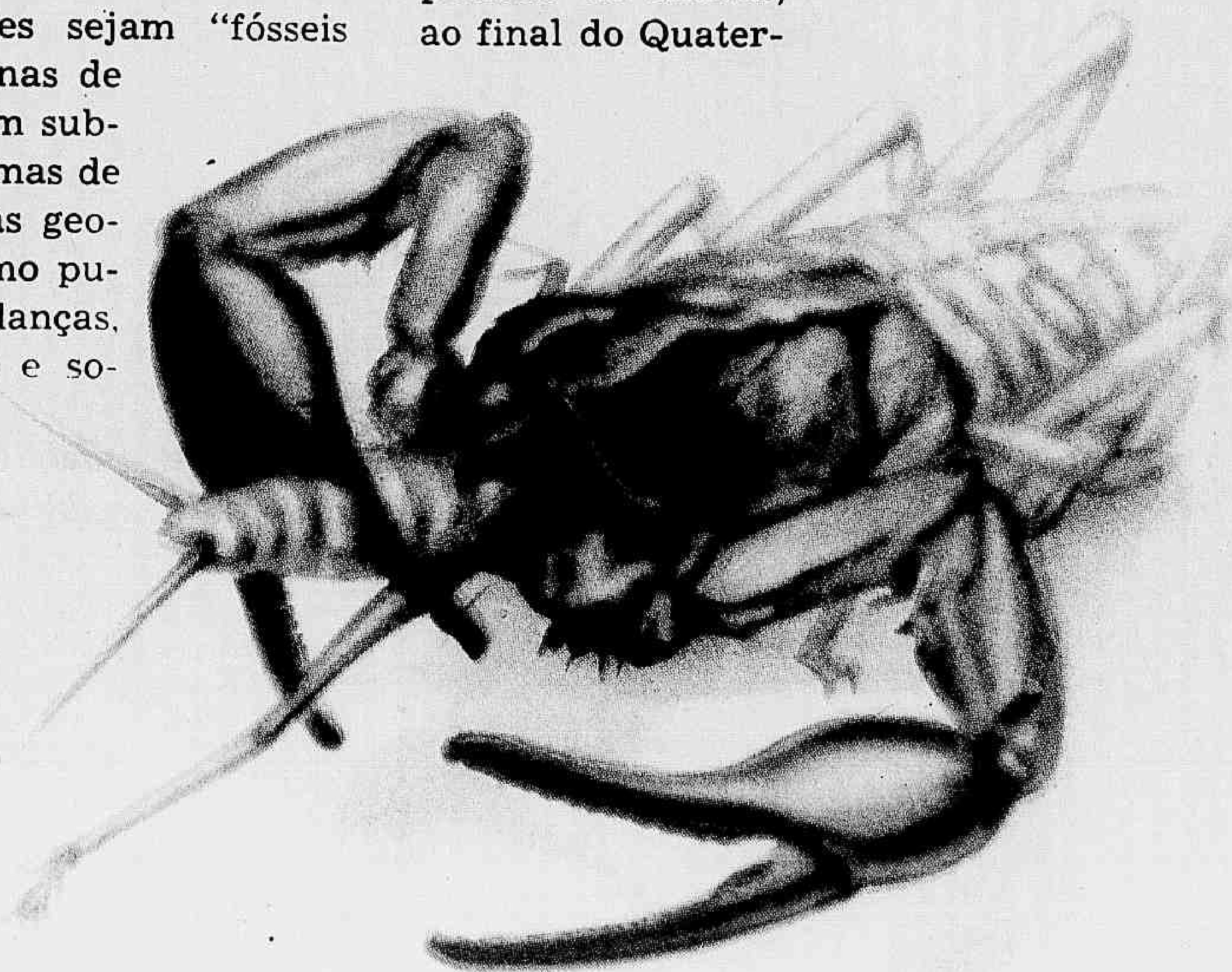
FIGURA 7

nosa e pentes ventrais. É impossível classificar errôneamente um escorpião fóssil, e por isso os escorpiões atuais merecem ser descritos como "fósseis viventes".

No entanto, não devemos acreditar que os escorpiões não tenham evoluído, desde os tempos primitivos. É possível discernir diferenças de detalhe entre os fósseis e os escorpiões atuais, que são o resultado de um processo evolutivo.

A ESTABILIDADE DOS ESCORPIÕES — Embora os escorpiões sejam "fósseis viventes", durante centenas de milhões de anos estiveram submetidos, como outras formas de vida, a grandes mudanças geológicas e climáticas. Como puderam resistir a tais mudanças, adaptar-se às mudanças e sobreviver? Recentemente publicou-se em Londres um estudo sôbre os escorpiões do norte da África, dos quais apresentamos dois exemplos, oferecendo certas hipóteses para a explicação dêsses fatos. A área estudada nem sempre foi o deserto que é atualmente; no curso do tempo sofreu uma série de períodos úmidos e de sêcas. Depois do último período de chuvas, ao final do Quater-

FIGURA 8

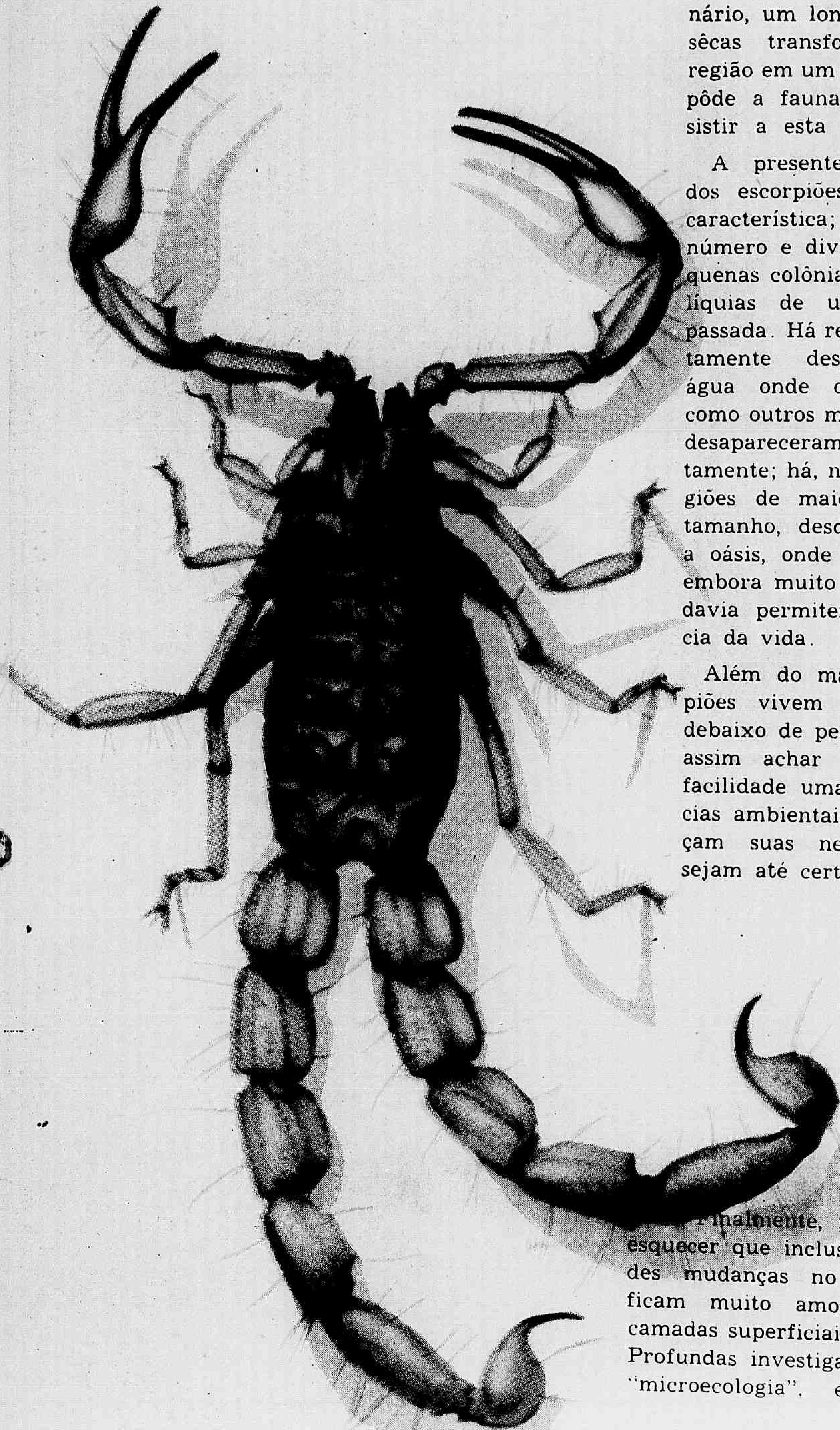


FIGURAS 7 E 8 — Duas atitudes do Androctonus australis (C. L. Koch). 7 — Captura e anestesia da prêsa. 8 — A prêsa é consumida com a ajuda de uma pinça e dos queliceros

nário, um longo período de sêcas transformou aquela região em um deserto. Como pôde a fauna terciária resistir a esta catástrofe?

A presente distribuição dos escorpiões saarianos é característica; são pouco em número e divididos em pequenas colônias, últimas relíquias de uma grandeza passada. Há regiões completamente desprovidas de água onde os escorpiões, como outros muitos animais, desapareceram completamente; há, no entanto, regiões de maior ou menor tamanho, desde montanhas a oásis, onde as condições, embora muito mudadas, todavia permitem a existência da vida.

Além do mais, os escorpiões vivem sob a terra, debaixo de pedras e podem assim achar com relativa facilidade umas circunstâncias ambientais que satisfaçam suas necessidades e sejam até certo ponto está-



Finalmente, não devemos esquecer que inclusive as grandes mudanças no macroclima ficam muito amortecidas nas camadas superficiais do terreno. Profundas investigações sôbre a "microecologia", especialmente

FIG. 1 — Buthotus alticola (Pocock) fêmea adulta de Kabul (Afganistão), com duas caudas perfeitas. Comprimento do corpo 9 cm.

dos insetos, indicam que o microclima das camadas imediatamente debaixo da superperfície é quase independente do microclima exterior.

Os escorpiões conseguiram sobreviver nas condições de calor e sêca, devido primeiramente a sua morada subterrânea e, em segundo lugar, porque ainda restam algumas áreas onde perduram suas antigas condições de vida. E, principalmente, sobreviveram graças a sua adaptabilidade ecológica.

Acredita-se, em geral, que os escorpiões são característicos das regiões sêcas e desertas, porém há dúvidas sôbre isso. São sobreviventes de uma fauna antiga, bastante abundante ainda, que existiu em condições de temperatura e umidade muito diferentes. Sua sobrevivência é devida a que sua ecologia é muito ampla: suas possibilidades são grandes e suas necessidades reduzidas. Não nos é possível detalhar aqui êste ponto-de-vista, podendo, no entanto, mencionar certos resultados experimentais notáveis, obtidos sôbre a alimentação e respiração dos escorpiões. Êstes podem, por exemplo, permanecer durante semanas em um estado inerte, em temperaturas próximas de O° e volver em poucas horas a uma vida normal. Podem resistir, sem dano algum, à imersão total em água durante vários dias ou bem à extirpação de sete dos oito pulmões que possuem. Têm, assim, notáveis possibilidades de hematose e um reduzido coeficiente respiratório.

Além do mais, com seus lentos movimentos, consomem pouca energia. E o que é ainda mais importante, podem fartar-se de alimentos em poucas horas e sobreviver, sem comer, muitos meses, inclusive durante mais de um ano. Os escorpiões são um exemplo patente de sêres cuja sobrevivência pro-



FIGURA 4 — Pandinus Imperator (C. L. Koch), fêmea adulta da Guiné francesa. Longitude do corpo: dezoito a vinte centímetros.

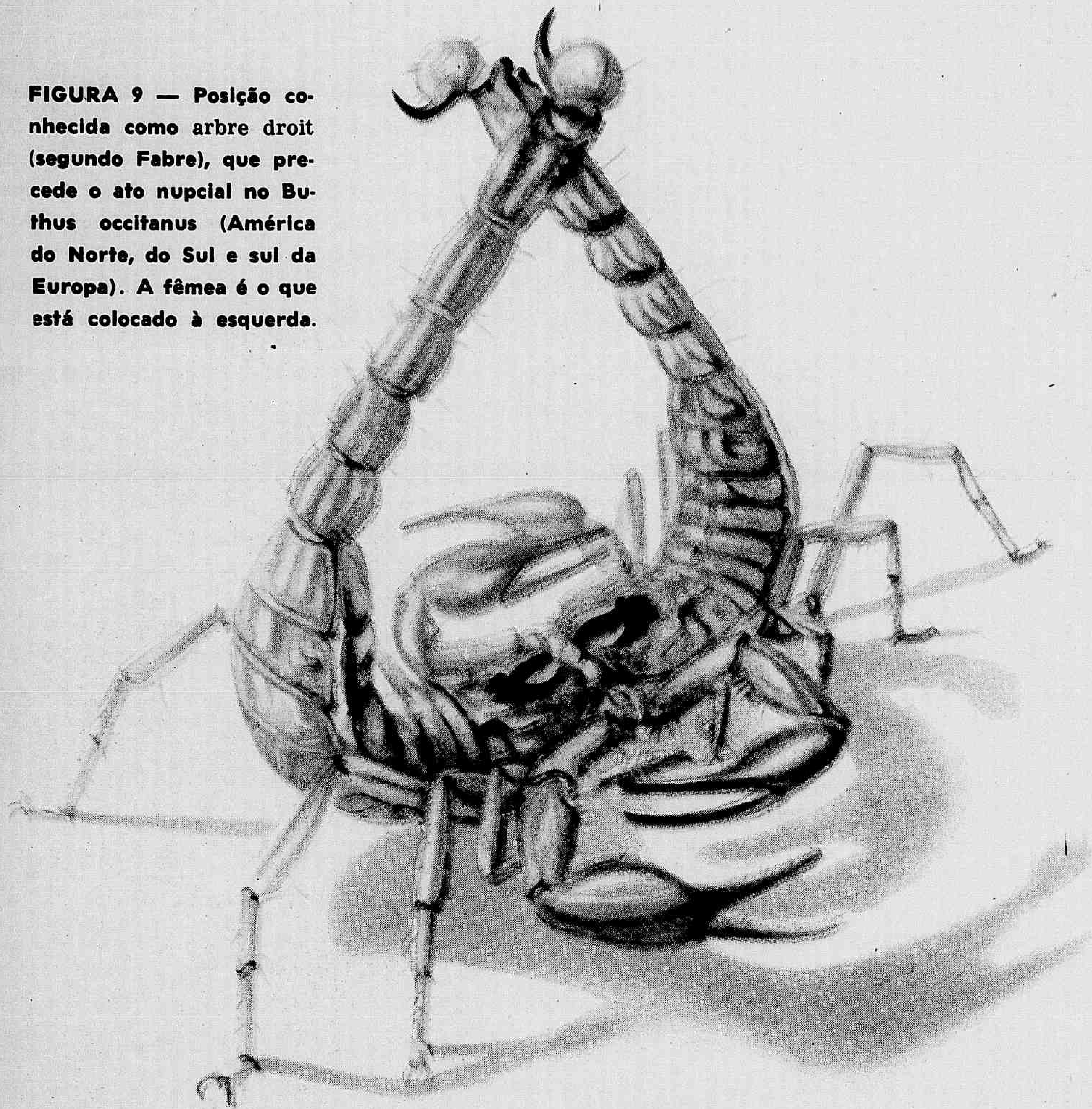


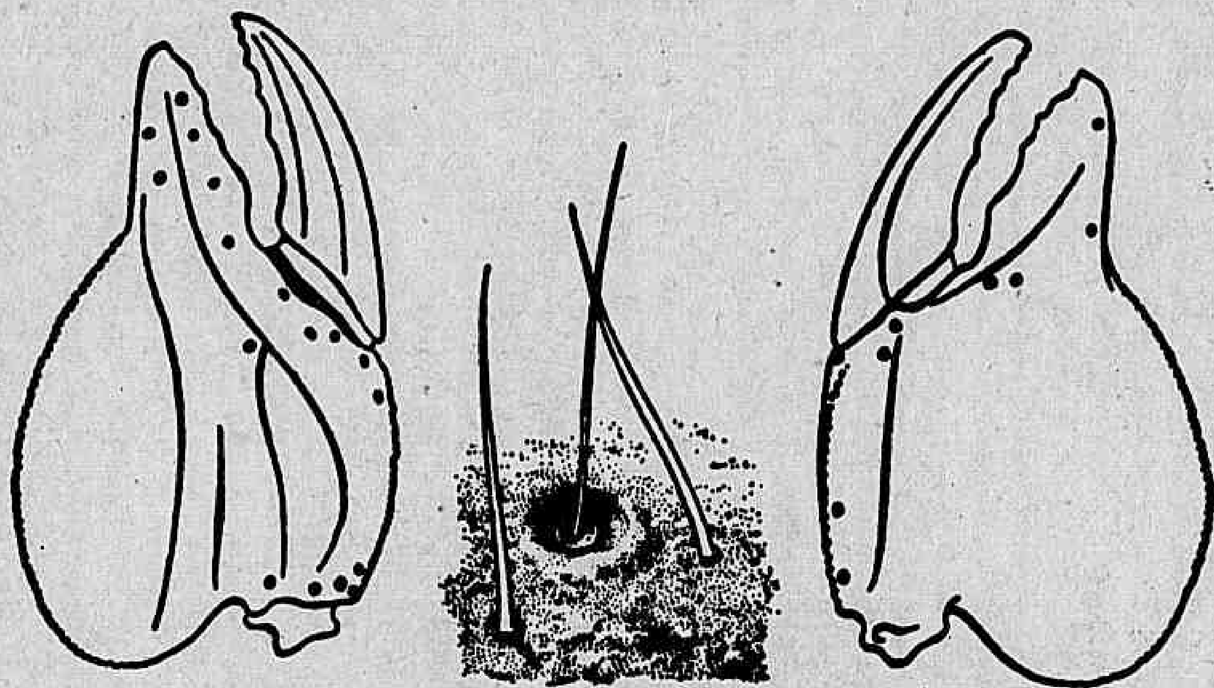
FIGURA 9 — Posição conhecida como arbre droit **(segundo Fabre), que precede o ato nupcial no Buthus occitanus (América do Norte, do Sul e sul da Europa). A fêmea é o que está colocado à esquerda.**

vêm não do fato de que seus arredores tenham permanecido inalterados, mas, sim, de sua capacidade de neutralizar as grandes mudanças do meio graças a sua moradia subterrânea; além do mais sua notável [illegible]logia lhes permite grandes variações no ritmo de sua existência.

DETECÇÃO E CAPTURA DA PRÊSA — A alimentação dos escorpiões consiste em sêres vivos de muitas classes, que convivem no mesmo meio que êles: insetos (adultos e larvas), aranhas, centopéias e inclusive pequenos roedores. A maneira de capturar a prêsa foi freqüentemente observada e as descrições dos naturalistas da antiguidade são bem conhecidas. As seguintes são algumas de suas atitudes características. Descansando ou dormindo, o escorpião permanece imóvel, com sua superfície abdominal no solo, a cauda plana e as patas recolhidas. Quando está esfomeado ou se observa uma vítima muda de atitude, avança lentamente, apoiando-se nas patas traseiras, com as pintas estendidas e abertas e a cauda levantada e curvada para a frente.

Freqüentemente, o escorpião titubeia e a captura da prêsa parece quase acidental, um ato de defesa e não um ataque. Se a prêsa é rápida e ativa, o escorpião se retira por algum tempo, porém aguarda

pacientemente e, por fim, consegue o seu propósito. Então, e especialmente se a vítima luta, inserta seu ferrão onde melhor pode e a prêsa, imobilizada em suas garras,



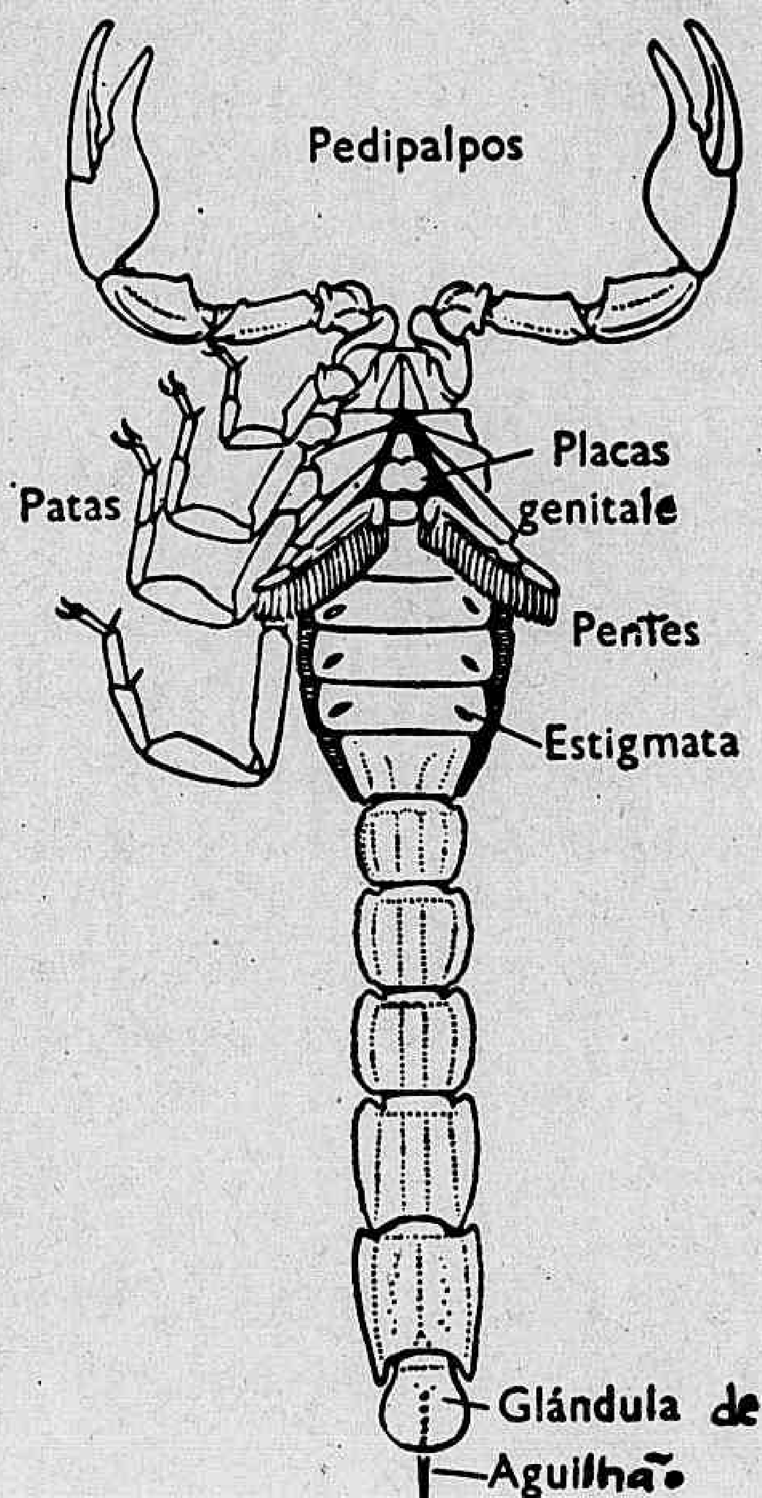
À esquerda: — Pinça do Scorpio Maurus, do norte da África. Vista da face superior, mostrando os pêlos sensoriais. Ao centro: — Pêlo sensorial, muito aumentado, entre os pêlos ordinários. À direita: — A mesma pinça da figura à esquerda, vista da face inferior.

é arrastada para os queliceros. Com estas a retém e inflige profundas feridas, através das quais escapam as entranhas, que logo passam para a bôca do escorpião. Os queliceros representam a parte mais importante nesta operação: rompem os tecidos da vítima, da qual só resta, afinal, uma massa de resíduos inabsorvíveis: o animal se desprende dêstes, empregando as pinças como palitos.

Não se esclareceu, ainda, como o escorpião descobre sua prêsa. Seus olhos são muito rudimentares para prestar bom serviço; além do mais o escorpião é um animal noturno para o qual as impressões visuais não devem ter grande significação. Portanto, devem intervir outros órgãos, especialmente os pêlos sensoriais ou tricobotrias, que se acham apenas nos pedipalpos. Êstes pêlos já existem por ocasião do seu nascimento e seu número e posição não se alteram durante o desenvolvimento. Têm considerável importância para a classificação e sua imutável aparência indica que são caracteres muito antigos e inteiramente diferenciados desde épocas remotas. As tricobotrias são fàcilmente reconhecíveis por seu ponto de inserção, que se parece ao brocal de um poço, por sua delicadeza e pela delgadez da membrana que as une ao tegumento. Estão copiosamente providas de nervos e podem, sem dúvida, detectar débeis correntes de ar ocasionadas pelos movimentos da prêsa. De fato, são como diminutos receptores orientados em tôdas as direções e espaçados ao longo dos pedipalpos, os quais, quando estendidos, agem com imensas antenas.

DIGESTÃO EXTERNA — O escorpião tem que triturar sua prêsa, porque sua bôca é capaz de receber apenas alimentos líquidos. Os órgãos digestivos incluem um potente esôfago, que chupa o conteúdo líquido da vítima para o intestino-médio, onde é digerido.

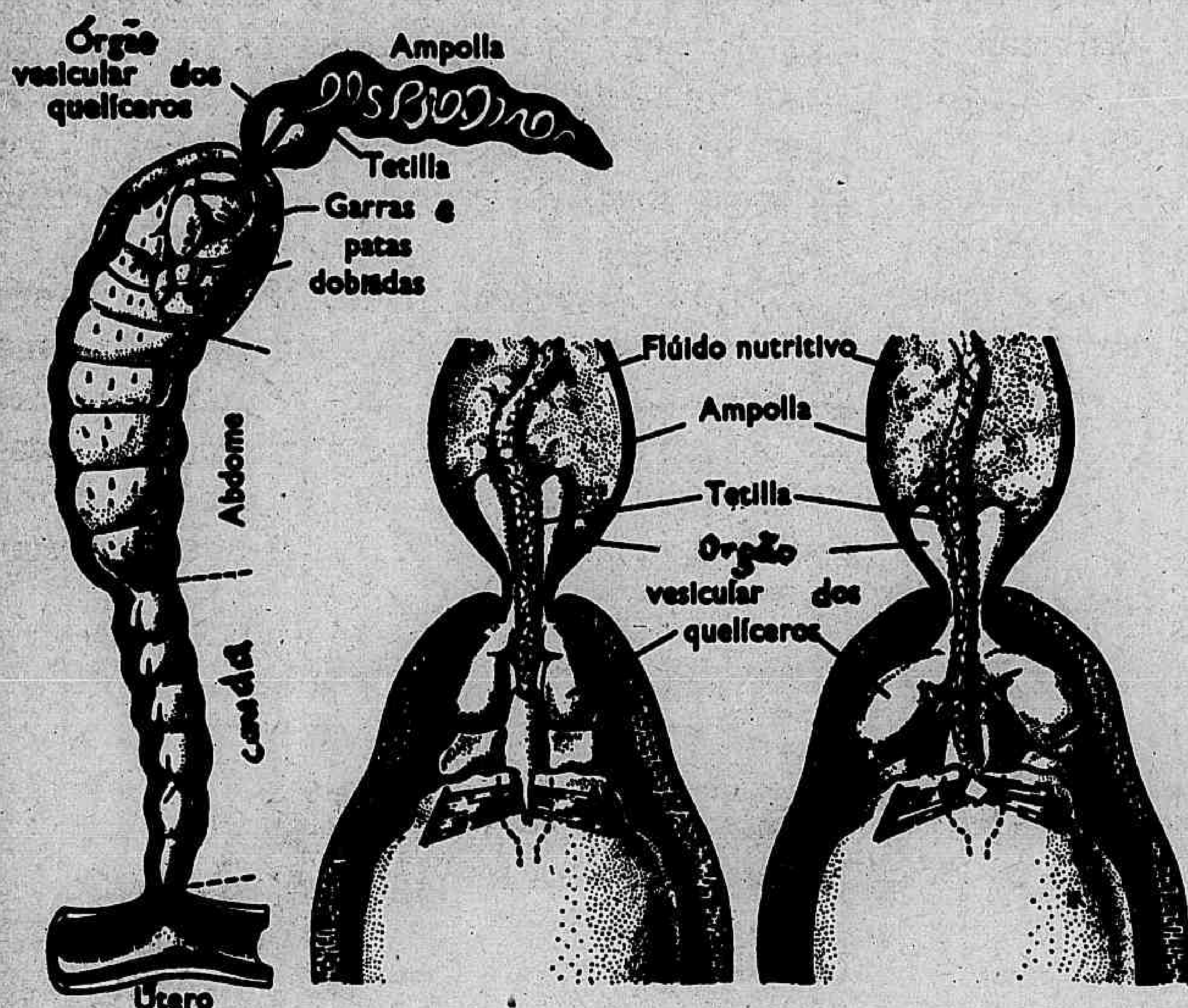
Os escorpiões não são os únicos animais que chupam a prêsa; o mais excepcional é que a digestão se efetua parcialmente fora do corpo, graças às poderosas enzimas emitidas periòdicamente enquanto se alimentam; nisto se parecem com outros aracnídios. De vez em quando, enquanto o escorpião se alimenta, cessa de absorver, regurgitando líquido sôbre a vítima. Parece que êsse líquido se origina no intestino médio, que é rico em tecido glandular e que o escorpião regurgita bílis. O estudo da digestão externa em outros aracnídeos,



Androctonus australi, fêmea. Superfície ventral, mostrando as partes do seu corpo. Comprimento total: — oito centímetros.

nos escorpiões, o veneno representa um papel nesse complexo e não apenas encurta a resistência das vítimas, mas, também, ajuda, graças à sua ação catalítica ou química, ao próprio processo digestivo.

REPRODUÇÃO E NUTRIÇÃO DO EMBRIÃO — Nos escorpiões, os sexos estão diferençados, embora sejam mùtuamente parecidos, exceto nos pequenos detalhes. A fertilização requer a união de ambos os sexos e vai acompanhada de curiosas exibições que recorda um bailado clássico. Maccary e Fabre descreveram algumas delas como a **promenade à deus**, em que o macho e a fêmea passeiam de "mãos dadas", e o **arbre droit**, segundo a qual os dois animais parecem lutar. Observamos as conclusões dessas danças nupciais, porém a investigação anatômica confirma as descrições dos primeiros investigadores; o macho fertiliza a fêmea diretamente, o que raramente ocorre com os outros aracnídios.



À ESQUERDA: — Embriões do Ischnurus Ochropus, da África Oriental. Ao centro: — Divertículo do útero, contendo o embrião e mostrando a "mamadeira". À direita: — Representação diagramática das seções horizontais da parte anterior do divertículo, mostrando a relação entre os quelíceros do embrião e a alimentação que pode ser lavada à bôca mediante os quelíceros.

particularmente as aranhas e pseudo-escorpiões, leva a acreditar que a desintegração dos tecidos da vítima se produz não apenas mediante êste fluido intestinal, mas, também, mediante as secreções de glândulas salivares, que vertem sôbre a vítima no momento de regurgitação.

A anatomia do escorpião não é suficientemente conhecida para que esta analogia com outros aracnídios seja completamenet aceitável, mas parece que o fluido regurgitado é ativado por outras substâncias segregadas pelas glândulas especializadas e, às vêzes, como em certas aranhas, pelo próprio veneno.

Assinalamos, mais acima, que o veneno não deve ser considerado exclusivamente em relação com a captura de prêsa, mas está também relacionado com a função de nutrição, formando uma parte, talvez a melhor conhecida, do complexo fisiológico que constitui a digestão externa. Inclusive

O desenvolvimento dos ovos fertilizados dentro da fêmea varia segundo os ovos sejam ricos em gema, tal como no Buthidae, ou dela careçam, como no Scorpionidae. No primeiro caso, os ovos passam ràpidamente para o oviducto e ali se desenvolvem, consumindo a gema de que estão providos; no segundo caso, os ovos fecundados permanecem em seu lugar e se unem intimamente com os tecidos maternos. No final do seu desenvolvimento, cada embrião descansa em um divertículo que possui uma extensão tubular, que, formando quase um cordão umbilical, aplica-se à parede do intestino da mãe, de onde obtém as substâncias nutritivas por ósmose. Os alimentos ficam transformados pelas secreções glandulares e, então, pas-

sam, através de um tubo, até à própria bôca do embrião. Pode ser quase descrito como uma mamadeira, pôsto que A. P. Matthew demonstrou que nesta fase o embrião do escorpião tem uma faringe bem desenvolvida e chupa os fluidos maternos. Os queliceros terminam em órgãos visiculares contráctis, que podem atrair os alimentos para a bôca. Vemos, pois, que, embora parecidos exteriormente, existem notáveis diferenças internas entre os diferentes escorpiões.

CONCLUSÕES — Os escorpiões são um exemplo de um tipo que ràpidamente alcançou elevado grau de perfeição; posteriormente, permaneceram sem qualquer alteração, degenerando ou desaparecendo, porém sem permitir formas novas. Os escorpiões não são estruturas intermediárias na evolução animal; seguiram seu próprio destino evolutivo numa determinada direção.

Durante centenas de anos seguiram sua própria trajetória, alcançando uma forma que resistiu tão admiràvelmente às catástrofes das épocas geológicas passadas, que parece não haver razão alguma para duvidar de sua indefinida permanência.

[illegible] COZINHEIRA



GRACIELA ELIZALDE

AS donas de casa que possuem congeladores domésticos consideram as frutas como um dos alimentos mais completos e as conservam pelo congelamento.

Segundo o Instituto de Economia Doméstica da G.E., que realiza, constantemente, experiências para o congelamento de frutas, as mesmas devem ser preparadas com açúcar, xarope de açúcar ou mel claro, para evitar as mudanças de côr, sabor e consistência. O xarope de açúcar é feito dissolvendo-se inteiramente o açúcar em água fervendo, mexendo-se de vez em quando. Deve ficar inteiramente frio, antes de ser usado. Pode ser feito em grande quantidade e guardado no refrigerador. A tabela abaixo mostra a quantidade de açúcar e água que deve ser usada para as diversas porcentagens:

Porcentagem do xarope	Quantidade de açúcar	Quantidade de água
20%	1 xícara	4 xícaras
30%	2 xícaras	4 xícaras
40%	3 xícaras	4 xícaras
50%	4 xícaras	4 xícaras
60%	6 xícaras	4 xícaras

Quando se usa o açúcar sêco, deve-se colocar a fruta preparada numa grande tijela e espalhar-se por cima uma quantidade adequada de açúcar até que comece a se dissolver no suco da uva. Agite-se a fruta ligeiramente, até que tôdas as suas partes fiquem cobertas de açúcar e de suco, tendo-se o cuidado de não machucá-la. Acondiciona-se em recipientes bem fechados, tendo-se sempre o cuidado de não se machucar as frutas.

Quando se trate de frutas cítricas, as frutas devem ser lavadas e descascadas, depois cortadas em diversas partes, sendo retiradas tôdas as sementes e membranas. Para se adoçar, usa-se meio quilo de açúcar para dois quilos e meio de frutas, dissolvendo-se o açúcar no suco.

Para se preparar o abacaxi, descasca-se a fruta, tira-se a sua parte interna mais dura e corta-se o resto em fatias ou em cubos, do tamanho que se desejar. Pode-se usar o açúcar ou xarope de açúcar, o primeiro na proporção de uma parte de açúcar para quatro partes da fruta, e o segundo a 30 ou 40 por cento.



CIÊNCIA-FICÇÃO

VAUCANSON, que surpreendeu o século XVIII com seus autômatas, principalmente um músico que realment etocava flauta, era um simples mecânico.

Assim, quando desejou apresentar-se na Academia das Ciências de Paris, houve quem o censurasse, por não saber a geometria.

— Não seja por isso — respondeu êle, sem desanimar. — Fabricarei um geômetro!



A melhor espôsa é aquela da qual não se fala nem bem nem mal. — TUCÍDIDES

ESTAMPAS NORTE-AMERICANAS

REUNIÕES
LIVRES E SECRETAS

Os norte-americanos gostam de receber os amigos em casa. A vida do lar, num país onde não existe o café onde encontrar-se com os amigos, faz mais freqüente a visita, que se recebe com agrado. O sentido da hospitalidade norte-americana é revelado logo aos primeiros



— Essa Marilyn Monroe... E' preciso reconhecer que anima as reuniões!

apertos de mão. É bastante uma apresentação e um mínimo de troca de idéias ou de descobrimento da família e da educação com uns para que o convite para visitar a casa, um ao outro, seja feito com efusão.

Em outras vêzes, nem sequer é necessário ter sido apresentado; o velho sentido hospitaleiro, que caracteriza todos os países onde tenha havido imensas extensões para descobrir e colonizar, logra que um forasteiro, especialmente se está só, encontra imediatamente onde refugiar-se.

No Natal de 1950, um jornalista, recentemente chegado aos Estados Unidos, recebeu oito convites de gente absolutamente desconhecida. Tratava-se de associações religiosas, sociais, familiares e também de particulares. A procedência varia, porém o conteúdo, em todos os casos, o mesmo. Haviam sabido — certamente através do anuário jornalístico — que um estrangeiro estava só na cidade e desejavam convidá-lo a comparecer a uma ceia de Natal. Um grande gesto de um grande povo.

O gôsto pelo coletivo dos norte-americanos se mostra, principalmente, nas reuniões chamadas correntemente "parties". Um "party" pode ser de diferentes tipos, porém, em todo caso, diríamos que são obrigatórios. O norte-americano médio aprendeu desde menino que deve procurar relações com seus contemporâneos, e um dos graves defeitos que lançava contra um médico, num livro para moças, era que, apesar de sua brilhante carreira, não tomava parte nas reuniões de seus colegas. Estar isolado, na América do Norte, é grave pecado que se paga, e os próprios vizinhos de Einstein não hesitam em declarar que o famoso sábio pode ser genial, mas que sua maneira de passear solitário, sem parar para falar com êste ou aquêle e recusando as tentativas de comentar a política, ou o tempo, a vida das formigas, etc., é simplesmente indecorosa.

As duas tendências, hospitaleira e social, produzem, pois, a floração de reuniões que se celebram em todos os Estados da união, comprometendo irremediàvelmente a maioria dos sábados e vésperas de festa e àlgumas outras noitadas de entre semana. O que assombra especialmente o forasteiro é a antecipação com que tais reuniões são marcadas.



— Estamos de volta! O automóvel está enguiçado.



— Venha a nossa casa no dia 15 de agôsto, se estiver livre — costumam dizer.

— 15 de agôsto? Mas, estamos em 20 de maio!

— Por isso mesmo estamos avisando — respondem, muito amáveis. — Para que não se comprometa com outros.

As reuniões podem ser de várias classes. As mais correntes são para jogar, e quase sempre monosexual. Em geral, o marido convida os amigos para um pôquer, e sua mulher, em dia diferente, suas amigas para um "bridge" ou canastra.

Algumas vêzes, as reuniões têm como objeto apresentar alguns filmes que o dono da casa tomou pessoalmente na última excursão das montanhas Rochosas, e de cuja qualidade cinematográfica, está muito orgulhoso — mais até do que do seu trabalho profissional. Estas costumam ser reuniões um pouco penosas, porque a graça de filmes de tal classe está unida à recordação pessoal das incidências e à sempre reiterada satisfação de ver-se reproduzido. Elementos êsses que nada significam para o convidado, que se aborrece sem remédio.

Porém, em geral, as reuniões são celebradas para dançar ou, simplesmente, para bater-papo, tomando gelados ou licores. A dona da casa atende aos convidados na porta e os apresenta aos demais, que já se encontram no interior da casa. Ao ouvir seu nome, as senhoras e mocinhas se limitam a sorrir sem estender a mão; esta só é apertada quando se trata de homens. Depois, como em tôdas as partes, cada um procura o grupo de pessoas com quem simpatiza ou com a que deseja falar para

algum assunto comum. Os norte-americanos não esquecem, jamais, que são "business-man"; ao menos, até à terceira dose de uísque.

O estrangeiro (principalmente o europeu) custa muito a imaginar uns norte-americanos sentados civilizadamente em redor de umas mesas, com os paletós abotoados e os pés no solo. Em geral, esperam que o norte-americano esteja em mangas de camisa, com os sapatos sôbre alto e uma gravata extravagante, de tôdas as côres. Isto, aliás, tem sua razão, embora ligeira, porque baila na imaginação do público pela presença e não por sua ausência. Queremos dizer que, se junto de nós passam dez norte-americanos com gravatas comuns e um só com a que apresenta um coqueiro e uma hawaiana, logo afirmaremos que êste, sim, é norte-americano e, portanto, acreditará que todos os norte-americanos se vestem assim. Ora, isto — naturalmente — não é verdade. Mas, ao contrário, é certo que a independência individual chega ao paroxismo nas reuniões norte-americanas, sem que ninguém estranhe. Se estamos numa casa, tomando umas doses e temos sono, é só falar com a dona da casa, que nos indicará um quarto e uma cama. Se nos deitamos para dormir, e, após algum tempo, nos sentimos melhor, podemos sair e voltar para casa ou simplesmente voltar ao bate-papo. Ninguém perguntará porque desapareceu ou voltou.

O conceito da educação norte-americana, para um europeu principalmente, o que poderíamos chamar "maneiras", é muito diferente do nosso, sem chegar ao escandaloso. Nos Estados Unidos, como em tôda parte, ser mal-educado é um insulto e não um elogio, e em muitos casos são realmente amáveis.

O que ocorre, constantemente, é que, reagindo ante a crítica européia de seus modos, muitos norte-americanos tendem a unir os conceitos de liberdade, democracia e país novo com os da mediocridade. Isso pode ocorrer na rua, em New York ou em qualquer cidadezinha do Oeste. Porém, a gente educada sabe que os estrangeiros são melhores nesse aspecto, e quanto mais alta a escala social, mais procuram imitá-los.

Não há outro país, talvez, com a exceção da Inglaterra, onde se repita mais o "obrigado" e o "perdão". O primeiro, desde o cônjuge ao camareiro, pelo menor serviço prestado. O segundo, pelo esbarro ou o acesso de tosse; pela interrupção da conversa alheia, etc.

Quando se discute com os norte-americanos o problema das maneiras, respondem que são educados, porém que são pouco refinados, porque em sua terra campeia a democracia e não desejam dobrar-se diante dos formalismos. Para demonstrá-lo dizem que seu chefe de Estado é "Mr. President" e jamais "Excelência". E não dão conta de que, para um povo acostumado a chamar seu vizinho, mal o conhece, pelo nome de batismo — que pràticamente equivale ao nosso você pra cá, você pra lá, chamar Mr. President em lugar de Ike é um respeito imenso.

Mas há mais. Os norte-americanos, que pùblicamente desprezam o formalismo da sociedade européia, no fundo de sua alma o apreciam de tal modo, que o exageraram notàvelmente em suas sociedades secretas. Muitíssimos norte-americanos pertencem a grupos de irmandades de diferente caráter, que os une estreitamente e que, mesmo sendo de muito diversa procedência social ou religiosa, se parecem, tôdas, no segrêdo com que os iniciados mantêm os princípios da ordem para os profanos e a solenidade de suas cerimônias. A Ku-Klux-Klan não é mais que uma ordem entre as mil, que vivem nos Estados Unidos e que saltou à publicidade mais espalhafatosamente pelo caráter racial e, às vêzes, violento de seus sequazes. Porém, no mistério dos ritos a Ku-Klux-Klan não é nenhuma exceção na vida norte-americana. Parece que o sol, o ar livre e a claridade que preside oficialmente a vida norte-americana, tem que buscar seu antídoto nas cerimônias à luz das velas e os estranhos uniformes — túnicas ou dominós em muitos casos — com que revestem seus trajes ordinários os membros da seita. Igualmente parece que êsse "tuteio" geral de um mundo sem graus nem categorias busca seu contrapeso nos títulos que se dão entre êles os iniciados. Vejamos, por exemplo, um dos grupos mais

importantes, com seçoes em quase todos os Estados e mesmo em quase tôdas as cidades da União; os maçons. Ségundo dizia, em março de 1951 o "New York Times", êsses



— Olá, querida! Que tal foi a tua "Santa Feita de Bate-Papo"?

se haviam reunido em sessão solene para prover os seguintes cargos: Grande Alto-Sacerdote dos Reais Arquitetos, deputado grande alto sacerdote, grande tesoureiro, grande rei do Grande Capítulo e grande capitão da Hoste.

O amor dos norte-americanos pelas sociedades pode corresponder a duas necessidades. Uma, como dizia um cético observador, professor alemão, porém com mentalidade francesa e voltaireana, que cada povo, por mais claro e limpo que veja o caminho, adora o mistério. Outra, que o norte-americano médio, orgulhoso de sua independência ante o Estado, sente-se ao mesmo tempo tremendamente só e abandonado, diante de uma sociedade duríssima, adamantina, que tanto pode elevá-lo quanto esmagá-lo, e daí a necessidade de encontrar "irmãos" em tôdas as partes, irmãos que o ajudem, material e moralmente, nos momentos de apuro.

Esta tendência, valorizada, provàvelmente, por uma infantilidade que lhes permite apreciar, apesar de seu grande sentido do humorismo, a seriedade de umas velas a cuja luz se jura guardar uns mistérios, revela-se em atitude que o maior inimigo das sociedades secretas do mundo, a Igreja Católica, tomou diante da epidemia.

Em 1882, o padre Mac Givney decidiu que a única forma de combater a obsessão norte-americana pelas sociedades secretas era fundar outra que tivesse como fim primordial a defesa da religião romana.

— Nossos membros — declarou — terão as mesmas vantagens e sentido de solidariedade que os de outras "sociedades".

A Igreja aprovou o projeto e, não há muito, a organização do padre Mac Givney celebrou seu 70º aniversário com um número de filiados superior a oitocentos e vinte e nove mil. Intitula-se "Os Cavalheiros de Colombo" e, como o leitor sabe, seus comunicados têm surgido em que todos os jornais do mundo, para afirmar sua atitude católica e anticomunista. Insistimos nesta descrição das sociedades secretas norte-americanas porque muitas das reuniões que os norte-americanos celebram entre si são com companheiros de seita. As mulheres têm, igualmente, suas associações de vários tipos, que se reúnem periòdicamente para seguir diversas iniciativas de tipo religioso, moral ou beneficente ou, ainda, simplesmente para discutir questões de atualidade na crença de que a luz venha a surgir entre elas.

Na realidade, os norte-americanos sustentam que êste tipo de associações é muito



— Sim, vocês têm que voltar, breve, a nos visitar. Tenham um bom verão!

útil para a paz do lar, porque permite, a êle ou a ela, distrair-se por algumas horas das obrigações familiares, lançando sua imaginação por outros caminhos.

Tudo está bem... quando termina bem!

INCRÍVEL

UM fazendeiro de Iowa (Estados Unidos) foi vigiar a máquina de debulhar milho e, caindo no seu interior, foi envolvido pelo milho e levado por todos os meandros da máquina. Resultado: salvou-se sem um arranhão. Mas tôda a sua roupa foi... "debulhada", saindo o infeliz no outro extremo da máquina, sem um arranhão... mas completamente nu!

★

PÁRA-CHOQUE

UM sólido, muito sólido cidadão de Copenhague foi abalroado por um trem. Resultado: o atropelado teve a cigarreira amassada. O trem sofreu danos maiores, cujo consêrto o atropelado teve que pagar ao Estado.

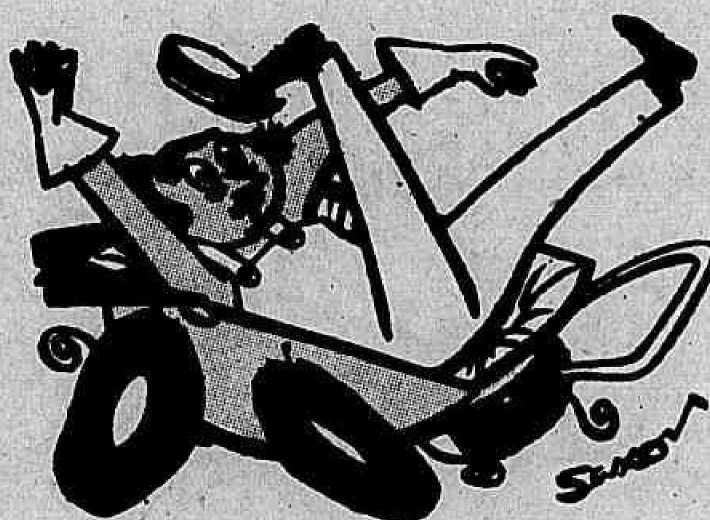
★

MILAGRE

EM Roma, um garotinho de 18 meses, repetindo o ocorrido no Rio de Janeiro, em 1952, caiu da janela da residência de seus pais, num terceiro andar de uma pensão... nos robustos braços de um vendedor ambulante. Ferimentos: uma torção do tornozelo direito do vendedor.

★

ATERRISSAGEM FELIZ



UM limpador de janelas, em Lille, França, caiu de um terceiro andar. Lá em baixo, na calçada, uma senhora deixara, por momentos, o filhinho de quatro meses no interior do carrinho de bebê. O pobre homem caiu justamente sôbre o frágil veículo e sua menos frágil carga. Resultado: A mamãe desmaiou, caiu e quebrou um braço. O limpador de vidraças... e o bebê nada sofreram.

ACROBÁTICOS

EM Oklahoma City, um rapazola de 17 anos, caindo de um elevado terraço... pousou sôbre os fios elétricos, executou um novo e harmonioso salto, como o dos trapezistas e tornou a pousar sôbre os mesmos fios, onde ficou algum tempo balançando, até que resvalou e foi cair cinco metros mais abaixo, na calçada. Na mesma hora, em Washington, uma dona-de-casa caiu de uma escada de incêndio, de um quarto andar, e ficou prêsa pela saia num letreiro colocado na janela do segundo andar. Nem o rapazola nem a dona-de-casa sofreram mais que o susto.

★

MATERIAL RESISTENTE

UM morador de New York, com 29 anos de idade, caiu de uma janela de segundo andar... no concreto da calçada. Levantou-se, sacudiu a poeira... e caminhou para o seu trabalho. Os que assistiram a cena insistiram, porém, que êle fôsse a um hospital, a fim de ser examinado.

— Okay! — disse êle, dirigindo-se para o Pronto Socorro, onde os médicos o declararam perfeito e sem um arranhão sequer!

★ ★

A TERRA VAI ESQUENTAR

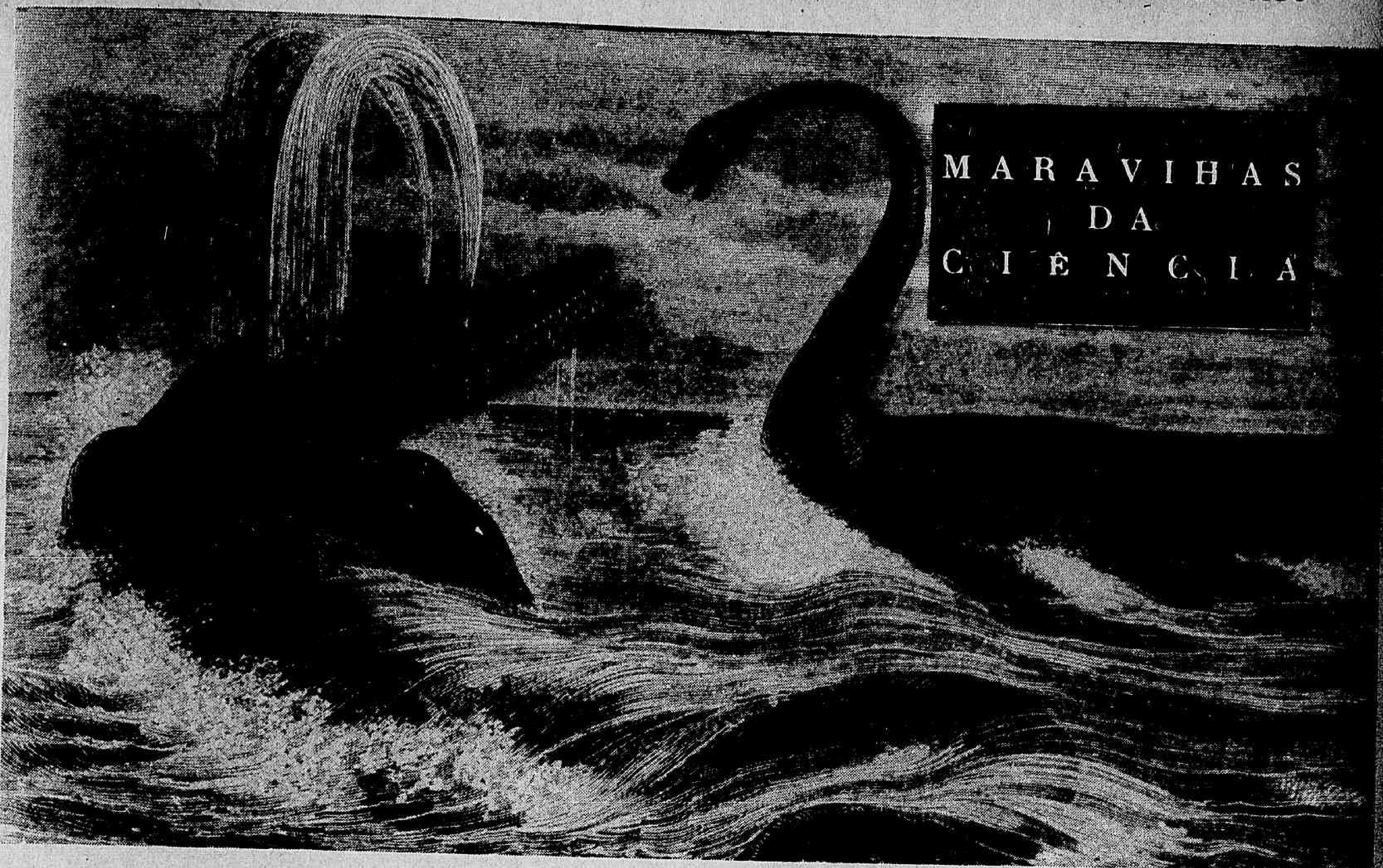
O professor Svend Frederikssen, do Instituto Ártico de Washington, acaba de anunciar que a Terra setá esquentando gradualmente. O nosso planêta — diz ainda o professor — alterna de fato, num giro de aproximadamente 1800 anos, com ciclos de mais frio e mais calor. O processo de maior calor já vai avançado, como demonstra o fato de que há século, por exemplo, a temperatura da zona ártica estar subindo, tornando possível a agricultura em regiões há tempos sendo apenas um deserto de gêlo.

Na Groenlândia do Sul já se cria gado, como já se fizera há milhares de anos, no precedente ciclo de maior calor, em Vichinghai, sendo que mais tarde os criadores se viram forçados a dseistir em vista do frio crescente.

Até mesmo a água do mar se esquenta, tendo os esquimaus que viajar bastante, a fim de caçar as focas, emigradas mais para o norte, em busca das águas geladas.

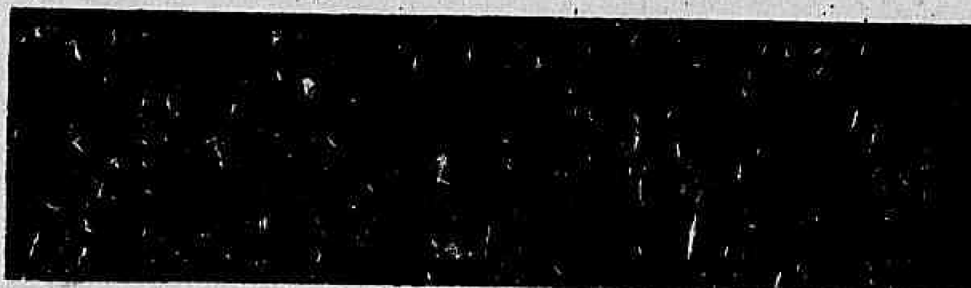
Segundo o professor Svend Frederikssen dentro de não muitos decênios grandes áreas da Sibéria, do Canadá e do Alaska, ora quase inabitáveis, estarão abertas à agricultura e serão invadidas pelas populações vindas do sul.

O aquecimento da Terra, coisa benéfica na região polar, não será, entretanto, bem recebido nas zonas já aquecidas, onda a escassez da água deverá ser verdadeiramente dramática.



Todos os continentes da Terra emergiram do oceano primitivo e universal, onde viviam o Ictiosáurio e o Plesiosáurio, monstros do passado antediluviano. Fatos geológicos indicam que as terras firmes se gastam sob a erosão das águas e que o mar pode voltar a submergir continentes.

A Natureza Extinguirá a Vida nos Continentes ?



A curiosidade prevalece sôbre tôdas as formas do instinto e ao seu impulso psicológico deve a vida social as maiores reformas no domínio da evolução científica e das descobertas do espírito.

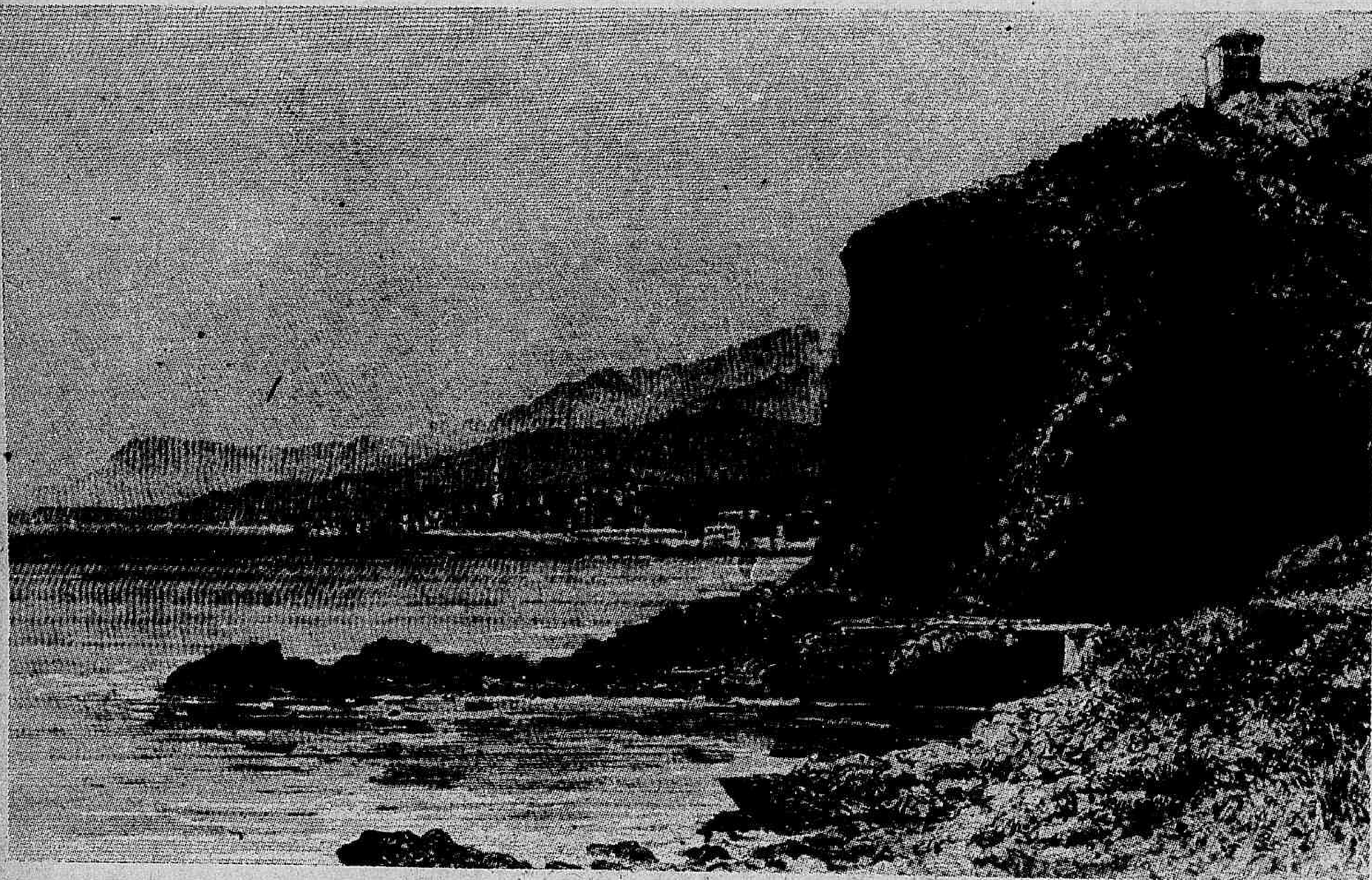
E quando aplicamos êsse ardente desejo de saber, a leis que regem o nosso destino e à finalidade das cousas vivas, ficamos comovidos e inquietos com a expectativa do futuro. Assim, não existe tema mais apaixonante para o homem, do que discutir sôbre a sorte da Terra e a sua origem, os seus períodos geológicos e as mudanças passadas, as suas futuras fases e obscuras revoluções. Essas probabilidades excitam ao mesmo tempo, os dois aspectos da criatura, o sentimento e a inteligência. Tudo nos convida a refletir sôbre a imensidade da Natureza e dos seus fenômenos. Contemplando tudo quanto nos cerca, os rios e as florestas, os vales e as planícies, os lagos e as geleiras, as montanhas e os mares, interrogamos, com receosa curiosidade, como terminarão tôdas essas paisagens, sob a implacável atividade do tempo, cuja energia nada poupa, nem os animais, nem os homens, nem o mundo vegetal.

De MATTOS PINTO

Ao lado do misticismo, que determina a essência moral das cousas, a ciência arregimenta as suas idéias sôbre o princípio e o fim do nosso planêta, recolhidas na experiência pré-histórica e no presente sísmico, investigando tôdas as formas do conhecimento.

O CICLO DOS DESASTRES — Os filósofos clássicos explicavam as transformações da Terra,

por uma série de cataclismos periódicos, que renovavam, de épocas em épocas, após intervalos de milhões de anos, tanto a face geológica, como a distribuição da fauna e da flora, modificando a fisionomia do globo, nos seus menores detalhes geográficos. Os violentos terremotos contemporâneos, comparados com essas catástrofes, supostas pela filosofia especulativa, reduziam-se a insignificantes fenômenos. Heráclito, cuja doutrina fixou indelèvelmente a mestre de Péricles, Eurípedes e Sócrates, celebrizou-se por ser o primeiro a explicar os fenômenos por causas puramente naturais, sendo um dos criadores gregos da teoria do átomo, como origem de tôdas as cousas. O filósofo Demócrito, o fundador clássico da teoria atomística em Atenas, admitia a existência de partículas infinitamente pequenas e indivisíveis. Afirmou, temeràriamente, que os próprios deuses não passavam de um conjunto de átomos. Igual



Todos os dias, em todos os litorais, a energia mecânica das marés corrói enseadas, baías, praias, avançando sôbre a terra firme, onde o homem implantou as suas paixões econômicas e industriais.

fugacidade da vida e as suas irresistíveis mudanças, o eterno transformismo do mundo físico e moral, estabeleceu o fogo como a energia básica. Representou o Universo como um fenômeno essencialmente mutável, marchando sôbre a destruição das formas aparentes da vida. Heráclito e Platão, apoiados por outros cosmólogos gregos, defendiam a teoria das revoluções. Em contraste com êsses, que só viam bruscas mudanças, Anaxágoras e Demócrito descreviam o desenvolvimento do nosso mundo como regular, metódico e sucessivo, passando por graduais transformismos. O filósofo jônio Anaxágoras,

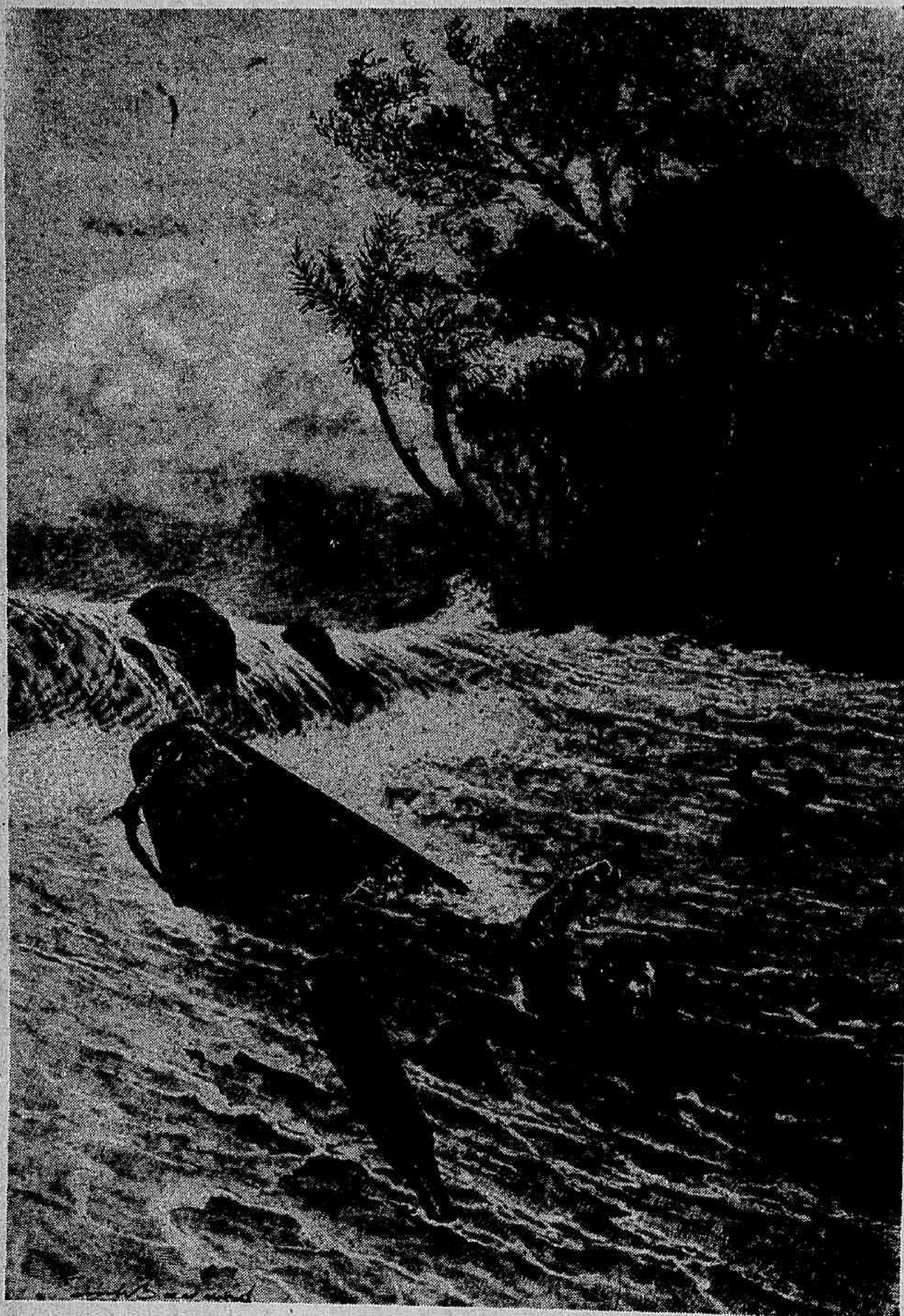
concepção professavam Epícuro e Lucrécio, conscientes de que a Natureza não interrompe as suas eternas leis, para improvisar outras adventícias. O filósofo naturalista Epícuro, a quem Diógenes Laércio atribui a autoria de trezentos livros, entre os quais um volume sôbre o átomo, imortalizou-se como partidário das causas naturais. Lucrécio, cujo poema sôbre a Natureza cantou em versos imortais a doutrina de Epícuro e Demócrito, reconheceu implìcitamente a derrocada física das cousas vivas e inanimadas. Deu à Natureza uma importância filosófica, que nenhum poeta helênico antes ousara expor. A hipótese das convulsões

cíclicas, que deslocavam os continentes e destruíam séries inteiras de animais, parecia abandonada, apesar dos fervorosos adeptos da mesma. Georges Leclerc de Buffon tentou ressuscitá-la, animado pelos remanescentes da doutrina de Heráclito e Platão, que apaixonava os espíritos pelo seu caráter de espetaculosidade. Principalmente Georges Cuvier deu à teoria das revoluções do globo, uma celebridade duradoura, graças à forte autoridade que destas convulsões destruidoras e fulminantes, que submergiam terrenos e criavam vales, deslocavam rios e transportavam rochas. As idéias de Georges Cuvier predominaram triunfalmente de 1830 a 1859, não obstante a contestação de outros naturalistas, que negavam as modificações absolutas e generalizadas na natureza. Na origem do globo, tôdas as águas oceânicas e fluviais encontravam-se na gigantesca nebulosa. Condensando-se o núcleo, com a



A água e o fogo vulcânico se empenham numa luta milenar desde as primeiras épocas geológicas. A batalha continua e os geólogos prevêem a vitória do oceano, que cobrirá novamente a Terra.

usufruía e à eloqüência com que sempre expôs as suas idéias. Ensinava Georges Cuvier, criador da anatomia comparada e da paleontologia, que imensas fôrças alteraram os limites dos mares e das terras firmes, que se abismaram e se elevaram catastròficamente, passando por radicais transformações na sua topografia. Os abalos destruíram todos os sêres vivos e novas espécies ressurgiam depois de cada ciclo geológico. Os cataclismos se repetiram cêrca de trinta a cinqüenta vêzes, na expansão do nosso planêta. Declaravam Buffon e Cuvier, que a água e o fogo agiram como os dois fatôres primaciais queda dos materiais mais pesados, os minerais e as rochas, o oxigênio e o hidrogênio liquefaziam-se e precipitavam-se sôbre os corpos ignescentes em chuvas diluvianas, para se evaporarem num espantoso ciclo, que se prolongou por tôda a época primária da formação dos continentes. O astrônomo Emile Belot determinou em trinta e três o número de vêzes, que todo o oceano primitivo se evaporou no primeiro ciclo do nascimento da Terra, sob a ação do fogo central. O geofísico e meteorologista Arfeld Lothar Wegener expôs a teoria do bloco continental único, cuja fratura deu origem aos continentes atuais.



Desde o nascimento do globo, as caudalosas torrentes atuam como fôrça transformadora, arrastando na sua enxurrada para o oceano, milhares de toneladas de detritos vegetais e minerais, operando o nivelamento dos continentes no curso dos tempos.

O IMPACTO DAS TORRENTES DEMOLIDORAS — À concepção apolítica opôs-se outra, mais simples e mais compreensiva, que se baseia na sucessão dos fenômenos, substituindo as revoluções repentinas e fantásticas, por uma série de energias cósmicas operando através das épocas da Natureza, sem dar saltos universais.

Em 1830, desfaz Charles Lyell os fundamentos da geologia dos cataclismos terrestres e demonstra que as transmutações da superfície do globo não se sucediam abruptas e inopinadas, mas que se formavam por processos simples e naturais, muito lentos comparados com a brevidade da vida humana. Charles Lyell substituiu as catástrofes de Curvier por ciclos extraordinàriamente longos, que escapavam às determinações cronológicas.

Em 1859, o naturalista Charles Robert Darwin refaz os princípios do transformismo de Jean-Baptiste Lamarck, explica que os animais e as plantas se propagam através de transformações graduais, como os continentes e os mares variam de forma, por etapas sucessivas e milenares.

Interrogavam como se edificaram as montanhas e êsse assunto apaixonava, confundia os geólogos dos séculos XVIII e XIX. Os partidários da hipótese das revoluções supunham, imaginosamente, que as cadeias de montanhas nasceram durante as contorsões telúricas e as erupções vulcânicas. Assim, os Alpes irromperam sùbitamente por uma fenda da crosta do globo e mudaram, de um golpe, o aspecto geográfico da Europa. Charles Lyell refuta semelhante teoria, admitindo que as montanhas se desenvolveram por movimentos de depressão em certos pontos, de elevação em outras partes, por deslocamento das camadas inferiores no seio da Terra. A erosão atmosférica e a chuva, a caudal dos rios e as ressacas monstruosas das épocas primitivas, os desvios das torrentes e os ciclones, os fluxos e refluxos das marés, a permeabilidade dos terrenos e os impactos da massa líquida do oceano universal, eis os fatôres do desenvolvimento dos arquipélagos e dos blocos continentais, conhecidos pela cartografia. Também perceberam que o oceano vive em

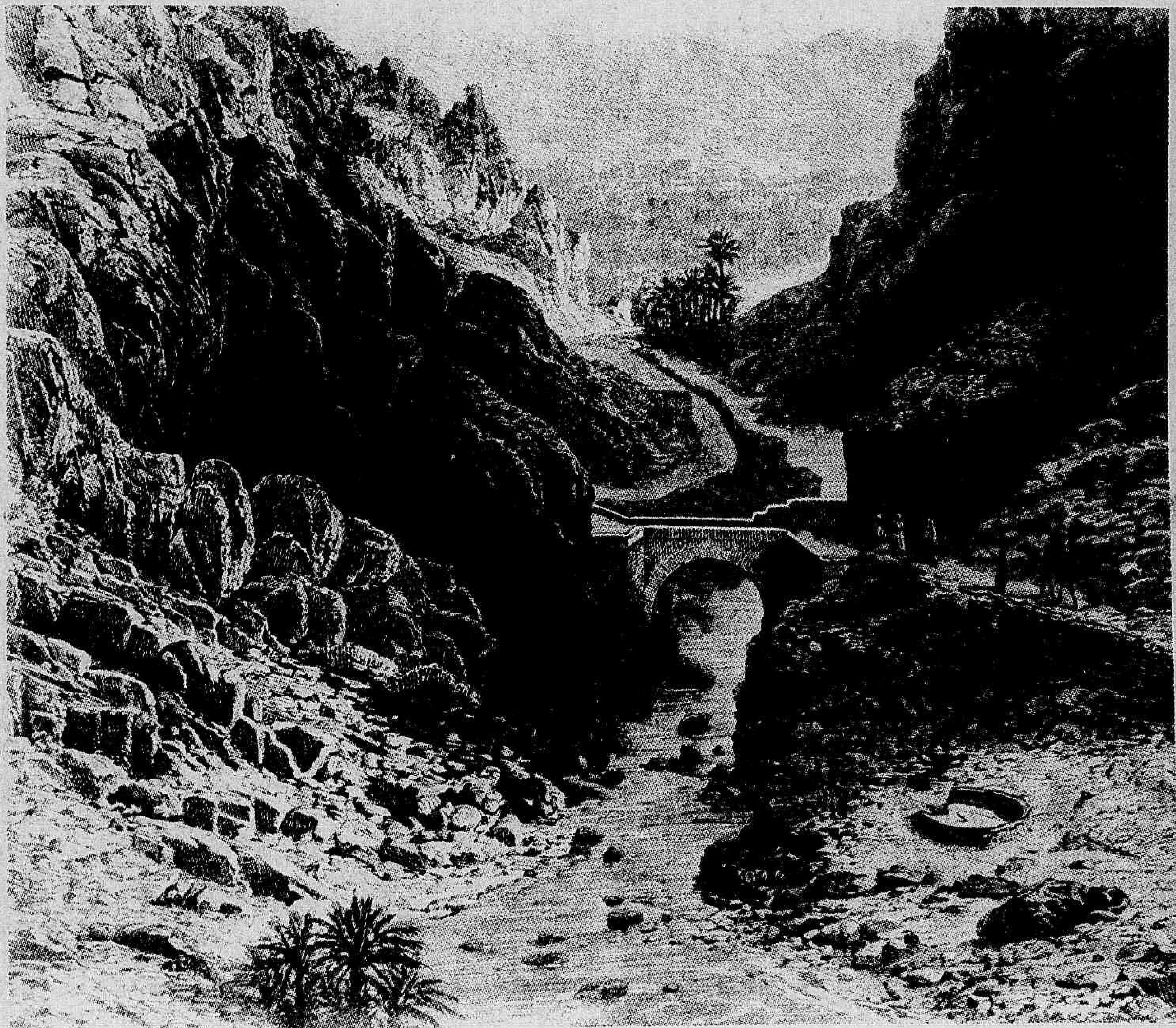
íntima relação com os terrenos exteriores, os quais nos parecem um mundo alheio ao movimento dos mares, em virtude da imensidade dos fenômenos que fogem à análise.

O nível do mar vale como índice básico para o estudo da altitude de uma montanha ou de uma cidade e para o conhecimento das profundidades marítimas. A forma geral do oceano apresenta uma curva sensìvelmente esférica e entre outras provas existentes, a observação do navio se aproximando da costa, impôs-se como a demonstração mais tangível da curva da superfície marinha. Mas a esfericidade terrestre deforma-se com a aplanação das regiões polares e logo a curva do oceano deve variar para a perspectiva humana.

O filósofo grego Aristóteles já notara, milênios antes da nossa era, as modificações impostas pelo mar às configurações continentais. Não resta mais dúvida quanto ao fato de que as águas diluvianas das épocas primárias, contribuíram pela sua possante energia mecânica para esculpir o panorama do globo.

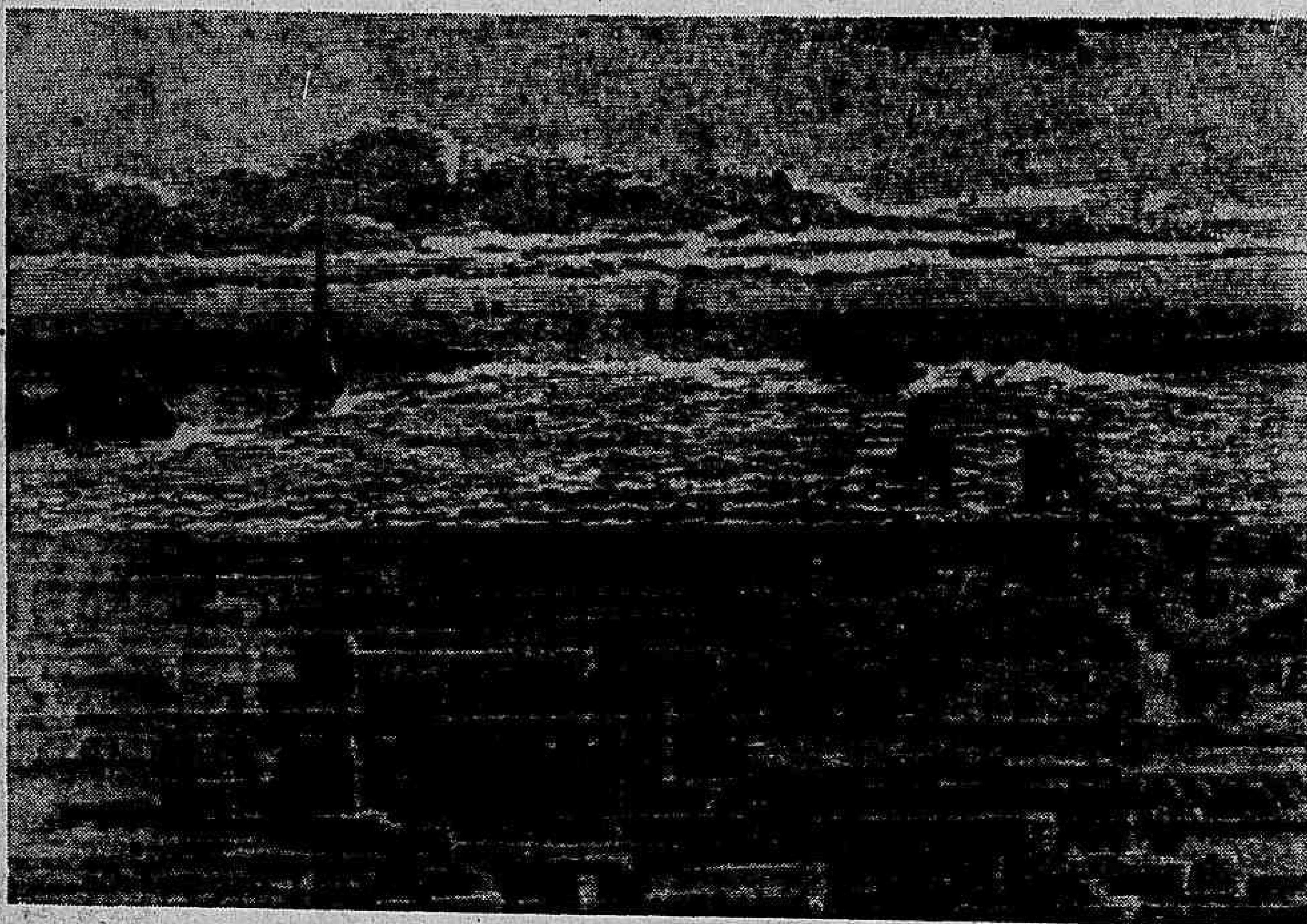
Movimentadas pela atração luni-solar, as marés desenham as linhas sinuosas das praias, rasgam enseadas e baías. Jogadas pelos demolidores tufões das épocas pré-históricas, desgastaram as montanhas e rochas, sepultaram planícies e removeram rios dos seus leitos no curso do tempo.

A arquitetura exterior das ilhas e das moles continentais recebeu o impacto da atmosfera, cujo poder de erosão mudou a



A energia mecânica das águas transfigura a fisionomia da Terra, rasga sulco nas rochas, desgasta as montanhas e carrega toneladas de materiais das regiões mais remotas, para o fundo dos mares.

face da terra firme e prossegue ainda na sua obra de incessante desgaste. O mar avança num continente e recua em outro, havendo um jôgo de transformismo geográfico. As marés nas costas da Normândia e



Irrupções do Mar do Norte, na Zelândia, sepultaram cidades sob manto de água, o mesmo sucedendo em outras partes do mundo.

da Bretanha constituem fenômenos interessantes pelos seus efeitos. Na Baía do Monte São Miguel, a diferença de nível entre a alta e a baixa maré atinge quinze metros nos equinóxios. Na Baía de Fundy, na Nova Escócia, o nível da maré cresce mais de vinte metros além do comum em outras partes. Nos mares austrais, as águas sobem a mais de dezesseis metros, o que evidencia o poder mecânico da maré, batendo nos litorais e gastando a orla dos continentes.

AS TERRAS FIRMES PODERÃO SER SEPULTADAS PELOS RIOS E PELOS MARES — Êsses e outros fatos impressionaram os geólogos do século XX, que refletem sôbre o futuro sísmico da Terra. Indicam as convulsões da época quaternária, que o nível do mar não permaneceu imutável durante o surgimento do homem, que houve sensíveis mudanças nos seus limites e no seu espaço.

E, certamente, o nível marinho sofrerá outros abaixamentos e elevações, no curso dos tempos modernos e futuros. Em proporção relativa, o oceano oscila constantemente e a altitude tende para uma sucessiva progressão. Devemos notar que o choque das ondas mina o contôrno das praias e os rios trazem na correnteza detritos, terras e despojos das escarpas, animais e vegetais mortos, que se depositam no fundo submarino. Ainda no curso dos tempos históricos, processam-se mudanças geográficas bastante visíveis e recordadas por uma mesma geração.

Em 1282, uma tremenda maré devastou o Lago Flevo, inundando as terras que o separavam do Mar do Norte, transformando-o num gôlfo, o Zuyderzée. No século XII, o mar invadiu diversos lagos franceses existentes em Arachon e nas Landes, cujos níveis transbordaram das margens normais e sepultou alguns quilômetros de terras sêcas. Em frente de Rochefort, pôrto militar e escoadouro mercantil da França, a Ilha de Aix separou-se gradativamente da costa. Em 1400, afastou-se definitivamente e aumenta o espaço marítimo. Em 1446, o Mar do Norte avançou sôbre duzentas povoações da Frísia, território holandês. Antigamente, existia no litoral da Holanda, um grupo de vinte e três ilhas, denotando ser remanascente de terra firme submersa. Ainda em 1446, houve devastações de terras na Zelândia.

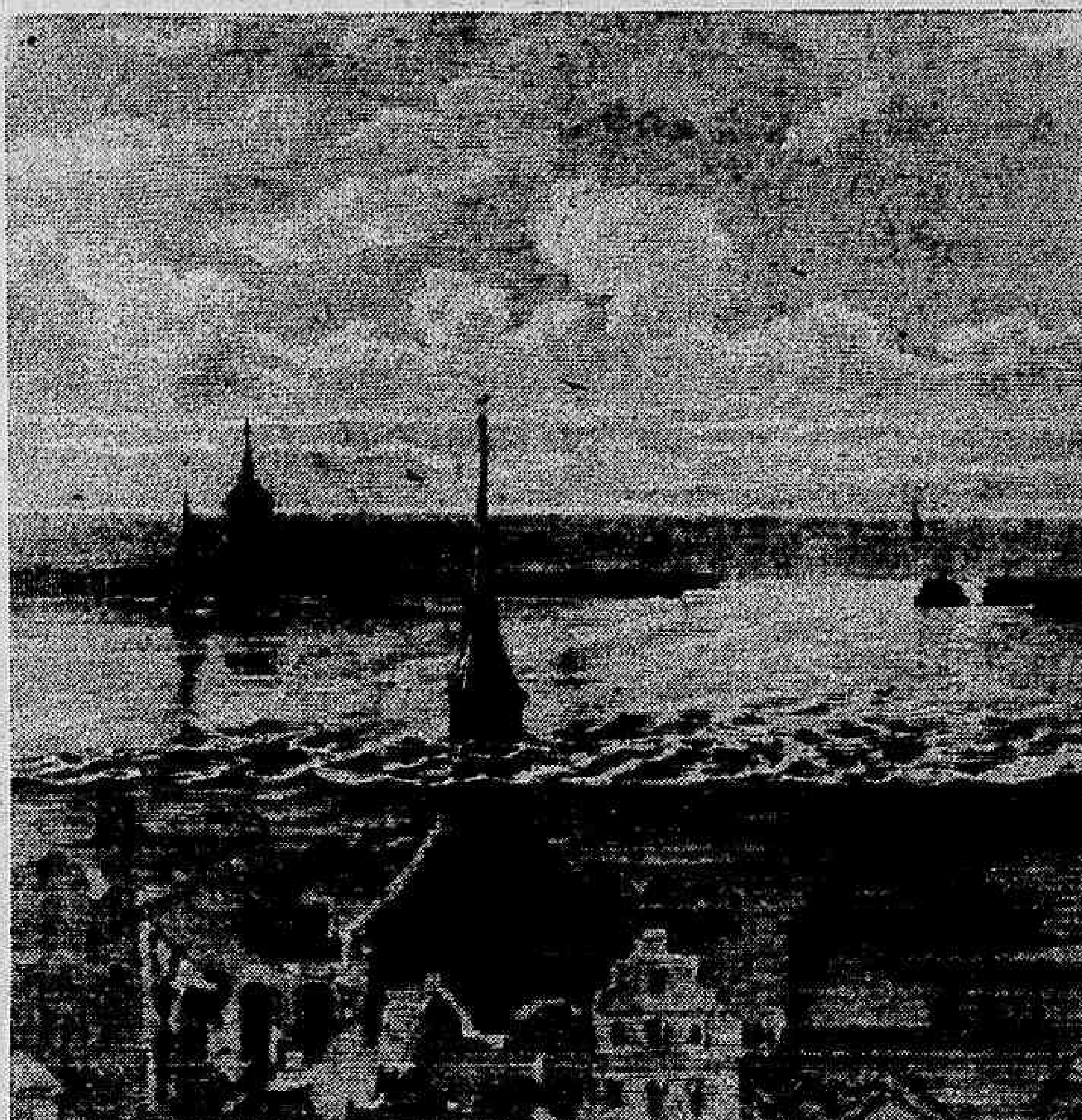
Nessa parte da Holanda, os transbordamentos marinhos vão até à completa submersão de povoados inteiros. A partir de 1500, o rochedo de Cordouan, onde se ergue famoso farol, começou a distanciar-se do continente e no século XIX distava sete quilômetros. Na província chinesa de Chansy, em 1556, o mar avançou sùbitamente e ocupou dezenas de quilômetros. Provam as cartas hidrográficas, que em noventa anos, de 1752 a 1842, as águas oceânicas conquistaram mil e duzentos metros na embocadura do rio Grave, na França. Uma montanha afundou-se no Mar de Java, em 1772. As ondas rolaram sôbre trezentos e noventa metros, de 1774 a 1865,

no litoral de Soullac. De 1826 a 1860, as vagas cobriram o cabo do rio Grave. O ar atacou as margens da embocadura, bipartindo as terras e formando dois canais. Um forte desapareceu sob um manto líquido durante êsse fenômeno. No Brasil, em Pernambuco e no Ceará, nas praias de Olinda e de Fortaleza, o oceano Atlântico atua com energia derruidora, desgastando praias apreciadas pela sua beleza. Daí, o fenômeno comum no Oceano Pacífico, caracterizado pela imprevista aparição e desaparição brusca de ilhas, provocadas por movimentos do fundo submarino.

OS ÚLTIMOS DIAS DO RUMOR HUMANO — Os grandes cursos fluviais concorrem para a elevação do nível oceânico com os materiais sólidos depositados. O Rio São Francisco arrasta no ciclo das cheias uma massa de areia e cascalho num volume de cinco mil toneladas por hora. Recentes pesquisas da geologia estimam em dez quilômetros cúbicos a terra movimentada para o fundo dos mares, pelas torrentes dos rios, pelas chuvas torrenciais e pelas inclinações dos terrenos.

Calcula Alphonse Berget que essa quantidade fará crescer o nível marinho de um trigésimo de milímetro em cada ano e depois de trinta anos veremos o nível elevado a um milímetro mais. Essa cifra insignificante, amontoada em sete milhões de anos, elevará de quatrocentos metros o nível de todos os mares e isso significará o fim da humanidade, pois as águas submergirão os continentes.

A terra firme, hoje povoada e industrializada pelo gênero humano, ficará sendo um imenso lago com os picos do Andes e do Himalaia flutuando sôbre o silêncio universal da morte. Para a hipótese de Alphonse Berget se tornar realidade, far-se-ia necessário que durante sete milhões de anos, o globo terrestre conserve a mesma densidade, idênticas condições físicas nas camadas interiores e a quantidade de água permaneça constante. Parece inadmissível que semelhante eventualidade se realize, dada a multiplicidade de causas e efeitos. Em sete milhões de anos, que quantidade de água absorverá o calor solar, o fogo central, a permeabilidade dos terrenos e a oxidação dos minerais e os desertos? Ninguém saberá predizer vaticínios sôbre tão remoto futuro. Sabemos que a teoria da formação da Terra, pelo conjunto da queda de milhões de meteoros, admiràvel-



Na Zelândia, província da Holanda, por diversas vêzes, o ímpeto do Mar do Norte rompe os diques e submerge as planícies, e povoações.

mente engenhosa, não ficou reconhecida pelos astrônomos, que preferem a cosmogonia de Pierre Simon Laplace. Mas ninguém duvida sôbre a queda dos bólides e há quem reflita sôbre a hipótese, de que milhões de astrolitos e outros destroços da matéria cósmica, possam perturbar o diâmetro terrestre. Outros naturalistas argumentam contra os dados de Alphonse Berget, indicando que há certo equilíbrio de fôrças, que neutraliza os efeitos de uma energia sôbre outras.

O naturalista alemão Karl Hermann Burmeister demonstra que o passado e o presente repousam no mesmo alicerce, que as fôrças em atividade em nosso globo agem sob uma lei geral, cuja origem se perde na primitiva formação. Por sua vez, expõe Emil Adolf Rossmaessler que o fogo e a água possuíram, nos ciclos da nossa infância geológica, a mesma vitalidade sísmica, que ainda possuem e sempre possuirão as mesmas energias. E que a gravitação, o magnetismo, a eletricidade e o vulcanismo continuarão a contribuir para

a vida material do nosso planêta. Não há uma só parte da Terra que não denuncie a mesma origem, proclama a teoria plutônica do geólogo escocês James Hutton. Essa origem se identifica no fato universal de que os continentes viviam no fundo do oceano primitivo e emergiram pela ação das causas minerais, combinadas com as substâncias em fusão.

Não obstante as idéias de Adolf Rossmaessler e de Hermann Burmeister, verifica-se o decréscimo da energia vulcânica depois do período quaternário, quando ficou estacionária a arquitetura dos continentes. Se as atividades plutônicas do núcleo central cessarem muito antes da energia atmosférica, poderá haver um nivelamento progressivo da superfície geográfica. Sob as radiações solares, os fenômenos meteorológicos prosseguirão na sua obra de desgaste das montanhas, nada podendo deter a demolição mecânica da erosão processando-se durante séculos e milênios. O rumor humano, cujo labor industrial forjou o progresso técnico, ao lado de altas espiritualizações literárias, terminaria seus dias sob o túmulo de um oceano universal.

Admitiremos que se opere o fenômeno inverso, que os terrenos firmes, onde se enfurece a civilização do homem, saídos do fundo do mar pré-histórico, regressarão ao seio líquido das águas? Eis o impressionante dilema, o vulcanismo ou as inundações diluvianas, que deixa indeciso os teóricos do fim do mundo, apoiados em fatôres essencialmente naturais. Causas inesperadas podem transtornar o vaticínio sôbre os últimos dias da humanidade e da vida biológica. A partir da última década do século XIX, os naturalistas vêm apreciando modificações na fauna marinha das águas vizinhas do círculo ártico.

A pesca do bacalhau se processava normalmente no litoral dos Estados Unidos. Agora, devido a motivos desconhecidos, êsse subiu para as águas da Groenlândia. Aves e animais terrestres começam a se deslocar para mais altas latitudes, de onde antes fugiam fustigados pelo inclemnete frio polar. Espécies vegetais e zoológicas emigram para uma linha geográfica, cada vez mais elevada. Êsse fenômeno só se manifesta quando há mudança gradual e constante da temperatura.

E o acréscimo de calor também exerce seus efeitos sôbre as geleiras, que recuam cada ano, permitindo a migração de animais e o surgimento de uma nova flora, incompatível com as baixas temperaturas.

No Canadá, nos Estados Unidos e nos países da península escandinava, os naturalistas já notaram o fato claramente e concluíram pelo reaquecimento do Hemisfério Norte. O físico Gilbert M. Plass, pertencente à Universidade John Hopkins, explica a elevação térmica do Hemisfério Norte, pelo excesso de bióxido de carbono, libertado aos milhões de toneladas pelo trabalho industrial dos fornos de hulha e de petróleo. O bióxido de carbono atua na atmosfera como um gás térmico, que retém o calor e impede a sua dispersão no espaço.

Outros físicos indagam se o globo terrestre passa por alguma modificação ignota no mundo orgânico, ou se o planêta atravessa regiões mais quentes do espaço sideral, cujas radiações invisíveis influenciam as espécies vegetais e zoológicas.

Ainda se pode supor o aumento da enxames de meteoros no foco da estrêla central do nosso sistema planetário.

Se a temperatura persistir na sua ascensão, as geleiras se fundem e aumenta o volume das águas marítimas. O oceano invadirá as praias, destruirá casas, arruinará as instalações portuárias e sepultará até cidades. Convencem os cálculos que sòmente as geleiras do Pólo Norte poderiam fundidas elevar o nível dos mares a mais de trinta metros, o que implicaria em verdadeiro dilúvio para tôdas as populações litorâneas.

A fusão de tôdas as geleiras árticas transtornaria o regime climático na parte setentrional dos Estados Unidos, Canadá, Noruega, Suécia, Lapônia, Sibéria, na Europa, com repercussões agrícolas, econômicas e industriais. Setenta por cento do globo terrestre vive sob o elemento líquido, lagos, rios, mares interiores e oceanos. Já imaginaram os naturalistas que se pudessem nivelar os continentes, arquipélagos e ilhas, o volume líquido dos

(Continua no fim da revista)



QUASE que um indivíduo em três vive maltratado pela insônia. Essa cifra, colossal, revela a importância de uma moléstia estranha, que a medicina ainda não soube curar. Jamais chegou a matar alguém, mas sempre desnorteando, está cercada de uma espêssa bruma de superstições, em que se misturam temor e respeito, pouco próprios para um conhecimento profundo.

Quer a crença popular, de fato, que as horas do aparecimento e desaparecimento da insônia correspondam à hora do nosso nascimento e à de nossa morte. Os insoníacos têm um obscuro respeito por seu mal. A seus olhos, a insônia não é uma moléstia como as demais, que podem ser descritas e classificadas.

Durante muito tempo, os médicos e os sábios desdenharam a insônia, a fim de preocupar-se apenas com as moléstias mortais. Mas, diante da sua amplidão, procuram hoje, com grande empenho, conhecer melhor êsse mal e aperfeiçoar terapêuticas

11 HORAS — Aqui estou na cama, mas sei que não vou dormir. E' preciso — antes de tudo — que a pessoa não fique nervosa.

capazes de restituir ao paciente o sono necessário. O sono ocupa um têrço da nossa existência, a metade da existência de nossos filhos e o recém-nascido não pára de dormir a não ser quando come. A necessidade do sono é, assim, tão imperiosa como a de comer.

A preocupação de garantir um sono reparador sempre assaltou o espírito dos homens. O ópio foi — e continuará a ser — o primeiro grande proporcionador de repouso. A seguir vem a alface, seu parente pobre, indispensável ao imperador romano Galiano, o cloral, o veronal, que daria nascimento a todos os barbitúricos modernos, etc.

A angústia de uma noite sem dormir, atormentou os primeiros homens e está admiràvelmente pintada no mais velho livro do mundo: a Bíblia.

"Digo para mim, ao me deitar: quando a noite terá passado? Quando me levantarei? E fico agitado até ao alvorecer".

Assim falava Job, o profeta, resumindo tôdas as características do mal. Nem seria possível considerar benignas as perturbações de uma função tão fundamental.

AS TRÊS ETAPAS DO SONO — Para compreender o que é a insônia foi necessário, primeiro, estudar longamente o sono e anotar as diferentes fases pelas quais passamos, quando adormecemos.

1º — Período de repouso, que dura alguns segundos a quarenta minutos, no máximo. Os maxilares se entreabrem para o indivíduo bocejar, as pálpebras se tornam pesadas, os olhos ardem, as pálpebras batem mais vêzes, depois fecham completamente. É a hora do "João Pestana" chegar — segundo se diz às crianças.

2º — Um estado de semiconsciência, caracterizado por uma sensação de vago. A atenção não pode mais ser sustentada. A coordenação das imagens sensoriais não é mais perfeita. A inteligência se obscurece. A criança que dorme à mesa, acaba batendo com o nariz no prato.

3º — A entrada no sono pròpriamente dito. Coincide com o desaparecimento da sensação de vago e dura alguns segundos.

O homem adormecido é calmo, fica imóvel, quase insensível às excitações exteriores. Não fôssem a coloração do seu rosto e a persistência do ritmo respiratório,

poder-se-ia jurar que a vida fugira dêsse organismo.

Que aconteceu? Segundo os mais recentes trabalhos, a "sede" do sono é um centro venoso, situado na base do cérebro, o **hipotalamus**.

Se nossa vontade intervém poderosamente na recusa ou aceitação do sono, ela não é mais todo-poderosa, nada mais faz senão aceita r— ou recusar — embora não indefinidamente — o convite para dormir, que vem do hipotalamus.

O CÉREBRO ADORMECE POR ETAPAS — Êsse convite se traduz sob a forma de uma onda elétrica, que invade pouco a pouco o cortez (espêsso tecido que cerca o cérebro e sede da razão, da consciência, em suma: do espírito), e suspende a sua atividade. Essa onda inibidora passa, em seguida, à moela. Isto pode ocorrer independentemente da vontade se a ordem é anormalmente imperiosa, como soe acontecer depois de uma vigília ou fadiga excessiva. O indivíduo, literalmente aniquilado, queira ou não, curva-se para a mesa, no trabalho ou mesmo no ônibus.

Normalmente, o convite ao sono pode ser seguido ou eludido pela vontade. Se o indivíduo se "desinteressa" do mundo exterior, a onda inibidora se estende e invade o cortez. Se, ao contrário, a atividade cerebral é mantida, a onda inibidora é repelida, embora volte mais tarde. O célebre médico russo Pavlov, um dos maiores especialistas do sono, observou, estudando os reflexos condicionais nos cães, que essa onda se estende lentamente sôbre o cortez, podendo ser bloqueada em diferentes locais. Isso explica por que a passagem do estado de alerta para o do sono não se faça de forma brutal, mas tem um estado intermediário: o adormecer.

A INSÔNIA É DEVIDA A UM EXCESSO DE CONSCIÊNCIA — O cérebro adormece, como as luzes das janelas se extinguem, uma a uma, num edifício comercial, à hora de fechar.

Há, assim, a aparência de que o sono é duplo: um físico, outro psíquico. O primeiro é o repouso dos músculos, o outro o do cérebro. Ora, os dois não sobrevêm ao mesmo tempo. São consecutivos: primeiro



1 HORA DA MANHÃ — Não faz mal! Vou ler um pouco. Mas as páginas se sucedem... e o sono não chega!

›s músculos, depois o cérebro. Se desper-amos ao fim de três ou quatro horas de ·epouso, a sensação de fadiga desapareceu, ›orém nosso cérebro parece pesado. Nosso ›spírito se agita com dificuldade: porque › cérebro não repousou.

Por outro lado, recentes trabalhos reve-aram que não apenas no sono o cérebro os músculos dormem, mas também as ·ísceras, isto é: os órgãos no interior do ›osso corpo, como o estômago, o fígado, › baço, os pulmões, cuja atividade fica sensìvelmente reduzida. Esta des-:ntão :oberta é capital, pois que permite a con-ecção de medicamentos que fazem dormir otalmente, sem, todavia, alterar a saúde lo indivíduo.

Por que é difícil adormecer?

Segundo o dr. H. W. Magoun, diretor la Escola de Medicina da Universidade Northwestern, a insônia é o tributo de um 'excesso de consciência".

Enquanto que, no sono, estamos total-nente em repouso, a insônia realiza a fase nversa. Não apenas as funções da vida ›rgânica, da vida de relação e do psiquismo ›ão sofrem mais seu retardamento perió-lico, como ficam singularmente mais ativas. Observemos um indivíduo atacado de insônia: não apenas não consegue dormir, como, ainda, fica agitado, volta-se, revira-se em seu leito em busca da melhor posição capaz de proporcionar-lhe o sono. Acende e apága cem vêzes a luz elétrica, fuma furiosamente, seu cinzeiro fica en-tulhado de cigarros semiconsumidos e de cinzas, levanta-se e volta a deitar-se várias vêzes no correr da noite. Os sentidos — e particularmente o ouvido — ficam hiper-sensíveis. O menor ruído, o menor estalido de um móvel fazem-nos sobressaltar.

O psiquismo fica superexcitado. As imagens, as idéias se precipitam em multidão no cérebro e êsse desfile à la maluca é ainda mais fatigante que a ›usência de repouso.

Tôda essa perturbação vem do fato do ›divíduo permanecer excessivamente cons-:iente, isto é: continua muito sensível ao nundo exterior, sob a forma de ruídos, uzes, etc., e ao mundo interior, que se mpõe pelas idéias e as imagens. Isso se :raduz no cérebro por uma estimulação do cortez, que repele a onda inibidora engendrada pelo hipotalamus.

OS QUATRO TIPOS DE INSÔNIA — Esta superatividade cerebral é devida à dor, à angústia, ao excesso de trabalho ou a uma intoxicação. Assim, os médicos es-pecialistas distinguem:

As **insônias dolorosas**, que são as mais comuns. O sono é afugentado pelo mal-estar e o sofrimento... Tôda dor, quando atinge uma intensidade suficiente, torna impossível conciliar o sono. As infecções também provocam a insônia, assim como os embaraços gástricos e respiratórios.

As insônias, nas intoxicações, são fre-qüentes. No primeiro plano coloca-se a intoxicação alcoólica. A insônia é o sintoma capital, que marca o "delirium tremens". Seu deseparecimento é o melhor critério da cura. O ópio (e seus derivados), em doses moderadas, é uma causa da insônia. Comporta-se, então, como um excitante que acalma a dor, determinando uma sensação de euforia. O chá provoca nos nervosos a insônia porque é ingerido em geral ao cair da tarde. O café, que contém menos substâncias excitantes que o chá, pode, às vêzes, provocar o sono em certos casos, ativando a digestão.

As **insônias psíquicas**. São de dois tipos: por enervamento ou pela idéia fixa.

Certos ansiosos, quando devem tomar uma decisão, despertam bruscamente no meio da noite. Sentem-se indispostos e têm a sensação de um abatimento anormal. Sua pele fica gelada e o coração entra a bater como se fôsse estourar.

Os obsecados dormem mal e pouco. Alguns indivíduos dêsse tipo são atacados, à noite, por uma tal fobia da sujeira, que se lavam e tornam a lavar até uma hora avançada da noite. De sorte que vão deitar muito tarde, esgotados: e êsse esgotamento tanto físico quanto intelectual não os deixa dormir. Outros, os escrupulosos, julgam-se obrigados, uma vez no leito, a passar em revista os menores atos do dia, em busca de uma falta leve ou grave. São os obse-cados da introspecção. Certos neurastênicos afirmam — de boa-fé, aliás: "Passo tôdas as noites acordado..." porque têm, de etmpos a tempos, uma noite má. Outros

dormem bastante, mas acreditam ter dormido pouco, em razão de sua fadiga ao despertar. Algumas pessoas não conseguem dormir porque se coçam. Essas coceiras podem ser provocadas, em alguns casos, por vermes, pela diabete... ou simplesmente por motivos puramente imaginários, o que torna a cura extremamente difícil.

TAMBÉM AS CRIANÇAS SOFREM DE INSÔNIA — Os casos de crianças lactantes são particularmente curiosos. Durante as primeiras semanas, o bebê nada mais faz além de mamar e dormir. Depois de alguns meses, contenta-se com algumas horas durante o dia e um sono só, durant ea noite.

Nessa época, acontece, porém, que a criança fica acordada à noite. Grita. Para acalmar a agitação, permitindo que os pais possam dormir, dão-lhe o seio ou a mamadeira várias vêzes durante a noite. O leite assim dado fora das horas regulares provoca perturbações digestivas que acentuam a insônia. Nestes casos, mais vale dar-lhe um bom banho, tôda a noite, para diminuir a irritabilidade de seu sistema nervoso.

As insônias da segunda infância podem ser devidas a uma infecção aguda (tifóide, angina) ou apenas sintoma de perturbações intestinais (apendicite, constipação).

As causas da insônia nas pessoas de idade avançada são mais geralmente devidas a uma arterioesclerose em início. A essa insônia pode juntar-se ora um estado de ansiedade, ora um estado de confusão mental, que, no início, revelam-se um e outro, por paroxismos, ùnicamente noturnos. São êsses idosos que, nas salas dos hospitais, levantam-se, vão despertar seus vizinhos, acreditando que lhe tomaram o leito, totalmente desorientados. A insônia é uma enfermidade grave e, se não mata diretamente (como vamos indicar adiante) pode causar um enfraquecimento geral do organismo, pondo-o à mercê de uma infecção microbiana mortal.



4 HORAS DA MANHÃ — Só quatro horas! Quantas vêzes ainda rolarei na cama. — Já quatro horas! Como estarei cansada amanhã!

Após uma noite de insônia, pela manhã, ao despertar, sente-se o indivíduo vítima de fadiga geral. As idéias são menos nítidas que de costume. Ao fim de duas horas, tudo se dissipa. Porém, se a insônia se renova em curtos intervalos, provoca com sua persistência tôda uma série de perturbações afetando o sistema nervoso, o estado geral e o psíquismo.

As diversas funções nervosas sofrem uma espécie de esgotamento devido à falta de repouso. O caminhar se torna incerto, a visão menos clara, os ouvidos cheios de

zumbidos. Os diversos órgãos ficam perturbados em seu funcionamento. O indivíduo vítima da insônia respira mal, emagrece e fica menos resistente à fadiga.

Seu psiquismo é profundamente alterado, o indivíduo se torna ansioso e as idéias de suicídio vêm atormentá-lo por pouco que seja melancólico o seu temperamento.

O homem não pode resistir muito tempo a uma insônia absoluta. Todos conhecem, pela leitura, o que seja o chamado suplício chinês, que consistia em matar os criminosos por meio da insônia: os desgraçados eram alimentados corretamente, enquanto os guardas se revezavam para impedir que os condenados dormissem. Atormentavam-os com perguntas, faziam-lhe cócegas na planta dos pés, com uma pena de pato. A morte sobrevinha sòmente ao fim de duas ou três semanas. Mas logo na primeira semana, os condenados, loucos de dor, reclamavam, aos gritos, castigos mais horríveis que pusessem fim aos seus males.

Mais recentemente um exame clínico minucioso foi feito em três rapazes, de 24 a 28 anos, que se privaram voluntàriamente de sono durante noventa horas. Ficou provado que ao fim de cinqüenta e duas horas passaram a sofrer alucinações visuais. Mas ficou igualmente provado que um simples sono de quatro horas era suficiente para fazer desaparecer essas perturbações.

Os efeitos da insônia nos animais são muito graves. Um cão mantido acordado sucumbe ao fim de quatro ou cinco dias. No início, o animal se torna irritável, perigoso, mordendo seus companheiros; em razão de uma fotofobia, refugia-se nos ângulos mais escuros da sala. No quarto dia não se agüenta mais nas pernas, ficando com a cabeça caída para a frente. Morre no meio de convulsões generalizadas.

LUTANDO CONTRA A INSÔNIA, EVITAR A TOXICOMANIA — Como vencer a insônia? Antes de tudo não tomar, no início, drogas sedativas em doses fortes, como os barbitúricos. Poder provocar a toxicomania. Os que suprimem o uso após um período prolongado mostram, de fato, todos os sintomas da ,privação: bocejos náuseas, agitação, convulsões. Assim, para acalmar suas dores, são obrigados a voltar às drogas. Fica aprisionado num círculo infernal. 1º — Ter os pés quentes. Com frio nos pés não poderá dormir. 2º — Ter uma boa digestão. À noite, não comer os pratos que possam provocar embaraços gástricos. Não é uma questão de quantidade, mas de seleção. Uma refeição substancial ajuda a dormir. 3º — Ter uma boa consciência. No leito, não pensem. "Não ruminem". Deixem-se ir. Deixem a roda livre. Respirem regularmente ou, mais exatamente, respirem como se dormissem. Se o indivíduo é dêsses que despertam em plena noite, deve beber um copo-d'água ou uma tisana quente. Se não conseguir dormir, realmente, poderá tomar, então, hipnóticos ligeiros, tais como:

O bromuro de sódio. Em dose de 1 a 2 gramas, isto é, de uma ou duas colheres das de uma solução a 20%, para tomar na refeição da noite e ao deitar, o que facilitará a chegada do sono.

Alface. Para as crianças e as pessoas idosas, o alface é um bom sedativo noturno. Suas virtudes não eram ignoradas pelos grandes médicos gregos da antiguidade, que, conhecendo sua ação sôbre o aparelho genital, chamavam-na a planta dos eunucos.

A tília. Medicamento popular. Suas flores foram empregadas em todos os tempos como sedativo. Entretanto, uma infusão muito concentrada excita.. Água de louro-cereja. Essa árvore da família das rosáceas, que cresce na Ásia é cultivada na Europa como planta ornamental. Empregam suas fôlhas luzentes que desprendem, quando quebradas, o cheiro de amêndoa amarga. Devem suas propriedades calmantes, que são utilizadas contra a insônia e a tosse, ao ácido cianídrico que contêm.

Os barbitúricos, tais como o veronal, o gardenal, o soneryl são utilizados com sucesso contra a insônia. Mas em doses fortes podem ser tóxicos, como deprimentes respiratórios e cardíacos..

Mais recentemente, surgiu nova esperança para os que sofrem de insônia, que poderão, segundo parece, vencer o mal sem alterar a saúde. De fato, acabam de aperfeiçoar três medicamentos: o amobarbital, o phenergan e o largactil, que proporcionam o sono total, isto é: o do cérebro, dos músculos e das vísceras. É êsse, sem dúvida, um grande progresso.



Tradução de
SYLVIA JAMBEIRO

EU estava sentado junto da janela do meu quarto numa bela manhã de sol, no verão passado, pensando no que teria acontecido ao meu pedido de transferência. Não havia dificuldade alguma, pois eu não fazia questão de ir para qualquer pôsto, desde que fôsse fora de Trieste. Sentia-me cansado daqueles anos todos de guerra, cansado daquela cidade dividida em populações que clamavam pela cidade como sendo sua. E, enquanto a política do mundo deliberava e decidia, eu estava ali há mais de três anos. Era tempo de sobra. Quando o telefone bateu, corri a atender porque qualquer chamada, naquele momento, podia ser a que eu estava esperando. Era, porém, o coronel Spicer. — "E' o capitão Buckley? Ouça, Peter; parece que vamos ter confusão hoje. E pode ser coisa muito séria. Vista-se a paisana e venha aqui, rápido." E desligou. Caminhei até à janela, já desabotoando o dólman. Lá em baixo, na manhã clara, o borborinho do cais e, além, no Adriático azul, flutuava o cruzador visitante. Tudo parecia na mais perfeita calma. Mesmo os vasos de guerra tinham o aspecto pacato e benevolente de cães de guarda em repouso. Confusão? Mas a **confusão** que poderia haver num dia de desfile militar e político seria parte da rotina, isto é: algumas janelas com vidros partidos e, talvez, também algumas cabeças partidas.

No meu guarda-roupa selecionei meu traje, tentando não parecer muito extravagante. Um terno marrom-chocolate me pareceu um horror assim como a camisa azul-claro e os sapatos de bico fino; mas quando, depois de pronto, fitei minha figura no espelho, fiquei razoàvelmente satisfeito, pois, no meio da multidão, poderia passar, perfeitamente, por um cidadão triestino, embora, diferindo dêste, eu tivesse permissão oficial para levar comigo uma pistola. Lá em baixo, no Corso, havia apenas três bandeiras iugoslavas. O bairro Corso, como os outros quatro quintos da cidade, era italiano e de tôdas as sacadas pendiam pavilhões ostentando as côres verde, vermelho e branco. Sòmente os civis mais ousados caminhavam pelas ruas. O restante se deixara ficar em casa até que o comício terminasse; até que os eslovenos, que aumentavam a cada momento, houvessem dispersado.

Os **bobbini** exibiam sua fôrça, circulando pelas ruas em jipes ou patrulhando em grupos de três. Aquela denominação assim como o uniforme e o capacete haviam vindo dos "bobbies" londrinos, que os haviam treinado. Sua missão, porém, prometia ser mais importante do que simplesmente a de caminhar a passos largos pelas ruas

Aquêle era o dia marcado para o atentado à vida do ministro — eu não sabia de que maneira nem em que momento — mas as ordens que eu recebera de meus chefes eram positivas: aquêle homem não devia morrer!

movimentadas. Em tôdas as direções expandia-se a cidade dividida, sempre em expectativa de **alguma coisa**. Quando eu ia passando do Corso alguém me chamou pelo nome.

Voltei-me, cheio de surprêsa. Era Nancy Holt, elegante e loura, num vestido estampado. Ela me olhou admirada.

— A princípio pensei estar enganada, capitão; mas a sua maneira de andar tirou a minha dúvida. Está disfarçado?

— Apenas em traje comum — respondi imediatamente.

— Comum!? — repetiu, olhando com atenção para a combinação extravagante de côres das minhas roupas. Depois, notando o meu embaraço, sorriu, dizendo:

— Desculpe, capitão, não quis ofendê-lo. Mas, se vai em direção ao quartel aliado, gostaria de fazer-lhe companhia.

— Se você não se importa de ser vista em companhia da minha elegância...

Nancy Holt tinha razão; algum dia, sem dúvida, ela se tornaria a insensível e impermeável repórter que pretendia ser, porém, por enquanto, era apenas humana, e como dançava bem...

Foi ela quem primeiro falou:

— Ouvi dizer que você nos vai deixar de um momento para outro. Fico muito admirada, pois não conheço lugar mais fascinante do que Trieste!

— É, mas quando tudo o que acontece é uma **reprise** do que já aconteceu... é tempo de dar o fora.

— Você quer dizer que... hoje, por exemplo, é uma repetição do que já aconteceu? Estive no alto da colina, há uma hora, mais ou menos; há milhares e milhares de pessoas, e tôdas com cartazes, flâmulas, bandeirolas coloridas acenando. Pode ser apenas, como êles dizem, **um comício** e **uma parada**, mas em nada se parece com as paradas de Trafalgar. Você acha que tudo vai correr bem?

Se não fôsse pelo telefonema do coronel Spicer eu diria que sim, que tudo ia correr muito bem. Os eslovenos haviam pedido legalmente permissão para a sua parada e, como era realmente chegada a sua vez, a licença fôra conseguida.

As tropas britânicas e americanas ficariam nos quartéis até à noite.

Os "bobbini" estavam devidamente instruídos para evitar a violência com os seus cassetetes.

— Você não devia ter ido lá em cima **sòzinha** — disse eu.

— Ninguém me molestou. Estão todos de muito bom-humor. Entrei num bar para comprar cigarros e alguns dêles já estavam comemorando qualquer coisa. (E os grandes olhos dela sorriram.) Imagine, bebendo às dez horas da manhã! E faziam um brinde a alguém que êles chamavam Gravilo e lhe batiam amàvelmente nas costas, rindo, felizes.

— É, talvez fôsse o aniversário dêle.

Subimos os degraus que levavam até ao nosso quartel-general. Nancy mostrou o cartão da imprensa e foi conduzida à sala de entrevistas. Respondi ao cumprimento do sargento e tomei o elevador para o terceiro andar.

— Peter — disse o coronel Spicer, caminhando com largas passadas para lá e para cá e depois esmagando o cigarro no cinzeiro e olhando-me com hesitação. — Mas, você está um **paisano** perfeitamente banal!

Sentei-me, atacando o assunto de frente:

— O que há afinal, coronel? Mirovic?

— Êle mesmo — respondeu sério. — O convidado de hoje; o que falar, hoje, no comício, **o rapaz de olhos azuis**, de Belgrado! Temos que protegê-lo.

Josip Mirovic era ministro dos Assuntos Econômicos no govêrno iugoslavo e, segundo comentários, primo do próprio Tito e, lògicamente, seu amigo. Sua presença era uma honra para o lugar e uma dor de cabeça para os responsáveis pela boa ordem da cidade.

Spicer continuou:

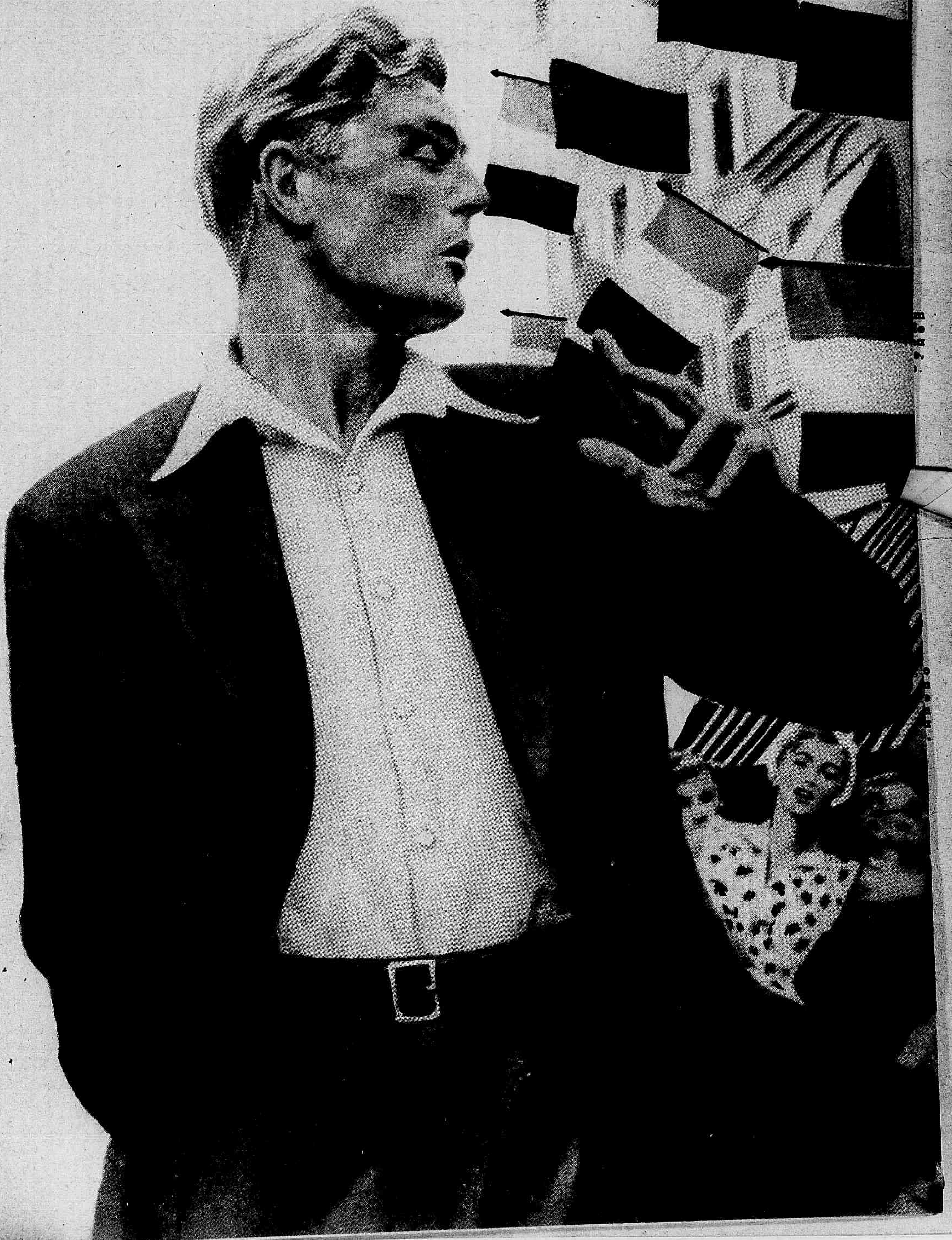
— Oferecemos a nossa proteção, discreta naturalmente, porém êles recusaram. Disseram que podem muito bem tomar conta dêle, sem a nossa ajuda, e que, além disso, ninguém está tramando coisa alguma contra êle.

— E é verdade?

Êle fêz um aceno indecifrável com a cabeça e disse:

— Não; alguém está tramando algo, com muito cuidado, é claro. (Acendeu outro cigarro e continuou.) Olhe o caso à moda de Moscou, porque assim é que convém

Comecei a caminhar pela rua com a esperança de não ser reconhecido. Então, ouvi alguém chamar pelo meu nome...



[redacted]

fazer, atualmente. Contratam um capanga qualquer para matar o homem, Tito fica furioso e começa a espernear, a Itália também reage e começa a movimentar suas divisões. Na melhor das hipóteses isto vai virar um pandemônio...

— Já se comunicou com Stefancar? — perguntei.



Stefancar era o chefe de polícia local.

— Não falei... pessoalmente, mas sei que já está a par do assunto e acredita na possibilidade de um atentado. — O coronel olhou para a ponta do cigarro com desgôsto, antes de prosseguir. — E quero que você vá falar com êles e tome atitude por sua conta. Pode ficar com êles o tempo todo. Você os ajudou uma vez e lhes é simpático.

Fiz cara de quem não está muito contente e respondi:

— Nem tanto assim. Mas posso tentar.

O coronel Spicer ficou melancólico e como que relembrando velhos acontecimentos, depois comentou:

— Um assassinato, especialmente **êste** assassinato, poderia mudar o rumo de tudo; poderia significar tanto quanto Sarajevo em 1914. E, embora sem ser adepto das idéias de Mirovic — a ordem é: Êste homem **não deve morrer!**

Fiz que sim com a cabeça, tentando dissimular o meu ressentimento. Quem pensava êle que eu era? Um exército sintetizado num só homem?

O coronel pareceu ter adivinhado meus pensamentos, pois começou a sorrir, como se voltasse a ser humano.

— Não direi que não estou esperando um milagre porque na verdade estou. Talvez esta seja a sua última tarefa aqui, portanto trate de deixar uma nota de orgulho para incentivar o seu sucessor.

— Isto é uma promessa?

— Promessa? No exército? Ora, não me faça rir...

Mas, meu coração pulou de alegre, pois senti que aquilo era uma afirmativa.

No **hall**, em baixo, Nancy Holt estava esperando por mim. E foi logo dizendo:

— Êles me arranjaram um balcão na **Piazza del Unitá** e também um intérprete para os discursos.

— Então você estará muito bem.

— Bem? (Só então reparei que ela estava furiosa.) Não se consegue uma boa reportagem, sentada num terraço.

— Esta virá de qualquer maneira... E você pode sentar e esperar!

Então, separamo-nos e tomei outra direção. Minha tarefa era urgente.

Caminhando ràpidamente pelas ruas, afastei-me do **boulevard** e subi pela estrada. Ali ficava a **outra parte** da cidade dividida. Dêste lado a festa de côres tinha a predominância vermelha; os bares estavam lotados, cadeiras pelas calçadas, o ruído das vozes lembrava o rosnar de uma fera, diferindo inteiramente do **papaguear musicado** do lado italiano.

Nisso estava a diferença que as Nações Unidas não conseguiriam jamais aplainar: o **gôlfo intransponível** entre eslavos e latinos!

Tive que abrir caminho a cotoveladas para chegar ao quartel-general dêles. Um guarda, de arma em punho e faixa no braço, pediu meus documentos. Depois de longa espera, fui, finalmente, conduzido para a sala, onde três homens bebiam café.

Stenfancar se levantou e estendeu a mão, sorrindo, entre suas banhas de obeso. Há vinte anos devia ter sido um gorila, porém, agora, não passava de um pacote de banha.

Seu filho, Miha, continuou refestelado em sua cadeira. Era um rapagão musculoso e de expressão severa, como antiga fotografia do pai. Olhou para mim com fria indiferença e continuou a tomar o seu café.

O velho falou, com ironia estudada:

— Então, o senhor veio **para nos salvar,** capitão? Aqui o sr. ministro lhe fica muito grato.

Mirovic era um homenzinho de cabelos crespos e queixo quadrado. Sua bôca se abriu num sorriso que reconheci como cópia fiel do sorriso de Tito. Seu principal **equipamento**, segundo observei, parecia ser a perfeita camaradagem, tanto quanto possível, naturalmente, dentro da conveniência.

Seu cumprimento foi objetivo:

— Quando pretende nos entregar Trieste, capitão?

— Qualquer um pode ficar com a minha parte, de amanhã em diante.

Os dois me olharam. Apenas Miha continuava tomando o seu café. Seu pai falou:

— Eu poderia lhe oferecer um refrêsco, mas o tempo não permite. Ao contrário dos italianos, nós fazemos questão de ser pontuais.

— Recebeu o recado do coronel Spicer?

Em vez de responder, Stefancar se aproximou da janela e, afastando a cortina para um lado, indagou:

— Acha que temos alguma coisa a temer?

A multidão de homens que esperava lá em baixo, em silêncio, não estava em **formação**, mas de onde estava notei que havia entre êles unificação e discipina; uma fôrça a um tempo tensa e controlada.

Aquêles eram rapazes robustos, escolhidos; uma espécie de guarda pretoriana — exatamente.

Voltei-me para o ministro e falei:

— Seria uma honra para mim poder acompanhá-lo.

E novamente surgiu o sorriso de Tito quando respondeu:

— Venha, se quiser; mas talvez não se diverta muito, pois tenho coisas duras para dizer sôbre os poderes que nos negam os direitos que temos sôbre Trieste.

— Falando como imparcial — procurarei não me ofender.

Lá em baixo, na rua, a multidão abriu estreita passagem para que nós quatro conseguíssemos caminhar. A impressão que eu tivera de cima se confirmava agora; aquêles homens que nos cercavam, musculosos, gigantescos, de faces inexpressivas, formavam uma **parede** que nenhum inimigo conseguiria atravessar. E nem aquilo era necessário! Olhei para cima; não havia sequer possibilidade de um atirador escondido ali... Continuamos a nossa marcha, ombro a ombro, vagarosamente. No fim da rua encontramos outro grupo, que esperava, e depois a multidão tomou tôda a largura da rua.

Mirovic caminhava agora mais a vontade, ladeado por Stefancar e seu musculoso filho, enquanto eu ia dois passos atrás.

Ao nosso redor, bandeiras e cartazes acenavam. Já agora estávamos perto da **Piazza**, vindos pelo **boulevard**. Estávamos **em território italiano!**

Sem que ninguém comandasse, os passos ficaram mais lentos. Uma banda atacou forte um hino que foi logo seguido pelas vozes entusiasmadas. No final, dez mil gargantas gritaram Ti-to! Ti-to! E mais parecia um chôro uniforme e bem ensaiado. Das janelas e sacadas vieram, então, as vaias e assobios; protestos, falatório, punhos ameaçadores. Comparados à disciplina do grupo celebrante aquela confusão era desoladora, mas meu coração apoiou aquela expansão de revolta; pelo menos eram gestos humanos e espontâneos, sem ordens severas e invisíveis. Voltei minha atenção para a tarefa que me levara até ali, olhando para os telhados; nada poderia vir, dali; nenhum atirador poderia acertar de tão longe sôbre aquêle mar de cabeças.

E uma granada? Também não; uma granada, atirada assim do alto mataria muitos de nós, porém não **aquêle** visado. Se alguma coisa tinha que acontecer partiria dali mesmo, da praça, de onde o alvo era visível.

Aproximando-se da praça os jipes dos "bobbini" subiam nas calçadas, dispersando grupos de jovens palradores. A multidão invadira a praça como uma nuvem. Os guardas abriram caminho para uma plataforma em cima da qual havia cadeiras e um microfone. Stefancar subiu com mais seis homens da comissão e só depois Mirovic subiu, acompanhado de ruidosos aplausos. Miha ficara em baixo, no meio do povo, ao pé do tablado. Mirovic acenou para a multidão sorridente, e sentou-se. Stefancar, como chefe do cerimonial, estava radiante.

Tratei de afastar-me, até sair da **área** cercada pelos guardas e fiquei no meio do povo. Todos estavam calmos e atentos, agora, como se **a salvação** geral dependesse da boa compreensão das palavras que iam ser pronunciadas.

Os alto-falantes foram ligados e o ruído zuniu em meus ouvidos, mas minha atenção estava prêsa a problemas de alvo e trajetória. A direção era muito difícil de deduzir, uma vez que a plataforma estava situada no centro da praça. Quanto ao **momento**, certamente seria quando, depois das introduções habituais, Mirovic se levantasse para falar.

Fiquei preocupado: afinal que esperava Spicer que eu fizesse?

Uma pequena mão batendo em meu ombro fêz-me voltar; era Nancy Holt.

— Tenho a certeza de que você poderá traduzir muito melhor do que o tal intérprete — afirmou.



— Você nada tem para fazer aqui — murmurei zangado.

— Você não acha o Mirovic simpático? Lá do balcão eu não podia ver muito bem — disse ela fingindo não ter ouvido.

Eu até gostava da companhia daquela pequena, mas não naquele momento. Cada segundo que passava aproximava a hora fatal em que Mirovic se levantaria para falar. E Stefancar estava chegando ao fim do seu falatório de apresentação e ia cada vez mais alto até ao instante de anunciar, aos gritos, a palavra de Mirovic. Então, quando a cabeça descoberta se erguesse, desprotegida, **alguém** tentaria **alguma coisa!**

Mas a voz da pequena se fêz ouvir outra vez, indiferente ao drama que estava para estourar:

— Olhe. Ali está o rapaz que vi bebendo esta manhã, no bar; e que os outros cha-

(Continua no fim da revista)

DISTRAÇÕ
para DO



MUITO interessante é um desafio para ver qual o par que faz um embrulho mais depressa, usando cada um apenas uma das mãos.

ACERTAR no coador de arame o maior número de bolas de pinguepongue (num total de seis) não é nada fácil, a dois metros de distância. Os jogadores podem ser rivais ou aliados... contra outro par.

AS distrações e jogos no lar podem ser organizados num abrir e fechar de olhos. A do clichê acima, por exemplo, precisa apenas de uma garrafa e discos de borracha, como os que protegem a tampa dos vidros de conservas.



DEZ pontos são marcados em favor de quem conseguir atirar uma moeda no interior da garrafa, na posição indicada pelo clichê, num total de dez moedinhas.

INTERESSANTE êste número, em que um casal procura tomar sorvete, um com a mão esquerda, outro com a direita, porém com as colheres ligadas entre si por uma simples linha de costurar, com 45 centímetros de comprimento. A finalidade é a de ver qual o casal que acaba primeiro.







EXCELENTE teste de agilidade e contrôle dos nervos é êste de desarmar e tornar a armar uma pequena mesa de jôgo, tendo colocado sôbre o seu tampo uma xícara com café ou um copo cheio d'água, sem que o mesmo se entorne.



OUTRA competição interessante é colocar um ôvo na mesa, escorado com um monte de açúcar. Ora um, ora outro têm que tirar, com uma faca, uma quantidade de açúcar. Perde o que, retirando o açúcar, causar a queda do ôvo.



ÊSTE entusiasma um pouco mais, porque lembra o futebol. Uma panela, quatro pegadores de roupa, um cordão, para os «goals», água e uma bola de celulóide. Por meio de sôpro fazer um «goal» contra o adversário. Em baixo: soprar a pena da fronte, sem enrugar a mesma ou mover a cabeça.



PASSAR a laranja, um para o outro, sustentando o fruto sob o queijo e sem o deixar cair. Em baixo: causará riso ver as reações dos que, de olhos vendados, tenham a mão introduzida em farinha, macarronada, ostras frescas, melado, salada de frutas, etc., colocados em recipientes diferentes.





NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Prestigiemos, honremos e defendamos a língua que falaram nossos maiores." — PEDRO A. PINTO

UM POUCO DE ANÁLISE

(II)

O segundo período que nos é submetido a exame é o seguinte:

"Embarcando eu em Barcelona com outros passageiros, tanto navegamos pelas duvidosas ondas do mar Mediterrâneo, que em poucos dias vimos terras de Itália; e indo ferindo com os duros remos as salgadas ondas do pego ligústico, a par de Gênova, fomos topar com um navio de que eu soube tais novas que me foi necessário deixar a companhia, o que fiz com assaz saudade."

(Fr. Heitor Pinto)

Pede-me o leitor que particularmente estude a análise da parte final do trecho.

Encontramos, inicialmente, um processo comum de correlação de orações:

...tanto navegamos pelas duvidosas ondas do mar Mediterrâneo, | que em poucos dias vimos terras de Itália...

A primeira oração (...tanto navegamos pelas duvidosas ondas do mar Mediterrâneo...) é a principal; a segunda (...que em poucos dias vimos terra de Itália...) é uma subordinada correlata.

Análogo processo de correlação vemos na segunda parte do período, através das orações **de que eu soube tais novas** | **que me foi necessário**.

Há outros processos de correlação (1), existe no período abaixo:

"Padecia neste tempo o reino de Portugal calamitoso apêrto de fome; porque, quanto mais corria o ano de 22 em que vamos, tanto maior era o trabalho" (Frei Luís de Sousa).

Observe-se a construção: **porque tanto maior era o trabalho** | **quanto mais corria o ano de 22**.

Voltando ao trecho de Heitor Pinto: deseja o missivista, certamente, que analise e comente a construção final — **o que fiz com assaz saudade**.

A locução **o que**, aí, pode ser tratada como equivalente a **isso (e isso)**, e dá origem a uma oração coordenada (**o que** funciona como objeto direto de **fiz**). **Com assaz saudade** (= bastante saudoso) é predicativo.

Ainda há quem, na construção acima, assimile o **o que** a **fato que**, e inclua **fato** na oração anterior (apôsto).

Relativamente à expressão **o que**, sabe esclarecer que ainda aparece:

1) como pronome demonstrativo + pronome relativo: Não sei **o** | **que** êle disse.

2) como pronome indefinido: **O que** desejas? (Melhor diríamos: **Que** desejas? O **o** da expressão **o que?** pode justificar-se como apoio fonético para o **quê**).

JOSÉ RICARDO NETO

(1) Aos interessados indicamos um dos últimos trabalhos do prof. José Oiticica — DA CORRELAÇÃO —, em que o assunto é examinado minuciosamente.

O DIÁRIO DE FELIX LANE

De NICHOLAS BLACKE

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Começa o «Diário de Felix Lane» com a primeira página de seu livro de apontamentos, na data de 20 de junho de 1937, quando o autor anuncia que vai matar um homem que não conhece, nunca viu, ignorando tudo sôbre êle: — nome, aspecto, profissão, etc. Mas vai tentar descobri-lo e matá-lo, porque êsse desconhecido, guiando um automóvel de marca e número ignorados, atropelou e matou seu filho único, de sete anos, com o qual se acolhera a uma casa de campo, após perder a espôsa. Na polícia não há indícios, nem nos arredores da aldeia, onde o fato ocorreu. Por isso, começa a raciocinar, a fim de descobrir como agiria êle próprio, no lugar do atropelador. Indagando cautelosamente, consegue saber, por um lavrador, que, um automóvel foi lançado num pantanal, poucas horas depois do atropelamento de seu filho. Nêle iam um cavalheiro e uma conhecida atriz cinematográfica, Lena Lawson, seu companheiro se chama George. Decide, então, visitar o estúdio onde Lena trabalha, porém não antes de se transformar em Felix Lane, autor, para esconder sua identidade como Frank Cairnes. Consegue um cartão para visitar o estúdio e não tarda a conhecer Lena Lawson, a quem se apresenta como Felix Lane — anunciou sua intenção de escrever um argumento para cinema. Do seu contacto com a atriz descobre outros indícios fortes de que está na pista certa. Suas relações se estreitam ràpidamente e ela confessa que seu cunhado (George) a perseguia com galanteios. Mais tarde, pretextando precisar repousar, Felix Lane propõe-se a levá-la a Savernbridge, em sua companhia. Assim conheceria George Rattery. Indivíduo antipático, autoritário, que maltrata a mulher e o filho, menino de 14 anos. Imediatamente, notando a ligação de Lena e Felix, passa a perseguir êste último com indiretas grosseiras. Não tarda Felix a ter a certeza de que aquêle era o assassino do filho. O convívio mais aumenta o seu ódio, pois assiste como vive aquêle homem grosseiro e como sofrem todos os que o rodeiam. Tem ocasião de matar o homem que odeia, atirando-o de um precipício, mas prefere fazê-lo de outro modo, pois vem a saber que George não sabe nadar. Um acidente, com o barco do sócio de George poderá levar o assassino de Martie desta para melhor... Assim, consegue convencer George a acompanhá-lo num passeio pelo rio e para isso passa a aguardar o dia mais «favorável» aos seus planos. Antes de sair com êle, Rattery pede alguns instantes, pois tem alguma coisa que providenciar, antes de sair na canoa. Passam pela reprêsa e já em pleno rio, no lugar mais fundo, quando se prepara para realizar seus planos sinistros, uma discussão surge entre êles.

Depois, Felix percebeu que êsse silêncio impressionante não provinha nem do vento, nem da água. Emanava, como uma névoa gelada, do próprio George. "O pano do centro" — pensou Felix. "Revelei a intenção de levantar o pano do centro". Mas os olhos do outro o pregavam no lugar. Reunia esforçadamente a coragem para levar o próprio olhar. O corpo de George pareceu-lhe monstruosamente grande e muito próximo. Verdadeira visão de pesadelo. A explicação era muito simples, naturalmente: seu companheiro avançara, quase sem fazer ruído e sentara-se ao seu lado. Uma expressão de triunfo cínico brilhava nos olhos de George, que limpou tranqüilamente os próprios óculos, antes de dizer, em tom zombeteiro:

— Entendido, meu amiguinho. Deixa-me o lugar e eu empunharei o leme... Mas aconselho-o, vivamente, a desistir de pôr em prática um dos golpes que premeditou.

— Golpes? — repetiu Felix, com voz átona — não sei o que está dizendo.

Louco de raiva, o outro trovejou:

— Você me compreende perfeitamente, miserável! Miserável... **assassino**...

Acalmou-se, porém, para dizer:

— Mandei o seu bonito "Diário" para meus advogados, com a ordem de abri-lo, caso eu viesse a morrer, tomando, então, as medidas que fôssem necessárias. Era isso o que eu "tinha que fazer", quando lhe pedi que me esperasse na embarcação uns quinze minutos. Compreende, agora, porque estará em má posição, caso volte sòzinho para casa? Compreende mesmo?

A cabeça de Felix continuou desviada. Sua garganta contraída não podia emitir qualquer som e as juntas de seus dedos, crispados sôbre a barra do leme, estavam brancas como as de um cadáver.

— Então? Perdeu a língua, hein? — continuou George. — E as garras também? Sim. Creio que arranquei-lhe as garras, imbecil! Você se considerava tão superior aos outros... Mas está vencido, hein?

— Por que dramatizar a tal ponto? — murmurou Felix.

— Não procure zombar, miserável ou vou quebrar-lhe os ossos. É o que desejo fazer há muito tempo — gritou o outro, ameaçador.

— E... levará, sòzinho, a canoa de volta?

— Levarei, sim. Aliás, nada impedirá que eu lhe dê uma boa surra, quando estivermos em terra firme.

Afastou brutalmente Felix, para empunhar a barra do leme. Levada pelo vento, a canoa seguia velozmente. Felix continuava a empunhar a corda da escuta da grande vela, vigiando a aproximação das marolas com ar de sonâmbulo. George voltou à carga:

— É tempo de agir, se deseja mesmo livrar-se de mim. Estamos a meio caminho da reprêsa. Teria, por acaso, renunciado ao projeto assassino?

Com um erguer de ombros, Felix reconheceu sua derrota.

— Hmm. Desistiu mesmo? Prefere salvar a imunda pele, eh? Eu bem sabia que você renunciaria diante da ameaça das conseqüências de um assassínio e contava mesmo com a sua cobardia. Grande psicólogo, hein? Oh... Continuarei a falar sòzinho, já que recusa responder ao que digo...

George explicou, entre outras coisas, que a atitude de Felix, no correr do almôço tinha despertado sua curiosidade a respeito do famoso "diário", ou, antes, do pseudo "manuscrito do novo romance policial". Aproveitando a ausência de seu convidado, penetrara no quarto do mesmo e lera o jornal comprometedor, depois de descobrir o esconderijo.

— Você nunca chegou a me inspirar confiança — concluiu êle. — Seu diário veio, apenas, confirmar que minhas suspeitas eram justas. Mas, agora, tenho-o nas minhas mãos, imbecil. E aconselho-o a dirigir o barco com cuidado, muito cuidado, senão...

— Você não pode fazer nada contra mim... — articulou Felix, em tom sombrio.

— Oh, é assim? Sem ser advogado, sei que aquêle diário poderá mandá-lo para o cárcere por tentativa de assassinato.

George acentuava com esfôrço a palavra "diário", cada vez que a pronunciava. Evidentemente, não apreciara a análise de seu caráter feita por Felix, e o mutismo obstinado dêste o exasperava ainda mais. Começou a injuriá-lo, até que seu companheiro deteve o fluxo de palavras com uma pergunta:

— Quais são suas intenções?

— Estou com vontade de mandar o seu diário para a polícia. Era o que eu deveria fazer, evidentemente. Mas seria doloroso para Lena... e para todos. Talvez venha, mais tarde, a vender-lhe aquela prosa tôla. Sei que está com a bôlsa cheia... Estou pronto a aceitar uma oferta... uma oferta generosa, é claro.

— Não seja bobo! — disse Felix, de maneira inesperada.

George teve um sobressalto, fitando seu companheiro de viagem com olhar incrédulo.

— Hein. Imbecil, que você é! Bem sabe que não pode entregar meu diário à polícia pela excelente razão... porque não quer ser prêso e condenado por homicídio, o que é bem mais grave que uma simples tentativa.

Os olhos de George bateram ràpidamente. Ficou rubro, como se fôsse estourar. Na embriaguês do triunfo, somada à sensação de alívio por haver escapado da morte e ainda ter feito um bom negócio, esquecera a arma perigosa que Felix possuía contra êle. Apertou os punhos, assaltado por uma vontade irresistível de arrancar os olhos de seu adversário, de o fazer sofrer mil torturas, antes de o liquidar de uma vez, para o punir de se haver safado de uma situação terrível, recuperando tôdas as vantagens.

— Você não poderá provar nada — disse êle, em tom de desafio.

— Você matou Martie, meu filho. Não pretendo encorajá-lo na chantagem, oferecendo dinheiro em troca do meu diário. Entregue-o à polícia, se assim entende que deve fazer. O homicídio, agravado pela fuga é severamente condenado, você bem o sabe. Não espere livrar-se com mentiras... Você não estava só e Lena o venderá em dois minutos, quer queira, quer não... Escolha, portanto, entre a prisão e o **statu quo**...

As veias das têmporas de George incharam quase a ponto de explodir. Levantou-se, com os punhos ameaçadores, quando Felix o interrompeu, dizendo:

— Aconselho-o a ficar tranqüilo. Senão um verdadeiro acidente poderia ocorrer. Fique quietinho, imbecil!

George Rattery deu livre curso a uma torrente de imprecações. Seus gritos arrancaram de seu êxtase um dos pescadores do rio. "Aquêle cara deve ter sido picado por alguma abelha, provàvelmente" — pensou êle. "Temos muitas, nesta região, êste ano..." Seu companheiro não pareceu ligar importância. Que prazer podia haver em subir e descer o rio, num barco a vela? Ainda se fôsse uma boa lancha a motor, com uma caixa de cerveja, geladinha, na cabine!

— Proibo-o de tornar a pôr os pés em minha casa! — gritava ainda George. — Se aparecer por lá, esborracho-o como se fôsse uma pulga, entende? Eu...

— Minhas bagagens? — objetou, suavemente Felix, sorrindo. — Tenho que voltar, ao menos para arrumar minhas coisas.

— Não passará da porta da minha casa, pode estar certo. Lena fará sua bagagem...

Uma expressão astuciosa cobriu o rosto de George, que acrescentou:

— Lena... Que cara fará ela, ao saber que você a usou como simples instrumento para me atingir?

— Não se importe com Lena.

Felix teve um sorriso amargo. Sentia-se extenuado, o corpo dolorido da cabeça aos pés. Graças a Deus! A reprêsa estava próxima, agora, e logo estaria livre de George. Tratou logo de abordar, de costado. Só a parte dêle que havia executado a manobra era real... O resto era apenas sonho. Olhando para o jardim florido do encarregado da manobra, Felix se sentiu invadido por repentina melancolia, pelo sentimento de sua solidão. Lena. Não. Não queria sondar o futuro... Para que, de resto? O futuro não mais lhe pertencia...

— Pois sim — continuou George. — Conte comigo para abrir os olhos de Lena a seu respeito. Assim estará findo o seu romance...

— Aguarde que eu tenha apanhado minhas malas, antes de dizer... — interrompeu Felix. — Se não, ela poderia não querer arrumar minhas coisas e você mesmo teria que fazê-lo. Penosa situação, realmente, a da vítima que pôde escapar, mas obrigada a arrumar nas malas os pertences de seu assassino intencional!

— O seu cinismo... A sua inconsciência, me assombram. Como ainda tem ânimo para ser engraçado? Não compreende que...

— Vai recomeçar? Não adianta. O fato é só êste: você e eu acreditamos ser muito espertos. Só isso. Fiquemos por aqui. Você matou Martie e eu não consegui acabar com a sua miserável carcassa. Você levou, portanot, vantagem.

— Chega, miserável! Causa-me horror. Quero desembarcar imediatamente.

— Pode saltar. Aí está a reprêsa. Mande a minha valise para o "Angler's Arms". A propósito, querendo visitar-me...

George abriu a bôca para dar livre curso a sua raiva, que fervia novamente em seu coração. Mas Felix apontou para o manobreiro, que avançava, com o cachimbo entre os dentes, acrescentando:

— Calma... Não diante de inferiores, George.

— Fizeram um bom passeio, senhores? — perguntou o homenzinho. — Ah! Vai desembarcar aqui, sr. Rattery?

George já saltara da canoa para o pequeno cais. Empurrou o manobreiro e

★



— Perdão, senhorita. Com quem devo falar a respeito de uma invenção que torna pessoas e coisas invisíveis?...

afastou-se ràpidamente, esmagando as flores como um tanque. Dir-se-ia que tinha prazer, em sua raiva cega, de esmagar tudo.

O proprietário do jardim seguiu-o com o olhar, abrindo a bôca, assombrado. O cachimbo caiu-lhe da bôca, quebrando-se contra o chão...

— Olá, sr. Rattery! — gritou, com voz carregada de censuras. — Atenção com as minhas flores!

Mas George não ligou qualquer importância à recomendação. Afastava-se, gesticulando furiosamente, a caminho da cidade. Felix seguiu-o com o olhar, por alguns instantes, depois voltou sua atenção para as flores sacrificadas. Jamais tornaria a ver George Rattery.

Terceira Parte

APÓS O ASSASSINATO

Nigel Strangeways lia no apartamento que ocupava desde o seu casamento com Georgia, isto é: há pouco mais de dois anos. A janela do salão abria sôbre uma das últimas praças londrinas que conservara a dignidade clássica do século XVII e resistira à invasão das lojas de frivolidades e dos suntuosos imóveis próprios para as famílias milionárias. O livro de Nigel estava aberto sôbre uma enorme almofada vermelha, pousada sôbre os seus joelhos; ao alcance de sua mão estava um cinzeiro moderno e caro, presente de Geórgia para o seu último aniversário. Geórgia passeava em Hyde Park nesse instante e Nigel aproveitara para voltar aos seus caros velhos hábitos.

Não tardou, porém, que livro e almofada escorregassem dos seus joelhos; Nigel estava muito fatigado para sustentar um longo esfôrço de atenção. O singular caso da coleção de borboletas do almirante, que êle acabara de esclarecer, esgotara-o fìsicamente. Bocejou, estirou braços e pernas e adormeceu.

O retôrno de Geórgia, vinte minutos mais tarde, despertou-o num sobressalto.

— Meu pobre querido... Tão cansado! — disse ela, carinhosamente. — Precisa repousar.

— Preciso mesmo.

— Poderemos passar alguns meses no Thibet... Que diz você?

— Gostaria mais se fôsse em Hove. Não gosto de leite de "yack", nem de terras distantes, nem dos lamas...

— Como pode assim detestar os lamas, se nunca encontrou um sequer?

— São preguiçosos e feios...

— Oh! Você falava dos sacerdotes de Buda e eu pensava nos mamíferos do mesmo nome... Agora está explicado.

A campainha do telefone soou nesse instante. Geórgia foi atender, seguida pelo olhar do seu marido. Seu corpo tinha a agilidade e a leveza do gato. Nigel sentia um prazer sempre renovado, observando seus gestos, de uma elegância repousada. E seu rosto, geralmente tranqüilo e reflexivo ao mesmo tempo, oferecendo inesperado contraste com a graça quase bárbara do seu corpo e de suas tualetes de côres vivas.

— Alô? Não. É Geórgia Strangeways — disse ela ao telefone. — Oh! É você, Michael? Como vai? Que há de novo em Oxford? Sim, está sim. Está muito fatigado, depois de um inquérito delicado e trabalhoso. Não. Oh, não! Digo que é impossível. Vamos sair em viagem de férias... Hein? Questão de vida ou morte? Que exagêro, meu caro Michael! Pois bem, vou chamá-lo.

Geórgia entregou o fone ao marido. Depois de longa conversação com seu amigo, Nigel segurou a espôsa por um braço, forçando-a a voltar-se como um pião.

— Imagino que essa efervescência significa que um desconhecido matou outro e que você vai tratar dêsse novo caso...? — declarou Geórgia entre afirmativa e interrogativa, quando o marido a conduziu para uma poltrona, obrigando-a a sentar-se.

— Isso mesmo! — exclamou Nigel, entusiasmado. — Um comêço particularmente curioso... Um amigo de Michael, Frank Cairnes... A propósito, é êle o autor dos romances policiais assinados Felix Lane, premeditou o assassinato de um indivíduo... e fracassou. Ora, êsse mesmo indivíduo acaba de morrer, envenenado por estriquinina. Cairnes deseja que eu vá trabalhar no sentido de provar sua inocência.

— Não acredito nem um tiquinho nessa história. Com certeza está brincando... e saiba que, se insistir, consentirei em ir passar as férias em Hove. Você não está em condições de trabalhar, seja lá no que fôr, neste momento.

— É um dever. Michael afirma que êsse Cairnes é pessoa respeitável; ora, êsse infeliz está, agora, em situação muito difícil. Além do mais, o ar do Gloucestershire é excelente.

— Pois vamos logo! Uma "pessoa respeitável" não premedita um crime!

— Cairnes, ao menos, têm circunstâncias atenuantes. O homem que desejava matar esmagou seu filhinho... e fugiu sem socorrer a vítima. A polícia não pôde encontrar o atropelador. Cairnes encetou um inquérito por conta própria e...

— Isso é fantástico! Êsse Cairnes deve ser louco. Por que foi anunciar suas intenções criminosas para quem quisesse ouvir, se o assassino do atropelador foi outra pessoa?

— Segundo explicou Michael, Cairnes tinha um diário... Explicarei tudo na viagem de trem. Severnbridge... Onde ficará isso? Onde está o indicador de estrada de ferro?

Geórgia lançou um longo olhar sonhador sôbre o marido. Depois abriu uma gaveta e começou a folhear o indicador.

— II —

A primeira impressão de Nigel sôbre o homenzinho de barbas, que caminhou ao seu encontro, no **hall** do "Angler's Arms", foi a de que o amigo de Michael parecia extraordinàriamente pouco afetado pela situação deplorável em que estava. Cairnes apertou a mão dos recém-chegados com um sorriso como de desculpas, como que a pedir-lhes perdão por forçá-los a uma viagem por motivo tão fútil. Geórgia e os dois homens trocaram banalidades durante alguns minutos. Depois, Felix declarou:

— Fico-lhe muito agradecido por ter vindo, sr. Strangeways. O caso é...

— Examinaremos o assunto depois do jantar — interrompeu Nigel. — Minha espôsa está fatigada pela viagem. Se o permite, vou conduzi-la ao seu quarto.

Geórgia, cuja extraordinária resistência física era lendária (suas expedições no deserto e no juncal a tinham tornado uma das três mais célebres exploradoras da atualidade), aceitou sem pestanejar a mentira do seu marido. Esperou estar só com êle, no quarto, para perguntar com um sorriso maldoso:

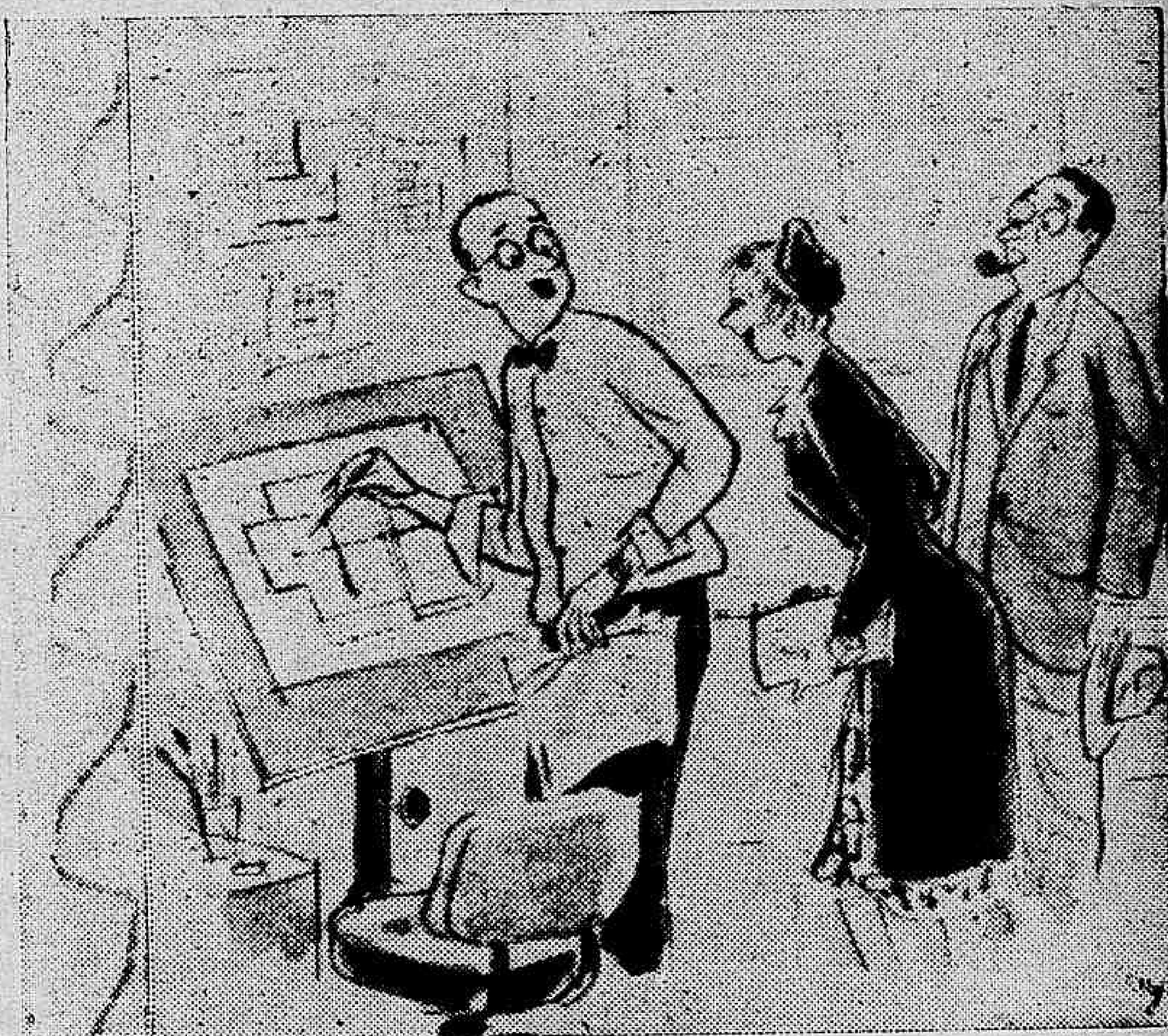
— Então... estou mesmo fatigada pela viagem? Dito por um homem que chegou ao extremo limite da fadiga física e moral, a graça foi infeliz. Por que essa solicitude por sua frágil mulherzinha, meu amigo?

Nigel tomou entre as suas as mãos da espôsa e beijou-as, antes de responder:

— É preciso que você passe por uma criaturinha muito frágil, realmente, aos olhos de Cairnes, meu amor... Uma dessas criaturas doces e tranqüilas, que convidam e encorajam as confidências. Compreendeu?

— Eis o grande Strangeways! — exclamou Geórgia, rindo. — Seu espírito utilitário me aborrece. Recuso imiscuir-me





— Isto aqui é o escritório do seu marido, d. Maricota, mas poderá ser fàcilmente transformado em lavanderia!

nesse inquérito. Saiba isso de uma vez por tôdas.

— Que impressão você teve dêle? — perguntou Nigel, sem ligar ao que ela havia dito.

— Uma natureza profunda, distinta, fechada. Êsse homem viveu só durante muito tempo... O modo como êle olha além do seu interlocutor, como se estivesse habituado aos monólogos solitários, prova isso. Tem gostos delicados e hábitos de solteirona. Gosta de julgar-se capaz de viver sem a companhia de outras pessoas, quando, ao contrário, é indivíduo muito sensível à opinião dos seus semelhantes e à voz da própria consciência. Dou minha opinião reservadamente, pois é muito difícil julgar uma pessoa preocupada pela situação em que se encontra — concluiu Geórgia.

— Você achou que o sr. Cairnes estava nervoso? Pareceu-me, ao contrário, extraordinàriamente senhor de si mesmo.

— Oh, não! O coitado faz esforços tremendos para dominar-se. Eis tudo. Não notou a expressão angustiada do seu olhar, durante os silêncios da conversação, quando nada o distraía de suas preocupações secretas? Lembro-me de ter visto êsse olhar nos olhos de um de meus companheiros de expedição, uma noite em que estávamos muito distantes do acampamento e que erramos durante uma hora, perdidos na névoa.

— Queira Deus que Cairnes não seja o autor do crime! Parece muito simpático, o homenzinho. Talvez fôsse melhor você repousar um pouco, antes do jantar.

— Não! Que mania, essa! E perca as últimas ilusões, meu caro: estou absolutamente decidida a não meter a pontinha de um dedo na engrenagem. Conheço os seus métodos e não os aprovo.

— Estou decidido a apostar que você se apaixonará, antes mesmo do que eu, por êste assunto. Antes mesmo de passadas quarenta e oito horas. As suas brilhantes faculdades...

— Aposentado!

Depois do jantar, Nigel subiu ao quarto de Felix, conforme ficara combinado. Felix o estudou atentamente, enquanto oferecia café e cigarros. Via diante de si um rapagão desengonçado, de trinta a trinta e cinco anos, de cabelos emaranhados, rosto pálido, traços firmes; mas a inteligência dos olhos azuis desmentia a falta de maturidade do conjunto. A atitude polida, precavida, até mesmo protetora de Strangeways impressionou a seu interlocutor. "Um sábio não olharia de outro modo um tema de experiência" — pensou êle. "Sob o interêsse e a solicitude exteriores, êsse olhar é de uma objetividade sôbre-humana". De fato, Nigel pertencia ao pequeno grupo de homens que estão sempre prontos a reconhecer seus erros — e isto sem sombra de hesitação.

— "O perigo aguçou minhas faculdades" — pensou Felix, surpreendido com sua própria perspicácia. Disse, a seguir, com um sorriso ambíguo:

— Quem me livrará do pêso dêsse cadáver?

— Cada um será julgado segundo a própria obra — disse Nigel. — Estou pronto a ouvir suas declarações.

Felix resumiu o conteúdo do seu diário: a morte de Martie, sua própria evolução moral, sua sêde de vingança, o concurso de raciocínio abstrato e o feliz acaso que o conduzira a George, seu projeto de afogá-lo no curso de um passeio de canoa, e a maneira como os acontecimentos se haviam voltado contra êle, no último minuto. Nigel, que o ouvira atentamente, até êsse instante, com a cabeça baixa e o olhar sôbre o tapête, interrompeu-o para fazer uma pergunta:

— Por que motivo Rattery esperou tanto para anunciar que o havia desmascarado?

Felix refletiu por alguns segundos.

— Não posso responder com segurança — disse êle, finalmente. — George, um sádico em tôda a expressão do têrmo, talvez tirasse prazer em brincar comigo, como o gato faz com o rato. Além do mais, antes de mostrar seu jôgo, queria, talvez, ter certeza da minha decisão de ir até ao fim... Uma explicação franca, entre nós ambos teria que acabar, certamente, numa discussão homicida ou numa acusação de homicídio contra a pessoa de Martie. Isso êle sabia bem. Mas, talvez, eu esteja avançando de mais, porque George tentou explorar-me, numa tentativa de tomar-me dinheiro, quando estávamos na canoa.

Propôs, simplesmente, vender-me o meu diário, o miserável! E não soube esconder sua surprêsa, quando eu afirmei que êle não ousaria, jamais, entregar o diário à polícia.

— Que aconteceu, depois?

— Fui diretamente para o hotel, aonde George deveria entregar as minhas coisas; êle me havia proibido, aliás com muita razão, de tornar a pisar no chão de sua casa. Tudo isso ocorria ontem, é bom saber. Lena telefonou-me, cêrca das vinte e duas horas e meia, para anunciar a morte do seu cunhado. Foi, como pode muito bem imaginar, um golpe terrível para mim. Depois do jantar, George começara a sentir dores violentas e, baseando-me no que contou a própria Lena, diagnostiquei um envenenamento por estriquinina. Corri à casa dos Rattery, onde cheguei antes da saída do médico, que confirmou meu diagnóstico. Eu estava metido numa ratoeira. George havia enviado meu diário a seus advogados, com ordem de abri-lo após a sua morte; ora, o infeliz diário indicaria à polícia que eu havia premeditado assassinar o homem... que acabava de ser assassinado! Por aí é fácil compreender que o inquérito policial não havia de ser muito complicado!

A rigidez de Felix e a ansiedade do seu olhar desmentiam sua intonação tranqüila, quase indiferente.

"Não sei o que me reteve no instante em que ia lançar-me ao rio — continuou pouco depois. — Minha situação parecia absolutamente desesperada. Depois lembrei-me da maneira como o senhor havia tirado Michael Evans de uma situação análoga. Telefonei para êle, para que me pusesse em contacto com o senhor. É só isso.

— Ainda não revelou a existência dêsse diário à Polícia?

— Não. Apenas aguardo.

— Mas é a primeira coisa que deve ser feita. Vou encarregar-me disso. Será ótima medida...

— Obrigado. Ia justamente pedir-lhe...

— Pônhamos, uma vez por tôdas, as coisas nos seus devidos lugares — declarou Nigel. — Segundo o senhor acaba de dizer, parece pouco provável que o senhor tenha matado George Rattery e eu me esforçarei por provar a sua inocência. Mas, se as aparências são enganadoras e se a minha investigação vier a estabelecer a sua culpabilidade, não serei seu cúmplice.

— Muito justo — disse Felix com um pálido sorriso. — Tanto tenho escrito sôbre detetives amadores, que estudarei com interêsse os métodos de trabalho do célebre Strangeways. Oh, Deus! Que situação atroz! — prosseguiu noutro tom. — É de enlouquecer... Aliás, quase enlouqueci nestes últimos meses. Meu pobre Martie! Mas palavra que pergunto a mim mesmo se teria, realmente, coragem de deixar George morrer afogado diante dos meus olhos, se...

— Não importa. O senhor não fêz isso. É o essencial.

O tom frio, porém amistoso de Nigel, ajudava melhor Felix a recuperar a calma que as demonstrações de simpatia.

— Tem razão — concordou êle. — George não é uma perda para a sociedade e seu assassino...

— A propósito — interrompeu Nigel. — Como sabe que não estamos diante de um suicídio?

Felix pareceu impressionado.

— Um suicídio? Essa idéia não me passou pela cabeça. Não... George tinha uma

★



— Qual é o primeiro?

natureza assaz insensível e era muito orgulhoso para que a hipótese possa ser considerada a sério. Além do mais, que razão o teria levado a êsse gesto desesperado? Não vejo nenhuma.

— Procuremos, pois, seu assassino... Quais os candidatos possíveis?

— Meu caro Strangeways! — exclamou Felix com evidente desagrado. — Não pode pedir ao principal suspeito que atire lama sôbre os que cercavam a vítima!

— Os sentimentos de cavalheirismo não podem ser aceitos entre o senhor e eu. A importância do alvo a atingir sobrepuja o resto.

— Pois seja! Serei de franqueza absoluta: todos os que mantinham relações com George tinham razões para odiá-lo mortalmente. Êle martirizava a espôsa e seu filho de maneira inqualificável e ainda se interessava acintosamente pelo belo-sexo. Sua mãe era a única pessoa que êle respeitava, embora só até certo ponot. Aliás, é uma velha megera da pior espécie. Devo dar mais amplos detalhes sôbre êsses diversos personagens?

— Ainda não chegamos lá. Prefiro criar minha própria opinião... de início. O assunto me parece esgotado por êsse lado; vamos ao encontro de minha espôsa, se não vê nisso algum inconveniente.

— Um instante, por favor. Desejaria poder falhar-lhe de Phil, um menino de doze anos, muito gentil. Será de bom conselho tirá-lo de casa neste momento, pois é um menino muito nervoso e em quem as emoções fortes poderão alterar de uma vez por tôdas seu espírito. Não ousei propor isso a Violeta Rattery, pela simples razão dela vir, a qualquer instante, conhecer tôda a verdade a meu respeito. Talvez que a sra. Strangeways quisesse ter a bondade...

— Sim. Cuidaremos de proteger o jovem Phil, amanhã mesmo. Visitarei a senhora Rattery com êsse propósito.

— III —

— Um amigo da família? — perguntou o policial de serviço diante da casa dos Rattery, quando Nigel se apresentou, na manhã seguinte.

— Não... exatamente, mas...

— Um repórter? Já desconfiava... Pois vai ter que se armar de paciência, meu velho. As ordens do Inspetor Blount são formais e estou encarregado de zelar pelas mesmas...

— Inspetor Blount? Oh! É um velho amigo.

— Isto não é comigo... — ponderou o guarda.

— Diga-lhe, por favor, que aqui está Nigel Strangeways... Ou melhor, entregue-lhe, por favor, meu cartão. E quer apostar como êle me recebreá imediatamente?

— Não costumo apostar, por princípio. A paixão pelas apostas já tem feito muitas vítimas...

Ao fim de cinco minutos de resistência passiva, o policial consentiu em levar o cartão de Nigel ao inspetor.

— Êles não perderam tempo em chamar a Scotland Yard para ajudar — pensou Nigel. — Como podia esperar vir encontrar o próprio Blount?

A lembrança do seu último encontro com o inspetor de rosto pacato e coração de granito despertou os diversos sentimentos no espírito de Nigel, que desempenhava, na época, o papel de Perseu. Geórgia o de Andrômeda e quase nada faltou para que o inspetor Blount desempenhasse o papel do monstro marinho da fábula. O drama se desenrolara em Chatcombe, onde o grande ás Fergus O'Brien plantara diante de Nigel o problema mais árduo da sua carreira...

Nigel encontrou o inspetor sentado diante de uma mesa cheia de papéis; tinha o ar grave de um diretor de banco, dispondo-se a entrevistar um cliente a respeito de sua conta devedora. Sua calvície, seu pincenez com aros de ouro, seu rosto cuidadosamente escanhoado, suas roupas de uma elegância sóbria, tôda a sua pessoa, em suma, transpirava opulência, tato e respeitabilidade. Era preciso conhecê-lo, como Nigel, para saber que um caçador teimoso de criminosos se escondia sob êsse exterior inofensivo.

(Continua no próximo número)



A "máquina de fumar", inventada para as experiências dos sábios norte-americanos, "queima" sessenta cigarros a um tempo só, a razão de dezoito inalações por segundo. Todos os resíduos deixados pela fumaça são bombeados em retortas refrigeradas.

REABERTO O CASO NICOTINA

RESULTADOS ASSUSTADORES DO INQUÉRITO SÔBRE O CIGARRO. OS MÉDICOS NORTE-AMERICANOS LANÇAM UM ANGUSTIOSO S. O. S.

UMA nuvem de fumaça subiu para o céu, na sala de conferências do Civic Center, de San Francisco, enquanto o dr. Hammond lia sua conferência. A sessão terminou, finalmente, após quase quatro horas, ouvida atentamente por 1.500 representantes dos 150.000 membros da American Medical Association, que se retiraram discutindo acaloradamente.

Aqui e ali brilhavam as chamas dos isqueiros automáticos, incendiando pontas de cigarros. O corpo médico norte-

americano acaba de ouvir que o cigarro era um assassino. E o corpo médico norte-americano fumava... Um pouco mais tarde, E. Cuyler Hammond, de 42 anos, doutor em biologia e em estatísticas, entregava-se aos jornalistas. Um dêles perguntou, entre duas tragadas, se o médico não tinha uma implicância particular com os cigarros. Hammond sorriu:

— Eu fumava três maços de cigarro por dia. Parei logo que cheguei às conclusões que os senhores acabam de ouvir.

Outro médico tomou a palavra: tratava-se de Charles Cameron, nome célebre na América do Norte, presidente da American Cancer Society, que organizou èssa pesquisa sem precedente sôbre as relações do fumo com a morte.

— Estou no meu sétimo dia de abstinência. Mas, se estivéssemos há quatro anos atrás, os senhores saberiam que eu estava no meu décimo terceiro dia de abstinência...

Alguém perguntou se essa terceira tentativa seria finalmente a definitiva. Charles Cameron esboçou um gesto de dúvida:

— Quem sabe? — respondeu.

Os médicos são os maiores fumantes da América do Norte e é pouco provável que muitos dêles renunciem a êsse vício. No entanto, acabam de ouvir o grito de alarma mais dramático pronunciado até hoje.

— Não tínhamos a intenção — disse o dr. Hammond — de publicar os resultados de nosso inquérito antes do ano próximo, mas achamos que não tínhamos o direito de adiar tanto. Trata-se de vidas!



A análise revela que o condensado de fumaça se compõe de detritos mineralógicos — (cêra, álcool e nicotina).



Passando êsse condensado no dorso de um rato, cujos tecidos são semelhantes ao do pulmão humano...



...após uma incubação, correspondente a trinta anos de vida humana, surge um tumor, que se agrava ràpidamente.

O inquérito em questão teve início no dia 1.º de novembro de 1952. Em nove Estados, entre os quais New York, Pennsylvania, Illinois, California, etc., 22.000 voluntários, recrutados pela American Cancer Society, passaram a constituir o "dossier" dos homens de cinqüenta a setenta anos, nas relações presentes ou passadas com o fumo. 187.776 fichas tinham sido organizadas em 1.º de novembro de 1952. Foram divididas em três grandes categorias: 1ª — não fumantes; 2.ª — fumantes ocasionais; 3.ª — fumantes regulares. Esta última categoria foi dividida em sete grupos: cigarros apenas, cigarros e charutos, charutos apenas, etc. O fim exato era o de fazer luz sôbre a alegação segundo a qual o cigarro é o responsável pelo aumento vertiginoso do número de cânceres do pulmão.

O dr. Hammond e seu assistente, o dr. Horn, começaram a colecionar os atestados de óbitos de suas cobaias.

— Eu estava cético quanto às conclusões de nossa experiência — confessou o doutor Hammond.

Do 1.º de novembro de 1952 ao 31 de outubro de 1953, 2,6% ou 4.854 dos indivíduos considerados morreram. 745 dentre êles fumavam mais de um maço de cigarros por dia. Se a proporção de mortalidade tivesse sido a mesma que a dos não fumantes, os 745 teria sido apenas 426.

O fumo, segundo tôdas as aparências, matara 319 vítimas, isto é: cêrca de 40% do número total de mortos nessa categoria. A análise das causas fatais indicava os contornos dêsse quadro sombrio. 334 dos 745 "fumantes terríveis",

tinham sucumbido a uma crise cardíaca e 161 tinham sido vitimados por um câncer, enquanto que as duas afecções teriam feito apenas 170 e 98 vítimas, respectivamente. Quanto ao câncer do pulmão, ponto de controvérsia principal, a linguagem das cifras era particularmente impressionante: pelo menos cinco vêzes mais e talvez até 16 vêzes mais casos mortais entre os fumantes inveterados que entre os homens não tendo fumado jamais.

O culpado? O cigarro, como já se desconfiava. As fichas do dr. Hammond indicam que a mortalidade dos fumantes exclusivos de charuto é apenas superior a dos não fumantes. Com o cachimbo, a diferença é imperceptível. Mas ninguém está de acôrdo sôbre as razões que conferem ao cachimbo e ao charuto a sua inocuidade.

Falando em grosso e sob reserva de uma análise mais aprofundada, o relatório do dr. Hammond atinge a escala de probabilidades seguintes: um homem de cinqüenta anos tem uma probabilidade em cem de morrer nos dezoito meses seguintes, se não fumou jamais; uma probabilidade e meia, se fumou intensamente em uma época de sua vida, e duas probabilidades, se continua a consumir um maço de cigarros ou mais por dia.

Em San Francisco, os médicos disseram, em geral, que era preciso conservar o sangue frio e que uma experiência de um só ano não autorizava a ditar essa conclusão. Vários dêles, mais francos, chegaram mesmo a censurar a American Cancer Society por haver divulgado resultados ainda não chegados à maturidade. A reação do público não foi menos viva. As ações das grandes companhias de cigarro, American Tobaco, Reynolds, Ligett and Myers, Lorillard, etc., baixaram ameaçadoramente. Em 1952 eram consideradas como as mais fortes e classificadas entre as "fifty favorite" de Wall Street.

A queda do consumo de cigarros começou a uns quinze meses, quando o público foi informado de uma relação de causa e efeito possível entre a fumaça do fumo e o câncer do pulmão. Em abril de 1954, os norte-americanos fumaram um bilhão, oitocentos e dez milhões de cigarros a menos que em abril de 1953. Isto representa para a indústria do tabaco uma perda de receitas brutas de quase trazentos milhões. Só em um mês!

Na Virgínia, na Carolina do Norte, onde o tabaco representa a fortuna pública, sucessivos "meetings" de plantadores enviam para os infernos a American Cancer Society e o dr. Hammond. As grandes companhias de cigarros formaram um Tobaco Industry Research Comittee, que se sediou no 54.º andar do Empire State Building e cujo fim principal é o de identificar, para tentar eliminá-lo, o elemento cancerígeno do fumo. Um dos melhores especialistas do câncer, o dr. Clarence Cook Little, dirige os trabalhos. E, em Atlantic City um pesquisador, cujo nome não foi divulgado, lambusa a própria pele com o resíduo proveniente da combustão dos cigarros para ver se assim apanhará o câncer. Até aqui a experiência não fôra feita senão em ratos, que são contaminados numa proporção de 44%.

A defesa dos cigarros consiste em contestar a linguagem dos estatísticos e mesmo a ridicularizá-la. O aumento do número dos cânceres do pulmão é paralelo com o aumento do consumo dos cigarros, mas é, também, paralelo com o aumento do custo de vida. O fumo, aliás, já foi acusado de, pràticamente, todos os males. Em 1915, nove Estados norte-americanos proibiram a venda de cigarros; em 1920, um candidato antitabaco apresentou-se para a Casa Branca e, um pouco mais tarde, um "exército de crianças" foi organizado para ir pelas ruas e casas, arrancando o cigarro dos lábios dos fumantes. O tabaco resistiu brilhantemente a êsses gestos de fanáticos como continua resistindo ao ataque dos médicos e, no dizer dos plantadores e dos fabricantes, o cigarro não deixou de proporcionar consôlo e felicidade à humanidade.

As fichas (atualmente mais de 200.000) já reunidas e classificadas talvez permitam comprovar, de ano para ano uma perturbadora relação entre um excesso de mortalidade e o uso regular do fumo. Além do

mais, a pesquisa deve ser estendida também às mulheres. O câncer do pulmão é nelas, de fato, muito mais raro que entre os homens, mas segundo parece o processo de aumento é muito mais rápido. Suspeitam os cientistas que a introdução progressiva do cigarro nos hábitos femininos, considerando-se os vinte anos necessários ao desenvolvimento do câncer, acelerará o aumento dêsses casos fatais também nelas.

O relatório do dr. Hammond apresenta outro ponto inesperado. Começado com o fim de pesquisar sôbre o câncer, o inquérito chegou a esta conclusão provisória: os acidentes cardíacos são ainda mais mortíferos entre os fumantes. Isto põe em causa a nicotina, que tinha sido absolvida depois de haver sido acusada dos piores males.

Em Saint Louis (Estado do Missouri) um cavalheiro, Ira Lowe, já tirou suas conclusões pessoais. Está processando a Reynolds Tobacco Co. (Camels) exigindo 500.000 dólares por perdas e danos pelo câncer do pulmão que contraiu fumando quase sem parar — segundo afirmou — vários maços dêsses cigarros por dia.



CURIOSIDADES

A Constituição indiana reconhece quatorze línguas, que são as seguintes: — Assamês, Kannada, Kaslomiri, Malayalano, Marathi, Oriya, Punjabi, Sânscrito, Tâmil, Telégui e Urdu. O Hindi é a língua oficial do Estado.

★ As cegonhas, que fazem seus ninhos ao oriente do rio Weser (um dos grandes rios da Alemanha), atingem o sul da África e também a África ocidental, através de um inalterável itinerário, que passa sôbre o Bósforo, a Síria, a Palestina, prosseguindo ao longo do Nilo.

As que fazem seus ninhos ao ocidente do Weser atingem a África sobrevoando a França, a Espanha e Gibraltar. São as velhas cegonhas que guiam as mais jovens, sempre evitando as tempestades, conduzindo-as, através de 1.000 km, exatamente, ao ninho.

CANO GALVANIZADO
CANOS GALVANIZADOS
CANO GALVANIZADO
CANOS GALVANIZADOS

OS MELHORES PREÇOS DO BRASIL ● OS MELHORES PREÇOS ● TELEGRAFE OU ESCREVA: — EMPREZA DE TUBOS — CAIXA POSTAL 3441 — RIO DE JANEIRO — TELEGRAMAS «DEGEC» — RIO

CONDUITS-ELETRODUTOS
CONDUITS-ELETRODUTOS
QUALIDADE APROVADA

ENTREGA IMEDIATA DE STOCK — GRANDE STOCK CANOS GALVANIZADOS APROX. 6 METROS CADA

CONDUITS-ELETRODUTOS
3 METROS CADA CANO

—:-:—

COM LUVA E ROSCAS

PÊSO APROXIMADO CADA CANO GALVANIZADO:—

1/2"	3/4"	1"	1 1/4"	1 1/2"	2"	
6.400	8.700	13.200	18	21	28	Kgs

—:-:—

CADA CONDUIT DE 3 MTS PÊSO APROXIMADO:—

1/2"	3/4"	1"	1 1/4"	1 1/2"	2"	
2.500	3.300	4.500	6.800	8	10.600	Kgs

—:-:—

COMPRE MELHOR, POR MENOS

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM JANEIRO DE 1955

1 — SÁBADO: — Os países signatários do Pacto de Manilha procuram coordenar planos de defesa comum contra o Comunismo. — Projeto no Congresso norte-americano criando uma instituição de financiamento latino-americano para melhor atender aos interêsses econômicos entre os Estados Unidos e os países do Hemisfério.

2 — DOMINGO: — Gravíssimos acontecimentos no Panamá, sendo assassinado, quando se encontrava no Hipódromo da capital panamenha, o presidente da República, José Antônio Remón. — Falece o general Norton de Matos, ilustre político português, ex-ministro das Colônias e da Guerra. — Assume a presidência da República, na ausência do sr. Café Filho, o sr. Nereu Ramos, presidente da Câmara dos Deputados. — Empossado o novo presidente do Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais, sr. João Henrique Sampaio Vieira da Silva.

3 — SEGUNDA-FEIRA: — Desconhecida a identidade do assassino do presidente do Panamá, sendo, porém, prêsas numerosas pessoas, inclusive o ex-presidente Arnulfo Arias. Assume a presidência o vice-presidente José Ramón Guizado, que pede ao Congresso suspensão das garantias constitucionais. — O "premier" Malenkov concede entrevista, na qual declara que encetará novas demarches para garantir as melhores relações com as potências ocidentais, principalmente os Estados Unidos. — Comemora-se o centenário do ex-senador Fernando Mendes de Almeida.

4 — TÊRÇA-FEIRA: — Ainda não descoberto o assassino do presidente Remón, do Panamá, apesar do auxílio de peritos norte-americanos e a pista de novos elementos suspeitos. — Em Londres, o sr. Jânio Quadros, governador de São Paulo, trata da inversão de capitais britânicos no Brasil e principalmente no comércio cafeeiro. — A França está disposta a encontrar uma solução definitiva para as suas dificuldades na Tunísia. — Os médicos do Pio XII pedem ao Sumo Pontífice que reduza suas atividades, a fim de restabelecer-se completamente. — Segue para Sta. Cruz de La Sierra (Bolívia) o presidente Café Filho, a fim de inaugurar com o presidente Paz Estensoro, a E. F. Brasil-Bolívia.

5 — QUARTA-FEIRA: — Mais prisões no Panamá, enquanto que continua ignorado o autor do assassinato do presidente José Antônio Remón. — Chega a Pequim, para tratar com os Comunistas sôbre a libertação dos aviadores norte-americanos, o sr. Hammarskjold, secretário-geral da



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.



DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhaúma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ONU. — Esforça-se o govêrno britânico para evitar nova greve geral dos ferroviários "que seria, no momento, catastrófica para o país". — Inaugurada pelos presidentes do Brasil e da Bolívia a estrada de ferro Brasil-Bolívia.

6 — QUINTA-FEIRA: — Presos também dois cidadãos norte-americanos, suspeitos de participação no assassinato do presidente Remón, do Panamá. — Depois de discutir com o govêrno alemão o problema do Sarre, o "premier" Mendès-France foi repousar na Itália. — Em Lisboa falece o jornalista Jaime Leitão, do "Diário de Notícias". — Em New York, o sr. Jânio Quadros, governador eleito de São Paulo. — Dezesseis presos políticos fogem da Argentina, dirigindo-se para Santos, no Brasil.

7 — SEXTA-FEIRA: — Resiste a China comunista aos apelos do secretário-geral da ONU para que dê imediata liberdade aos aviadores norte-americanos. — Todos os funcionários públicos panamenhos darão um dia de salário para formar um prêmio a ser dado a quem apontar o assassino do presidente Remón. — Apresenta credenciais ao rei Balduíno, da Bélgica, o novo embaixador brasileiro em Bruxelas, sr. Vasco Leitão da Cunha. — Reconciliam-se o ex-rei Pedro, da Iugoslávia, e a ex-rainha Alexandra. — Violento terremoto sacode as Novas Hébridas, sendo atingida a maior dessas ilhas, Malefkula. — Regressa de Corumbá o presidente Café Filho.

8 — SÁBADO: — A Bélgica desgostosa com relação ao projeto francês sôbre concorrência de armamentos. — Prêsa Isabel Liptein, empregada dos Serviços Telefônicos do Panamá, suspeita de cumplicidade no assasinato do presidente Remón. — Novo récorde de velocidade terrestre, com 632 milhas horárias, marcada por John Cobb, num trenó propelido por um foguete. — O ano de 1955 chegou com um atraso de quase três milésimos de segundo, segundo revela o professor Grujot, do Observatório Nacional da Suiça, em Neufchatel, sendo a razão dêsse fato que a forma da Terra não é constante e pode ser influenciada, por exemplo, por um bom ou mau verão, podendo por isso a hora de Greenwich elevar-se de três centésimos de segundo. Tremenda onda de calor na capital argentina, onde também é sufocada uma sublevação de presos políticos, havendo corrido sangue. — Condenado à morte, em Moscou, o ex-chefe da Polícia Secreta, Béria.

9 — DOMINGO: — Receia Costa Rica ser invadida por bandos armados provindos de Nicarágua. — Considerado "documento histórico de permanente significado" pelo decano da Faculdade de Jornalismo da Universidade de Colúmbia (Estados Unidos), sr. Ackerman, o discurso sôbre liberdade de imprensa proferido recentemente pelo presidente Café Filho. — Bombardeada pela aviação vermelha a ilha Formosa.

10 — SEGUNDA-FEIRA: — A Costa Rica apresenta denúncia à Organização dos Estados Americanos contra a ameaça de

invasão de suas fronteiras por fôrças organizadas na Nicarágua, cujo govêrno refuta tais acusações. — Mendès-France, "premier" francês, atualmente na Itália, procura convencer o govêrno italiano a aprovar um Fundo de Armamento para a Europa Ocidental. — Mais de cem aviões comunistas voltam a bombardear Formosa. — Terminada a missão do secretário-geral da ONU na China, relativamente aos aviadores norte-americanos aprisionados pelos comunistas, não obtendo solução para o grave problema. — Assinada no Itamarati a convenção sôbre assistência judiciária gratuita entre o Brasil e a Bélgica. — Novos tremores de terra na região de Messina, Itália.

11 — TÊRÇA-FEIRA: — Invadido o território de Costa Rica por tropas partidas da Nicarágua, tendo sido ocupada a cidade de Quesada. É convocada urgentemente a O.E.A., a fim de tomar conhecimento do lamentável fato. — Os acordos de Paris considerados "um grande passo para a paz" pelo sr. Foster Dulles. — A China comunista responde negativamente aos apelos do secretário-geral da ONU em favor da libertação dos aviadores norte-americanos. — Nomeado o sr. James Dunn novo embaixador dos Estados Unidos no Brasil. — Falece na Itália o marechal Rodolfo Graziani. — Prenúncios de novos expurgos na alta administração soviética. — Construídos na Paraíba mais 25 grupos escolares e um Hospital de Pronto Socorro para João Pessoa.

12 — QUARTA-FEIRA: — Agrava-se a luta em Costa Rica, sendo metralhadas por aviões da Nicarágua dez cidades abertas, havendo muitos mortos e feridos. — As fôrças do govêrno, entretanto, resistem bem ao ataque. — Continua muito fraco o Sumo Pontífice, que, entretanto, trabalha diàriamente. — Indignação nos Estados Unidos com o fracasso da missão do secretário-geral da ONU junto da China comunista.

13 — QUINTA-FEIRA: — Começa a enfraquecer o assalto das fôrças invasoras da Costa Rica, cujas fôrças repelem e batem os adversários em vários pontos. — O presidente da Nicarágua, Anastasio Somoza, desafia o presidente da Costa Rica, Figueras, para um duelo a pistola, na fronteira. — Falece nesta capital o ex-deputado Sergio Ulrich de Oliveira. — O presidente Café Filho solicita licença ao Congresso Nacional para ausentar-se do país, pretendendo visitar Portugal, a convite do govêrno dêste país. — Nomeado diretor da E. F. Bahia-Minas o engenheiro Bacelar Portela. — Entrega credenciais o novo embaixador da Colômbia.

14 — SEXTA-FEIRA: — Tremor de terra na Argélia. — Sepultado, entre violenats manifestações dos néo-fascistas, o marechal Graziani. — Volta a preocupar a questão luso-indiana. — Rechaçada a invasão da Costa Rica, fugindo as tropas oriundas da Nicarágua. — Membros da Guarda Nacional cercam a residência pessoal do presidente do Panamá, José Ramón Guizado, que pode ser considerado prisioneiro. — Volta o presidente da Nicarágua a desafiar o presidente Figueras, da Costa Rica, para um duelo a pistola. — Melhoram conside-

---

★ ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS ★
RADIOS - NOVIDADES -
- IMPORTADORES -
Mil
ELETRICIDADE
FREIOS HIDRAULICOS
LIMPADORES PARABRISAS -
Mil RUA MEXICO 98A - FONES 521066 226144
- ATENDEMOS ENCOMENDAS POR REEMBOLSO AEREO -
- A MILIONARIA DO CASTELO -

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME...

RUA... Nº..........

CIDADE.................................... ESTADO..................

ràvelmente as conversações franco-alemãs sôbre o território do Sarre. — Segue para a Bahia, a fim de inaugurar a Usina Elétrica de Paulo Afonso, o sr. presidente Café Filho. — Volta a Áustria a reclamar pela demora da conclusão do tratado de paz que a liberte da ocupação das fôrças soviéticas, francesas, inglêsas e norte-americanas. — Vasto lençol de neve cobre a Europa ocidental, ocorrendo avalanches, enchentes e acidentes do tráfego.

15 — SÁBADO: — Destituído e prêso o presidente do Panamá, acusado pela Assembléia Nacional como instigador do assassínio do presidente Remón, a quem substituiu no poder. Empossado na presidência o vice-presidente Ricardo Arias Espinoza. O assassino daquele presidente, dr. Ruben Miro, de distinta família panamenha, confessou ter assassinado Remón com tiros de metralhadora, instigado pelo então vice-presidente José Ramón Guizado. — Moscou procura estabelecer relações diplomáticas e comerciais com o govêrno da Alemanha Ocidental. — Inaugurada pelo presidente da República a usina elétrica de Paulo Afonso. — Falece nesta capital o sr. Américo Ludof, industrial. — Prosseguindo em sua campanha contra a Igreja Católica, o presidente Perón, da Argentina, ordena a prisão do vigário de Córdoba.

16 — DOMINGO: — Recuam, para a fronteira da Nicarágua, as fôrças que haviam invadido a Costa Rica. — Chegam a êste país, por solicitação da O.E.A., quatro aviões militares cedidos pelos Estados Unidos. — Descoberta no Peru uma conspiração contra o presidente Manuel Odria, tendo sido prêso, como chefe do movimento, o general Noriega, antigo integrante do gabinete do chefe do govêrno peruano. — Na Paraíba falece o escritor e jornalista Alírio Meira Wanderley. — Grave ameaça de inundações pesa sôbre tôda a Europa ocidental e central.

17 — SEGUNDA-FEIRA: — Fogem, desbaratadas, as fôrças nicaraguenhos que invadiram a Costa Rica. — Grave a situação no Peru, onde foi estabelecido o "estado de sítio". — Procura a Inglaterra desenvolver suas relações comerciais com o Brasil, esperando-se nesta capital a visita de um representante do Banco da Inglaterra. — Confessa o sr. Anthony Eden, da Inglaterra, que a situação na Ásia é "complicada e grave". — Colossal orçamento "de refôrço" votado para a Fôrça Aérea norte-americana. — Entram em greve todos os funcionários da Panair do Brasil. — Melhora o estado de Saúde de Pio XII. — Piora a situação na Argélia, onde aumenta o número de guerrilheiros, que trazem em sobressalto os residentes e também as tropas que a França ali mantém. — O rio Reno transborda em vários pontos, inundando uma dezena de cidades e pondo a perder ricas colheitas.

18 — TÊRÇA-FEIRA: — Fôrças comunistas chinesas, numa operação anfíbia, tomam a ilha de Yikiangsham, que era defendida por pequena guarnição e não chegava a ter importância estratégica para a defesa de Formosa. — Violentos combates na Região de Santa Rosa, entre inva-

sores e costa-riquenhos, parecem marcar o fim da criminosa invasão da Costa Rica. — Varrida a província de Córdoba (Argentina) por violentíssimo tufão, causando prejuízos superiores a 40 milhões de pesos. — Novos expurgos no govêrno vermelho da Rumânia. — Voltam a divergir a Inglaterra e a Argentina sôbre as terras da Antártida. — Presos vários líderes da oposição (Radicais) na Argentina.

19 — QUARTA-FEIRA: — Declara o presidente Eisenhower que a ONU deve impedir a continuação da luta na China. — Declara o "premier" japonês que seu país deseja manter a aliança com a Inglaterra e os Estados Unidos, mas que está disposto a reatar relações com a Rússia e a China comunista. — Prossegue o avanço das fôrças governistas costa-riquenhas, empurrando os invasores para a fronteira da Nicarágua. — Bombardeiros nacionaistas atacam e afundam navios comunistas, enquanto a aviação dos vermelhos bombardeava a ilha de Tachen, enquanto que outras ilhas estão ameaçadas de invasão pelos comunistas. — Cassada pelo presidente da República a carta-patente do tenente-aviador Alberto Jorge Franco Bandeira. — A marinha brasileira enceta grandes manobras em alto-mar com o concurso da Aeronáutica.

20 — QUINTA-FEIRA: — Realiza-se na Praça do Congresso Eucarístico a solene missa-campal noturna, em homenagem a São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro. Calculada em meio milhão de pessoas a multidão que assistiu à cerimônia religiosa — A organização dos Estados Americanos ordena a desmilitarização da fronteira Costa Rica - Nicarágua. — O ministério da Defesa, de Taipeh, anuncia que os nacionalistas chineses repeliram três ofensivas comunistas na pequena ilha de Yikiangshan, estando dispostos a resistir até o fim.

21 — SEXTA-FEIRA — Considerado pràticamente encerrado o conflito entre Costa Rica e Nicarágua, graças à intervenção da Organização dos Estados Americanos. — Em virtude de um movimento revolucionário dos comunistas guatemaltecos, é declarado o estado de sítio na Guatemala. — Três portas-aviões norte-americanos dirigem-se a Formosa, a fim de tomar parte nas "manobras" que se realizam naquela zona.

22 — SÁBADO: — Fontes bem informadas anunciam que o presidente Eisenhower apresentará ao Congresso um plano visando o emprêgo de fôrças aero-navais para a evacuação de cêrca de 20.000 nac. das ilhas Tachen, a 200 milhas ao norte de Formosa. — Iniciam os nacionalistas chineses a retirada de oito mil civis das ilhas Tachen. — O cardeal Aloisi Masela é nomeado como legado "a latere" ao Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, sendo a notícia recebida com júbilo nos círculos eclesiásticos tanto brasileiros como romanos.

23 — DOMINGO: — O presidente Eisenhower pede autorização ao Congresso para utilizar as fôrças armadas norte-americanas na defesa de Formosa. — Por outro lado, o primeiro-ministro Chou En Lai adverte os Estados Unidos para que se abstenham de intervir na luta entre na-

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sòlidamente encadernado .... Cr$ 130,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Libero Badaró, 491 — Caixa Postal 258
São Paulo

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

cionalistas e comunistas chineses. — Duzentos rebeldes estabelecem-se na zona desmilitarizada fixada entre Costa Rica e Nicarágua.

24 — SEGUNDA-FEIRA: — Revela a revista norte-americana "Look" que o govêrno dos EE.UU. pensou em intervir na luta da Indo-China, na ocasião em que se travava a batalha de Dien Bien Phu. — O generalíssimo Franco faz declarações a propósito da possibilidade do restabelecimento da monarquia na Espanha. — E' convocado, inesperadamente, o Soviet Supremo, para o próximo dia 3.

25 — TÊRÇA-FEIRA: — A câmara dos Representantes dos EE.UU. concede plenos poderes ao presidente Eisenhower para utilizar as Fôrças Armadas norte-americanas na defesa de Formosa. — Em Londres, forma-se ambiente de intensa expectativa acêrca da atitude a ser tomada pela Inglaterra diante de um conflito armado entre EE. UU. e China Comunista. — Revela-se que cêrca de 300 rebeldes fugidos de Costa Rica foram desarmados e internados na Nicarágua. — O ministro do Interior do Paraguai revela que foi descoberto e desfeito um movimento subversivo, visando derrubar o govêrno.

26 — QUARTA-FEIRA: — Depois de ter sido aprovada por 2 comissões do Senado norte-americano, a mensagem do presidente Eisenhower solicitando intervenção militar em Formosa será submetida ao plenário. — Na Câmara dos Comuns, Eden e Attlee tomam parte nos debates em tôrno da atitude dos Estados Unidos. — O presidente Castillo Armas, da Guatemala, promete travar guerra sem quartel ao comunismo no seu país. — Noticia-se, em Havana, ter sido descoberto um "complot" destinado a assassinar o presidente Batista. — A recente enchente do Sena continua ameaçando de inundações várias cidades francesas, particularmente Rouen.

27 — QUINTA-FEIRA: — No Cairo, dois supostos membros de uma "cadeia de espionagem" sionista são condenados à morte. — A Comissão Investigadora da Organização dos Estados Americanos segue para Washington, onde membros dessa Comissão prepararão um relatório sôbre a primeira intervenção coletiva levada a cabo no Hemisfério Ocidental para evitar a guerra. — Prosseguem os combates entre os nacionalistas e comunistas chineses no estreito de Formosa. Aviões a jato norte-americanos facilitam a evacuação das ilhas ao largo da costa chinesa.

28 — SEXTA-FEIRA — Caças a jato norte-americanos patrulham o estreito de Formosa, provocando protestos da União Soviética, que responsabiliza os Estados Unidos pela situação na China. — E' convocado o Conselho de Segurança da O.N.U. a fim de examinar o caso de Formosa. — O "premier" Mendès-France adverte os seus adversários políticos que pedirá um voto de confiança para continuar à frente do govêrno francês.

29 — SÁBADO: — O chanceler Konrad Adenauer adverte, mais uma vez, que os tratados de Paris devem ser confirmados, antes que se possa cogitar de negociações entre o Ocidente e a União Soviética. — Falece em Estocolmo o primeiro ministro dinamarquês, sr. Hans Hedtoft, que se encontrava na capital sueca, a fim de partici-

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

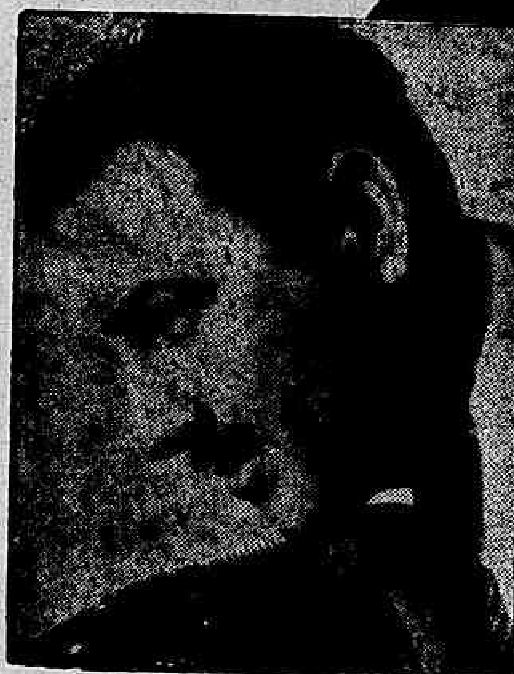
par de uma reunião do Conselho Nórdico. — A Comissão de Energia Atômica dos EE.UU. revela que talvez esteja em preparação uma "superbomba", três vêzes mais poderosa que a maior bomba de hidrogênio já submetida a experiência.

30 — DOMINGO: — Submetida a violento bombardeio aéreo, por parte da aviação comunista, a ilha de Tachen, reduto dos nacionalistas chineses. — Intensificam-se os preparativos para a evacuação dessa ilha. — O chefe do govêrno turco, em companhia do chanceler Koprulu, chegou hoje à Itália, a fim de visitar o país peninsular.

31 — SEGUNDA-FEIRA: — O sr. Anthony Eden, falando à Câmara dos Comuns, declara que os desígnios da Rússia são os de influenciar o povo alemão contra os acordos de Paris. — O primeiro-ministro Winston Churchill adverte o Império Britânico, objetivando cortar a onda de ressentimenots contra os EE.UU. — O conselho de segurança das Nações Unidas repele a proposta da União Soviética que visava proibir a presença de representantes da China Nacionaista nos debates sôbre a cessação das hostilidades no estreito de Formosa.

Academia de Acordeon
MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS ★ BULAS
★ FOLHETOS ★ RÓTULOS
★ PROSPECTOS ★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO
TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 — RIO

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS

BIOGRAFIA DE TODOS OS SANTOS E PERSONALIDADES HISTÓRICAS E LEGENDÁRIAS

PEÃO, médico dos deuses. Curou Marte, ferido por Diomede e também Plutão, ferido por Hércules. Apontam o Egito como sua pátria.

PEPI ou PAPI, nome adotado por inúmeros faraós do império menfita. O primeiro foi o segundo rei da VI dinastia menfita e reinou vinte anos. PEPI II, Nofirkeri, segundo filho de PEPI I, subiu ao trono após a morte de seu irmão, Meldsufis I. Um rei da VIII dinastia menfita adotou também o nome de PEPI.

PEPINO (de Landen, ou O Velho), prefeito do palácio do reino da Austrásia, morto em 639, antepassado dos Carolíngeos. Era aparentado com o abade de Bobbio, néto de S. Wandrille e descendente de S. Leger. Foi prefeito do palácio da Austrásia, sob o reinado de Clotário II e de Sigeberto. Com êle, os prefeitos do palácio tornaram-se chefes eleitos e em breve hereditários (seu filho, Grimoaldo, foi seu sucessor), escolhidos pela nobreza. Foi canonizado. A igreja o festeja em 21 de fev.

PEPINO de Heristal, morto em 714, era assim chamado segundo o domínio que lhe atribuíram os cronistas da Idade-Média. Neto de Pepino de Landen, por parte de sua mãe Begga, e do bispo de Metz, Arnulfo, por parte de seu pai, Ansegise. Prefeito do palácio da Austrásia, em 679, tornou-se o protetor dos leudos neustrianos, que fugiam à tirania de Ebroin, atacou êste último rei e foi vencido duas vêzes pelos exércitos da Neustria, primeira em Latofao, em 680, depois nas cercanias de Namur (Bélgica) em 683; mas triunfou na batalha de Testry (687). Apoderou-se então do poder na Neustria, embora respeitando a pessoa do rei e ali restabeleceu o ordem. A seguir confiou a prefeitura do palácio a Norberto e retornou à Austrásia, a fim de dirigir as expedições contra os germanos. Com a morte de Norberto, em 695, confiou a prefeitura a seu filho Grimoaldo; êste, tendo sido assassinado, em 714, transmitiu-a ao filho de Grimoaldo, Teodoaldo. De uma concumbina teve um filho que foi Carlos Martel.

PEPINO, o Curto, primeiro rei de França, da dinastia carolingiana, nascido em Jupile (Bélgica), em 714, morto em S. Dionísio, em 768. Era pequeno, daí originando-se o seu nome, mas de uma fôrça prodigiosa; segundo a lenda, cortou, certa vez, com um só golpe, a cabeça de um leão e de um touro, que haviam lançado um contra o outro, a fim de mostrar aos senhores reunidos que êle era digno de comandar a todos êles. Pouco antes da morte de seu pai, recebeu a Neustria, a Borgonha e a Provença; de seus dois irmãos, um dêles Carloman, recebeu a Austrásia; o outro, Grifon, invejoso com sua sorte, provocou um levante, foi batido em Laon e aprisionado. Pepino e Carloman foram, a seguir, guerrear contra Hunaldo duque de Aquitânia, porém logo regressaram, a fím de enfrentar uma coligação perigosa para seu poder. Desejando os grandes do norte derrubar o poder dos descendentes de Pepino de Landen, retiraram do cláustro um merovíngio, Childerico III (742), sob o qual governaram, submetendo a Aquitânia e combatendo os Saxões e os Suábios. Êstes triunfos aumentaram seu prestígio e, quando, em 747, Carloman se fêz monje, em Monte-Cassino, Pepino ficou só para realizar as ambições de sua família. Grifon se revoltou mais uma vez e Pepino o perseguiu até os confins da Suábia, até aprisioná-lo. Livre, então, encetou, com a ajuda de S. Bonifácio e o papa Zacarias, uma série de negociações, que tiveram a auxiliá-las a desinteligência surgida, quando os lombardos ameaçaram o sumo pontífice, que necessitou de um protetor. Pepino, que sempre fôra muito zeloso com a Igreja (concílios de Soissons e de Leptine) tratou de obter o poder de fato e de nome, logo concedido pelo papa, que redigiu carta circular para libertar os leudos de seu juramento de fidelidade aos Merovíngios, concedendo a Pepino a santa unção, na igreja de Soissons, por intermédio de São Bonifácio, em 752. Childerico III, com a cabeça raspada retornou ao convento. Em 754, Estêvão II foi em pessoa renovar a sagração de 752. Em troca, Pepino tomou aos lombardos o exarcado de Ravenan para entregá-lo à "república de S. Pedro", bateu uma segunda vez Astolfo, em 755 e confirmou a doação. O resta de sua vida se passou em novas guerras contra o duque de Aquitânia, Waïfer e contra os sarracenos aos quais tomou Narbonne. Morreu depois de haver dividido seu reino entre seus dois filhos, Carlos e Carloman, que tivera de Bertrade, filha do conde de Laon.

PEPINO, rei da Itália, filho de Carlos Magno e de Hildegarde, nascido em 777, morto em 810. Foi sagrado rei da Itália em Roma pelo papa Adriano, com a idade de cinco anos (781). Seu reinado foi ocupado com as expedições contra o duque de Benavento, Grimoaldo, os Avaros, os Sarracenos, que conseguiu expulsar da Córsegâ e os venezianos, que não conseguiu desalojar de Rialto. Após sua morte, o reino da Itália foi reunido ao império.

A Atlântida volta ao cartaz! E, desta vez, através de uma notícia vinda da Alemanha, segundo a qual um jovem pastor, Jürgen Spanuth, acaba de descobrir vestígios dêsse misterioso reino... nas proximidades da ilha de Helligoland.

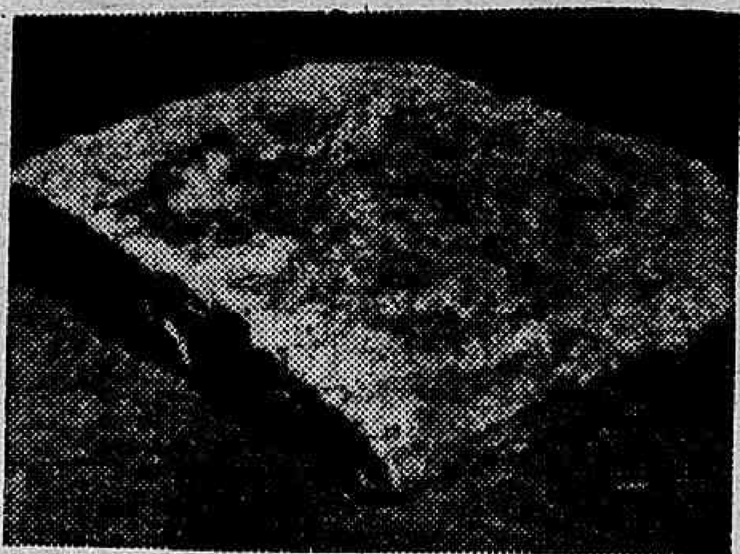
Há muitos séculos, geógrafos, etnógrafos, historiadores de todos os países, tentaram em vão situar o fabuloso país dos atlantes, cuja história foi esboçada pelo grande filósofo grego Platão, em seu livro **Timeu**. Os historiadores declararam durante muito tempo que Platão não passava de um mistificador, **doublé** de falsário, tão inverossímil parecia sua narrativa.



Êste fragmento de baixo relêvo orna a fachada do templo de Medinet-Habut. Representa dois guerreiros atlantes, presos a bordo de um navio egípcio. Em 1.200 A.C., expulsos de seu país pelos tremores de terras, os atlantes invadiram tôda a bacia do Mediterrâneo mas foram vencidos.



Vestígios de âncoras atlantes, colhidos pelo pastor Jürgen Spanuth. Os atlantes eram hábeis marinheiros e tinham importante frota.



Esta laje ornava um templo atlante. Foi achada a sete metros de profundidade nas midades da ilha de Helligoland, última testemunha dêsse reino fabuloso.

ENCONTRARAM A ATLÂNTIDA!

O filósofo grego pretendia, realmente, que tôda a bacia mediterrânea teria sido invadida, nas cercanias do ano 1.100, antes de Cristo, pelas hordas de guerreiros louros, os atlantes, vindos do norte da Europa.

Hoje, graças aos métodos de investigações modernos, os sábios fizeram meticulosa revisão de seus julgamentos com relação aos fatos relatados por Platão.

Estudando os hieroglifos que cobrem as paredes do templo de Ramsés III (1.900-1168, antes de Cristo), em Medinet Habut, descobriram que a Grécia e a Ásia Menor tinham sido, efetivamente, invadidas, cêrca do século XIII, antes de Cristo, por guerreiros vindos do norte da Europa, e que êsses guerreiros eram de fato os atlantes. Atravessando o mar Mediterrâneo, os atlantes tentaram ocupar o Egito, porém foram repelidos pelas tropas de Ramsés III.

Outros textos muito antigos, papiros, o Antigo Testamento nos informa que na origem dessa invasão ocorreram terríveis tremores de terra que tragaram sob as suas águas a Atlântida.

Assim, há três mil anos, um grande povo foi expulso pelas catástrofes sem precedente do berço de sua raça e procurou estabelecer-se nas regiões da orla do Mediterrâneo.

Onde situar êsse reino tragado pelo mar?

Para alguns sábios, está êle no meio do Atlântico, para outros em pleno deserto do Saara. Mas, até aqui nenhum dêles pôde provar o que afirma, nem encontrar qualquer vestígio da Atlântida.

Retomando os diálogos de Platão e, a seguir, as narrativas de Homero, estudando escrupulosamente todos os fatos e anedotas, Jürgen Spanuth pôde adquirir, há três anos, a certeza de que a Atlântida se encontra coberta pelas águas do Mar do Norte, entre a península da Jutlândia e os antigos Estados baltas. Dois anos mais tarde, fretou um pequeno navio e percorreu com vagar tôda essa região.

Então, o impossível aconteceu. Nas proximidades da ilha de Helligoland, o escafandrista a serviço do pastor alemão descobriu, a pouco mais de sete metros de fundo, várias ruínas, muralhas concêntricas, ruas pavimentadas...

Não havia mais dúvida possível: eram os vestígios do reino da Atlântida.

Prosseguindo com suas pesquisas, Spanuth descobriu vasos e espadas dos atlantes, que confirmam muito bem a existência da Atlântida, da qual resta apenas, na atualidade, uma pequena ilha deserta e de solo rochoso.

MARIDO RECONHECIDO

Em Oklahoma (Califórnia) ocorreu um fato realmente digno de registro, segundo lemos num jornal local. A notícia estava assim redigida:

"Declaro considerar-me responsável por todos os débitos presentes e futuros, contraídos por minha mulher, Virgínia, e orgulho-me de poder proclamar ser o marido da criatura que me deu cinco filhos e que, com o seu cuidado e o seu amor, pôde fazer de modo que os oito anos de nossa vida conjugal tenham sido e continuem sendo os mais belos da minha existência. Neste oitavo aniversário desejo confessar-lhe tôda a minha gratidão. David Rousseau."

O sr. Rousseau declarou, ainda, ter desejado fazer publicar essa sua declaração "para demonstrar que no mundo ainda existem casais felizes".

Um concurso diferente!...

PEDIMOS AOS SRS. COMERCIANTES INFORMAREM AS SUAS FREGUESAS E FREGUESES

CRS 10.000,00 P/ OS CONSUMIDORES — 176 DÚZIAS DE ÓLEO DE CEDRO P/ OS COMERCIANTES QUATRO VÊZES POR ANO

Coloque num envelope 1 rótulo de ÓLEO DE CEDRO acompanhado de seu nome completo e endereço, assim como o local em que foi comprado o vidro de óleo, RUA E NÚMERO. Remeta a carta para:

«CONCURSO DO «ÓLEO DE CEDRO» — Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio de Janeiro.

Com esta carta a pessoa estará habilitada aos sorteios que se realizarão nos dias: 31-3-55 — 30-6-55 — 29-9-55 — 29-12-55, às 21,30 horas da noite na Rádio Vera Cruz.

Serão distribuídos os prêmios seguintes: PARA OS CONSUMIDORES: 25 prêmios de Cr$ 50,00, 1 prêmio de Cr$ 250,00, 1 prêmio de Cr$ 500,00, 1 prêmio de Cr$ 1.000,00, 1 prêmio de Cr$ 2.000,00 e 1 prêmio de Cr$ 5.000,00.

PARA OS PROPRIETÁRIOS DAS CASAS COMERCIAIS QUE VENDEM O NOSSO PRODUTO: 25 prêmios de 1 dúzia de ÓLEO DE CEDRO, 1 prêmio de 40 dúzias e 1 prêmio de 100 dúzias, tudo correspondente aos prêmios dados aos consumidores.

Tôdas as cartas recebidas serão colocadas no Auditório da Rádio Vera Cruz, nos dias do Concurso, quando então um Cego, contratado pela Rádio, irá escolhendo as cartas a serem premiadas.

O MAXIMO DE HONESTIDADE NUM CONCURSO DIFERENTE!...

O resultado dêste concurso será publicado em diversos jornais e revistas, inclusive na Revista do Rádio.

Quaisquer informações na Av. Rio Branco, 137 - sala 616

Telefones: 32-9415 e 32-9309



A "RECEITA"

É quase obrigatório perguntar aos que alcançam a idade centenária: "A que atribui o haver chegado a esta idade?"

As respostas quase sempre são curiosas, apontando, uns, a **um habitual passeio matutino,** outros a **não fumar nem beber,** outros, ainda a **um regime vegetariano,** etc., etc. Porém a resposta mais sábia foi dada, recentemente, por uma centenária inglêsa, Mary Gordin, que declarou:

— Tôda manhã, quando me levanto, faço a mim mesma uma pergunta: "Sou feliz ou infeliz?"

E concluiu, com um largo sorriso:

— "Em cem anos a resposta tem sido sempre em favor da primeira alternativa!"

QUEBRA CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

DR. LAVRUDINHO
SECRETÁRIO

ANO XXXVIII — N.º 10 — MARÇO — 1955
DICIONÁRIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE LIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFÍCEIS

1º TORNEIO DE 1955

LOGOGRIFOS

— 115 —

Eu **obtenho** sucesso 5, 7, 1, 2
Quando, jogando sinuca,
Desde que **toque** a tabela,
6, 4, 8, 7
Faça uma bola maluca.

Irrita-se o meu parceiro
3, 4, 5, 7
Com meu jôgo extravagante,
Mas **jacta-se** ao conseguir
6, 4, 3, 7
Carambola semelhante.

Durante tôda a partida
Eu jogo mas não abuso
Pois isso é muito arriscado
Em qualquer **lugar escuso**.
Tonnew — (Cascadura)

—o—

— 116 —

Como a vovó **aprecia**
7, 6, 3, 5, 6
O netinho turbulhento,
Permanece o quebra-quebra
6, 7, 5, 4
Do **pertinaz** barulhento.
5, 2, 1, 6, 7
Um **objeto** quebrado,
6, 3, 5, 6
Um afago, uma carícia,
Inda um diz: bico calado,
Se queres paz na **família**
Uedath — Fonseca — Niterói

CHARADAS SINCOPADAS

117 — Três (duas) — Que **trabalho maçante!**
Santorum — Rio.

—o—

118 — Três (duas) — O indivíduo **desembaraçado** desincumbe-se bem de seu **encargo habitual**.
Tonnew — Rio.

—o—

119 — Três (duas) — Não confunda **pequena cabaça** com **tonel!**
Tartarin — Itajubá.

—o—

120 — Três (duas) — Aquêle **figurão** tem uma cara que **enfada**.
Uedath — Niterói

121 — Três (duas) — Muito **suspeita** é a pessoa que pratica atos de **ciganagem**.
Zigomar — T.E.M. — Belo Horizonte.

—o—

122 — Três (duas) — Vais ao **jôgo de malha?** — Então não deves meter o **pé**, a fim de não caíres no ridículo.
Asil — ACCB — Salvador

—o—

123 — Três (duas) — Nunca **importuno** quem já tem **impostura**.
Antemar — J. Pessoa

—o—

124 — Três (duas) Não **lido** com **pessoa traquinas!**
Cysneirense Junior — Viçosa.

125 — Três — (duas) — Quem **arranja** uma sinecura dela **vive.**
Dr. Zinho — S. Paulo.

—o—

126 — Três — (duas) — **A semente da uva** é **agradável** ao paladar?
Emidelj — ACCB — DSP.
Pôrto Alegre.

—o—

127 — Três — (duas) — Obismo atrai o **abismo**.
Gomes Júnior — Maceió.

—o—

128 — Três — duas — Uma porção de **carroças**, vêm carregadas de **mapas**.
H. França — GCN — Recife.

—o—

129 — Três — (duas) — **Deslocado** de posição ficou **taciturno.**
Iris — T. Otoni.

—o—

130 — Três — (duas) — Vender um **cavalo de andadura pesada** dizendo ser muito bom, é **velhacaria**.
José Coelho Vieira — Maceió.

—o—

131 — Três — (duas) — Para **lutar** pela vida é preciso **fazer fôrça**.
Malba Tantan — Santos

132 — Três — (duas) — A nossa **inteligência** depende da **habilidade** de pensar, antes de agir.
M. A. G. — ACCB — Salvador.

—o—

133 — Três — (duas) — **Jóia de ouro maciço**, feita com graça e com arte, usada com propriedade causa encanto em qualquer **parte**.
R. Kurban (T. B.) S. Paulo.

ENIGMAS

— 134 —

No curral feche o gado,
E também meu ginete,
Faças tudo com cuidado;
Ganhas lindo **corpete**.
Seamva — Santos

—o—

— 135 —

Há na linda praia deitada,
Afagada pelo sol,
Bela sereia ao alcance
Do meu **lance de anzol**.
Tonnew — Rio.

—o—

— 136 —

Procure o sal com a mulher,
Para completar a coalhada;
Coloque o sal com a colher,
Senão... farás **salgalhada!**...
P. Del Debbio — CEP — S. P.

—o—

— 137 —

Naquele Beijo que dei
Na tua bôca rosada,
Tanta doçura encontrei
Tanta promessa velada,
Que nunca mais esqueci
Êsse momento passado,
Nem o prazer que colhi
Nêsse **Beijo Prolongado**.
Ruvina — Pôrto.

—o—

— 138 —

Nada veijo de bem nesta dança (x)
Que se chama fandango no mar;
Não há coisa mais tôla no mundo
Do que ver **gente feia** sambar.
(x) — Baile campestre.
Sertanejo II — Lavras

CHARADAS NOVÍSSIMAS

139 — Três — uma — Quem **ampara** um amigo na **tristeza** merece **aplauso**.
Seamva — Santos

—o—

140 — Duas — uma — **Mulher tagarela** é que sempre **produz vozearia confusa**.
Tartarin — Itajubá

—o—

141 — Duas — duas — E' uma vida **obscura** e de **grande quantidade** de sacrifícios a do **soldado raso**.
Antomar — J. Pessôa.

—o—

142 — Duas — uma — E' um **defeito** grave e que **revela** falta de vergonha, fazer sempre **pedido de dinheiro** aos outros.
Beatriz Cardoso - CEP — S. P.

—o—

143 — Duas — duas — **Culpas** quem não as tiver em **grande quantidade** atire a primeira pedra, sem pensar nos **trabalhos** que possam advir.
Cysneirense — Viçosa — M. G.

—o—

144 — Três — duas — Um **letreiro** e **grande quantidade** de imagens representam uma bela **coleção de vidas dos santos**.
Dr. Legnar — Urupés — S.P.

—o—

145 — Uma — três — **O diabo**, muito grande ou **muito pequeno**, é sempre o mesmo **diabo**.
Dr. Zinho — S. Paulo

—o—

146 — Duas — uma — Note bem: quem **toca violentamente** o **dó sustenido** é porque só come **inhame crú com azeite e sal**.
Heron Silpes — Canavieiras.

—o—

147 — Duas — uma — D. **«Penha»** usa, além de outras jóias, uma **imensidão de pérolas de pouco lustro**.
Ismenia — Recife.

—o—

148 — Duas — três — Aquêle tipo é um **sujeito covarde e boçal**.
Oarcim — Rio

—o—

149 — Uma — duas — Dinheiro! **Esta** é a **queixa** de quem **é muito pobre**.
Pompeu Junior — Botucatu

—o—

150 — Duas — uma — Fizemos um **ajuste** para comprar **tecido fino** como **escumilha** no **Rio Grande**, como **grande riqueza por explorar**.
R.A.C.H.A. — Rio

—o—

151 — Três — uma — O **êrro**, às vêzes, provém de **um homem artificioso**.
Dalwa — Rio



JUVENTUDE ALEXANDRE



CHARADAS CASAIS

152 — Três — Nem sempre quem **fala em latim** é **latinista**.
Santorum — Rio.

—o—

153 — Três — E' sòmente o vento que **produz** o **ramalhar das árvores**.
Zigmar — **T.E.M.** — B. Horizonte

—o—

154 — Três — O **guarda de mata** usava uma **carapuça de montanhas**.
Beatriz Cardoso CEP — S. P.

—o—

155 — Quatro — A urna **impregnada** não continha sequer um voto **pôsto em dúvida**.
Cysneirense.

—o—

156 — Quatro — Uma mestra **apreensiva** põe o discípulo **preocupado**.
Cysneirense Jor. - Viçosa — M.G.

—o—

157 — Quatro — E' a amostra **gratuita** do medicamento muito **útil** nos médicos.
Dr. Legnar — Urupés — S. P.

—o—

158 — Duas — Ninguém tem o **direito** de se opôr a qualquer **disposição testamentária**.
Edur G. Monteiro.

—o—

159 — Duas — O **caminho** que dava acesso à casa estava obstruído por uma **pilha de pedras**.
Edur Monteiro — Cuiabá.

—o—

160 — Cinco — Seu ar **meditabundo** revelava que êle tinha alguma coisa **escondida muito interiormente**.
Ecebê — Maceió.

—o—

161 — Duas — De fato é uma **pessôa vagarosa**, mas não devemos esquecer que é um **criado velho**.
Fiote — Cuiabá.

—o—

162 — Cinco — Não há diferença entre uma pessôa **gabola** e um indivíduo **mentiroso**
Heron Silpes — Canavieiras

—o—

163 — Três — O pobre que **anda em busca de pequenos lucros**, só falta ter um chilique.
Florentino — J. Pessôa.

164 — Três — Para não sentir **remorso** amanhã, não **encha** hoje o coração de maldade.
José Coelho Vieira — Maceió

—o—

164A — Cinco — O que é **que serve de introdução na ciência preliminar?**
K T Q Z — S.P.

—o—

165 — Duas — Não me **aflijo** com qualquer **desarranjo.**
Laranjeirense Aracaju

—o—

165A — Três — **Perco as fôrças** só em pensar na dificuldade de encontrar o **enfeite usado nas orelhas por bailarinas indianas.**
Malba Tantan — Santos

—o—

— 166 —

CHARADA ANTIGA

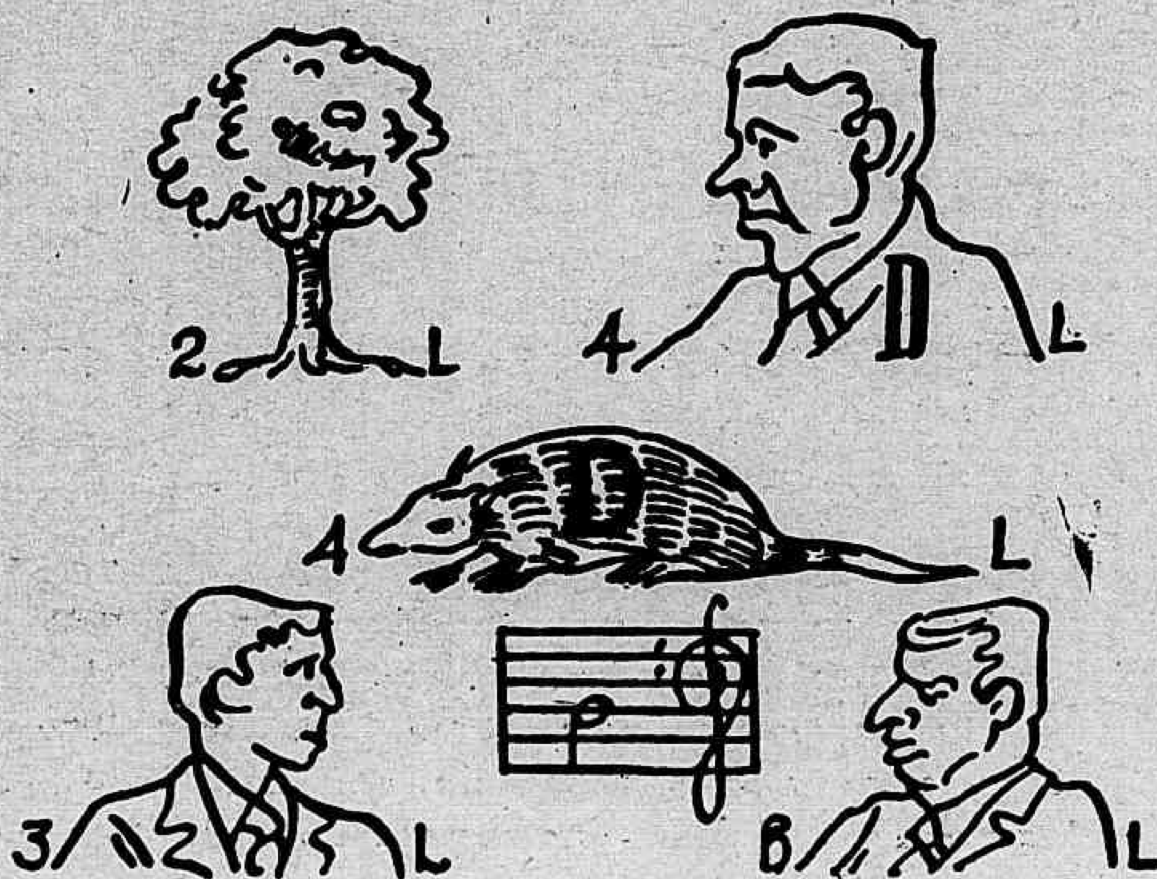
Da **Mulher que** sincera te adora — 2
seu amor **Abandone** galhardo — 2
Verás logo seus olhos molhados lamentando o cruel amargor,
Nessa hora suprema... mais bela.
Sem **Barulho** falarás para ela:
«E' só teu, sempre teu meu amor.
José Renaud Rapoli

Curitiba.



ENIGMA FIGURADO

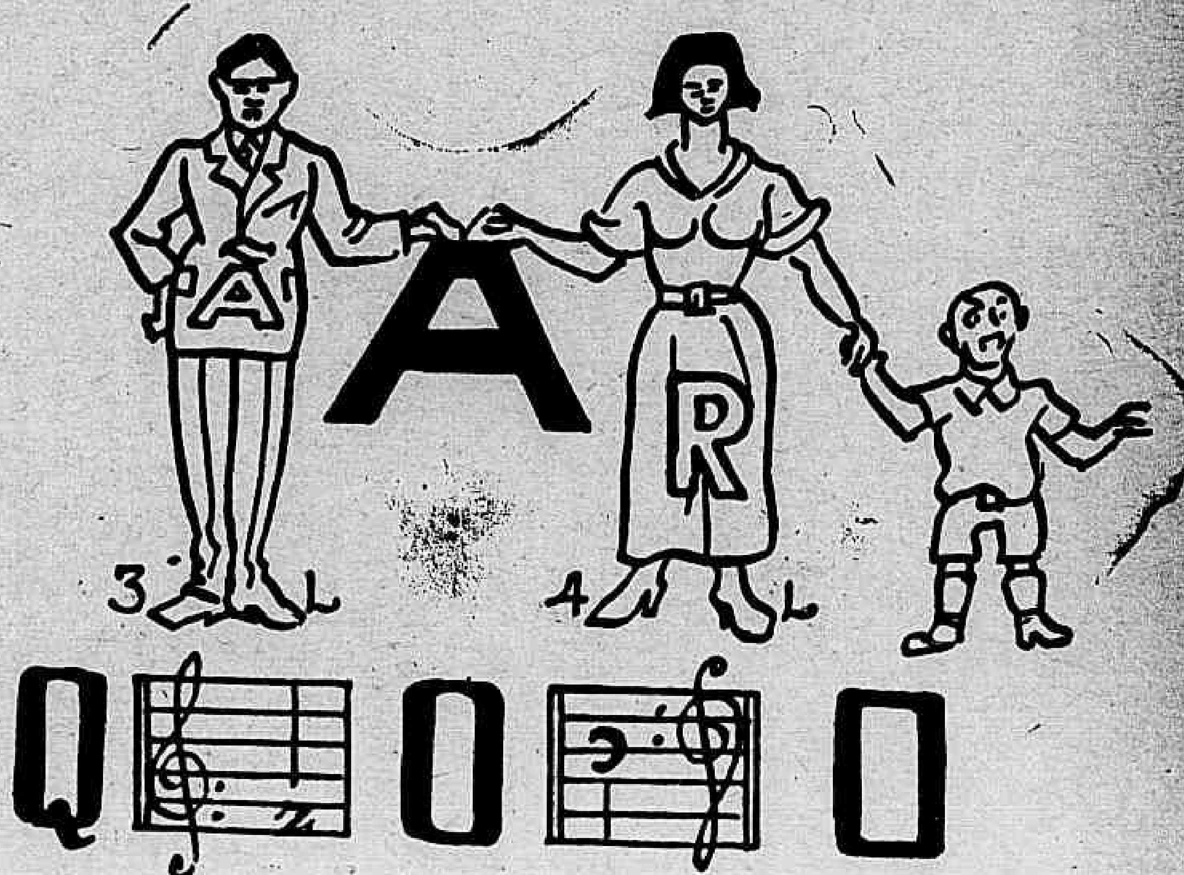
— 167 —



Roama — S. Paulo

ENIGMA FIGURADO

— 168 —



Guilherme Tell — Rio



O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

à venda nas boas perfumarias

Laboratórios VINDOBONA

R. Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo



Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório "Racé".

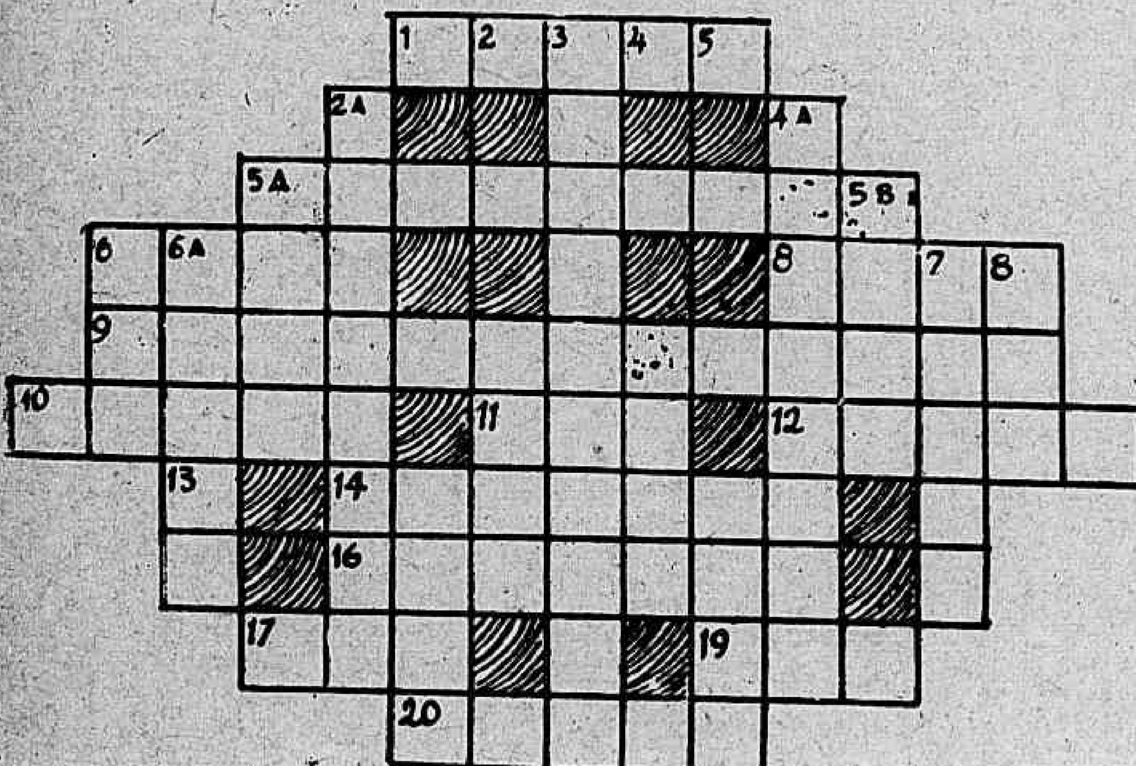
NOME : ....

RUA : ....

CIDADE : ....

ESTADO : ....

PROBLEMA Nº 5



Fusinho — C. E. C. — Bangu

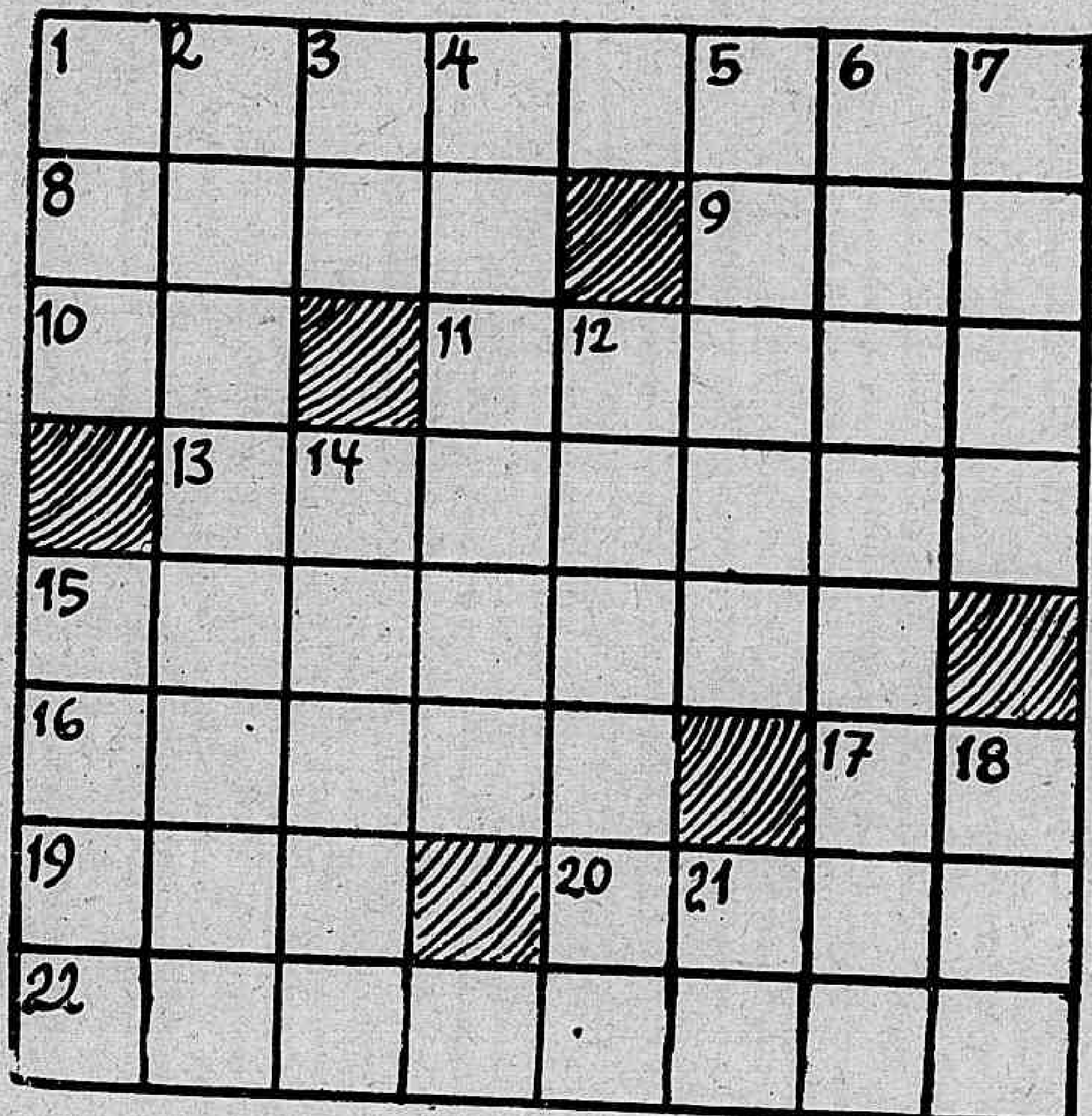
HORIZONTAIS — 1 — Concedera; 2 — O si natural; 3 — Zero; 4 — Cincoenta; 5-A — Indaguem; 6 — Levar; 8 — Cobre com iôdo; 9 — Tornareis maduro; 10 — soltara miados; 11 — Prende; 12 — Abrasar; 14 — Expor; 16 — Aguçara; 17 — Desejo; 19 — Escolho; 20 — Maquinar.

VERTICAIS — 1 — Quinhentos; 2 — Valia 11; 3 — Apaziguaram; 4 — Valia 80; 5 — Primeira; 2A — Legaram; 4A — Dividiram em leiras; 5A — Descascar (milho); 5B — Importunas; 6 — Afasta-se; 6A — Desejara; 7 — Ordenei; 8 — Guarnece de asas; 9 — Referente; 10 — Mil.

—o—

PROBLEMA Nº 6

(Só verbos)



PIERRE POLI

HORIZONTAIS — 1 — Espécie de couve; molusco; 8 — Carne do lombo do boi; 9 — A pátria; 10 — Tecido fino como escumilha; 11 — Drama musicado, sem diálogo falado; 13 — Espécie de polvo; 15 — Ocultar; 16 — Balela; 17 — Clima; 19 — Igual; 20 — Sacrifica; 22 — Gradear com arame.

VERTICAIS — 1 Cano de moinho; 2 — Pôr-se de cócoras; 3 — Pôpa; 4 — Fazer recuar; 5 — Doutor da lei, entre muçulmanos; 6 — Mulher colérica; 7 — Rezar; 12 — Grande acúmulo de gordura na face e no pescoço; 14 — Içara; 15 — Pessoa de baixa estatura; 18 — Arras; 21 — Correr.

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de «Eu Sei Tudo», Rua Maranguape 15 e endereçada ao diretor desta secção, **DR. LAVRUD**.

CARTOMANCIA

DORINHA (22 anos, solteira — Rio de Janeiro — Em seguida a uma viagem, haverá mudança em sua vida social e financeira. Uma jovem que se diz sua amiga, está tramando envolver seu nome numa intriga. A chegada de uma carta por via marítima lhe trará boas notícias. Seus novos empreendimentos devem ser feitos em dias pares. No futuro conseguirá alcançar êxito, pois verá seus sonhos realizados.

N. C. FLORES (21 anos, solteiro — Distrito Federal) — Suas cartas revelam que seus dias futuros serão auspiciosos, pois saberá vencer os obstáculos. Uma pequena e inesperada herança, chegará em ocasião oportuna. Para seu talismã (como pediu) deve usar uma pedra verde. Durante uma reunião festiva, seu nome será indicado para um cargo de responsabilidade. Terá existência longa e calma.

QUERIDA (21 anos, solteira, — Leme, Distrito Federal — Noto pequeno desequilíbrio em sua vida financeira, devido a enfermidade. Uma pessoa de sua amizade será caluniada. Um jovem bem intencionado lhe dará provas de sinceridade. Para novos empreendimentos deve escolher dias pares. Sua vida no futuro, apresenta-se venturosa com a realização de um projeto lucrativo. Deve usar côres claras.

BARÃO TRISTE (22 anos, solteiro — Distrito Federal) — Será convidado, para uma emprêsa que lhe será proveitosa. Uma jovem de cabelos claros lhe dedica afeição sincera; procure corresponder. Noto o recebimento de uma carta, contendo alviçareiras notícias de alguém muito querido. Uma criança desta casa ficará prêsa ao leito, porém, sem grande gravidade. Vida bastante longa.

DONDOCA (19 anos, solteira — Niterói) — Em horas de refeições receberá desagradável notícia. Uma pequena contrariedade toldará sua alegria, porém, passará logo. Durante uma festividade cívica, ouvirá agradáveis palavras. Uma pessoa amiga lhe fará presente de um mimo. Um casamento na família, melhorará as condições financeiras. Futuro calmo.

AJUIZADA (19 anos, solteira — Santos) — Uma pequena rusga amorosa lhe trará desgostos. Vejo que seus dias futuros lhe reservam boas surprêsas. As têrças e sábados são seus dias mais venturosos. Uma senhora de côr, lhe dará bons conselhos. Pessoa de sua família será importunada por uma questão de divisão de terras. Noto o afastamento de uma de suas amigas.

ROSA DO CHÁ (23 anos, solteira — Minas Gerais) — Um moço de elevada estatura e que a estima lhe dará provas de amizade. Deve aceitar o convite para uma festa, onde obterá sucesso social. Noto seu nome sendo envolvido numa trama. No porvir será venturosa e terá abastança. Um objeto de valor estimativo será roubado e lhe trará grande tristeza.

CARIOCA (20 anos, solteira — Catumbi, D. Federal) — Uma pessoa invejosa está procurando sua ruína. Vejo também o plano de uma pequena, porém proveitosa viagem. Um homem de farda causará embaraços a um processo referente a herança. Em horas de comes e bebes, chegará carta com novas alviçareiras. Seus dias mais propícios são os ímpares.

PAULA-FINA (22 anos, solteira — Rio de Janeiro) — Noto pequeno atraso na realização de um negócio, motivado pela falta de certos papéis. Uma criança morena guardará o leito, com enfermidade passageira. Em futuro próximo haverá um casamento alegrando esta casa. Sensível mudança melhorará sua vida financeira. Vida longa e feliz.

ENCANTADA (21 anos, solteira — Santos) — Depois de uma pequena viagem, aprenderá a estimar alguém que está sempre a seu lado. Uma pessoa de sua família sofrerá sério acidente. Tenha muita cautela com os inflamáveis. Uma mulher morena lhe prestará auxílio numa emergência. Sua pedra usual deve ser de côr vermelha. Terá existência prolongada.

SIRIGAITA (20 anos, solteira — Santos) — Brevemente chegará uma pessoa que há muito se ausentara, a negócio. Noto que dois jovens disputam sua preferência. Pela porta da rua chegarão boas notícias de uma emprêsa. Em uma festa religiosa sofrerá pequeno desgôsto, motivado por um mal-entendido. Para o futuro noto calma e êxitos.

VERNINA (21 anos, solteira — São Paulo) — Boa a disposição das cartas em seu mapa. Noto a pronta realização de um projeto há muito iniciado. Sua pedra talismã deve ser de côr verde. Um jovem que está a seu lado, muito breve lhe dirá palavras de amor. Tenha cuidado com uma de suas amigas de cabelos pretos: está tentando intrigá-la. Seu futuro será venturoso e sua vida longa. Uma carta lhe trará boas notícias.

PIONEIRA (21 anos, solteira — D. Federal) — As cartas em seu mapa revelam que no futuro será bastante feliz, conseguindo vencer os obstáculos Uma pequena enfermidade causará cuidados. Noto que há perigo de ser vítima de tóxicos. Suas côres usuais devem ser as claras. Uma pesosa amiga se ausentará por motivo de negócios urgentes. Vida longa.

TANIA (21 anos, solteira — D. Federal) — Em primeiro plano, noto uma transformação em sua vida, causada por um casamento feliz. Uma mulher que se diz sua amiga, está procurando sua ruína. Fracassará um plano de viagem, devido a mal-entendidos. Vejo uma criança muito querida, prêsa ao leito, por doença passageira. Use como talismã um rubi.

PIRATA (23 anos, solteiro — Salvador, Bahia) — Seu mapa mostra a conclusão satisfatória de um negócio rendoso. A seu lado se encontra uma jovem que lhe professa afeição duradoura. Um homem lhe dará provas num caso de justiça. Noto uma mulher invejosa procurando caluniá-lo. Será vítima de pequeno acidente caseiro. No porvir verá seus sonhos realizados.

CARECA (19 anos, solteiro — Salvador, Bahia) — Pela disposição de suas cartas noto que uma pequena viagem terrestre lhe dará o lucro calculado. Vejo que um de seus amigos se afastará, para evitar a formação de um triângulo amoroso. Em uma solenidade cívica, seu nome será citado com elogios. Ainda verá a concretização de seus ideais.

SINCERO AMOR (24 anos, solteira — E. Santo) — Em momento oportuno, receberá um dinheiro, há muito dado como perdido. Pequena enfermidade prenderá ao leito uma criança desta casa. Noto a realização de um casamento venturoso. Pela porta da rua chegarão notícias de alguém que se afastou a negócios. Seus dias futuros apresentam-se ditosos e com abastança.

PRAIANA (22 anos, solteira — Copacabana) — Em uma pequena reunião social, virá a saber que seu nome se envolveu numa intriga. Um moço de elevada estatura lhe dirá palavras sinceras de amizade. Vejo que as têrças e sábados são os seus dias mais propícios. Sua vida passará por agradável melhora, após um ato religioso. Vida longa.

FREIRA TRISTE (21 anos, solteira — Rio de Janeiro) — A disposição das cartas em seu mapa mostram a feliz realização de um sonho... Durante uma pequena viagem, travará relações com uma senhora, que em futuro próximo lhe será útil. Tenha cuidado com inflamáveis, pois há indícios de ser vítima de queimaduras. Uma carta virá, para tranquilizar a respeito de doenças.

MARIA CLARA (17 anos, solteira — Leme) — Vejo que a consulente está em dúvida, quanto à sinceridade do afeto de um jovem; breve obterá provas... Uma jóia de valor estimativo será perdida, causando lágrimas. Será convidada para uma reunião onde receberá um mimo significativo. Uma de suas amigas se afastará de seu convívio, por ciúmes.

ONDE DEFENDER A EUROPA?

(Continuação da página 26)

situadas no extremo oriental do Mediterrâneo, são as mais resolutas e as, proporcionalmente, mais equipadas e organizadas militarmente. Em total, todos êsses países europeus — deixamos à margem os Estados Unidos e o Canadá, exceção afortunada no quadro — deveriam ter em armas 130 divisões, porém não as têm, na realidade. Grécia e Turquia excluídas, mais que umas vinte e cinco divisões existem para defender a planície central européia, pôsto que o Exército britânico também monta a guarda em distantes países do Império e o francês tem que guarnecer fortemente a África do Norte e bater-se penosamente na Indochina. Outras 25 divisões poderiam talvez ser organizadas com alguma rapidez empregando contingentes de reserva e material tirado dos arsenais. Porém tais divisões, ordinàriamente de qualidade inferior, tardariam muito em entrar em forma para poder intervir nos primeiros momentos.

Com tais fôrças, pois, mais os contingentes norte-americanos na Europa — tropas não muito numerosas, porém excelentemente equipadas e de superior moral — foi montada a defesa continental. Demasiada tarefa para tão débeis meios! Normalmente, no campo tático não se concebe outorgar a uma divisão uma frente defensiva superior a 10 ou 12 quilômetros. A frente de defesa européia mede, no entanto, mais de 7.000 quilômetros. O generalíssimo norte-americano Gruenther, sôbre quem pesa a esmagadora responsabilidade da defesa ocidental, tem razão para queixar-se de tal estado de coisas. Faltam muitos efetivos para cobrir, inclusive concretamente, a linha do Reno.

— Não atingimos o ponto de possuir uma segurança adequada na Europa — explicou a certo redator do "U. S. News World Reporter", para acrescentar, em seguida, que "não há fôrças suficientes, na Europa, para enfrentar qualquer risco". Em caso de um ataque, há que prever o recuo. Todavia, não temos potencial suficiente para resistir com êxito a um ataque geral."

Como proceder, então? Para os devotos da estratégia clássica, tradicional, resta apenas prever estas manobras: defender-se no Weser, no Reno e no Sena, com o Loire inclusive, se preciso. A Europa ocidental, plana e sem relêvo, não tem, de fato, mais linhas defensivas naturais além dos rios. Porém as linhas fluviais são, sem dúvida, na atualidade, débil obstáculo militar. Já nos dias da Revolução francesa, quando a técnica não havia ideado nem sequer os meios de passar com que hoje contam os exércitos, ao ser perguntada a Napoleão a eventualidade de êxito na campanha do Norte, o grande corso respondeu: "Se Moreau se decidir a passar o Reno, por certo que há de passar". Já o problema militar de passar a viva fôrça os rios, naqueles tempos, era uma mera questão de decisão do chefe e que os regulamentos chamam "vontade de vencer". Desde aquêle tempo até hoje a técnica militar construiu pontes de rápida instalação e de grande rendimento, lanchas rapidíssimas, barcaças de desembarque e nos locais onde se travaram batalhas intermináveis e sangrentas que batizaram uma e mil vêzes nomes de rios nas margens do Reno e do Danúbio, do Mosa e do Escalda..., na última guerra apenas os exércitos terrestres tiveram necessidade de deter-se, sem contar que, para a aviação e os pára-quedistas não existe o obstáculo fluvial.

A defesa escalonada, em profundidade, da Europa ocidental não é problema, portanto, muito fácil, diante da eventualidade de uma agressão soviética. E' uma grande desgraça, sim, mas é a realidade, os Estados Maiores têm que ser essencialmente realistas, se não querem provocar a hecatombe. Faltam efetivos para semelhantes planos. Faltam obstáculos naturais, que compensem convenientemente a míngua de recursos. Não há possibilidade de montar com as tropas batidas em uma linha a defesa de outra posterior, 200 quilômetros mais para a retaguarda.

Também é angustiante — por que não dizê-lo? — o problema da segurança interna de certos países, ante a proliferação dos partidos extremistas. Essa é uma situação que parece haver produzido nos Estados Unidos, a preocupação natural. Os Estados Unidos verteram na Europa, após libertá-la do domínio nazista, somas

ingentes de dinheiro, como ajuda econômica e militar. Enviaram, também, em proporções colossais, material de guerra. Têm destacadas no interior europeu formações importantes e selecionadas, tanto na Alemanha, como na Áustria, na França, na Inglaterra, em Trieste e no Mediterrâneo. Advertem que seus protegidos e eventuais aliados, no entanto, não amparam os planos com que lhes urge ante o perigo assinalado. Dir-se-ia que a Europa Ocidental, esquecida de semelhante apoio, empenhou-se em uma bizantina política de retórica esterilizadora que freou o rearmamento e que adormece a vontade de resistência.

No Pentágono, naturalmente, a situação preocupa. A imprensa e a opinião mais autorizada dos Estados Unidos aludiu claramente à pergunta. E até aponta o remédio. Não se trata da Casa Branca desamparar a Europa, nem muito menos voltar ao isolacionismo — que aos Estados Unidos, como primeira potência da terra, está vedado. E' que naturalmente, o E. M. norte-americano se vê forçado a pensar no problema da defesa ocidental. A nenhum país como a Espanha importaria e interessaria mais que o dispositivo da defesa ocidental fôsse organizada longe, sôbre o próprio Reno, sôbre o Weser seria ainda melhor, sôbre o Elba, parcialmente pelo menos, se isso fôsse possível. Porém não se trata dos desejos dêste ou daquele, nem dos pontos de vista e pretensão do Pentágono, nem sequer da Europa. Trata-se do que cabe e pode ser feito e não do que poderia ou conviria ser feito, sem a inércia e hesitação de semelhantes aliados ocidentais. Obedece a esta apreciação a tese da "defesa periférica", discutida recentemente — e não sem autoridade — na imprensa e na opinião norte-americana? Segundo tais debates, a defesa européia cobriria todo o bordo marítimo, para assegurar a cooperação norte-americana e seria estendida desde o bastião insular britânico, pela Península Ibérica — o grande baluarte anticomunista da Europa, protegido pelos Pirineus — saltaria para a Itália e englobaria êsses países viris e decididos, que se chamam Grécia e Turquia. Uma ampla meia lua cobriria, assim, todo o ocidente e o sul europeus ao longo e em tôda a profundidade de suas costas.

O projeto do exército europeu não tem base firme e, porque falta confiança entre seus componentes e, portanto, esta defesa periférica parece ser a salvação do problema. Tudo se reduz, na opinião do cel. Harsen Baldwin — em substituir a débil e dividida França por êsse dispositivo que inclui a forte e unida Espanha e também o norte da África, não francesa — segundo aquela autoridade explica no "New York Times". Fala-se, inclusive, de transportar para a Espanha o Q.G. norte-americano atualmente em Fontainebleau.

Isto não significaria o abandono do coração europeu. Isso, aliás, já foi explicado recentemente na imprensa norte-americana. Seria realmente montado no centro da Europa um sistema defensivo inspirado no êxito das "posições de ouriços", empregadas pelos alemães na Rússia durante a última guerra. Posições de 200 a 300 quilômetros quadrados, muito bem escolhidas e guarnecidas por tropas nacionais de cada país, como indica um dos nossos gráficos. Assim seria detida a avalanche vermelha. E êsse é, essencialmente, o papel da defensiva: desgastar tanto quanto possível, conter momentâneamente, causar perdas e ganhar tempo. Assim, por entre êsse verdadeiro "bilhar romano", imaginado pelo próprio general Gruenther — há quem diga que com a colaboração do general alemão Guderian, o grande profeta e idealizador da tática das unidades couraçadas — o assalto russo seria mais ou menos contido e entretido, enquanto que a réplica ocidental seria lançada, em seu momento, de mais atrás, por uma massa de manobra (exércitos americano, inglês e metade do francês), situada atrás do Pirineu e disposta a agir em direção conveniente na Europa ocidental, na Itália e nos Balcãs. Êste plano não pode, efetivamente, inspirar-se na defensiva estrita, porque isso equivale a perder a guerra por antecipação. Semelhante idéia de "defesa periférica" se acomoda, portanto, ao conceito clássico do que se chamou "defensiva-ofensiva"; o mesmo que deu a vitória nas grandes conflagrações mundiais ao bando anglo-saxão. Porém isso, bem en-

tendido, só no campo tático continental. Porque a semelhante conceito correspondeu bem explìcitamente nos Estados Unidos a decisão de lançar-se, desde o primeiro momento, no caso de uma agressão russa, à "ofensiva aérea" e ao bombardeio atômico da U.R.S.S. Num prazo de apenas poucos dias, como obedientes a uma mesma ordem. Foster Dulles advertiu de semelhantes propósitos ao embaixador russo em Washington. Lawton Collins, por sua vez, afirmou que a América do Norte confia plenamente no poder de sua aviação estratégica, tema subscrito também pelo general Twining, subchefe do E.M. do Ar e pelo próprio presidente Eisenhower.

A estratégia periférica, portanto, não exclui a defesa da Europa central. E' um plano "defensivo-ofensivo" no continente, porém eminentemente "ofensivo", no ar. No campo político não é um capricho da Casa Branca, nem mesmo do Pentágono, mas algo possìvelmente impôsto pelas circunstâncias, pelos mesmos, quiçá, aos quais parece irritar tanto.



MARAVILHAS DA CIÊNCIA

(Continuação da página 70)

mares estenderia um lençol de água suficiente para subermergir tôdas as terras, ficando apenas um oceano universal. E a profundidade dêsse oceano único iria a três quilômetros.

Recentemente, alguns teóricos temem a possibilidade de se processar o aumento progressivo, primeiro insensìvelmente e depois acentuado e fatal, da radioatividade atmosférica, se persistirem as explosões atômicas com fins militares e objetivos industriais.

Essa radioatividade intempestiva e descontrolada, somada à elevação do grau térmico da atmosfera, devido ao acúmulo de bióxido de carbono, notada pelo físico Gilbert Plass, agravaria o recuo das geleiras e alteraria o nível das águas oceânicas.

NA DATA DO CRIME

(Continuação da página ??)

mavam de... como era mesmo o nome? Ah! Sim! Gavrilo!

Segui com os olhos a direção que ela apontava.

— Aquêle que está procurando cigarros no bôlso — esclareceu Nancy.

— Você deve estar enganada... O nome dêle é Miha Stefancar e é o filho do...

Senti qualquer coisa dentro da cabeça, e comecei a ver as coisas. Se Nancy não estava enganada, naquele mesmo dia, pela manhã, Miha fôra chamado de Gavrilo. Isto é, os rapazes, no bar, haviam feito um brinde a êle, chamando-o de Gavrilo. Para êles, aquêle nome tinha um significado especial, era uma espécie de gracejo entre êles, talvez. Recordei, também, as palavras de Spicer: "*poderia significar tanto quanto Sarajevo, em* 1914". E, ali, sob o sol quente, comecei a reunir as idéias, raciocinando ràpidamente. Sim; quarenta anos atrás, antes mesmo de eu ter nascido, um homem chamado *Gavrilo Prinzip* havia assassinado o arquiduque Ferdinando e... provocado a primeira guerra mundial! E, hoje, no bar, os amigos de Miha haviam, no auge do entusiasmo, comparado os dois, *contando com a repetição da calamidade!* E eu que estava perdendo tempo a olhar para telhados e procurando emboscadas!

Stefancar terminou de falar e enxugava a fronte, enquanto os aplausos estouravam, entusiasmados. Aproximei-me cuidadosamente e, segurando a pistola sem tirá-la do bôlso, encostei com fôrça o cano às costas de Miha. Ao mesmo tempo, meti a mão esquerda dentro do bôlso onde êle tinha a própria mão e segurei-a.

Não eram cigarros o que êle procurava ali dentro, mas um objeto pesado, áspero e metálico, *uma granada!* Miha empertigou-se e virou a cabeça vagarosamente. O brilho do seu olhar não deixava dúvidas, era o brilho mau do homem que se dedica à destruição, ainda que ao preço de sua própria vida. Muitos anos atrás um homem chamado Gavrilo Prinzip deve ter tido um olhar igual àquele.

Mirovic se levantou lá no palanque, sorrindo para um e outro lado e agitando as mãos no largo gesto de saudação. Ninguém reparava, sequer, em Miha e em mim, que conservava o revólver encostado às costas dêle. E enquanto minha outra mão prendia dentro do bôlso dêle a sua que apertava a granada, eu pensava: "Êle não pode puxar o gancho da granada, mas, de qualquer jeito, se tentar alguma coisa, terei que atirar nêle". E seria o fim de Miha. Depois, quando a multidão estupefata quisesse *ajustar as contas* seria também o meu fim. Mas Mirovic estaria salvo!

Fiz mais pressão com a arma nas costas de Miha. O *assunto* estava nas mãos dêle... Tenho a certeza de que êle teria dado de bom grado a vida para atingir o seu objetivo, mas, agora, que o objetivo estava fora do seu alcance, êle, certamente, não pretendia sacrificar-se. Por segundos, que pareciam intermináveis, nós dois agüentamos aquela situação de terrível tensão nervosa. Finalmente, amedrontado pela arma, Miha cedeu. Afrouxou os dedos que seguravam a granada e eu permiti que êle retirasse a mão de dentro do bôlso.

Era preciso que nos retirássemos do meio da multidão, antes de que Mirovic começasse a falar, porque, depois de iniciado o comício, seria impossível alguém movimentar-se no meio daquela gente fanatizada.

Pela primeira vez na vida rezei. Rezei para que aquêles aplausos continuassem, continuassem por muito tempo ainda. E continuaram, continuaram...

— // —

Spicer serviu mais vinho e falou um pouco alto por causa da música:

— Poderemos, quando muito, arranjar uma prisão de seis meses para Miha pelo porte ilegal de armas e explosivos e nada mais. Não se tem provas concretas da sua intenção. De qualquer jeito, a carreira dêle está finda. E, olhando para a porta, falou: — Mas lá vem aquela moça que merece de nós um brinde.

Nancy Holt sentou à nossa mesa e disse, alegremente:

— Escrevi uma reportagem palpitante e colorida de centenas de palavras, mas tenho a certeza de que a notícia sairá num parágrafo apenas. É como se nada tivesse acontecido!

— É verdade! — disse Spicer, calmamente. — Nada aconteceu. E é exatamente isso que queremos: *que nada aconteça!* E, virando-se para mim: — Por falar nisso, Peter, creio que arranjarei um substituto para você dentro de uma semana. Êle fala um pouco de italiano e nada de esloveno, mas há de aprender depressa. E olhou para o teto, esperando o resultado de suas palavras; depois, como quem mira *na môsca* de um alvo, concluiu: — E, afinal de contas, a sua missão está cumprida.

Sim, minha missão estava cumprida, pelo menos por aquela vez. Mas a finalidade continuava ali para ser atingida e, se eu me afastasse, não ajudaria em nada a conclusão compensadora de todos aquêles esforços. Algum dia o sério problema de Trieste seria resolvido. Não sei quando nem como; sei apenas que até que chegasse o dia da solução meu lugar era ali, cooperando.

Como afirmativa à minha solução de ficar, falei para Nancy Holt:

— Venha comigo; vamos tentar aquêle samba que você estava querendo me ensinar. Creio que terei muito tempo para aprender daqui por diante...



MORTE AOS REIS!

EM 1773, quando era republicano, Bernadotte (marechal do império napoleônico) mandara tatuar o braço direito. Feito rei da Suécia e Noruega, com o nome de Carlos XIV, um dia adoeceu e os médicos declararam que sua majestade estava em perigo de vida; só mesmo uma boa e imediata sangria poderia salvá-lo. Porém o rei se opôs teimosamente a essa intervenção: tinha mêdo — alegou. Finalmente, ante a insistência dos seus médicos, um tanto surpreendidos com essa decisão do rei, cuja coragem era bem notória, acabou consentindo.

— Mas deveis jurar-me — condicionou Bernadotte — não revelar a quem quer que seja o que encontrardes em meu braço!

Desnudado o braço do soberano, surgiu um belíssimo barrete frígio, com as seguintes palavras: «Morte aos Reis!»

EU SEI TUDO

N.º 454 — Ano XXXVIII N.º 10 — Março — 1955

SUMÁRIO:

Fonte de Juventude (conto) 3
A Lua Faz Assassinos! 8
Os Reis da "Corda-Bamba" 14
Atenção ao "Erreagá"! 15
A "Boa-Resposta" do Mês 18
Brinquedo 18
História natural 18
Onde Defender a Europa? 19
Terror (conto) 27
O Bebé Não Fica Mais Só 31
Uma Rosa de Houdini 34
A Fôrça de Um Juramento (romance-continuação) .. 35
Que Presságios nos Traz o Novo Cometa P.1953H? .. 43
O Jôgo e as Damas 47
O Filho do Vizinho 47
Nobreza 47
Curiosidade 47
Assim Nasceu o Base-Ball 48
Máquina Fotográfica Atômica 48
Ladrões Fora do Comum 48
A Biologia dos Escorpiões 49
Conselhos de Uma Quituteira 57
Estampas Norte-Americanas — Reuniões Livres e Secretas 58
Tudo Está Bem Quando Termina Bem 62
A Terra Vai Esquentar 62
Maravilhas de Ciência: A natureza extinguirá a vida nos continentes? — A destruição Universal 63
A Insônia Maltrata a Humanidade 71
Na Data do Crime (conto) 77
Distrações para Dois 84
Nos Domínios da Gramática 86
O Diário de Felix Lane 87
Reaberto o Caso Nicotina 95
Memento EU SEI TUDO. Olhando o mundo há 60 dias. Janeiro de 1955 99
Dicionário de Nomes Próprios 106
Encontraram a Atlântida! 107
Charadas — Quebra-Cabeças 109
Cartomancia 113

CORRESPONDÊNCIA

Maria Vincenza Parma (S. Paulo) — Não conhecemos. Estamos justamente em vias de publicar novo romance do mesmo autor. Não existe, em livros, nas livrarias do Brasil. Gratos.

Diogo H. da Cunha (Belém, Pará) — As remessas foram feitas pelo Correio. Tenha o amigo um pouquinho de paciência. As fotografias não serviam e foram devolvidas, conforme seu pedido. Gratos.

Heitor do Amaral (Distrito Federal) — Agradecemos a remessa. Não podemos apontar a data, com certeza, sem que nos diga, primeiro, qual o título, pois sem êle dificilmente encontraríamos o que deseja, pois o assunto tem sido tratado em diferentes épocas nesta publicação, segundo os avanços da medicina.

José Roberto Chaves (S. Paulo) — Para o Almanaque também pode ser dirigido ao mesmo enderêço. Ficamos aguardando. O artigo a que se refere não foi publicado em EU SEI TUDO — pelo menos com o título que indicou. Gratos.

Maria de Lurdes da Silva Graça (Niterói, E. do Rio) — Sim. Dura ainda alguns meses. Não existe nas livrarias. Em caso contrário não publicaríamos em EU SEI TUDO. Gratos.



A CAPA — Apesar das outras notícias que formam os cabeçalhos dos grandes jornais, em todo o mundo, a expectativa de uma nova guerra domina tôdas as mentes e abala os nervos. E, acima de tudo, apresenta-se o problema europeu, eterno fazedor de lutas sangrentas. Como defender a Europa? — Eis a pergunta que todos fazem e que respondemos na página dezenove desta edição.